



DROGAS nas escolas

MARY GARCIA CASTRO

MIRIAM ABRAMOVAY

APOIO

CNPq

USAID

UNAIDS

CONSED

UNODC

BANCO MUNDIAL

FUNDAÇÃO FORD

INSTITUTO AYRTON SENNA

MINISTÉRIO DA SAÚDE / COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS

SECRETARIA DE ESTADO DOS DIREITOS HUMANOS DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA



A UNESCO e os
desafios do novo século.

Koichiro Matsuura.
Brasília: UNESCO, 2002.

Violências nas escolas.

Miriam Abramovay et alii.
Brasília: UNESCO, Coordenação
DST/AIDS do Ministério da Saúde,
Secretaria de Estado dos Direitos
Humanos do Ministério da Justiça,
CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS,
Banco Mundial, USAID, Fundação Ford,
CONSED, UNDIME, 2002.

Cultivating life, disarming violences:
experiences in education, culture,
leisure, sports and citizenship with
youths in poverty situations.

Mary Castro et alii.
Brasília: UNESCO, Brasil Telecom,
Kellogg Foundation, Interamerican
Development Bank, 2002.

Construção e identidade:
as idéias da UNESCO no Brasil
Jorge Werthein

Brasília: UNESCO, 2002.

Mapa da violência III:
os jovens do Brasil.

Julio Jacobo Waiselfisz
Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna,
Min. Justiça, 2002.

Perspectivas sobre a criança e a mídia
Catharina Bucht e Cecilia von Feilitzen
Brasília: UNESCO, Min. da Justiça, 2002.

© UNESCO 2002 Edição publicada pelo Escritório da UNESCO no Brasil

As autoras são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, nem tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.

DROGAS nas escolas

MARY GARCIA CASTRO

MIRIAM ABRAMOVAY

CNPq

USAID

UNAIDS

CONSED

UNDIME

BANCO MUNDIAL

FUNDAÇÃO FORD

INSTITUTO AYRTON SENNA

MINISTÉRIO DA SAÚDE / COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS

SECRETARIA DE ESTADO DOS DIREITOS HUMANOS DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA



Edições UNESCO **BRASIL**

Conselho Editorial da UNESCO no Brasil

Jorge Werthein
Cecília Braslavsky
Juan Carlos Tedesco
Adama Ouane
Célio da Cunha

Comitê para a Área de Educação

Angela Rabelo Barreto
Célio da Cunha
Candido Gomes
Lúcia Maria Resende
Marilza Machado Regattieri

Revisão: Eduardo Perácio DPE Studio

Assistente Editorial: Larissa Vieira Leite

Diagramação: Paulo Selveira

Projeto Gráfico: Edson Fogaça

© UNESCO, 2002

Abramovay, Miriam

Drogas nas escolas / Mary Castro e Miriam Abramovay. – Brasília : UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

448 p.

ISBN: 85-87853-70-8

1. Educação–Brasil 2. Uso de Drogas–Juventude–Brasil 3. Problemas Sociais–Juventude–Brasil 4. Violência entre Jovens–Brasil I. Castro, Mary II. UNESCO III. Título

CDD 370

Division of Women, Youth and Special Strategies
Youth Coordination Unit/UNESCO-Paris



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Representação no Brasil

SAS, Quadra 5 Bloco H, Lote 6, Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar.

70070-914 - Brasília - DF - Brasil

Tel.: (55 61) 321-3525

Fax: (55 61) 322-4261

E-mail: UHBRZ@unesco.org.br

EQUIPE RESPONSÁVEL

Mary Garcia Castro, Coordenadora
(Pesquisadora UNESCO)

Miriam Abramovay, Coordenadora
(Professora Universidade Católica de Brasília)

Lorena Bernadete da Silva
(Consultora UNESCO)

Freda Burger
(Consultora UNESCO)

Assistentes de Coordenação:

Fernanda Pereira de Paula
Viviane Matos Aquino

Assistentes de Pesquisa:

Diana Teixeira Barbosa
Lorena Vilarins dos Santos
Danielle Oliveira Valverde

Amostra:

Milton Mattos de Souza

Revisão:

Marta Franco Avancini

NOTAS SOBRE AS AUTORAS

Mary Garcia Castro é coordenadora de pesquisas da UNESCO, Representação no Brasil. Mestrados em Planejamento Urbano – UFRJ e em Sociologia da Cultura – UFBA. Ph.D em Sociologia pela Universidade da Flórida, Estados Unidos. Pesquisadora associada do Centro de Estudos de Migrações Internacionais – Unicamp; professora aposentada da UFBA; e membro da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. Publicações na área de gênero, migrações internacionais, estudos culturais e juventude. Entre trabalhos recentes, destacam-se: "Identidades, Alteridades, Latinidades" (Coord.). Caderno CRH, 32, janeiro-junho 2000; "Transidentidades no Local Globalizado. Não Identidades, Margens e Fronteiras: Vozes de Mulheres Latinas nos EUA". In: Bela Feldman-Bianco e Graça Carpinha (Orgs.). "Estudos de Cultura e Poder. Identidades", Ed. Hucitec, São Paulo, 2000; "Migrações Internacionais – Subsídios para Políticas" (Coord.), CNPD-IPEA, Brasília, 2001; "Dividindo para Somar: Gênero e Liderança Sindical Bancária em Salvador nos anos 90 (Coord.)", EDUFBA, Salvador, 2002.

Miriam Abramovay é professora da Universidade Católica de Brasília e vice-coordenadora do Observatório sobre Violências nas Escolas no Brasil (UNESCO- Universidade Católica de Brasília e Universidade de Bordeaux 2). Formou-se em Sociologia e Ciências da Educação pela Universidade de Paris, França (Paris VII – Vincennes) e possui mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Foi coordenadora do Programa de Conservação Social da UICN para a América Central e México e do Programa de Gênero na FLACSO para a América Latina. Trabalhou como consultora para o Banco Mundial, UNICEF, OPAS, UNIFEM, IDB, ACDI/Canadá, FAO, UN ODCCP, entre outros. Entre muitos trabalhos publicados destacam-se "Gangues, Galeras, Chegados e Rappers", Editora Garamond, Rio de Janeiro, 1999; "Escolas de Paz", Edições UNESCO, Brasília, 2001; "As relações de Gênero na Confederação Nacional de Trabalhadores Rurais" (CONTAG), In: Baltar da Rocha, Maria, "Trabalho e Gênero", Editora 34, São Paulo, 2001; "Violências nas Escolas" (Co-coord.), Edições UNESCO, Brasília, 2002.

As duas pesquisadoras são co-autoras das publicações: "Jovens em Situação de Pobreza, Vulnerabilidades Sociais e Violências" (Cadernos de Pesquisa, n. 116, p.143-176, julho/2002: 143-176); "Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas" (Brasília: UNESCO, BID, 2002); "Cultivando Vidas. Desarmando Violências: Experiências em Educação, Cultura, Lazer, Esporte, Cidadania com Jovens em Situação de Pobreza" (Coord.) (Brasília: UNESCO, Brasil Telecon, Fundação Kellogg, Banco Interamericano do Desenvolvimento, 2001); "Engendrando um Novo Feminismo: Mulheres Líderes de Base" (Brasília, UNESCO, CEPIA, 1998); e "Gênero e Meio Ambiente" (Brasília, Ed. Cortez, UNESCO e UNICEF, 1997).

EQUIPES LOCAIS DE PESQUISA DE CAMPO

Alagoas

Universidade Federal de Alagoas
Centro de Ciências Jurídicas
Coordenação: *Erinalva Medeiros Ferreira*

Amazonas

Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Coordenação: *Maria Auxiliadora Gomes*

Bahia

Universidade Federal da Bahia
Instituto da Ciência da Informação
Coordenação: *Teresinha Frões Burnham*

Ceará

Universidade Federal do Ceará
Núcleo de Psicologia Comunitária/Departamento de Psicologia
Coordenação: *Verônica Moraes Ximenes*

Espírito Santo

Universidade Federal do Espírito Santo
Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Núcleo de Pesquisas de Mercado,
Opinião e Estatística
Coordenação: *Luiza Mitiko Yshiguro Camacho*

Distrito Federal

Universidade Católica de Brasília
Departamento de Psicologia
Coordenação: *Tânia Rossi*

Goiás

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Educação

Coordenação: *Maria Hermínia Marques da Silva Domingues*

Mato Grosso

Faculdades Integradas Cândido Rondon – UNIRONDON

Diretoria Acadêmica

Coordenação: *Clorice Pohl Moreira de Castilho*

Pará

Instituto Universidade Popular – UNIPOP

Coordenação: *Dirk Oesselmann*

Pernambuco

Centro de Cultura Luiz Freire

Coordenação: *Ana Nery dos Santos e Maria Elisabete Gomes Ramos*

Rio Grande do Sul

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Coordenação: *Miriam Rodrigues Breitman*

Themis – Assessoria Jurídica de Estudo de Gênero - Assessora Técnica

Coordenação: *Míriam Steffen Vieira*

Rio de Janeiro

ISER – Instituto de Estudos da Religião

Coordenação: *Fernanda Cristina Fernandes de Souza e Elisabet de Souza Meireles*

Santa Catarina

Grupo de Apoio à Prevenção da Aids/SC

Coordenação: *Helena Edília Lima Peres*

São Paulo

Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação

Programa de Juventude

Coordenação: *Maria Virgínia de Freitas*

SUMÁRIO

Prefácio	15
Abstract	17
Apresentação	19
Introdução	23
Capítulo 1	
Metodologia.....	31
1.1. Foco metodológico: percepções/representações.....	31
1.2. Pesquisa Extensiva.....	34
1.2.1. Desenho amostral – escolas, turmas, séries e alunos	34
1.2.1.1. Procedimento de seleção da amostra	35
1.2.1.2. Tamanho da amostra	36
1.2.1.3. Conglomerados	40
1.2.2. Seleção de membros do Corpo Técnico-Pedagógico e Pais	41
1.3. Pesquisa compreensiva	42
1.3.1. Análise e apresentação dos dados qualitativos.....	45
Capítulo 2	
Os alunos: Características sociodemográficas, relações sociais primárias e valores	47
2.1. Características sociodemográficas	47
2.2. Relações sociais primárias e valores.....	59
2.2.1. Atividades de lazer, culturais, desportivas e religiosas	59
2.2.2. Relacionamento familiar.....	71
2.2.3. Relação com o grupo de amigos.....	84
Sumário	89

Capítulo 3

Jovens e drogas lícitas	93
3.1. Álcool	94
3.1.1. Breve histórico	94
3.1.2. Frequência de uso e preferências	99
3.1.3. Usuários segundo sexo	103
3.1.4. Usuários segundo grupo etário	107
3.1.5. Percepção do álcool como droga	113
3.1.6. O álcool como "porta de entrada"	115
3.1.7. Motivos de uso	116
3.1.8. Primeira experiência e o lugar da família no consumo	118
3.1.9. Sociabilidade e uso do álcool: o lugar dos amigos ..	127
3.1.10. Religião e uso de bebidas alcoólicas	129
3.1.11. Influência da mídia	137
3.1.12. Permissividade quanto ao álcool	140
3.2. Tabaco	146
3.2.1. Breve histórico	146
3.2.2. Frequência de uso	147
3.2.3. Usuários segundo grupo etário	149
3.2.4. Usuários segundo sexo	152
3.2.5. Percepção do tabaco como droga	157
3.2.6. O tabaco como "porta de entrada"	160
3.2.7. Primeira experiência e o lugar da família no consumo	162
3.2.8. Sociabilidade e uso do tabaco: o lugar dos amigos	169
3.2.9. Influência da mídia	171
3.3. Drogas lícitas de uso ilícito	176
3.3.1. Introdução	176
3.3.2. Percepção	181
3.3.3. Uso segundo sexo	184
3.3.4. Drogas cujo consumo foi percebido	185
Sumário	188

Capítulo 4

Jovens e drogas ilícitas	195
4.1. Breve histórico	196
4.2. Frequência de uso	199
4.3. Uso segundo sexo.....	206
4.4. Uso segundo grupo etário	214
4.5. Uso por condição de trabalho e estudo.....	219
4.6. Locais de uso	223
4.7. Drogas mais vistas e usadas	226
4.8. Motivos de uso	235
4.9. Quem usa	270
4.10. Percepções sobre drogas, suas conseqüências e o usuário	274
4.10.1. O que são drogas	275
4.10.2. Como percebem o uso e suas conseqüências	279
4.10.3. Percepção sobre os usuários.....	286
4.11. Uso e relacionamento familiar	288
4.12. Uso e religião	298
4.13. Uso e lazer	302
4.14. Comportamentos de risco	305
Sumário	319

Capítulo 5

Drogas e ambiente escolar	325
5.1. O imaginário sobre a escola	326
5.2. A percepção dos atores sobre drogas nas escolas	329
5.2.1. A presença de drogas nas imediações da escola.....	329
5.2.2. O tráfico no entorno da escola.....	333
5.2.3. A presença de drogas dentro do ambiente escolar.....	343
5.2.4. Tráfico dentro da escola	354
5.2.5. As drogas e sua interferência no ambiente escolar	359
5.2.6. A "Lei do Silêncio"	367
5.3 Consumo de drogas ilícitas e rendimento escolar	371
Sumário	381

Capítulo 6	
Considerações finais e recomendações	385
6.1. Considerações finais.....	385
6.2. Recomendações	392
6.2.1. Linhas de recomendações.....	392
6.2.1.1. Gerais.....	392
6.2.1.2. Específicas	398
Lista de tabelas	403
Lista de quadros	411
Anexos	413
Anexo 1 – Metas e compromissos das Nações Unidas para o problema mundial das drogas.....	413
Anexo 2 – Tabelas estatísticas.....	415
Anexo 3 – Glossário	421
Bibliografia.....	431

PREFÁCIO

*Fábio Mesquita**

Não deixa de ser um privilégio ter a oportunidade de ler, em primeira mão, este trabalho de suma importância para compreender nossa cotidiana preocupação com a paz e aprofundar nossos conhecimentos sobre o mundo das drogas. Mais do que isto, é um privilégio poder recomendar esta obra para você, leitor interessado no tema.

A UNESCO capitaneia nesta obra, uma série de organizações dedicadas à compreensão da juventude das escolas brasileiras e um de seus comportamentos mais freqüentes nestes tempos de mercado global.

Não é de hoje que a humanidade consome drogas lícitas e ilícitas – com este conceito de "legalidade" variando de tempos em tempos, sociedades em sociedades, e assim vai – mas, certamente, se fizermos um corte histórico no tipo de consumo da atualidade, veremos, sobre ele, o peso da supremacia do mercado. Um mercado – neste caso, o das drogas – para o qual o limite do sofrimento ou da felicidade dos consumidores não é levado em conta. O lucro, e tudo que for necessário para mantê-lo – tudo, literalmente –, é o que interessa.

Nesse contexto, a organização, que já publica o PEDDRO¹ – e que só por isto já havia demonstrado a ligação fundamental que existe entre drogas e educação, insistindo que prevenção, e não repressão, é o caminho da luz no túnel – dá mais um passo relevante (dos muitos que tem dado no Brasil) para aumentar nosso entendimento sobre o fenômeno do consumo das drogas.

* Fábio Mesquita é médico, Doutor em Saúde Pública, Vice-Presidente da Associação Internacional de Redução de Danos pelo Uso de Drogas (com sede em Liverpool) e atual Coordenador de DST/AIDS da Secretaria de Saúde da Cidade de São Paulo.

PEDDRO – Prevenção e Educação sobre Drogas, publicada pela UNESCO, em parceria com a UNAIDS e a União Europeia.

O trabalho de pesquisa é especial. Diferente dos dados anteriores, que até hoje nos iluminaram nesta questão (drogas e estudantes), este estudo avança em relação à perspectiva de toda a comunidade escolar. Professores e pais são igualmente ouvidos e, pasmem, a diferença de percepção entre eles é muito menor do que se poderia imaginar. Triangulando com métodos quantitativos e qualitativos, o estudo nos brinda com uma informação excepcional para quem se propõe a intervir nas causas ou nos efeitos do mercado das drogas em nosso meio.

A luta pela lapidação de nossa identidade cultural, pelos avanços na nossa educação e pelo fomento da cultura da paz, ideais sonhados por nós e trabalhados no cotidiano pela UNESCO e seus parceiros, ganha novo fôlego com este trabalho, que será mais uma valiosa luz para o nosso futuro. Um futuro realista, pragmático e objetivo, onde a questão das drogas seja tratada com a devida importância. Sem a idealização de um mundo sem drogas, mas com o tom humanitário que o tema demanda.

ABSTRACT

This book is a study on what students, members of the technical-pedagogical school staff and parents think and say about drug use in the schools. The book examines drug use and trafficking within the schools and in the school surroundings. Special emphasis is placed on incidents. The study includes 14 Brazilian capitals and uses quantitative survey as well as qualitative methods that include interviews and focus groups with different participants.

The book includes discussion of a wide variety of aspects of drug use. This ranges from opinions on what is actually considered to be a drug to information on the drugs that are most common among the youths. The discussion examines the particularities of drug use and how different types of drugs are seen, including legal and illegal drugs. Other aspects that are explored are the different motivations for drug use and the factors associated with their use. The book also includes an investigation of social factors that serve to stimulate or inhibit drug use among the youths, such as friends, family and values. Understanding the diversity of the voices that speak out on the theme is the main objective of the research. This can be a starting point for a more complete understanding why youths are involved with drugs.

In addition to describing the extent that the youths are involved with drugs, an effort is made to understand the economic interference of drugs in the school environment. To begin with, the presence of drugs in the schools and the immediate surroundings is confirmed. This is followed by a discussion of drug use and trafficking.

The study indicates that any search for solutions to the drug issue cannot be found in simply adopting isolated and security oriented methods. These include installing cameras in

the schools or reinforcing security guards. Wider reaching social strategies that focus on long-term effects should be developed. These strategies should involve cooperation between the school, the family, the community and governmental institutions. Mainly, these strategies should invest in developing protected schools in an integrated way through socio-educational means.

Recommendations for political policies are presented here from the perspective of treating the school as a place for education in drug use prevention. The first proposed actions involve a preventive defense approach. Several recommendations for political policies and programs are presented. There is also discussion of a proposal/policy that would invest in the potential of the youths to make choices. This would allow them to become subjects of their own stories. This approach would include providing subjective means and supplies that would allow the youths to make different choices. They could choose other alternatives that would not take them towards drugs. Actions would also have to include defending the theory of protected schools.

This requires investing in quality education and in advanced training for teachers in a wide variety of areas, including those related to the drug issue. Investing in programs that emphasize cultural and playful activities must also be included. There is a broad spectrum of possibilities in terms of providing more opportunities for youths and this must be done focusing on constructing values for a culture of peace.

APRESENTAÇÃO

Desde 1997, a UNESCO-Brasil realiza uma série de pesquisas centradas nos temas de juventude, violência e cidadania. É um trabalho feito em parceria com universidades, organizações não-governamentais, organismos internacionais e o governo brasileiro que, ao longo desses anos, revela um quadro complexo, mostrando quem são os jovens, o que pensam, quais são suas expectativas e como têm vivido as diversas situações de violência.

Mais do que fazer um diagnóstico, esses estudos apresentam sugestões e propostas para políticas públicas, visando contribuir na busca de soluções para os problemas que afetam a juventude, tais como: a exclusão social, a dificuldade de ingressar no mercado de trabalho, o relacionamento com a família, a exclusão do sistema educacional, a participação social, a liderança juvenil e a violência. São trabalhos que enfocam, em particular, a escola, assim como experiências de organizações da sociedade civil no campo da cultura, da arte, do esporte, do lazer e da educação para cidadania.

Essas pesquisas compõem um razoável acervo de estudos sobre diferentes dimensões que são essenciais para a qualidade de vida dos jovens. Destacam-se, neste conjunto, duas publicações da UNESCO-Brasil: o livro *Violências nas escolas* (Abramovay e Rua, 2002) e a *Avaliação das ações de prevenção às DST/AIDS e uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio em capitais brasileiras* (Abramovay e Rua, 2001). Tais estudos, junto com o presente, intitulado *Drogas nas escolas*, usam mesma base de dados e metodologia. Eles cercam três dimensões

estratégicas e responsáveis pela dizimação de tantos jovens e que vêm galvanizando notícia, recursos e esforços públicos: a Aids, as violências e as drogas.

Este livro se alinha a um projeto da UNESCO em nível internacional, o qual congrega investimentos no Brasil e em outros países, a fim de colaborar na identificação de políticas públicas voltadas para a melhoria da qualidade de vida dos jovens. A aposta é a de que a escola e a educação para a paz são construtos necessários, se não suficientes, a tal projeto.

Nesta pesquisa, privilegia-se a visão de mundo de alunos, membros do corpo técnico-pedagógico das escolas e de pais sobre o consumo de drogas e temas correlatos. O estudo envolve crianças e jovens de escolas de ensino fundamental e médio de 14 capitais brasileiras e contribui para o conhecimento do ideário desses atores sobre as drogas e a juventude.

Drogas e violência são temas em evidência e, embora nunca tenha se falado tanto sobre eles, paradoxalmente nunca se silenciou tanto a respeito de tais fenômenos – em particular, sobre a sua relação com processos sociais, tais como a desigual distribuição de recursos – inclusive os de cunho cultural e educacional. Ou seja, pouco se fala sobre o entrelaçamento desses temas com o estado da sociedade.

Em geral, prevalece uma perspectiva que colabora para reforçar estíguas e preconceitos, o que pode, inclusive, comprometer uma postura preventiva e fortalecer uma conduta repressiva, a qual vem-se mostrando inadequada. Esta, além de ferir direitos humanos, não acarreta em resultados positivos no sentido de coibir a expansão do consumo indevido das drogas. Entre as meias e enviesadas anunciações e o silêncio em relação à complexidade do tema, a UNESCO Brasil opta pela palavra, pela palavra de muitos, em especial, na voz dos jovens.

Muito se tem escrito sobre drogas e juventude, nos mais diversos campos do conhecimento, particularmente em um

enfoque epidemiológico. Também existem trabalhos que fazem referência à escola e à importância de ela ser um lugar de programas preventivos. O presente estudo procura ir além dessas abordagens e possui uma singular propriedade assegurada por meio de um tripé composto pela metodologia que o orienta, pela preocupação com políticas públicas e pelo lugar que confere à escola no âmbito do debate sobre as drogas. Esta propriedade se sustenta também pelo seu formato: ou seja, pela referência a diversas capitais brasileiras, a diversos tipos de drogas, a diferentes fatores associados ao consumo, bem como a aspectos objetivos e subjetivos envolvidos na relação dos jovens com as drogas.

No plano das recomendações, o presente estudo defende a tese de que é preciso criar escolas protegidas, ou seja, escolas voltadas à proteção integral, o que inclui lidar com o tema de drogas não somente por meio de programas específicos, mas pela instauração de uma outra concepção de escola. Isso requer a mobilização de diversos vetores sócio educacionais: escolas que sejam capazes de estimular nos jovens a busca de outras alternativas, que possibilitem aventuras nos campos do conhecimento e da diversão, que os abram para outros sentidos do prazer, que não as drogas, para a solidariedade e o conhecimento. As escolas devem ainda estimular, nesses jovens, o sentimento de pertencimento a este ambiente e adotar estratégias que os transformem em sujeitos capazes de levar adiante seus projetos individuais e sociais.

Dessa forma, a proposta defendida neste estudo é o abandono da perspectiva que se sustenta exclusivamente em programas de prevenção contra o abuso de drogas na escola, o que já é, em si, um avanço, em favor de uma postura mais ousada de uma escola de proteção integral, em que ela é parte de um projeto político na luta contra todas as desigualdades, em vários níveis, nas relações sociais.

Como se documenta na introdução deste estudo, a UNESCO possui um razoável currículo internacional dentro do

debate sobre as drogas e vem tecendo várias parcerias com distintas agências internacionais, tanto para ampliar o conhecimento quanto para implementar ações preventivas.

Seguindo esta linha de trabalho, a realização do presente livro muito deve à vontade de várias agências. Na realização da pesquisa-base, a UNESCO-Brasil contou com a colaboração dos seguintes parceiros: CNPq, USAID, UNAIDS, UNDIME, Banco Mundial, Fundação Ford, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Saúde/Coordenação Nacional de DST/AIDS e Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça.

A UNESCO-Brasil espera, com esta publicação, contribuir para o necessário debate sobre as relações existentes entre drogas e juventude, atentando para as vozes de atores diversos, em particular a dos jovens, dentro de uma perspectiva de prevenção. Pretende ainda contribuir para a modelagem de escolas de excelência, escolas de proteção e para a formulação de políticas públicas voltadas para a qualidade de vida da infância e da juventude.

Jorge Werthein

Diretor da UNESCO no Brasil

INTRODUÇÃO

A contribuição da educação na prevenção ao uso de drogas é um enfoque relativamente recente. Vizzolto (In: Alencar, 1988a), por exemplo, observa que a ação de prevenção tradicionalmente era feita em outras instâncias, tais como o Poder Judiciário, o qual também cuidava da repressão ao tráfico. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, o aumento do consumo de drogas trouxe à tona a necessidade urgente de integrar, de maneira mais ativa, a área da educação no combate ao uso de drogas.

No âmbito das Nações Unidas, a preocupação em relação às drogas e os esforços para lidar com o problema antecedem as metas e os compromissos acordados na 20.ª Assembléia-Geral das Nações Unidas sobre o Problema Mundial das Drogas, realizada em 1988 e que resultou em uma lista de 17 metas de combate às drogas a serem cumpridas pelos países-membros (ver Anexo 1). Em 1970, por exemplo, a UNESCO convocou, pela primeira vez, especialistas de vários países para discutir a abordagem preventiva do uso de drogas. Desde 1972, a utilização da educação para prevenir o abuso de drogas foi considerada uma necessidade universal e premente.

Já naquele ano, os princípios que regem as ações da UNESCO destacavam que as políticas relativas às drogas deveriam:

(...) ser concernentes e direcionadas tanto às drogas ilícitas como àquelas socialmente aceitáveis (tabaco e remédios comumente usados). A questão não deve ser encarada como um problema específico da juventude, porque são,

principalmente, os adultos que tendem a ser os produtores, tanto das drogas "legais" como das "ilegais". Deve ser feita uma distinção cuidadosa entre a ação nos sistemas educacionais e a informação pura e simples da opinião pública (UNESCO, 1987: 4).

Desde então, vem-se dando ênfase à desmistificação de tabus, evitando reduzir as ações e o debate ao caráter químico-médico-social das drogas e chamando a atenção para um tratamento integral do tema, centrado na qualidade de vida. Por exemplo, um relatório da UNESCO, elaborado em 1977¹, conclui que:

- A informação sobre o uso não-médico de drogas, sobre o abuso de medicamentos, álcool ou tabaco deve visar muito mais às condições sócio-psicológicas suscetíveis de impedir ou frear o uso de drogas do que às suas características químicas e médicas.
- A informação sobre drogas deveria estar centralizada na qualidade de vida e das relações pessoais.
- Uma atenção particular é necessária sobre a correlação que eventualmente existe entre o uso de drogas e a situação de grupos, submetidos a uma segregação qualquer.

É importante mencionar que, no relatório da UNESCO (1987), não existe uma concepção unívoca de prevenção por meio da educação. Essa idéia já havia sido aprovada por vários países, como um modelo a ser seguido, desde 1972. Dessa maneira, pode-se afirmar que a Organização, há mais de 30 anos, vem-se

1 <http://www.unesco.org/education/educprog/pead/SP/DRUGSP/PEDDRO-Ped0/Ped005>.

preocupando com a problemática das drogas por meio de congressos, seminários, conferências internacionais e elaboração de pesquisas.

Além disso, a UNESCO vem investindo, juntamente com a Comissão Européia, na criação de uma rede de informações no campo da educação preventiva contra o abuso de drogas. O destaque, nesse âmbito, é o projeto Prevenção, Educação e Drogas – PEDDRO, que enfatiza o papel estratégico da educação. Trata-se de uma rede criada em 1993, com a colaboração da Comissão Européia para a Prevenção do Uso de Drogas, e que é composta por profissionais da saúde, organizações não-governamentais e escolas. Focaliza, entre outras coisas, a informação, a formação de pessoal e o intercâmbio de conhecimentos. No âmbito do projeto, a escola, a família e a comunidade são consideradas lugares privilegiados para uma ação preventiva¹.

Para John Daniel, Sub-Diretor-Geral de Educação da UNESCO (*In*: PEDDRO, 2001: 03):

O abuso de drogas, associado a várias doenças, fez com que a rede PEDDRO se ativesse ao conceito de "educação preventiva". Apoiada pela Comissão Européia, tem como missão "promover a saúde e prevenir as enfermidades, informando sobre as atitudes que devem ser observadas e aportando conhecimentos, competências e meios para estimular e apoiar condutas que reduzam os riscos, reforcem a prudência e limitem as repercussões da doença".

Ante a Aids, a eficácia é uma questão de vida. O abuso de drogas pode ser como um "corredor para a morte" se as políticas de saúde pública não o levam devidamente em conta e se ele não

¹ In: <http://www.unesco.org/education/educprog/pead/SP/DRUGSP/PEDDRO/Ped0/Ped005>.

é enfrentado com um movimento de solidariedade do qual participam não apenas os principais interessados – os usuários de drogas –, mas igualmente aqueles setores da população que, como os jovens e as mulheres, estão mais expostos, tanto à Aids como ao abuso de drogas.

Para isso, o conjunto da comunidade internacional deve se mobilizar, ou seja, os Estados, evidentemente, e também a sociedade civil e o setor privado. No contexto desta mobilização, a educação preventiva e todas as ações empreendidas não deverão se dissociar das políticas nacionais de saúde nem, tampouco, de maneira geral, das condições socioeconômicas vigentes.

No Correio da UNESCO (1987) observa-se que, no âmbito da educação preventiva, o que se pode fazer junto aos educadores é mostrar a eles que muito do que já realizam constitui uma ação educativa preventiva. Alguns exemplos são a formação do caráter, o desenvolvimento do senso crítico e da capacidade de tomada de decisões, a adesão a princípios de vida, a compreensão dos mecanismos psicológicos e, é claro, o conhecimento da natureza e do efeito de algumas substâncias usadas no cotidiano.

Nesta perspectiva assinala-se, então, que os profissionais de educação possuem alguns conhecimentos de psicologia e pedagogia, adquiridos na sua formação, que podem ajudar na prevenção. Os pais, de sua parte, desempenham um papel fundamental na sedimentação de valores morais e pessoais, além de contarem com a força do seu amor pelos filhos no processo de orientação.

Um dos desafios atuais consiste em persistir na valorização do desenvolvimento sustentado, voltado para a melhoria das condições de vida e para a construção de uma cultura de paz³. No

³ Ver sobre cultura de paz e a formulação de programa baseado em tal ideal que vem-se realizando no Brasil e que tem a escola como eixo – Programa Abrindo Espaços em vigência no Brasil. In: Nolito, 2001).

caso do Brasil, isso vem-se realizando por meio de parcerias entre o setor público e organizações da sociedade civil, bem como de programas, pesquisas e instrumentos de avaliação (ver, entre outros, Abramovay e Rua, 2001).

Essas práticas têm de estar apoiadas no compromisso com a educação de qualidade e na importância da escola como espaço de prevenção do uso de drogas. Deve-se chamar a atenção para as conseqüência da problemática inerente ao tema, em particular para o tráfico e o uso dessas substâncias no ambiente escolar. Finalmente, a educação pode ser um meio para estimular posturas críticas contra o consumo de drogas.

A pesquisa que ora se apresenta, baseada nas percepções de alunos, professores e outros membros da comunidade pedagógica e pais, reforça a ênfase na importância da escola e de um ensino voltado para a vida.

A pesquisa *Drogas nas escolas* tem como objetivo identificar e analisar a percepção de alunos, pais e integrantes do corpo técnico-pedagógico (professores, diretores, funcionários, etc.) de escolas públicas e privadas de 14 capitais brasileiras selecionadas em relação à presença de drogas nas escolas. O estudo também apresenta recomendações de políticas públicas, privilegiando a escola como local estratégico dentro de uma perspectiva de prevenção.

Este livro está dividido em seis capítulos. O primeiro aborda a metodologia adotada: a ênfase em representações/percepções de múltiplos atores relacionados à escola e as técnicas a que se recorre, tanto para a análise quantitativa quanto para a qualitativa.

O segundo capítulo está dividido em duas seções. Primeiramente, é realizada uma caracterização sociodemográfica dos alunos, com informações sobre sexo, distribuição etária da população escolar, condição de trabalho e estudo, origem socio espacial, situação socioeconômica e escolaridade dos pais. Na segunda seção, foram focalizadas algumas dimensões da vida dos

jovens que ajudam a compreender as relações sociais e os valores dessa população. São analisadas as percepções de alunos, pais e membros do corpo técnico-pedagógico de escolas. A ênfase recai sobre a população estudantil, levando em conta as relações familiares, as interações com amigos, seu envolvimento em atividades culturais, uso do tempo livre e sua prática religiosa.

O terceiro capítulo trata das drogas lícitas, como o álcool e o tabaco, bem como daquelas que são lícitas, mas que são usadas ilegalmente, tais como os medicamentos – calmantes, anfetaminas, anticolinérgicos, barbitúricos, orexígenos –, além dos anabolizantes, solventes e inalantes. Aborda a percepção dos entrevistados sobre cada uma delas, discutindo as motivações que embasam o consumo e as preferências dos usuários. Aborda, igualmente, a influência da família, do grupo de amigos, da religião e da mídia no comportamento dos jovens em relação ao consumo de álcool e tabaco. Busca também documentar, a partir das percepções de alunos, membros do corpo técnico-pedagógico das escolas e pais, indicadores sobre a extensão dos hábitos de beber e fumar e sua distribuição por sexo e idade, drogas que os atores viram ser consumidas, frequência de uso segundo sexo e grupos etários.

O quarto capítulo busca identificar – por meio de dados quantitativos e qualitativos – a percepção de alunos, membros do corpo técnico-pedagógico e pais pesquisados acerca das drogas ilícitas, a ocorrência de possíveis associações (estímulo ou inibição) entre os padrões de uso das substâncias e fatores como sexo, idade, condição de trabalho e estudo, prática religiosa, atividades de lazer e relacionamento familiar. São analisadas as percepções sobre motivos de uso; quem usa (conhecidos, amigos, parentes, etc.); locais de uso (perto de casa, em shows, festas e boates), frequência – uso passado (experimentação) e presente (uso frequente), comportamentos de risco dos usuários (transgressões e exposição a doenças).

O quinto capítulo analisa as drogas no ambiente escolar, discutindo os níveis e as condições de prevalência delas e quais as implicações, de acordo com a percepção dos diferentes atores, sobre a presença, o consumo e o tráfico nas imediações e dentro da escola. Ressalta a existência de traficantes e possíveis mediadores/repassadores e a utilização, por estes, de diferentes estratégias e artifícios para envolver os jovens. Detecta, também, como as drogas interferem no cotidiano escolar, trazendo à luz as dificuldades para lidar com a questão em decorrência do medo, das ameaças, da cumplicidade e da apatia que conformam a "lei do silêncio". Finalmente, procura verificar a existência ou não de associação entre o consumo de drogas ilícitas e o rendimento escolar, considerando as variáveis: reprovação e expulsão/transfêrencia escolar.

Finalmente, no sexto capítulo, são apresentadas as considerações finais e recomendações com ênfase na prevenção.

I. METODOLOGIA

1.1. FOCO METODOLÓGICO: PERCEPÇÕES/REPRESENTAÇÕES

O foco desta pesquisa é analisar as percepções/representações e as experiências de alunos, pais e membros do corpo pedagógico das escolas sobre as drogas.

As representações englobam tanto as experiências quanto o sentido que os atores atribuem a elas e expressam por meio de seu discurso. Portanto, a relação entre experiência vivida e construção social significa a re-interpretação discursiva dos diferentes atores sociais sobre a sua realidade. A realidade neste contexto se re-apresenta vestida de símbolos, imagens e palavras.

Segundo Chombart de Lauwe (1979), as percepções/representações são um excelente teste projetivo do sistema de valores e aspirações de uma sociedade. Para que se possa entender a complexidade da sociedade, deve-se considerar que as idéias e os valores podem ser transformados pelas representações individuais e coletivas, compondo um sistema de múltiplos níveis. Entrelaçadas às representações individuais, relacionadas à biografia de cada ator social, existem também as representações coletivas, que são expressas pela linguagem, entre outros meios, circulando nas mais diversas camadas da sociedade.

Na relação entre materialidades de vida, realidades e percepções/representações, aquelas se apresentam aos atores

por mediações, valores e concepções socialmente construídas. Segundo Barth (2000:13): "Para identificar as representações culturais utilizadas por determinadas pessoas, devemos nos voltar para o conhecimento e para o discurso que essas pessoas empregam para interpretar e objetivar suas vidas".

Moscovici (1978: 41) destaca:

Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tais como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica.

No estudo dos fenômenos sociais, não existe uma única abordagem possível, nem instrumentos de pesquisa privilegiados, nem só uma possibilidade de técnica. Existem, sim, técnicas complementares, que possibilitam apreender, de modos diferenciados, a multiplicidade de pontos de vista acerca dos temas objeto de investigação. Assim, a combinação de técnicas diferenciadas – tais como a aplicação de questionários, a realização de grupos focais e entrevistas, acompanhadas da técnica da observação direta – permite recolher os discursos dos atores e possibilitam um estudo em profundidade do fenômeno, abarcando sua amplitude e complexidade.

Seguindo esta orientação, foram utilizadas nesta pesquisa duas abordagens complementares: a extensiva e a compreensiva. Elas se combinam de modo a identificar as vivências, as relações e as interações sociais que se dão no âmbito escolar e fora dele, tendo como foco metodológico as percepções/representações dos atores sobre as drogas. A combinação de técnicas também visa a potencializar os benefícios que cada uma delas oferece, bem como superar as limitações de cada uma.

A abordagem extensiva visa a conhecer magnitudes. Baseia-se na representatividade e na capacidade inferencial dos dados e é característica das pesquisas do tipo survey. Já a abordagem compreensiva procura trabalhar qualitativamente o conteúdo das manifestações da vida social, tanto a partir de aspectos cognitivos quanto interacionais. Dentro desta abordagem, as noções de contradição, conflito e a apreensão de diferentes olhares são essenciais.

Advogando a propriedade de estudo no plano da Sociologia compreensiva, Passeron (1981: 7) explicita a propriedade de tal orientação:

(...) o objeto principal da Sociologia é o estudo das diferenças e das contradições, o que a distingue de outras ciências do ser humano e, em particular, da Psicologia: as diferenças, contradições e desigualdades alimentam o conhecimento sociológico. Pesquisando somente o que é igualmente verdadeiro para todos os seres humanos, tratar-se-ia somente daqueles que são parte de uma mesma civilização ou de uma mesma classe. Contudo, uma ciência do ser humano que abdique, por interesse em essências ou, em instâncias últimas, o conhecimento das diferenças, acaba por se esvaír em banalidades psicológicas ou políticas, ficando em generalidades ou se contentando com insignificâncias antropológicas. Só existe Sociologia no plano de captar relações desiguais. (Original em francês)

Nesta pesquisa foram aplicados questionários fechados a alunos, pais e professores, que também participaram dos grupos focais; realizou-se entrevistas individuais abertas, com membros do corpo técnico-pedagógico, policiais, agentes de segurança, vigilantes e inspetores; e produziu-se roteiros de observação sobre as escolas pesquisadas.

1.2. PESQUISA EXTENSIVA

1.2.1. Desenho amostral – Escolas, Turmas, Séries e Alunos

A base de dados usada para a seleção da amostra foi o cadastro do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP/MEC, o qual é construído a partir do Censo Escolar. Esta é, reconhecidamente, a mais confiável base de dados sobre escolas, turmas, séries e alunos, tanto do ponto de vista da abrangência como das especificidades e precisão das informações. Esta base é resultado da coleta de informações nos censos escolares, realizados anualmente.

As informações do cadastro foram utilizadas como fonte de dados primários para as pesquisas em cada uma das capitais estudadas. A partir de uma análise das informações do cadastro do Censo Escolar, concluiu-se que o procedimento seria a amostragem estratificada com seleção por conglomerados em duas etapas.

A amostra é um subconjunto das escolas de ensino regular (fundamental e médio), públicas (municipais e estaduais) e privadas, existentes nas 14 capitais das Unidades da Federação escolhidas para compor este estudo: Manaus e Belém, na região Norte; Fortaleza, Recife, Maceió e Salvador, no Nordeste; Distrito Federal, Goiânia e Cuiabá, no Centro-Oeste; Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo, na região Sudeste; e Porto Alegre e Florianópolis, na região Sul.

Nesta pesquisa, portanto, as escolas correspondem às unidades de seleção, pois elas é que são amostradas. As unidades secundárias ou de observação são as séries/turmas. Finalmente, as unidades terminais são constituídas pelos alunos, distribuídos segundo os estratos nas unidades de ensino públicas e privadas, nos níveis fundamental e médio e nos turnos diurno e noturno.

Como as inferências são fundamentadas pelas informações contidas na amostra, é metodologicamente aconselhável realizar

a expansão dos resultados obtidos para o universo de unidades que a amostra pretende representar. Portanto, os resultados expandidos, aqui apresentados, representam o universo de alunos das escolas públicas e privadas das capitais estudadas.

1.2.1.1. Procedimento de seleção da amostra

Na primeira etapa, foram selecionadas as escolas em cada estrato. Na segunda, foram selecionadas as séries/turmas, onde foram investigados todos os alunos. Para garantir que os resultados tivessem tanto abrangência quanto capacidade de captar especificidades, a amostra foi dividida proporcionalmente entre os diversos estratos.

Os estratos foram definidos pela combinação nível de ensino x dependência administrativa (municipal, estadual ou particular). Desta forma, dentro de cada estrato foram selecionadas aleatoriamente as escolas que pertenceriam à amostra¹.

Cada escola não foi tomada como um todo, ou seja, foram selecionados níveis de ensino, abrangendo todas as séries² a partir da 5.^a série do ensino fundamental e, por fim, as turmas³.

Na segunda etapa, as séries foram selecionadas de acordo com critérios explicitados e, nestas, foram sorteadas aleatoriamente as turmas de cada série em que deveriam ser aplicados os questionários. Nas turmas, sorteadas mediante o uso de uma tabela de dígitos aleatórios, foram entrevistados todos os alunos presentes em sala de aula.

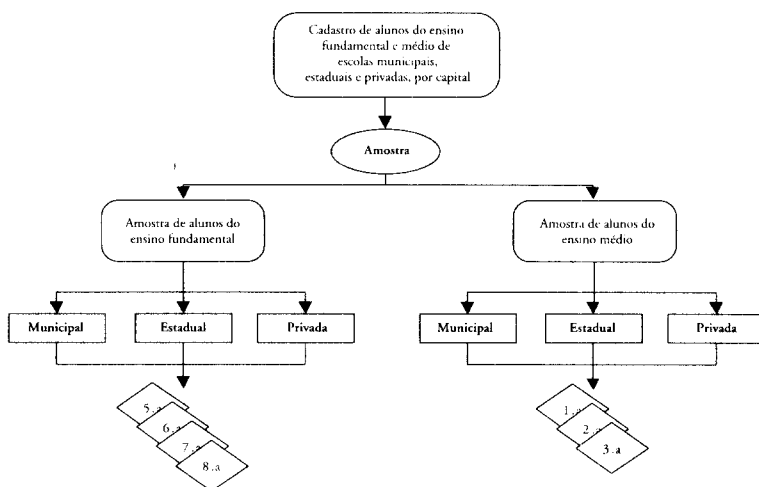
¹ Uma lista de escolas de substituição – que deveria ser usada em caso de impossibilidade de pesquisar determinada(s) escola(s) ou turma(s) – foi também elaborada.

² A série corresponde ao ano de estudo (5.^a a 8.^a série do ensino fundamental e 1.^o a 5.^o ano para o ensino médio).

³ As restrições financeiras inerentes a estudos deste porte colaboraram fortemente para a definição do tamanho da amostra. Respeitando a representatividade das subpopulações, pudemos estudar grande parte das escolas, a totalidade das turmas selecionadas, com pouquíssima ou nenhuma alteração dos custos financeiros.

A figura 1, a seguir, mostra, de forma esquemática, os estratos e permite distribuir a população estudada da seguinte forma:

- i. unidades primárias, constituídas pelas escolas. São chamadas unidades de seleção por serem estas as unidades objeto da seleção;
- ii. unidades de observação ou secundárias, constituídas pelas séries/ turmas de cada escola. Nas turmas selecionadas, todos os alunos foram entrevistados;
- iii. unidades terminais ou terciárias, constituídas pelos alunos entrevistados.



1.2.1.2. Tamanho da amostra

Supondo que a densidade demográfica afeta os fenômenos sociais, inclusive no ambiente escolar, a definição do tamanho da amostra tem como parâmetro a variância do tamanho das escolas – medida pelo número de alunos – em cada capital. O banco de

dados utilizado no sistema de referência (Censo Escolar) não contempla informações individualizadas dos alunos. O nível mais baixo de agregação é a escola, com seus respectivos números de turmas e de alunos por série. O tamanho da escola, medido em número de alunos, é fundamental na definição da possibilidade de que ela seja selecionada.

Portanto, o tamanho da amostra foi definido levando em consideração as seguintes hipóteses:

- i.** escolas maiores têm maior número de turmas;
- ii.** quanto maior a escola, maior a probabilidade de ocorrência de eventos relacionados ao uso de drogas.

Assim, para definir o número de escolas participantes em cada capital, foi calculado o tamanho da amostra utilizando a variância do número de turmas de cada escola, como mostra a Tabela 1.1, a seguir:

Tabela 1.1

Medidas estatísticas do número de turmas das escolas de ensino fundamental e médio, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000

Capitais	Número de turmas das escolas de ensino fundamental e médio		
	Média	Desvio padrão	Variância
Manaus	23,77	29,05	843,90
Belém	34,41	42,29	1.788,44
Fortaleza	17,26	26,71	713,42
Recife	25,06	27,17	738,21
Maceió	32,80	21,04	442,68
Salvador	25,57	33,19	1.101,58
Vitória	20,31	28,83	831,17
Rio de Janeiro	17,36	22,07	487,07
São Paulo	33,59	34,27	1.174,43
Porto Alegre	18,11	21,73	472,19
Florianópolis	25,13	43,86	1.923,70
Cuiabá	20,63	30,23	913,85
Goânia	27,01	33,49	1.121,58
Distrito Federal	21,48	23,74	563,59

Fonte: Censo Escolar, INEP/MEC, 1998.

UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Desta forma, mantendo um coeficiente de confiança de 95% e uma margem de erro de 3%, esse subconjunto variou, em cada capital, do mínimo de 24 escolas, em Porto Alegre, ao máximo de 55 escolas, em São Paulo.

Por sua vez, o plano de amostragem leva em conta as diferenças entre as capitais, tendo em vista especialmente dois aspectos. Primeiramente, ele deveria ser abrangente de forma a subsidiar decisões com maior alcance possível. Em segundo lugar,

os resultados deveriam expressar peculiaridades locais, e a amostra deveria ser constituída de forma a captá-las. Assim, as amostras têm representatividade em cada uma das 14 capitais selecionadas.

A amostra (ver Tabela 1.2) foi alocada proporcionalmente ao tamanho de cada estrato da população, anteriormente descrito, de acordo com a participação relativa das escolas segundo sua dependência administrativa, nível de ensino (fundamental e médio) e de acordo com as séries estudadas.

Tabela 1.2

Número de escolas na população e número de escolas, turmas e alunos na amostra, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000

Capitais	Número de escolas na população e número de escolas, turmas e alunos na amostra			
	População de escolas	Amostra		
		Escolas	Turmas	Alunos
Manaus	412	33	123	3.542
Belém	303	37	166	5.214
Fortaleza	830	27	121	2.979
Recife	437	27	109	2.949
Maceió	284	32	118	2.996
Salvador	547	35	177	4.286
Vitória	126	27	121	3.237
Rio de Janeiro	1.753	30	127	3.227
São Paulo	2.854	55	216	5.572
Florianópolis	130	31	118	3.173
Porto Alegre	442	24	123	3.107
Cuiabá	205	31	116	2.930
Goiânia	450	41	165	4.141
Distrito Federal	497	25	118	2.696
Total	9.270	455	1.918	50.049

Fonte: Censo Escolar, INEP/MEC, 2000.

UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

1.2.1.3. Conglomerados

Optou-se por uma amostragem por conglomerados (cluster sample) em dois estágios, que é mais econômica. Neste procedimento amostral, as escolas são os conglomerados, e no primeiro estágio são amostradas proporcionalmente ao seu tamanho, definido pelo número de turmas. No segundo estágio, os elementos amostrados aleatoriamente são as turmas, em que são investigados todos os alunos.

Este tipo de delineamento amostral leva à utilização de um estimador de razão para as proporções das características dos alunos e de um estimador de razão combinado para a expansão das quantidades do universo, uma vez que são conhecidos os totais dos alunos em cada capital estudada.

Neste caso, o estimador de razão é escrito como:

$$\hat{\theta} = \frac{w_i x_i}{w_i}$$

$$\hat{\theta}_T = \frac{w_i x_i}{w_i} \cdot Y$$

onde $\hat{\theta}$ é o estimador da proporção da característica x ;

$\hat{\theta}_T$ é o estimador do total de elementos com a característica

x ;

w_i é o peso por indivíduo, dado pelos inversos das frações amostrais em cada estágio;

x_i é uma variável aleatória indicadora da existência da característica em estudo;

e Y é o número de alunos encontrado no censo escolar.

As variâncias das estimativas amostrais foram calculadas utilizando técnicas de replicação (Jackknife), possibilitando a construção de seus intervalos de confiança.

1.2.2. Seleção de membros do corpo técnico-pedagógico e pais

Nas séries/turmas selecionadas, os questionários foram distribuídos a todos os alunos para que respondessem autonomamente, sem a intervenção do pesquisador.

Todos os alunos das séries/turmas selecionadas receberam questionários para serem preenchidos por seus pais ou responsáveis. Da mesma forma, em todas as escolas foram distribuídos questionários auto-aplicáveis a todos os membros do corpo técnico-pedagógico, ou seja, professores, diretores, coordenadores, supervisores de ensino e orientadores educacionais.

Frisa-se que as amostras compostas por pais e membros do corpo técnico-pedagógico não são probabilísticas, não se calculando a sua margem de erro, nem seu coeficiente de confiança. Portanto, no caso desses atores não se garante inferências estatísticas.

Como pode ser observado na Tabela 1.3, a seguir, no total, 3.099 professores e 10.255 pais responderam a questionários especialmente desenhados para cada caso. Sobre dados relacionados a alunos, ver Tabela 1.2.

Tabela 1.3

Questionários respondidos por professores e pais nas capitais das Unidades da Federação, 2000 (números absolutos)

Capitais	Questionários respondidos	
	Professores	Pais
Manaus	177	763
Belém	255	810
Fortaleza	186	808
Recife	149	639
Maceió	315	1.112
Salvador	189	672
Vitória	193	663
Rio de Janeiro	280	780
São Paulo	257	941
Florianópolis	187	667
Porto Alegre	311	557
Cuiabá	262	669
Goiânia	201	837
Distrito Federal	137	307
Total	3.099	10.225

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

1.3. PESQUISA COMPREENSIVA

Entre as técnicas de que se vale a abordagem compreensiva, uma das mais profícuas são os grupos focais. Assim, além da observação *in loco* nas escolas e das entrevistas individuais em 'pedagógicos, orientadores educacionais, policiais, agentes de segurança, vigilantes e inspetores/coordenadores de disciplina, foram realizados grupos focais com professores, pais e alunos.

O grupo focal é uma técnica de entrevista na qual os membros do grupo narram e discutem visões e valores sobre

eles próprios e o mundo que os rodeia¹. O grupo focal vem-se mostrando uma estratégia privilegiada para o entendimento de atitudes, crenças e valores de um grupo ou de uma comunidade relacionada aos aspectos específicos pesquisados.

Os grupos focais têm-se revelado um dos principais instrumentos dos métodos de "indagação rápida" (*rapid assessment* ²), desenvolvidos para obter uma informação ágil, pouco onerosa, em profundidade e com um volume significativo de informação qualitativa fornecida pelos membros de um grupo específico. A utilização da técnica requer a seleção aleatória dos membros para, controlando alguns denominadores comuns como sexo, idade e posição institucional dos respondentes, formar grupos que possibilitem obter uma maior pluralidade de opiniões. Para definir o número de grupos necessários, é utilizada a "técnica de saturação do conteúdo", observada quando os conteúdos das entrevistas passam a ser repetitivos e não apresentam mais elementos novos.

Além dos grupos focais, as entrevistas individuais semi-estruturadas são outro instrumento qualitativo utilizado nas pesquisas, sendo um dos formatos mais difundidos de entrevistas nas Ciências Sociais. Nesta abordagem, o entrevistador utiliza um roteiro de entrevista amplo, cobrindo diversos aspectos do fenômeno a ser estudado. Ou seja, por meio de suas respostas, os informantes estão revelando seu "pensamento" sobre a realidade, suas experiências e percepções básicas.

Este formato permite que a ordem das questões seja modificada de acordo com o andamento da entrevista, ou seja, os entrevistadores têm flexibilidade para explorar informações e idéias

¹ Frequentemente usado nas Ciências Sociais para buscar respostas aos "por quês" e "comos" dos comportamentos.

² O *rapid assessment* é utilizado para facilitar decisões que devem ser baseadas na realidade e é uma ferramenta para articular opiniões, julgamentos e perspectivas enunciados pelos próprios envolvidos no problema. (World Bank, 1993).

mais interessantes ou inesperadas, levantadas pelos informantes.

Existem grandes vantagens em utilizar essa técnica de entrevista. Primeiro, porque permite ao informante descrever o que considera significativo, usando seus próprios critérios e palavras, sem ficar restritos a determinadas categorias fechadas. Segundo, porque admite que o entrevistador esclareça o informante sobre o exato significado do que pretende conhecer, tornando as perguntas mais acuradas e as respostas mais fidedignas.

Terceiro, porque esse instrumento permite a realização de comparações, devido ao relativo grau de homogeneidade assegurado pelo roteiro comum. Ele também propicia análises mais sistemáticas e gerais das informações obtidas do que seria possível fazer nas entrevistas não estruturadas.

A terceira técnica que compõe a abordagem compreensiva é a observação *in loco* das escolas selecionadas. Tal observação obedeceu aos quesitos de um roteiro elaborado, testado e reformulado pelos pesquisadores encarregados da coordenação da pesquisa. Os roteiros de observação foram aplicados em duas ou três visitas a todas as escolas selecionadas por pesquisadores de campo, que receberam treinamento específico para a aplicação desta técnica. Os roteiros permitiram registrar informações sobre o comportamento dos alunos, professores e demais funcionários no ambiente escolar, dentro e fora da sala de aula.

A pesquisa qualitativa adotada neste trabalho abrange um conjunto diversificado de instrumentos, aplicados a um número bastante significativo de unidades. Considerando que cada grupo focal possuía, em média, dez informantes, constata-se que somente a parte compreensiva da pesquisa levantou informações com 2.155 pessoas.

Cabe ressaltar que o conteúdo e a duração das entrevistas e dos grupos focais diferenciaram-se segundo a categoria do informante. Assim, enquanto as entrevistas com os diretores e coordenadores de ensino duraram, em média, 1 hora e 15

minutos, aquelas com os policiais, agentes de segurança e vigilantes duraram de 45 minutos a 1 hora. Já os grupos focais tiveram, em média, 2 horas de duração cada.

A pesquisa colheu e analisou aproximadamente 383 horas de entrevistas individuais e 346 horas de grupos focais, somando mais de 700 horas. O desafio de ouvir e analisar dados provenientes de um número tão grande de informantes confere a essa pesquisa um caráter único no Brasil.

1.3.1. Análise e apresentação dos dados qualitativos

Na pesquisa qualitativa, a etapa de análise das informações é um de seus momentos mais importantes. Esta é realizada por meio da sistematização das respostas dos participantes, identificando e classificando as categorias mais significativas. É feita uma exploração progressiva das respostas, utilizando subcategorias de dados organizados por temas.

A análise das entrevistas e dos grupos focais revelou as principais mensagens emitidas pelos participantes, assim como as divergências e convergências entre os grupos da amostra. Em uma primeira etapa, foi realizado um tratamento sistemático dos dados qualitativos, que permitiu a análise dos conteúdos dos depoimentos.

As categorias de análise surgiram das informações coletadas segundo padrões e repetições, baseando-se nas referências culturais do grupo pesquisado como ponto de partida, começando com as perguntas da pesquisa, suas hipóteses, sua problemática e temas-chave para o estudo. Esta análise buscou extrair preocupações, prioridades e percepções de cada um dos atores envolvidos, tal como eles as manifestavam, sem censura, discriminação ou intenção de provar uma ou outra hipótese.

Em uma segunda etapa, procedeu-se também à hierarquização das mensagens-chave, em função da frequência de aparição, em cada um dos grupos, buscando compreender a importância dada às mesmas. Além do mais, foram feitas

comparações intergrupos e interváriáveis, de forma a perceber as diferenças, bem como os pontos de convergência e de divergência entre as categorias de pessoas: faixas etárias, sexo, etc.

O trabalho analítico do material qualitativo garante a fidelidade das análises, de modo que, se estas eventualmente forem realizadas por outro pesquisador, com o mesmo método adotado, os resultados permanecerão os mesmos.

2. OS ALUNOS: CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS, RELAÇÕES SOCIAIS PRIMÁRIAS E VALORES

O presente capítulo está dividido em duas seções. Na primeira, é feita uma caracterização do universo amostrado de alunos, a partir de indicadores como sexo, distribuição etária, condição de trabalho e estudo, origem socioespacial e escolaridade dos pais. No segundo bloco, são focalizadas algumas dimensões da vida dos jovens, como os tipos de atividades culturais, desportivas e de lazer, o uso do tempo livre e o envolvimento com atividades de cunho religioso. Também são apresentadas as percepções de alunos, pais e membros do corpo técnico-pedagógico sobre as relações familiares dos jovens e suas interações com amigos.

2.1. CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

A maioria dos alunos das 14 capitais pesquisadas pertence ao sexo feminino (53,3%), o que equivale a um total de quase 2,4 milhões de pessoas. Maceió é a capital com o maior índice de participação feminina (59%). Goiânia e São Paulo são as capitais que possuem os menores índices – 51,3%, como pode ser constatado na Tabela 2.1, a seguir.

Tabela 2.1

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Manaus	45,7	54,3	100,0
Belém	43,8	56,2	100,0
Fortaleza	46,5	53,5	100,0
Recife	45,9	54,1	100,0
Maceió	41,0	59,0	100,0
Salvador	45,0	55,0	100,0
Vitória	46,7	53,3	100,0
Rio de Janeiro	46,8	53,2	100,0
São Paulo	48,7	51,3	100,0
Florianópolis	48,0	52,0	100,0
Porto Alegre	48,0	52,0	100,0
Cuiabá	45,9	54,1	100,0
Goiânia	48,7	51,3	100,0
Distrito Federal	43,4	56,6	100,0
Média	46,7	53,3	100,0
N.º Absoluto	2.126.777	2.426.976	4.553.753

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

A distribuição etária desta população escolar pode ser observada na Tabela 2.2. O grupo etário mais significativo é o de 13 a 15 anos de idade, com pouco mais de 37% do total e um contingente de quase 1,7 milhão de estudantes. São três as capitais com proporções acima de 40% para este grupo etário – São Paulo, Manaus e Porto Alegre –, enquanto, no Distrito Federal e Goiânia, estes índices são de 39,9% e 39,8%, respectivamente.

Seguem-se aqueles de 16 a 18 anos, com um índice de 33,9% e pouco mais de 1,5 milhão de alunos. Este grupo possui maior presença em Florianópolis (43,4%) e menor no Distrito Federal (26,1%). Já o grupo etário de 10 a 12 anos agrega 17,2% do total, sendo mais presente em Vitória (23,2%) e com a menor proporção em Belém (9,9%). O grupo etário de 19 a 24 anos é o menos representado (quase 526 mil alunos), sendo mais significativo em Belém (22,5%) e com menor participação na capital paulista (5,2%).

Tabela 2.2

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por grupos etários, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Grupos Etários				
	10 a 12 anos	13 a 15 anos	16 a 18 anos	19 a 24 anos	Total
Manaus	15,7	40,3	31,4	12,6	100,0
Belém	9,9	27,8	39,8	22,5	100,0
Fortaleza	18,0	37,0	27,2	17,8	100,0
Recife	13,1	36,6	35,3	15,0	100,0
Maceió	16,7	35,8	31,7	15,8	100,0
Salvador	12,6	37,3	30,5	19,6	100,0

Tabela 2.2 (Cont.)

Capitais	Grupos Etários				
	10 a 12 anos	13 a 15 anos	16 a 18 anos	19 a 24 anos	Total
Vitória	23,2	36,1	30,5	10,2	100,0
Rio de Janeiro	17,0	31,0	41,5	10,5	100,0
São Paulo	20,0	40,4	34,4	5,2	100,0
Florianópolis	17,4	30,2	43,4	9,0	100,0
Porto Alegre	19,0	40,1	33,9	7,0	100,0
Cuiabá	17,7	36,1	38,3	7,9	100,0
Goiânia	16,1	39,8	31,1	13,0	100,0
Distrito Federal	17,8	39,9	26,1	16,2	100,0
Média	17,2	37,3	33,9	11,6	100,0
N.º Absoluto	780.539	1.694.571	1.540.593	525.705	4.541.408

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

A Tabela 2.3 indica que quase 85% dos alunos nunca migraram (mais de 3,9 milhões de pessoas), sendo o Rio de Janeiro e Porto Alegre as capitais com maiores proporções de alunos nesta situação – 89,6 e 88,4%, respectivamente. Vale destacar que os maiores índices de migração se localizam nas capitais da região Centro-Oeste, apresentando proporções superiores a 20%.

Tabela 2.3

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por condição de migração, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Condição de migração		
	Migraram de outras cidades	Nunca migraram	Total
Manaus	18,5	81,5	100,0
Belém	16,0	84,0	100,0
Fortaleza	16,3	83,7	100,0
Recife	16,2	83,8	100,0
Maceió	19,2	80,8	100,0
Salvador	14,8	85,2	100,0
Vitória	19,2	80,8	100,0
Rio de Janeiro	10,4	89,6	100,0
São Paulo	12,5	87,5	100,0
Florianópolis	17,9	82,1	100,0
Porto Alegre	11,6	88,4	100,0
Cuiabá	23,1	76,9	100,0
Goiânia	27,0	73,0	100,0
Distrito Federal	23,7	76,3	100,0
Média	15,3	84,7	100,0
N.º Absoluto	695.221	3.862.779	4.558.000

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

As informações sobre os tipos de família em que vivem os alunos encontram-se na Tabela 2.4 e mostram que a grande maioria – 68,3% – encontra-se em famílias de tipo tradicional, formada por pai/padrasto, mãe/madrasta e demais parentes. É na capital goiana que este tipo de arranjo familiar chega a atingir a proporção de 80% do universo amostrado de alunos, enquanto em Salvador este índice é de 59,9%.

O segundo tipo de arranjo familiar mais freqüente encontrado entre os alunos pesquisados é aquele formado apenas por um dos pais ou madrasta/padrasto, com quase 18% dos casos. Nesta situação, cabe destaque a Salvador e Distrito Federal, ambos com 20,7% dos alunos vivendo neste tipo de família. Florianópolis é a capital com menor índice deste tipo de família – 16%.

Tabela 2.4

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por tipo de composição familiar, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Tipo de composição familiar						Total
	Com pai ou padrasto e mãe ou madrasta e outros parentes	Só com mãe ou madrasta ou só com pai ou padrasto	Com outros parentes (1)	Com companheiro(a) ou marido/mulher ou filhos	Com pessoas que não são pais nem parentes	Mora sozinho	
Manaus	64,5	16,8	10,3	6,7	1,2	0,5	100,0
Belém	60,1	16,3	16,2	3,9	3,0	0,5	100,0
Fortaleza	61,3	16,7	13,4	6,3	1,8	0,5	100,0
Recife	66,0	19,3	9,5	4,0	0,5	0,7	100,0
Maceió	64,5	19,9	8,8	4,8	1,5	0,5	100,0
Salvador	59,9	20,7	11,7	5,9	1,1	0,7	100,0
Vitória	69,4	17,6	5,7	5,0	1,3	1,0	100,0

Tabela 2.4 (Cont.)

Capitais	Tipo de composição familiar						Total
	Com pai ou padrasto e mãe ou madrasta e outros parentes	Só com mãe ou madrasta ou só com pai ou padrasto	Com outros parentes (1)	Com companheiro(a) ou marido/mulher ou filhos	Com pessoas que não são pais nem parentes	Mora sozinho	
Rio de Janeiro	69,0	18,4	8,0	3,3	1,0	0,3	100,0
São Paulo	74,1	16,4	5,8	3,0	0,3	0,4	100,0
Florianópolis	73,2	16,0	5,7	3,1	1,0	1,0	100,0
Porto Alegre	70,5	19,5	5,8	3,2	0,4	0,6	100,0
Cuiabá	67,0	18,9	8,4	3,6	0,9	1,2	100,0
Goiânia	80,0	16,2	1,9	1,9	0,0	0,0	100,0
Distrito Federal	61,2	20,7	10,4	5,5	1,7	0,5	100,0
Média	68,3	17,9	8,4	4,0	0,9	0,5	100,0
Nº Absoluto	2.858.798	748.188	352.962	169.926	38.178	20.237	4.188.289

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

(1) Avós, tios, cunhados, primos.

A condição de trabalho e estudo é analisada na Tabela 2.5. abaixo. Três quartos dos estudantes dizem que apenas estudam (um contingente de quase 3,4 milhões de alunos). Em Recife, Vitória e Manaus, mais de 80% são apenas estudantes, enquanto a menor proporção de pessoas nesta condição é encontrada em Goiânia, com 62,6%. Aqueles que conjugam o trabalho com o estudo somam quase 22% do total de 988.721 alunos, dos quais 14,2% (pouco mais de 641 mil pessoas) se encontram em situação de trabalho permanente. Também aqui a capital goiana possui mais de um quarto dos alunos que, além de estudar, possuem um trabalho fixo.

Tabela 2.5

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por condição de trabalho e estudo, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Condição de trabalho e estudo				
	Trabalho fixo	Trabalho eventual	Desempregados	Só estudam	Total
Manaus	10,6	5,5	2,9	81,0	100,0
Belém	11,3	7,5	2,2	79,1	100,0
Fortaleza	18,5	6,8	2,9	71,8	100,0
Recife	9,4	6,1	2,6	81,9	100,0
Maceió	11,5	6,2	2,7	79,6	100,0
Salvador	14,5	8,9	3,4	73,1	100,0
Vitória	11,3	4,3	2,7	81,7	100,0
Rio de Janeiro	13,2	7,0	2,1	77,6	100,0
São Paulo	13,4	9,3	2,8	74,4	100,0
Florianópolis	19,0	6,6	2,0	72,4	100,0
Porto Alegre	15,5	7,3	2,4	74,7	100,0
Cuiabá	16,3	7,6	2,4	73,8	100,0
Goiânia	26,8	6,3	4,2	62,6	100,0
Distrito Federal	14,8	6,3	2,6	76,3	100,0
Média	14,2	7,7	2,8	75,3	100,0
N.º Absoluto	641.255	347.466	124.430	3.396.284	4.509.435

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Considerando somente os alunos que trabalham e estudam, percebe-se que quase 63% do total (Tabela 2.6) contribui para o sustento da família. Em Fortaleza, esta situação é mais aguda, sendo que 74,5% o fazem, enquanto a capital gaúcha possui o índice mais reduzido – 56%.

Tabela 2.6

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, que trabalham e estudam, por contribuição para o sustento da família, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Contribuem para o sustento da família		
	Contribuem	Não contribuem	Total
Manaus	69,9	30,1	100,0
Belém	66,1	33,9	100,0
Fortaleza	74,5	25,5	100,0
Recife	58,0	42,0	100,0
Maceió	69,4	30,6	100,0
Salvador	62,2	37,8	100,0
Vitória	68,3	31,7	100,0
Rio de Janeiro	57,0	43,0	100,0
São Paulo	60,4	39,6	100,0
Florianópolis	49,8	50,2	100,0
Porto Alegre	56,0	44,0	100,0
Cuiabá	65,1	34,9	100,0
Goiânia	65,1	34,9	100,0
Distrito Federal	60,7	39,3	100,0
Média	62,2	37,8	100,0
N.º Absoluto	592.947	359.978	952.925

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

As Tabelas 2.7 e 2.8 informam sobre os níveis de escolaridade de pais e mães de alunos. No caso dos pais (Tabela 2.7), observa-se que 29% dizem ter cursado o ensino médio, completo ou incompleto. Belém, Rio de Janeiro, Florianópolis e Porto Alegre são capitais que possuem índices bastante semelhantes – entre 35,7% e 34,1%.

Um quarto dos pais de alunos afirma possuir uma escolaridade situada entre a 5.a e a 8.a série do ensino fundamental. O destaque positivo cabe a Manaus, com 30,5% de pais nesta situação, enquanto o índice mais baixo é encontrado em Florianópolis, com 19%.

Em média, 20% dos pais das 14 capitais selecionadas têm ensino superior completo ou incompleto. Proporção similar se aplica ao caso dos que fizeram até a 4.a série do ensino fundamental. Finalmente, vale enfatizar que pelo menos quatro capitais (Maceió, Fortaleza, Distrito Federal e Manaus) possuem mais de 10% de pais que não estudaram.

Tabela 2.7

Alunos dos ensinos fundamental (5.ª a 8.ª série) e médio, por nível de escolaridade paterna, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Níveis de escolaridade paterna					Total
	Não estudou	Até a 4.ª série do ensino fundamental	Entre a 5.ª e a 8.ª série do ensino fundamental	Ensino médio completo ou incompleto	Ensino superior completo ou incompleto	
Manaus	10,5	21,0	30,5	28,6	9,4	100,0
Belém	6,5	18,3	27,8	35,7	11,7	100,0
Fortaleza	12,0	21,0	25,9	29,7	11,4	100,0
Recife	6,3	13,4	19,4	33,9	27,0	100,0
Maceió	12,5	21,0	22,5	27,5	16,5	100,0

Tabela 2.7 (Cont.)

Capitais	Níveis de escolaridade paterna					Total
	Não estudou	Até a 4. ^a série do ensino fundamental	Entre a 5. ^a e a 8. ^a série do ensino fundamental	Ensino médio completo ou incompleto	Ensino superior completo ou incompleto	
Salvador	9,4	19,1	23,9	32,8	14,8	100,0
Vitória	5,4	16,1	19,9	27,6	31,0	100,0
Rio de Janeiro	4,4	14,9	20,6	35,6	24,5	100,0
São Paulo	7,8	21,4	22,7	22,8	25,3	100,0
Florianópolis	8,7	17,8	19,0	34,3	20,2	100,0
Porto Alegre	4,0	14,7	27,7	34,1	19,5	100,0
Cuiabá	8,2	16,7	22,9	28,4	23,8	100,0
Goiânia	9,6	24,3	27,3	27,4	11,4	100,0
Distrito Federal	11,4	22,5	25,5	29,7	10,9	100,0
Média	8,1	19,4	23,7	29,0	19,8	100,0
N.º Absoluto	321.066	770.074	941.469	1.154.827	786.501	3.973.937

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

A Tabela 2.8 indica a escolaridade materna. Comparando-a com os dados da Tabela 2.7, conclui-se que são muito similares os índices apresentados por pais e mães, para todos os níveis de escolaridade.

Tabela 2.8

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por nível de escolaridade materna, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Níveis de escolaridade materna					Total
	Não estudou	Até a 4. ^a série do ensino fundamental	Entre a 5. ^a e a 8. ^a série do ensino fundamental	Ensino médio completo ou incompleto	Ensino superior completo ou incompleto	
Manaus	8,4	21,2	32,0	29,8	8,6	100,0
Belém	6,3	15,0	28,7	38,9	11,1	100,0
Fortaleza	9,6	22,5	28,3	26,8	12,8	100,0
Recife	7,0	14,1	22,5	32,1	24,3	100,0
Maceió	13,9	21,7	23,2	25,7	15,5	100,0
Salvador	9,2	17,8	24,5	33,5	15,0	100,0
Vitória	5,7	16,0	20,0	27,7	30,2	100,0
Rio de Janeiro	4,5	14,7	23,1	34,8	22,9	100,0
São Paulo	7,1	22,0	24,4	23,6	22,9	100,0
Florianópolis	8,2	17,8	23,1	35,3	15,6	100,0
Porto Alegre	3,1	14,9	30,0	36,7	17,3	100,0
Cuiabá	5,8	16,5	22,8	28,9	26,0	100,0
Goiânia	7,8	23,3	31,5	26,3	11,1	100,0
Distrito Federal	9,0	20,2	28,8	30,6	11,4	100,0
Média	7,3	19,3	25,5	29,3	18,6	100,0
N.º Absoluto	296.902	786.581	1.045.675	1.194.917	758.274	4.082.349

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

2.2. RELAÇÕES SOCIAIS PRIMÁRIAS E VALORES

Como dito anteriormente, considera-se que as atividades culturais, desportivas, de lazer e religiosas, bem como o relacionamento familiar e as interações com o grupo de amigos, são dimensões privilegiadas como referências básicas, espaços e vetores sociais que têm destaque na vida dos alunos. Contudo, não se pretende destacar a importância que cada uma das dimensões socializadoras, a seguir focalizadas, tem por si só dentro do debate sobre as drogas. Também não se pretende assumir que a família, os amigos, as atividades de lazer e o tipo de engajamento religioso sejam as únicas dimensões em que circulam os jovens.

A idéia implícita nesta análise é a defesa da importância de se conhecer as relações sociais estabelecidas pelos jovens, suas orientações e motivações, a fim de que seja possível melhor desenhar programas para os jovens e com eles, tais como os de prevenção ao consumo de drogas.

2.2.1. Atividades de lazer, culturais, desportivas e religiosas

A prática de esportes é mencionada pelos jovens como uma das principais fontes de lazer e de interação social. Isso é válido tanto para alunos de escolas públicas como para os de particulares e, principalmente, no caso dos jovens do sexo masculino: *Eu também jogo muito futebol. Assim, por exemplo, nas quartas e quintas, a gente joga vôlei das 2 horas às 5 horas da tarde. Jogamos esse tempo todo. Faz alongamento. Faz um monte de coisa. É legal.* Constata-se, por meio dos depoimentos, que esta é uma das atividades mais presentes no cotidiano dos alunos, na maioria das vezes realizadas com o grupo de amigos:

Na nossa realidade, aqui da nossa comunidade, o meio que eles usam pra se divertir é o skate, carrinho de rolimã, é bola, bicicleta. São os meios que eles usam para se divertir. É o que eu percebo que eles fazem no final de semana. (Entrevista com diretora, escola privada, Distrito Federal)

Professores, diretores, além de outros membros do corpo técnico-pedagógico, também reconhecem o esporte, em especial o futebol, como uma atividade à qual os jovens atribuem uma grande importância, um meio para adquirir e preservar amigos e manter o grupo unido:

É. O principal deles sempre é a bola. Jogar futebol. (Grupo focal com professores, escola pública, Porto Alegre)

Tem grupos que participam de atividades esportivas. Time de futebol, natação, grêmios estudantis também. E tem um desenvolvimento melhor. Os que sabem conviver em grupo, que vivem em grupo. (Grupo focal com professores, escola pública, Florianópolis)

Considerando as atividades de lazer, cerca de 60% dos estudantes afirmam praticar algum esporte, como pode ser observado na Tabela 2.9. É interessante perceber que essas atividades mantêm uma relação inversamente proporcional com a idade: adolescentes de 10 e 15 anos praticam muito mais esportes do que aqueles na faixa de 18 anos ou mais. Isso pode ser explicado, possivelmente, pelo envolvimento de muitos, entre os mais velhos, com atividades de trabalho remunerado.

Constata-se que a maioria dos alunos (79,3%) declara algum tipo de participação em atividades culturais. Segundo a distribuição etária, percebe-se que a participação é mais frequente na faixa de 10 a 18 anos.

Tabela 2.9

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixa etária, segundo tipos de diversão, 2000 (%)

Tipos de atividades	Faixas etárias				
	10 a 12	13 a 15	16 a 18	19 a 24	Total
Atividade cultural (1)	78,9	80,9	79,9	73,2	79,3
Atividade esportiva (2)	70,9	64,9	54,5	42,2	59,8
Vai à igreja	31,3	31,8	33,4	36,4	32,8
Frequenta boates	9,1	24,3	36,0	25,8	25,8
Frequenta bares	2,6	8,2	18,7	22,6	12,5

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *O que é que você faz para se divertir?*

(1) Inclui: vê televisão; vê filmes, em videocassetes; vai ao cinema; lê livros ou revistas; ouve música.

(2) Vai a clubes recreativos; joga bola; pratica esportes.

É também considerável a proporção de alunos que participam de atividades religiosas – ainda que em menor proporção dos que praticam atividades culturais e esportivas: 32,8% afirmam frequentar a igreja. Ao contrário da relação estabelecida entre faixa etária e prática de esportes, neste caso pode-se perceber que a prática religiosa assume uma relação diretamente proporcional com a idade, crescendo na faixa de 19 a 24 anos (36,4%) em relação às mais novas (e.g. 31,3% entre os de 10 a 12 anos).

Cerca de 26% dos alunos pesquisados afirmam frequentar boates. Esta é uma atividade mais comum para adolescentes na faixa dos 16 aos 18 anos. Em relação à frequência a bares, constata-se que ela está presente na vida de 12,5% dos alunos. Como era de se esperar, a frequência a bares aumenta segundo a idade. Tal prática tem representação inferior à observada para

outras atividades e aparece de forma mais expressiva, entre os mais velhos (19 a 24 anos).

Considerando a análise, segundo o sexo dos jovens (Tabela 2.10), chega-se à conclusão de que a participação em atividades culturais e religiosas é mais freqüente no sexo feminino, enquanto a prática esportiva é mais disseminada no sexo masculino. As boates e os bares são locais freqüentados igualmente por jovens de ambos os sexos.

Tabela 2.10

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo atividades de diversão, 2000 (%)

Tipos de atividades	Sexo		Total	
	Masculino	Feminino		
Atividade cultural (1)	73,3	84,6	79,3	79,3
Atividade esportiva (2)	78,4	43,3	59,7	59,8
Vai à igreja	27,0	37,7	32,7	32,8
Freqüenta boates	25,1	26,5	25,9	25,8
Freqüenta bares	14,1	11,2	12,5	12,5

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *O que é que você faz para se divertir?*

(1) Inclui: vê televisão; vê filmes, em videocassete; vai ao cinema; lê livros ou revistas; ouve música.

(2) Vai a clubes recreativos; joga bola; pratica esportes.

Alunos de escolas públicas e privadas participantes dos grupos focais, quando questionados sobre o que fazem em seu tempo livre, enfatizam o hábito de escutar música: *Eu só gosto de ouvir música mesmo*, o que pode estar vinculado a outras atividades, tais como as obrigações domésticas: *Coloco o rádio bem alto e vou varrer a casa*.

Dentre as preferências musicais, citam o rap, o pagode, o samba, o rock e a música eletrônica: *Você sabe o que o pessoal lá de casa diz quando o pessoal ouve o barulho do som? Diz assim: "A louca chegou". Porque, assim que eu chego em casa, zupt no último volume.*

O hábito de escutar música não se restringe apenas ao ambiente doméstico, invade também outros espaços e interfere na rotina escolar, segundo membros do corpo técnico-pedagógico: *Eles gostam de música. Às vezes, eles entram e não querem assistir aula. Eles querem ouvir música funk. Eles contam dos bailes, que eles gostam muito.*

Segundo alguns professores, a música para os jovens é um meio de expressão, uma forma de exteriorizar seus anseios: *Eles gostam muito de rap. É a expressão que eles têm. É o jeito da manifestação deles de colocarem para fora seus anseios.*

Quanto à leitura, vários alunos ressaltam que lêem *tudo, tudo o que passa na minha frente; inclusive Camões*. Os jornais, revistas em quadrinhos e revistas informativas, são os mais citados:

Eu gosto de revistas. Leio a Veja, Caras, Isto é. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)

Revista. Assim, toda semana chega revista Veja lá em casa. Aí, um assunto que chama atenção, que sempre trás debate para gente, é um assunto polêmico. (Grupo focal com alunos, escola pública, Manaus)

Jornal, eu leio todos os dias. (Grupo focal com alunos, escola pública, Distrito Federal)

Para alunos com hábito de leitura, os temas mais interessantes estão relacionados à sexualidade: *Revista que fala sobre sexo e outras coisas da adolescência; DST, HIV, Aids, doenças, para sempre estar prevenido. É isso que eu gosto de ler, sobre drogas e histórias de*

vida. Normalmente lêem sobre temas que dizem respeito à adolescência, às transformações biopsicológicas ou que poderão informar mais sobre assuntos objeto de sua preocupação.

Existe também interesse pela leitura religiosa: *Eu só procuro [ler] quando tô com vontade de pegar na Bíblia; eu leio bastante. Há pouco tempo, eu tava lendo um livro sobre anjos cabalísticos; eu gosto de ler alguns livros de Ciências Proibidas. Sobre espiritismo.*

O hábito da leitura passou a estar presente em suas vidas, segundo os alunos, da escola, mas sobretudo a partir da influência de outras pessoas. O estímulo vem, geralmente, de algum familiar: *Meu pai faz a gente ler bastante. Ele não gosta muito de televisão. Ele fala que tem que ler mais.*

Porém, para muitos alunos, a leitura não faz parte do seu repertório de motivações: *Eu só leio quando preciso.* O fato de não gostar ou de ler só quando necessário são algumas das justificativas para a ausência deste hábito:

Eu não leio nenhum livro! Dá uma vontade enorme de ir para o quarto dormir. Uma vontade enorme de ir pra cama.
(Grupo focal com alunos, escola privada, Cuiabá)

Eu não gosto de ler. Eu gosto de dançar. A minha mania é dançar. (Grupo focal com alunos, escola pública, Belém)

Para alguns alunos, as horas livres para o lazer são poucas em virtude da necessidade de conciliar trabalho com estudo:

Para mim, é um pouco difícil. Final de semana, eu ia ao cinema e assistia um filme. Ia ao shopping. Mas fica meio difícil para colocar as duas coisas em prática. Chega final de semana, tem que estar com a cara no livro. Dia de semana, tem prova e tem estágio. Quando tem um tempinho, a gente vai ao cinema.
(Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)

Quase não dá para se divertir, é muito difícil. Porque vou para o trabalho, acordo às cinco da manhã, saio umas cinco e meia e vou para o trabalho. Chego umas seis e meia, sete horas, já pego só os cadernos, estou indo para escola. No sábado, trabalho até as cinco da tarde, seis horas. Chega no domingo, tem trabalho de casa. Para você ver que não tem como. É muito difícil. (Grupo focal com alunos, escola pública, Belém)

Mas, segundo alguns professores, há uma preferência por outras atividades que não aquelas de cunho cultural, como beber com os amigos: *Para os alunos do noturno, a cervejinha no final de semana é muito mais importante do que ir a um teatro, a um cinema.*

Os locais mais freqüentados pelos jovens em suas horas de descontração são shoppings e festas: *Eu gosto de ir ao shopping. Para festa, boates, cinemas, bares e shows.* Esses lugares, muitas vezes, funcionam como ponto de encontro para os jovens conversarem e dançar:

Eu, às vezes, quando estou em casa, saio pra ir à praia. Algum shopping. Na casa dos pais. Passear pra não virar rotina. (Grupo focal com alunos, escola pública, Fortaleza)

Eu acho que eles vão a boates, a discotecas, bares. Eu acho que os jovens se divertem da mesma maneira de sempre, né? Acho que é por aí. Acho que eles se encontram, eles têm os pontos de encontro deles. Onde eles encontram, conversam, batem papo, dançam. (Entrevista com diretor, escola privada, Rio de Janeiro)

No entanto, para um grande número de entrevistados, o lazer é limitado a um reduzido leque de atividades. A falta de opções de lazer, muitas vezes, é conseqüência da falta de recursos financeiros. Segundo membros do corpo técnico-pedagógico de

escolas públicas, esta é uma razão para que os jovens sintam uma sensação de vazio: *Eu percebo que muitos dos adolescentes, esses de 13 anos para baixo, 14, não encontram lugar para passar o fim-de-semana. Há muito vazio na vida deles. Por isso, muitas vezes, buscam diversão na bebida: É normal entre os jovens, por falta de opção, beber cachaça, pagode e futebol.* Outras formas de diversão que não necessariamente demandam gastos são, de acordo com diretores e professores, o namoro e atividades públicas de caráter cultural, como as gincanas organizadas pelas escolas:

Olha, nosso jovem é aquele jovem bem carente, de periferia. A diversão deles é bem restrita. Quando eles chegam na adolescência, eles sempre vão aos sons, esses sons que eles organizam. Mas, a infância deles, praticamente, não tem nenhum tipo de diversões. Só aqueles que são patrocinados na escola como a gincana, como muito lazer, como muitos passeios que a gente organiza, de socialização. No restante, eles não têm acesso nenhum. (Entrevista com diretor, escola pública, Distrito Federal)

Aqui, eu acho que eles não têm muita opção não. Fica mais restrito mesmo ao namoro. Eu acho que há dificuldade até mesmo de condição econômica. (Entrevista com vice-diretora, escola pública, Distrito Federal)

Algumas atividades de lazer preferidas pelos jovens são vistas de forma preconceituosa ou pejorativa por alguns diretores entrevistados. Eles as classificam como pouco produtivas e, até mesmo, como espaços em que não encontrarão nada que valha a pena:

Exatamente, eles não têm opções. A prefeitura fez uma pesquisa conosco, por conta dessa onda de criminalidade essa coisa toda. Todo mundo falou a mesma coisa. O que ele tem para fazer? A ociosidade leva aos maus pensamentos, não tem jeito. Então,

no baile funk, eles não vão encontrar nada que presta. No pagode também tem muita coisa que não vale a pena. Mas não tem opção. (Entrevista com diretor, escola pública, Vitória)

Considerando o reduzido leque de alternativas para os jovens oriundos de famílias pobres, a religião toma, em alguns casos, o sentido de uma opção de lazer. Mas este é um dos múltiplos sentidos da religião na vida dos alunos e, muitas vezes, vários sentidos se combinam. De fato, como indicam vários depoimentos, a religião pode ser uma referência de lazer e sociabilidade, ou seja, uma forma de estar com amigos, ser parte de uma comunidade de idéias e valores: *Eu tenho saído com meus colegas para a igreja mesmo.*

Por meio da igreja, esses alunos realizam atividades de cunho social nas comunidades onde moram, ajudando pessoas e instituições, meninos de rua, portadores de deficiências físicas e auditivas:

Eu, uma vez por semana, ajudo no projeto que tem na igreja. O projeto é pastoral do menor, que ajuda crianças que vivem na rua. (Grupo focal com alunos, escola pública, Vitória)

O grupo de jovem que eu participo é sábado. A gente organiza festas pra arrecadar fundos pras instituições que não têm condições. É um grupo católico. A gente faz festas dentro do grupo, mas não é assim um dia à noite. Acaba assim, tem um limite de horário, só assim. É um grupo comportado. (Grupo focal com alunos, escola pública, Porto Alegre)

Eu também vou pra igreja sempre que tem atividades. Eu estou num grupo que trabalha com excepcionais, surdos e mudos. Aí, a gente está sempre na igreja. Sábado. Domingo. (Grupo focal com alunos, escola pública, Florianópolis)

Alunos ressaltam que a religião os distancia das coisas ruins que acontecem, da violência, da droga. Enfatizam, também, que a religião atua principalmente no direcionamento do comportamento e na formação dos jovens:

É importante, eu acredito também, porque você crê. Você tem fé e nenhuma religião ensina errado. Então, a gente se baseia sempre nas coisas certas e ela te leva. Você impõe limites, principalmente, para as coisas do mundo, que são os pecados que nós sabemos que é o que leva o homem para o fim da sua vida. Então, religião, hoje, eu acredito que a família, com a religião, seria o modelo de família para um mundo melhor. (Grupo focal com alunos, escola pública, Belém)

Observaram ainda que, depois do ingresso em movimentos religiosos, tiveram mudanças em sua vidas no plano do imaginário, na sua visão de mundo e em termos comportamentais:

Me divertir, antigamente, eu curtia muito por aí. Mas, quando terminava aquela curtição toda, eu estava quebrado. Aí, eu vi que não era por aí. Aí, todo sábado vou para igreja. Quando chego em casa alegre, não é mais aquela alegria passageira. (Grupo focal com alunos, escola pública, Manaus)

Importante. Porque a partir do momento que gente descobre que uma pessoa deu a vida para a gente, a gente passa a dar valor. Por que eu era uma pessoa assim muito desligada, muito desligada da vida. Meus problemas, hoje eu tenho, mas a partir do momento que eu entrei nessa igreja, não me preocupo mais com isso. Eu só vivia em angústia. Só vivia amargurado pelos cantos. Hoje, não. (Grupo focal com pais, escola pública, Belém)

A religião vem ganhando mais espaço na vida dos alunos, observam membros do corpo técnico-pedagógico de escolas públicas:

Olha, por incrível que pareça, tem um bom número de jovens que têm-se voltado mais para a religião ultimamente. Eu tenho lá um bom número de moças que são de igrejas evangélicas, assim como eu tenho um bom número de moças que estão fazendo catecismo. (Entrevista com diretor, escola pública, Belém)

De fato, é alta a proporção dos que declaram ter alguma religião (87,7%), sendo mais expressivo entre estudantes do sexo feminino, como mostra a Tabela 2.11, a seguir. Entre os alunos entrevistados 32,8% dizem que vão à igreja (ver Tabela 2.9).

Tabela 2.11

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo possuir ou não religião, 2000 (%)

Possuem ou não religião	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Possuem	84,2	90,8	87,7
Não possuem	15,8	9,2	12,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Qual a sua religião?* (marque uma só resposta)

No que toca à filiação religiosa, os dados da Tabela 2.12 mostram que os católicos são maioria entre os alunos (62,3%). Não menos importantes são os que assumem ser evangélicos (17,5%) e os que declaram não ter nenhuma religião (12,3%), correspondendo a 560.609 alunos.

Tabela 2.12

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por freqüências, segundo tipo de religião referida, 2000

Tipo de Religião	Frequências	
	%	N ^{os} Absolutos
Católica	62,3	2.830.448
Evangélica	17,5	796.326
Nenhuma	12,3	560.609
Espiritualista	3,6	161.986
Outra	3,5	159.187
Protestante	0,8	37.579
Total	100,0	4.546.135 (1)

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Qual a sua religião?* (marque uma só resposta)

(1) Do universo amostrado de alunos, 87.166 não responderam a questão.

Quando questionados sobre valores acerca da religião, 54,8% dos alunos, especialmente do sexo feminino, opinam que esta é importante e que pautam suas condutas segundo os preceitos nela difundidos (ver Tabela 2.13). Outros, 39,6%, optaram pela alternativa *é importante, mas proíbe coisas demais*, incluída no questionário. Isto sugere que existe uma postura crítica em relação à religião de muitos que declaram ter uma. Vale ressaltar que 5,6% têm uma visão negativa: para estes, *religião é uma chatice, não tem nada a ver com a realidade*.

Tabela 2.13

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo opinião sobre religião, 2000 (%)

Opinião sobre religião	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Uma chatice, não tem nada a ver com a realidade	7,8	3,6	5,6
É importante, mas proíbe coisas demais	41,1	38,4	39,6
Muito importante e você age de acordo com ela	51,1	58,1	54,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Na sua vida prática, como você considera a religião?* (marque uma só resposta).

2.2.2. Relacionamento familiar

A maneira como jovens e pais se relacionam reflete no comportamento cotidiano e na vida de ambos. A proximidade ou distância, o diálogo, a presença ou ausência dos pais, a proibição ou a permissividade são fatores que influenciam os jovens na definição de sua escala de valores e formas de inserção social.

Contrariando a visão recorrente sobre as relações familiares e os estereótipos que muitos professores explicitam em seus discursos, os jovens, em sua maioria, "protegem" os pais, afirmando que são ajudados e escutados por eles. A opinião sobre a convivência familiar varia desde a atenção e o diálogo, às brigas, aos conflitos e à desvalorização, refletindo a diversidade de interações que ocorre entre pais e filhos.

Como se observa na Tabela 2.14, constata-se que, para a maioria dos alunos pesquisados, os pais são atenciosos e carinhosos (62,4%) e companheiros quando seus filhos passam por problemas (68,1%). De acordo com 39,3% deles, os pais participam de suas vidas. Também faz parte da relação entre pais e filhos, o cumprimento de obrigações e deveres, uma vez que 73,4% dos alunos afirmam que seus pais impõem certos limites e 25% deles dizem que são orientados a cumprir regras impostas pelos pais.

Entretanto, são significativas as proporções que evidenciam um comportamento permissivo por parte de alguns pais. Uma parcela considerável dos alunos assume que os pais fazem todas as suas vontades, comprando o que eles querem (18,6%) e os deixam fazer o que pensam que podem (10%).

Cabe ressaltar que, apesar de uma certa idealização, existem, também, comportamentos e situações de conflito no ambiente familiar. Do total de estudantes pesquisados, 11% afirmam que os pais discutem com eles sem motivo aparente e 5,9% têm a sensação de que seus pais não os valorizam, não lhes dão oportunidades, deixando implícita, em seus discursos, a falta de diálogo e de relações amistosas na família.

Tabela 2.14

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, segundo opinião sobre relacionamento com os pais, 2000 (%)

Opinião dos alunos sobre o relacionamento com os pais	
Os pais proíbem algumas coisas	73,4
Os pais ajudam seus filhos quando estes têm problemas	68,1
Os pais são amigos e dão carinho	62,4
Os pais sabem o que acontece com os filhos	39,3
Os pais exigem que os filhos cumpram regras	25,0
Os pais dão tudo o que os filhos querem	18,6
Os pais brigam muito com os filhos sem motivo	11,0
Os pais geralmente deixam os filhos fazer o que querem	10,0
Os pais proíbem demais	7,8
Os pais não dão valor, oportunidades a seus filhos	5,9

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Geralmente, como seus pais tratam você? (deixam você fazer tudo o que quiser; proíbem algumas coisas; proíbem demais; são amigos e dão carinho; brigam muito com você, sem motivo; não te dão valor, oportunidade; exigem que você cumpra regras; dão tudo o que você quer; sabem o que acontece com você; se você tiver problema, te ajudam)* (marque todas que forem verdadeiras)

Apesar da complexidade das relações entre pais e filhos, os jovens ressaltam, nos grupos focais, em um primeiro momento, os aspectos positivos de seu relacionamento, enfatizando a importância da família para a formação deles. Pais de alunos de escolas públicas valorizam o diálogo familiar. A participação da família na vida dos alunos é percebida como essencial, uma vez que a consideram como sua base, *seu porto seguro: Esse negócio aí de família, tem que ter. Se não, tipo assim... A família é a base de tudo. Se você tiver para cair, ela te segura.*

Vários entrevistados consideram que o fato de a família manter uma relação de carinho e comprometimento com os filhos pode ser um diferencial no momento em que o jovem decide se entra ou não nas drogas: *Então, se você não tiver um pai, uma mãe ali, tiver um carinho, uma força, muitas vezes, você vai entrar em droga. Tipo assim, tentar preencher aquele vazio que fica.*

Alguns alunos afirmam que conversam com os pais sobre todos os assuntos, quando estes demonstram atitudes carinhosas e de consideração para com eles. Dependendo do tipo de relacionamento, podem perguntar, tirar dúvidas, mesmo em situações em que se sentem constrangidos:

Minha mãe sempre troca idéias comigo, com os meus irmãos. Ela fala sobre sexo, sobre tudo. Droga, tudo, tudo. Ela confia na gente demais. Ela fala que a partir daquele momento que fez coisa errada (...) Porque tudo que eu faço, se eu agarrei um guri, se fiz aquilo, eu conto tudo para minha mãe. Ela falou: "A partir daquele momento que você mentir para mim" ela não confia mais em mim, perde totalmente a confiança. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)

Depende como você se relaciona com seus pais. Porque eu tenho uma relação com a minha mãe e com meu pai. Eu converso normalmente. Eu pergunto, eu tiro minhas dúvidas. Eu posso estar morrendo de vergonha, mas eu estou lá perguntando. (Grupo focal com alunos, escola privada, Belém)

Os alunos, quando questionados sobre a existência de diálogo na família, afirmam que se sentem à vontade conversando com os pais, principalmente quando estes os compreendem: *Ah, meu pai tem a maior moral comigo. Entende o que eu falo.*

A família, nestes depoimentos, aparece como a referência básica. Essa percepção também reflete, de certa forma, uma mudança de comportamento da família, dando indícios de uma maior abertura para o diálogo. Quando os jovens necessitam esclarecer dúvidas e obter informações sobre assuntos diversos, a mãe é uma figura de referência no aconselhamento sobre que atitudes tomar:

Eu sou criada assim. Desde pequena, a minha mãe sempre tenta fazer a gente conversar. Eu sento com ela. Abro tudo com ela e ela não é ignorante comigo. Ela quer me pôr no caminho certo. Todas as mães querem isso. Todos os pais querem isso. Ela me conta, ela me fala o que é para mim fazer, qual é a atitude que eu tenho que tomar, ela fala para prevenir. Ela não é ignorante. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)

Quando questionados sobre o que é conversado em casa, os alunos afirmam que não há limites e dizem até discutir sobre drogas e sexualidade com os pais: *Não, lá em casa tudo é livre. A gente conversa sobre sexo. O que a gente faz na rua, está entendendo? Tudo a gente conversa. Não tem nada restrito, não! Eu tiro brincadeira com a minha mãe, tiro brincadeira com o meu pai.* E, segundo alguns depoimentos, os pais aproveitam as notícias do

dia-a-dia para entrar nesses assuntos: *Falar assim sobre esses assuntos, eu geralmente procuro uma deixa pra entrar, sabe? Eu sempre procuro as oportunidades pra entrar nos assuntos. Mas, não tem nada proibido pra falar não.*

Alguns alunos afirmam que, quando têm problemas sérios, recorrem aos pais, justamente por se sentirem protegidos no ambiente familiar e com possibilidade de diálogo: *Nas horas mais importantes eu converso com meu pai e minha mãe.*

Apesar de alguns alunos se sentirem mais à vontade com os amigos, para eles a melhor fonte de informação ainda é a família: *A gente troca muita idéia. Eles me falam o que aconteceu de errado. O pai é visto como o grande amigo: É muito difícil encontrar um amigo assim, aquele que escuta e aconselha: "Olha, você fez isso errado, da próxima vez você não faça isso".*

De fato, enfatizam que, nas horas difíceis, os pais é que são os verdadeiros amigos, como pode ser constatado na tabela apresentada anteriormente (ver Tabela 2.14). Para os jovens, é com os pais que eles podem contar em qualquer situação, de forma incondicional: *Já confiei muito em pessoas. Aí, depois, me traíram. Os verdadeiros amigos mesmo, para todas as horas, são pai e mãe.*

A família é considerada, por muitos, como mais importante que os amigos: *Eu conto para minha mãe, que é a melhor das minhas melhores amigas. A família é mais importante do que os amigos. Faz parte da vida da gente, do sangue mesmo, está ali com você todos os dias. O amigo não. Você conhece em qualquer canto.*

Para os pais, a relação com os filhos deve ser de cumplicidade, de amizade, de confiança, assumindo que a verdadeira amizade está na família e que, por isso, o apoio deve ser buscado em casa: *Tudo eles passam pra mim. Eu os criei assim. Conversava muito com eles, sabe? "Olha, não quero que esconda nada de mim. Eu quero ser a primeira, em tudo, a saber".*

Os pais admitem que um bom relacionamento reflete positivamente no comportamento dos jovens, principalmente no que toca ao uso de drogas: *Eu acredito que isso segura um pouco. Não que o meu filho vai ser o melhor, vai ser o santo. Ele pode um dia querer experimentar [drogas] e ir na onda. Mas, acredito que isso segure muito.*

No plano da pesquisa qualitativa, percebe-se que a tendência é a de que pais e filhos desenvolvem relações positivas e de diálogo. Mas chama a atenção que 373.876 alunos, o que corresponde a 8,1% do total, respondem que os pais têm comportamento violento, como pode ser visto na Tabela 2.15 a seguir.

Quando questionados sobre suas conversas a respeito de problemas em momentos de desentendimento, a maioria (60,4%) afirma que os pais se mostram abertos ao diálogo (ver Tabela 2.15). No entanto, 28,3% asseguram que, nessas circunstâncias, os pais não conversam sobre as razões do desentendimento, mas também não agem de forma violenta.

Tabela 2.15

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, segundo opinião sobre relacionamento com os pais em situações de desentendimento, 2000 (%)

Opinião sobre relacionamento com os pais em situações de desentendimento (%)	
Os pais conversam sobre o problema	60,4
Os pais não são violentos, mas não ouvem os filhos	28,3
Os pais assumem um comportamento violento	8,1

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
Foi perguntado aos alunos: *Quando você e seus pais se desentendem, o que costuma acontecer? (você conversa sobre o problema; eles brigam, xingam, são violentos com você)* (marque todas que forem verdadeiras)

Embora os relatos apresentados anteriormente enfatizem o bom relacionamento na família, constatou-se, também, em outros depoimentos, que muitos jovens acentuam suas críticas às relações familiares. Foi verificado nos grupos focais que, para alguns alunos, há dificuldades em dialogar: *Eu moro com ela. Eu não converso com ela.* Muitas vezes, essa situação não se deve à falta de iniciativa do aluno em tentar conversar com os pais, mas porque os próprios pais não incentivam a prática do diálogo, o que faz com que os filhos se sintam pouco à vontade em dar o primeiro passo.

Não raras vezes, os alunos demonstram angústia com essa falta de diálogo, pois têm a expectativa de que seus pais os ouçam e os orientem sobre questões de seu cotidiano, como sexo e drogas, como pode ser observado nos depoimentos a seguir:

Eu não digo nada, eu fico calada. Mas, se eu perguntar alguma coisa para ela, ela muda de assunto, de caminho. Ela não gosta de falar, de jeito nenhum. E o pior é que eu só posso contar com ela. Esse é o pior. (Grupo focal com alunos, escola pública, Belém)

Lá em casa não. Quer dizer, meus irmãos e eu conversamos. Mas a minha mãe não. Minha mãe não conversa sobre o que acontece na rua. Isso e aquilo outro. (Grupo focal com alunos, escola pública, Belém)

Para alguns alunos, o diálogo se torna ainda mais difícil em função da relação unilateral e autoritária, baseada na hierarquia, que alguns pais têm com os filhos: *É difícil falar alguma coisa com eles. É difícil, mesmo porque meu pai ele é bem teimoso. Vai falar uma coisa para ele, ele não dá o braço a torcer.*

Além disso, vários alunos enfatizam que a falta de compreensão e de carinho é um obstáculo no relacionamento com os

pais. Aliados ao medo e à desconfiança, esses fatores fazem com que os jovens sonhem com uma relação diferente, em que os pais dêem apoio – afinal, eles também já foram jovens. Para esses estudantes, os pais são importantes para a superação de seus problemas e eles mostram que se sentem desamparados para enfrentar problemas de uma sociedade complexa:

O que eu mudaria é a relação com minha mãe. Eu acho que ela devia ser um pouco mais minha amiga e tentar me entender. Porque, um dia, ela foi adolescente que nem eu. Um dia, ela passou por problemas. Então, eu queria que ela me entendesse. Eu queria que ela me ajudasse a superar porque a gente passa por tantas coisas. E a gente com a mãe da gente do lado, conversando com a gente, é como se a gente pudesse passar pelas coisas com mais facilidade. E eu queria. Se eu tivesse que mudar, eu mudaria um pouco mais a relação que eu tenho com ela. (Grupo focal com alunos, escola pública, Belém)

Ah, a minha mãe, sei lá, é muito grossa. Eu tenho medo de falar. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá).

Vale destacar que membros do corpo técnico-pedagógico das escolas tendem a acentuar críticas ao papel da família na formação ético-existencial dos filhos. Eles consideram que poderia existir mais investimento em diálogo sobre temas relativos ao comportamento e na transmissão de uma segurança afetiva aos jovens.

Neste estudo, percebe-se que existe um conflito entre escola e família no que diz respeito aos espaços de formação e de amparo afetivo dos jovens. Isso é particularmente perceptível no debate sobre os valores e a educação para a vida: nessa situação, é lugar-comum ocorrer uma disputa entre a escola e a família, assim como uma transferência de responsabilidade entre as duas instâncias.

Segundo a visão dos integrantes do corpo técnico-pedagógico, temas como drogas e sexualidade acabam sendo discutidos com os amigos ou com os professores porque, em casa, os alunos não vêem a possibilidade de isso acontecer. Dentre as explicações, estaria a vergonha que os pais sentiriam ao abordar esses assuntos: *Os pais têm muita vergonha de falar com os filhos sobre sexualidade e sobre o uso de drogas.* Ou, até mesmo, ao despreparo dos pais para fazer esse tipo de abordagem.

Diretores e demais membros do corpo técnico-pedagógico afirmam que percebem que existe falta de diálogo no seio da família quando conversam com os alunos e seus pais: *A gente sente, pelo que a gente conversa com eles, que não tem muito diálogo na família. A própria família, às vezes, não dá essa abertura. Eles não têm essa disponibilidade para sentar e conversar e dialogar com os filhos.*

Integrantes do corpo técnico-pedagógico reconhecem que, em relação às drogas e outros temas, o problema não é chegar e contar. O problema é a mãe e o pai aceitar. Muitas vezes, os pais chegam a agir com ignorância, e isso só contribui para aumentar o problema: *O que a gente conhece da maioria dos pais é que eles não conseguem ouvir a criança. O pai não consegue. Ou ele parte a para ignorância, sabe? É o que é mais comum da gente ver aqui.*

Desta forma, os filhos vão buscar soluções para seus problemas junto aos amigos, à escola e à vizinhança. A ausência da família acaba se refletindo no comportamento dos alunos na escola e esta acaba por assumir um papel que, na avaliação dos membros do corpo técnico-pedagógico, deveria caber aos pais:

Hoje em dia, apesar da liberdade que se tem, o jovem não conversa muito com a família. Os pais estão se distanciando muito de seus filhos. O jovem acaba ficando carente e querendo um apoio fora, como, por exemplo, a escola, os amigos, os grupos.
(Entrevista com diretor, escola privada, Belém)

Além do mais, também, existem os problemas de convivência familiar que refletem no ambiente escolar, levando os alunos a agir com rebeldia e revolta:

Reflete na escola. Porque, a maioria, não vou dizer todos, existem exceções, mas a maioria tem problemas em casa. Não tem um lar equilibrado. Então, tem muitas dificuldades no lar e isso reflete aqui no comportamento, na disciplina em tudo. (Entrevista com diretora, escola pública, Distrito Federal)

A omissão da família também é vista como problemática pelo corpo técnico-pedagógico das escolas. O fato de os pais passarem cada vez menos tempo com seus filhos, em função da concorrência do mercado de trabalho e das necessidades de sobrevivência, o tempo livre para o diálogo se torna limitado:

Existe uma ausência muito grande dos pais, até pela luta pela sobrevivência, pelas dificuldades de conseguir emprego. Existe uma dificuldade muito grande. Às vezes, a intenção é muito boa, mas não existe a possibilidade de conversar. (Grupo focal com professores, escola pública, São Paulo)

A falta de tempo dos pais para acompanhar e colaborar na educação dos filhos também é objeto de crítica por parte de alunos, do corpo técnico-pedagógico e dos próprios pais. De acordo com esses atores, a família não está orientando bem os filhos. As ocasiões em que, normalmente, pais e filhos se encontram (como as refeições) praticamente não existem mais:

Eu acho que eles [os alunos] não conversam o tanto que eles queriam conversar e nem o tanto que os pais queriam que eles [os pais] conversassem. É interessante porque, para as duas partes teriam mais abertura para conversar, mas a questão do tempo... (Grupo focal com professores, escola privada, Porto Alegre)

Há falta de tempo dos pais, falta de convívio. Pais que saem para trabalhar. E a falta de ligação que há entre um e outro. Antigamente, os pais não saíam para trabalhar. Sempre estavam ali juntos, com os filhos. Hoje, está todo mundo lutando pela vida. Às vezes, o pai trabalha à noite, a mãe trabalha de dia, o filho trabalha em um turno e estuda no outro. Então, há sempre um desencontro. (Entrevista com diretor, escola pública, Salvador)

A família é uma instituição em que ocorrem trocas; é um espaço privilegiado de relacionamento social no processo de modelagem de personalidades. Mas, ao mesmo tempo, é um lugar de conflitos e tensões. Esta é a família real e, no entanto, poucas instituições são mais idealizadas do que a família.

Nos discursos analisados nesta pesquisa, são comuns os registros de uma visão culpabilizante, de crítica às assimetrias entre o que se espera da família e os limites dela. Dessa forma, a família é responsabilizada por muitos dos males da sociedade. Os pais são culpados por não disponibilizarem tempo, por não controlarem seus filhos e por não colocarem os devidos limites ou, contraditoriamente, por serem autoritários, controladores e repressivos. Há uma idealização do modelo de família nuclear.

Para o corpo pedagógico das escolas públicas, os pais estão tentando compensar e suprir sua ausência, a falta de atenção e de carinho com um excesso de liberdade. A educação não está sendo assumida no ambiente familiar, afirmam diretores e funcionários das escolas entrevistados. Muitas vezes, os pais não conhecem o cotidiano dos filhos e não sabem o que eles fazem durante o dia. E essa informação não é cobrada deles:

Na maioria dos casos [os pais não estabelecem limites]. Principalmente esses pais daqui que eu falei para você. Que os pais deles passam a maioria do tempo fora e que os alunos daqui, os filhos deles, ficam soltos aí em casa e na rua. Então,

fica difícil dos pais colocarem limites. Eles passam a fazer o que eles querem. (Entrevista com diretor, escola pública, Cuiabá)

Segundo professores, ao se sentir solto, o jovem começa a buscar alternativas à falta de acompanhamento familiar, o que pode ser a porta de entrada para o envolvimento com drogas, entre outras possibilidades:

É isso que a gente tem percebido em relação à adolescência. O período da adolescência está em transformação. O jovem está em transformação. Se ele não tiver um limite, aí ele vai partir para as drogas, ele vai partir para a violência, e aí ele vai fazer uma série de coisas, se ele não tiver limites. A gente está percebendo que esse limite ele está acabando. (Grupo focal com professores, escola privada, Belém)

Conforme sugerem os depoimentos, inclusive de pais, o acompanhamento familiar mostra-se falho, difícil. Entretanto, cabe ressaltar que, não necessariamente, os pais compactuam a liberdade excessiva dos filhos: *Hoje, a gente não vê mais [os filhos]. Antes, o filho tinha um horário para sair e um horário para entrar. Nove horas a filha estava em casa. Hoje, você vê, o filho só vem no outro dia. Estragado, estragado.*

Essa opinião é compartilhada por parte do corpo técnico das escolas, que também se refere aos pais como bastante permissivos, *dando liberdade total para ele [o filho] fazer o que quiser.* Para os professores, os jovens de hoje acreditam que *ser jovem é ter liberdade, ter o direito de ir e de vir para onde eles quiserem, sem limites.*

A falta de limites da juventude tem reflexos no ambiente escolar, segundo os professores, resultando em problemas disciplinares, que se traduzem no vocabulário usado pelos alunos ou em atitudes agressivas: *O aluno que não tem limite. Você fala alguma*

coisa e ele finge que não ouve. Ou responde com agressividade. Para alguns inspetores, a família não está sabendo lidar com esse novo jovem. Tem medo de dizer não. Medo de serem autoritários, como foram os pais deles. Então, eu vejo assim, ficou um espaço entre uma ditadura e uma democracia perdida, não percebendo que a falta de limites e de regras pode causar-lhes graves problemas no futuro.

Entre os pais, percebe-se uma perplexidade em relação à educação e ao futuro dos filhos, gerada pelo medo de estar ou não fazendo o que é correto, sem causar traumas ou constrangimentos:

E eu tenho uma preocupação muito grande com relação às minhas filhas. Porque eu sinto que se eu educar de uma forma muito rígida não é isso que vai ter um complexo muito grande no futuro na vida delas. Então, é muito difícil você controlar isso, é complicado. Eu, sinceramente, até hoje eu não tive resposta disso. Não sei ainda. Confesso que me sinto ainda despreparado com relação à educação delas. Sinto mesmo porque, por mais que eu tente acertar, eu sempre tive uma incógnita: "Será que eu realmente estou agindo certo, não é? Será que eu não vou prejudicá-las no futuro devido a isso". (Grupo focal com pais, escola pública, Vitória)

Em síntese, existe uma relação complexa, repleta de desacertos e ambígua entre família e escola, um jogo de acusações, que tem conseqüências no cotidiano e nas representações de todos os atores, como mostra o discurso de alguns membros do corpo técnico-pedagógico. A família espera que a escola eduque seus filhos e a escola, de sua parte, espera que as famílias cuidem de seus alunos.

A escola desvaloriza os pais, e os pais acabam transferindo suas responsabilidades para a escola, entregando seus filhos em suas mãos: *A família está transferindo para escola toda a responsabilidade de educar. E educar não é uma responsabilidade só da escola.*

Isso é motivo de crítica, uma vez que se considera que deva haver uma parceria entre escola e família, em que a primeira complementa a educação dada pela segunda: *Eu acho que a família é muito importante na vida dos jovens. E a escola seria um complemento, com informações. Mas a base é a família.*

Assim sendo, parte do corpo técnico-pedagógico entende que essa transferência é uma espécie de descomprometimento e de omissão da família, já que o entrosamento entre estas duas instituições não está se dando da maneira esperada. Note-se que informantes do corpo técnico-pedagógico se destacam pelas críticas feitas à família nas relações com os jovens. Contudo, eles não fazem referências críticas à escola, outro espaço fundamental de socialização dos jovens: *É exatamente porque a família é omissa. Ela tem que ter o papel essencial, o de direcionar a cabeça dos jovens. A escola colabora com a família. Quando a família é omissa, a escola não pode fazer sozinha não.*

2.2.3. Relação com o grupo de amigos

Quando questionados sobre as relações com o grupo de amigos, os alunos afirmam que as amizades se dão na escola, onde se cria uma identificação entre os membros do grupo no que toca às opiniões e formas de comportamento: *Quando eu quero ir ao shopping, sair, às vezes, eu ligo pro pessoal que eu estudei no ano passado, do colégio. Eu ligo lá: "Olha, vamos sair? Você pode sair?"*

O que caracteriza esse círculo de amigos é a identificação, no plano dos valores ou mesmo em relação a atitudes, frente às situações enfrentadas pelos jovens no cotidiano: *(...) Nossas opiniões são sempre as mesmas. Não sei se é porque, sei lá, são pessoas assim, pessoas que sabem o que fazem, são pessoas que não se metem com brigas, não se metem com drogas. Essas coisas que são abomináveis para nós mesmos.*

O grupo de amigos também se forma no bairro onde o jovem mora e, como alguns alunos estão inseridos no mercado de

trabalho, as amizades também se dão no ambiente de trabalho: *Mais o pessoal do bairro, colegas de escola, colegas de trabalho. Mais do bairro. Pessoal que curte mais sair para festa, vai pro shopping. Qualquer evento, qualquer coisa que dá para ir em grupo, a gente está lá.*

Vários alunos afirmam que o grupo de amigos é formado por membros da igreja que freqüentam. Eles têm grupos de música, de dança, e aproveitam a oportunidade de estar juntos para conversar sobre drogas e violência: *O grupo de amigos que eu tenho é do coro da igreja, do coro jovem; Eu sou do grupo de dança da igreja; eu estava no grupo jovem. A gente sempre faz reuniões sobre violência, sobre os próprios traficantes.*

Não menos importantes são os grupos formados com a participação em atividades culturais e desportivas: *Grupo de vídeo com as colegas. Sai, aluga uma fita, vai para casa de uma e se junta; Eu tenho um grupo de skatistas. A gente fica ali na pracinha e tal; no grupo, dois [amigos] tocam instrumentos, como bateria, percussão, violão e guitarra.*

Para alguns alunos, o grupo de amigos é visto como uma proteção, sinônimo de segurança física. Também dizem que, na maioria das vezes, é composto por pessoas que se preocupam em agir de modo a não provocar confusões, o que, segundo eles, pode ser perigoso para o próprio grupo:

Eu costumo sair com um grupo. Junta uma galera. Porque é, até mesmo, uma segurança para você. Você está em turma, acontece qualquer coisa, o pessoal vai e avisa na tua casa. Tem uma galera que sai comigo há cinco anos. É uma galera legal. O pessoal, todo mundo cabeça. É muito legal. Todo lugar que a gente vai, nós procuramos não extravasar demais, porque a gente sabe que é perigoso. Então, a gente tem que saber onde pisa. O chão que a gente está pisando. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)

Além disso, os alunos se mostram preocupados com os participantes do próprio grupo afirmando que estão sempre atentos a sinais de mudança no comportamento de cada um, para que possam minimizar qualquer risco de envolvimento com situações reprováveis, que possam levar à desintegração do grupo: *A gente discute sobre trabalho, sobre droga, sobre tudo, entendeu? Para nenhum colega da gente se perder. Se autoprotege, para não perder ninguém, entendeu? Para não ficar aquela coisa.*

Diversos pais, ao serem questionados sobre o grupo de amigos dos filhos, tendem a se mostrar satisfeitos com o tipo de amizade dos filhos: *Eu estou satisfeita com os amigos dos meus filhos, que são amigos de verdade. Isso é o ideal.* Ressalta-se que essa não é a mesma opinião em relação a outros grupos aos quais, não necessariamente, seus filhos pertencem: *Tem um grupo mais antigo, pelo menos, um grupo mais restrito. Assim, tem uns soltinhos. Mas eu vejo os meninos, amigos do meu filho, de muito bom caráter. São meninos de boa índole.*

Em que pese a assertiva, comum na literatura sobre juventude, de que os amigos são referência primária na vida dos jovens (Cardoso e Sampaio, 1995), no plano desta pesquisa, a maioria dos alunos indica que não tem necessariamente amigos íntimos. Grande parte dos alunos (58,9%) afirmou ter muitos colegas, apesar de poucos amigos íntimos (ver Tabela 2.16). Porém, não menos significativa é a proporção de alunos que afirmam ter não só muitos colegas, como também muitos amigos íntimos (18,8%).

Tabela 2.16

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência, segundo tipo de amizade, 2000 (%)

Tipo de amizade	Frequência	
	%	N.ºs Absolutos
Tem muitos colegas e poucos amigos íntimos	58,9	2.661.950
Tem alguns colegas, mas não amigos íntimos	20,9	941.991
Tem muitos colegas e vários amigos íntimos	18,8	847.856
Não tem amizade com ninguém	1,5	66.082
Total	100,0	4.517.879 (1)

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Considerando "amigo íntimo" uma pessoa de confiança e "colega", as pessoas com quem você convive sem muita intimidade, que tipo de amizade você têm?* (marque uma só resposta).

(1) Do universo amostrado de alunos, 115.421 não responderam.

Alguns alunos ressaltam, em seus depoimentos, que não possuem grupos de amigos e que, no caso de algum problema sério, preferem resolvê-lo sozinho: *Eu procuro sempre resolver meus problemas comigo mesmo. Refletir. Ver o que está certo, o que está errado. Ai, vai ver que, às vezes, uma idéia do outro pode atrapalhar. Colega é para assistir um jogo.*

Admitem que não têm amigos nos quais possam confiar e que não conversam com a família, argumentando que são muito tímidos ou fechados: *Eu sou uma pessoa muito fechada. Eu mal converso com minha família, entendeu? Meus problemas, eu guardo para mim mesmo tentar resolver sozinho.* Pela tabela acima, observa-se que a proporção de alunos sem amigos e com apenas alguns colegas é alta, ou seja, 20,9%, o que equivale a 941.991 pessoas.

Alunos de escolas públicas e privadas, quando questionados sobre o tipo de amizade que possuem, afirmam que geralmente são amigos em quem podem confiar, com quem falam sobre os segredos e trocam experiências. São amigos com quem podem

contar e a quem pedem conselhos quando não se sentem à vontade para conversar sobre alguns temas em família, mas ressaltam, estes amigos são poucos e que eles não substituem os pais nem competem com eles, necessariamente. Os amigos íntimos possuem um lugar próprio, de confidentes: *São poucos [amigos], mas eu tenho uma amiga que a gente se dá muito bem. Conversamos muito, quando eu não posso conversar com a minha mãe, no caso. Que nem tudo também a gente pode contar para a mãe da gente. Eu converso muito com ela [amiga].*

Para alguns alunos, os amigos são aqueles com quem os problemas podem ser compartilhados. E isso se deve ao fato de se sentirem mais bem compreendidos pelos colegas, uma vez que passam pelos mesmos problemas: *Eu acho que com os amigos é melhor. Porque você troca mais uma idéia. Eles te entendem, te entendem melhor.* Às vezes, segundo alguns alunos, o apoio de que necessitam é melhor suprido por amigos do que pela família:

Quando é um problema muito sério, que eu não quero que minha mãe saiba, das relações que eu tenho, eu conto para uma amiga minha que tem lá perto da minha casa. Porque ela é muito responsável. E nela eu tenho muita confiança. (Grupo focal com alunos, escola pública, Fortaleza).

Para os pais, esse sentimento de cumplicidade com os amigos se deve ao momento pelo qual esses jovens estão passando, quando o grupo pode estar sendo visto como ponto de referência: *Eu acho que o grupo, para eles, nesse momento [nesta fase], é muito importante.*

Mas para membros do corpo técnico-pedagógico, em muitos casos, os amigos seriam substitutos dos pais, na falta desses. Essa visão se afina com a já comentada postura culpabilizante da família detectada entre esses atores: *Se a família está desestruturada, ele não consegue ter diálogo com os pais. Tem alunos que*

dizem: "Ah, professora não tenho coragem de chegar para minha mãe e conversar. Ai, o que eu faço: procuro um amigo". Nessa linha, alguns depoimentos do corpo técnico-pedagógico associam a busca por apoio dos amigos à ausência de diálogo em casa, quando a família não ofereceria ao jovem o suporte que ele demanda.

Note-se que comumente os atores entrevistados tendem ao consenso sobre a importância de familiares e dos amigos na vida dos jovens. Entretanto, destaca-se certa tendência dos adultos de referência – em particular os professores e diretores de escolas – a considerar que os jovens necessitam de tutela e que são influenciáveis. Tal perspectiva não necessariamente encontra eco entre os testemunhos dos jovens

SUMÁRIO

- *A maioria dos alunos é do sexo feminino (53,3%), o que equivale a um total de quase 2,4 milhões de pessoas.*

- *O grupo etário mais significativo é o de 13 a 15 anos de idade, com pouco mais de 37% do total e um contingente de quase 1,7 milhão de estudantes. Seguem-se aqueles de 16 a 18 anos, com um índice de 33,9%, o que representa mais de 1,5 milhão de alunos. O grupo etário de 19 a 24 anos é o menos representado (11,6%), correspondendo a quase 526 mil alunos.*

- *Quanto à migração, 85% nunca migraram (mais de 3,9 milhões de pessoas).*

- *Predominam os que se encontram em famílias formadas por pai/padrasto, mãe/madrasta e demais parentes (68,3%), ou seja, 2.858.798 jovens. Correspondem a cerca de 18% (748.188) do total os alunos que só convivem com um dos pais ou madrasta/padrasto.*

- *No que diz respeito à relação estudo e trabalho, três quartos dos estudantes só estudam (um contingente de quase 3,4*

milhões de alunos). Os que conjugam o trabalho com o estudo somam quase 22% do total (988.721 alunos), sendo que 14,2% desses (pouco mais de 641 mil pessoas) estão em situação de trabalho permanente.

- Declaram-se como *desempregados* cerca de 3% dos alunos, ou seja, 124.430 pessoas.

- Quanto à *contribuição para o sustento da família*, considerando somente os alunos que trabalham e estudam, tem-se que quase 63% estão nesta situação – o que representa 592.947 pessoas.

- Quanto à *escolaridade dos pais*, percebe-se que os alunos cujos pais não estudaram (8,1%) somam 321.066 pessoas. Um quarto dos alunos (941.46) tem pais com uma escolaridade situada entre a 5ª e a 8ª série do ensino fundamental. Já, 29% (1.154.827) têm pais que cursaram o ensino médio, completo ou incompleto, e cerca de 20% dos alunos (786.501) têm pais com ensino superior completo ou incompleto. As mães apresentam uma distribuição, quanto à escolaridade, semelhante à dos pais.

- Considerando as *atividades de lazer*, cerca de 60% dos estudantes afirmam praticar algum esporte. A principal modalidade é o futebol. É interessante observar que essas atividades mantêm uma relação inversamente proporcional com a idade, já que adolescentes de 10 a 15 anos praticam muito mais esportes do que aqueles na faixa de 18 anos ou mais. Isso se deve, possivelmente, ao envolvimento de muitos, entre os mais velhos, com atividades de trabalho remunerado.

- É considerável a proporção de alunos que participam de *atividades religiosas*: 32,8% afirmam freqüentar a igreja. Ao contrário da relação estabelecida entre faixa etária e prática de esportes, neste caso percebe-se que a prática religiosa assume uma relação diretamente proporcional com a idade, crescendo na faixa de 19 a 24 anos (36,4%) em relação às mais novas (e.g. 31,3% entre os de 10 a 12 anos).

- Cerca de 26% dos alunos pesquisados afirmam *frequentar boates*. Esta é uma atividade mais comum para adolescentes na faixa dos 16 aos 18 anos.

- A *frequência a bares* é mencionada por 12,5% dos alunos.

- Para um grande número de entrevistados *o lazer é limitado a um reduzido leque de atividades*, como ouvir música, namorar ou ir a bailes funk ou a pagodes. A falta de opções de lazer, muitas vezes, se deve à falta de recursos financeiros dos jovens.

- Quanto às *relações na família*, os alunos tendem a assinalar que, em casa, costumam ter relações positivas e de diálogo com os pais (cerca de 60%). Contudo, chama a atenção que 373.876 alunos, o que corresponde a 8,1% do total, respondem que os pais têm comportamento violento.

- Nas representações dos atores, há um jogo de acusações e idealizações sobre *papéis da família e da escola* quanto à educação e à formação dos jovens, nas representações dos atores. No discurso de membros do corpo técnico-pedagógico das escolas e no dos pais há expectativas de mais colaboração. A expectativa da família é a de que a escola eduque seus filhos e os proteja. A escola espera que as famílias os eduquem, quanto a valores, e que estabeleçam limites.

- A *importância dos amigos* na vida dos jovens é ressaltada, mas não de forma consensual, ou seja, há distintos sentidos. Para muitos, em particular para os alunos, o grupo de amigos é uma referência e uma proteção, enquanto para outros, principalmente para os professores, a necessidade de agir de acordo com as regras e hábitos do grupo pode ser negativa. Os pais também tendem a demarcar a influência que o grupo ou os outros (os amigos) têm sobre os filhos.

- Grande parte dos alunos, cerca de 60%, afirmou ter *muitos colegas, apesar de poucos amigos íntimos*. Porém, não menos significativa é a proporção de alunos, cerca de 20%, que afirmou ter não só muitos colegas, mas, também, muitos amigos íntimos.

3. JOVENS E DROGAS LÍCITAS

O objetivo deste capítulo é analisar a percepção que os entrevistados têm sobre o álcool, o cigarro e outras drogas lícitas de uso ilícito, discutindo a influência da família, do grupo de amigos, da religião e da mídia no comportamento dos jovens. Aborda-se, também, o consumo de bebidas alcoólicas e tabaco em relação à idade e ao sexo.

A seguir, revisita-se o debate na literatura sobre o tema, enfocando, em separado, álcool e tabaco, segundo uma série de dimensões que apontam para as diferentes formas de pensar essas substâncias e de lidar com cada uma delas. Adota-se como premissa o fato de que, ainda que possam ser identificados elementos comuns sobre o uso do álcool e do tabaco no imaginário da população pesquisada, cada caso guarda singularidades no plano de representações simbólicas a respeito da utilização de tais substâncias. Reconhece-se ainda que determinadas condições sociais e certos períodos históricos são mais propícios ao desenvolvimento de uma cultura que estimula o consumo das chamadas drogas lícitas.

A pesquisa considera os fatores psicossocioculturais mais afins ao consumo de substâncias como o álcool, destacando e, ao mesmo tempo, relativizando o peso de fatores, tais como a família e o grupo de amigos. É complexo isolar fatores, afirmar de que forma uns e outros se complementam, interagem e qual a influên-

cia que exercem sobre a probabilidade de um jovem fazer ou não uso das drogas lícitas.

A partir de percepções de alunos, membros do corpo técnico-pedagógico das escolas e dos pais, o estudo busca documentar indicadores da extensão do hábito de beber e de fumar. Tais análises se seguem a um breve histórico sobre a difusão do álcool e do tabaco e de políticas e programas visando à redução ou ao controle do consumo.

Também são enfocadas, neste capítulo, outras drogas lícitas, por meio da percepção dos distintos atores em relação à frequência e o uso segundo o sexo e a idade e tipo de drogas cujo consumo presenciaram.

3.1. ÁLCOOL

3.1.1. Breve histórico

O consumo de bebidas alcoólicas é encontrado em todas as civilizações. "Hábito" socialmente aceito, possui raízes remotas e a história da humanidade está permeada pelo consumo de bebidas alcoólicas, não só em comemorações sociais, mas, também, em celebrações religiosas. De fato, a inserção do álcool em rituais religiosos remonta à Antiguidade, bem como o seu uso terapêutico.

Os antigos egípcios produziam e empregavam o álcool como bebida anestésica, recorrendo a essências alcoólicas contra dores e como abortivo. Entre os gregos, o vinho se tornou parte importante de cerimônias religiosas, enquanto o islamismo proíbe expressamente, segundo o Alcorão, o uso de álcool.

Na Idade Média, com o advento da destilação – introduzida na Europa pelos árabes –, as bebidas se tornaram mais fortes, ou seja, com teor alcoólico mais elevado. Com a Revolução Industrial, as bebidas alcoólicas passaram a ser produzidas em grande escala, fazendo com que o número de consumidores aumentasse.

A relação entre álcool e problemas de saúde é amplamente documentada, também, há algum tempo. Antes de 1914, os alcoólicos representavam 35% do total dos pacientes internados em hospitais psiquiátricos da Europa Central. Mas no período compreendido entre as duas guerras mundiais, o número de alcoólicos diminuiu. Após a Segunda Guerra Mundial, houve um recrudescimento do alcoolismo, não só na Europa, mas em todo o Ocidente. Tais fatos alertam para condicionamentos históricos do uso do álcool, ou seja, para os modos como a sociedade e os indivíduos se situam social e culturalmente em relação a essa substância, o que consiste em um entrelaçamento de história e biografias.

As escolas de pensamento, como as de corte epidemiológico e psicossocial¹, interpretam de maneiras distintas as diferenças do nível de consumo de drogas (como o álcool) em diferentes períodos históricos, como explica Carlini-Cotrim (1992a: 11-12):

Para o enfoque epidemiológico, estes ciclos (alternância de momentos de forte intolerância e períodos de relativa tolerância ou até entusiasmo quanto ao consumo de substâncias psicoativas) podem ser explicados fundamentalmente pela reação da população às variações epidemiológicas de consumo de psicotrópicos. Em períodos de alto uso e tolerância de drogas, ocorreria uma tendência inevitável ao aumento do número de mortes, acidentes e outros problemas associados ao uso de psicotrópicos. Este clima

Um dos trabalhos mais significativos no campo do enfoque psicossocial é do sociólogo Harry Levine, que tem estudado a história do álcool na sociedade norte-americana. Ele discute a lógica da mudança ocorrida no imaginário social do início do século XIX, que transformou o álcool numa bebida até então associada ao prazer e consumida abundantemente em todas as idades e por todas as classes sociais, em um problema nacional, em uma chaga capaz de produzir crimes, morte, desintegração social, desespero. É o que Levine chama de "a descoberta da adição". Em decorrência dessa nova visão, o álcool passou, cada vez mais, a ser o elemento que explicava tudo o que não ia bem na nação norte-americana emergente: pobreza, crime, violência, destruturação familiar, crianças abandonadas, insucessos pessoais e falências financeiras. (Carlini-Cotrim 1992a:17-18)

epidemiológico, uma vez persistindo, geraria um clima social contrário às drogas, fruto de vivência de gerações em que predominaria o uso desregrado de substâncias psicoativas (...). Depois de um certo período de pouco uso, novamente o uso tenderia a aumentar, dando motivo para o aparecimento de um novo ciclo de intolerância (...). No enfoque psicossocial, a explicação para esses movimentos deve ser buscada menos na reação da população às estatísticas de mortes, dependência e acidentes associados às drogas e mais em processos psicossociais aparentemente externos a essa realidade, mas que dão sentido à ela.

A palavra "alcooolismo" apareceu pela primeira vez em 1849, para definir um conjunto de males vinculados ao consumo excessivo e prolongado de bebidas alcoólicas. O abuso de derivados etílicos já havia sido considerado patológico, o que indicava uma "revolução" de sentidos atribuídos ao álcool, pois, no século XIX, o álcool era considerado uma substância terapêutica.

Na década de 1940, a associação Alcoólicos Anônimos foi criada nos Estados Unidos. Desde então, começou uma luta política pelo reconhecimento do alcooolismo como doença, o que ocorreu nos Estados Unidos na década de 1950. A Organização Mundial da Saúde – OMS, reconheceu que o alcooolismo como doença e o incorporou ao Código Internacional de Doenças em 1967. Ele também é considerado um intermediário entre as drogas provocadoras de dependência e as formadoras de hábitos.

A preocupação no campo de políticas públicas com os diferentes tipos de drogas também tem um amplo histórico. Em períodos e países distintos houve tendência a uma abordagem repressiva. Nos Estados Unidos, ao final da década de 1920, as bebidas alcoólicas chegaram a ser proibidas por cerca de 13 anos, por causa da Lei Seca. Entretanto, tal proibição só contribuiu para

umentar o consumo de bebidas e estimulou um comércio ilegal, com a criação de um mercado negro controlado por máfias.

Políticas e campanhas de formação de opinião sobre o beber e o fumar têm-se mostrado capazes de influenciar os níveis de consumo. Assim, na Europa e nos Estados Unidos, o consumo de álcool encontra-se estável desde meados da década de 1980, o que significa que as pessoas estão bebendo menos. Esse fato tem levado as grandes corporações – sobretudo as cervejarias – a desenvolver estratégias para concentrar seus esforços na Ásia e na América Latina. Assim, essas regiões têm apresentado os maiores avanços mundiais, principalmente no consumo de cerveja, em contraste com o que vem ocorrendo na Europa e nos Estados Unidos.

É importante advertir para o fato de que, nesta pesquisa, recorre-se ao termo "drogas lícitas", segundo a classificação da Organização Mundial de Saúde, para analisar as percepções sobre o consumo de bebidas alcoólicas e tabaco. Esse tratamento encontra respaldo, inclusive, em vários discursos da população pesquisada. Entretanto, é preciso reconhecer que há polêmicas sobre tal classificação, tanto na literatura especializada como nos grupos pesquisados. Também é preciso atentar para as políticas repressivas e inculpações que coloquem em risco liberdades e direitos humanos.

A ambigüidade em torno do que se denomina "droga" e do que é passível de ser criminalizado ou não é tema socialmente debatido. Nesta pesquisa, essa dimensão é ressaltada por todos os tipos de atores entrevistados. No Brasil, assim como em outros países, vive-se o paradoxo das drogas legalizadas. Maconha é crime, mas cigarros podem ser facilmente comprados em qualquer lugar. Tranqüilizantes, em princípio, precisam de receita médica para serem adquiridos, enquanto o álcool e o fumo são vendidos e consumidos com facilidade:

Sem dúvida, o maior consumo de substâncias psicoativas ocorre por conta das drogas lícitas, o álcool, o cigarro de

tabaco e os tranqüilizantes. Este consumo é maior tanto nas frequências ALV (ao longo da vida), quanto UTD (últimos trinta dias). Em seguida, vêm as drogas ilícitas inalantes, solventes, maconha, cocaína, e em menor escala outras substâncias do receituário médico, usadas ilicitamente (xaropes, anfetaminas, moderadores de apetite e anticolinérgicos centrais) (Lima, 1991: 100)

Pons Diez e Berjano Peirats (1999) ressaltam que, ao falar de drogas, muitas vezes não se pensa nas chamadas "drogas institucionalizadas", ou seja, nas substâncias cuja presença e consumo estão plenamente integrados nas pautas de comportamento social, que gozam do respaldo da tradição histórico-cultural e cuja produção, venda e consumo, não são penalizados. Neste sentido, estaria se tentando construir a imagem de que bebidas, como a cerveja, não são consideradas drogas.

O álcool é o psicotrópico de uso mais difundido na população brasileira. Segundo o Escritório das Nações Unidas para o Controle de Drogas e Prevenção ao Crime – UN ODCCP, o consumo per capita de álcool é maior que o de leite. Segundo pesquisa do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, cerca de 53% da população experimentam álcool pelo menos uma vez na vida e existem cerca de 15 milhões de alcoolistas no país – ou 15% da população total. Note-se que há uma estimativa de que 11,2% da população brasileira de 12 a 65 anos de idade é dependente de bebidas alcoólicas, o que representa 5.283.000 pessoas.

No Brasil, são consideradas bebidas alcoólicas aquelas que têm mais de 13% de álcool na composição. Portanto, as cervejas não se enquadram nessa classificação legal e, por conseguinte, não são identificadas como droga.

Nos últimos cinco anos, o alcoolismo passou a ser considerado uma doença no Brasil, situando-se em quarto lugar

na lista das doenças que mais incapacitam os trabalhadores. Em 1996, o Sistema Único de Saúde – SUS, do Ministério da Saúde, registrou um grande número de casos de cirrose hepática (doença causada pelo consumo abusivo de bebidas alcoólicas), a qual apareceu entre as sete principais causas de morte em pessoas com mais de 15 anos de idade. Em 1997, foram registradas 80 mil internações, nos hospitais brasileiros, motivadas por ingestão de bebidas alcoólicas.

As investigações realizadas sobre o uso de drogas entre escolares brasileiros têm evidenciado que, nas diversas regiões do país, o álcool é a droga de uso mais freqüente, seguida, à distância, pelo tabaco, pelos inalantes e pelos medicamentos psicotrópicos².

3.1.2. Freqüência de uso e preferências

A freqüência com que os jovens bebem está crescendo em várias sociedades. No caso brasileiro, tal aumento de consumo entre os jovens encontra respaldo em levantamentos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID.

Pesquisa realizada, em 1988, com estudantes de escolas públicas e privadas de Salvador indica que o álcool foi a droga de uso não-médico de mais ampla prevalência – consumida por 86,2% dos entrevistados. Deste total, 63% indicam uso regular e 44% admitem tê-la consumido na semana precedente à coleta (Almeida Filho, 1989). Do Cebrid, surge o dado que, em 1989, 14% dos jovens brasileiros de 10 a 18 anos ingeriram bebida alcoólica mais de seis vezes por mês; em 1996, esta proporção ascendeu a 19%. Entre 1989 e 1993, o número de jovens que fazem uso pesado do álcool (20 ou mais vezes por mês) havia crescido 50%.

Sobre o assunto, ver Carlini et al., 1997.

Considerando os alunos entrevistados nesta pesquisa, corrobora-se o alerta feito por meio das pesquisas mencionadas, evidenciando a ampla extensão do hábito de beber entre alunos no Brasil, particularmente em algumas ocasiões específicas, como se percebe na Tabela 3.1. Chama também a atenção a variação do nível de consumo entre os jovens alunos, o que pode sugerir que existem graus diferenciados de percepção sobre o que é beber regularmente – situação em que se enquadram cerca de 6% dos alunos em Manaus e 14,4% em Porto Alegre. Estão nesta situação, em média, cerca de 10%, ou seja, 438.899 alunos entrevistados nas 14 capitais selecionadas para esta pesquisa.

Note-se que tal indicador de adição ao álcool é próximo ao estimado para a população brasileira de 12 a 65 anos, segundo Galduróz *et al.* (2000). O autor estima que há 11,2% de dependentes de bebidas alcoólicas neste intervalo etário, correspondendo, em 1999, a 5.283.000 pessoas.

Se de um lado o consumo de bebidas alcoólicas pelos alunos ou por aqueles que declaram beber regularmente é uma realidade – considerando os seus efeitos nocivos para a saúde e outros na vida dos jovens – não se pode, de outro, estigmatizar a juventude como sendo uma faixa etária mais exposta às bebidas alcoólicas do que outras gerações.

Tabela 3.1

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência de uso de bebidas alcoólicas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso de bebidas alcoólicas por alunos			
	Nunca bebem	Somente em festas e ocasiões sociais	Regularmente (1)	Total
Manaus	52,5	41,6	5,9	100,0
Belém	48,7	41,0	10,2	100,0
Fortaleza	43,5	48,9	7,5	100,0
Recife	46,8	40,9	12,3	100,0
Maceió	49,3	43,2	7,6	100,0
Salvador	34,8	51,7	13,5	100,0
Vitória	54,1	37,1	8,8	100,0
Rio de Janeiro	47,0	42,0	11,0	100,0
São Paulo	41,8	49,4	8,8	100,0
Florianópolis	36,2	50,7	13,1	100,0
Porto Alegre	34,7	50,9	14,4	100,0
Cuiabá	45,7	41,6	12,7	100,0
Goiânia	54,8	36,3	8,9	100,0
Distrito Federal	48,1	42,6	9,3	100,0
Média	42,2	45,9	9,9	100,0
N.º Absoluto	1.957.547	2.030.269	438.899	4.426.714

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você bebe bebidas alcoólicas?*

(Marque uma só resposta)

(1) É a soma das alternativas: todos os dias, quase todos os dias e todos os finais de semana.

Considerando o universo amostrado de alunos do ensino fundamental e médio, 2.030.269 jovens das capitais selecionadas declaram recorrer a bebidas alcoólicas em festas e atividades sociais (ver Tabela 3.1).

Contudo, é também expressivo o contingente de alunos que informa nunca beber. Somam quase 2 milhões – média de 42,2%

no conjunto das 14 capitais selecionadas, ou seja, pouco menos da metade do universo total. Note-se que apenas em três capitais – Goiânia, Vitória e Manaus – os que indicam que nunca bebem são superiores (50%) aos que declaram que bebem regularmente ou somente em festas e ocasiões sociais.

Comparações inter-regionais apontam, por outro lado, para uma menor proporção dos que nunca bebem em capitais da região Sul (Porto Alegre e Florianópolis), com 34,7% e 36,2%, respectivamente. As proporções de jovens que referem beber somente em festas e ocasiões sociais (quase 46%) são mais altas também em Porto Alegre e Florianópolis (acima dos 50%).

Quase um décimo dos alunos entrevistados menciona fazer uso regular de bebida, hábito disseminado de forma semelhante entre as capitais das diferentes regiões brasileiras. Em metade delas, esta proporção é superior a 10%.

A prevalência do uso de bebidas alcoólicas entre alunos, considerando suas auto-representações, não sugere, necessariamente, um consumo endêmico – ou seja, não aponta para a existência de um surto de consumo. Mas os dados levantam, ao mesmo tempo, a necessidade de mais discussões sobre o que seria consumir álcool socialmente – esta sim, prática mais extensiva. Os adultos de referência primária dos jovens (professores e membros da comunidade escolar) tendem a enfatizar a amplitude do consumo de álcool, sugerindo que o "beber socialmente" sinaliza a ocorrência de excessos.

De fato, é comum que membros do corpo docente das escolas ressaltem que o uso de bebidas alcoólicas é parte da vida dos jovens em diferentes espaços e formas: *tomou todas*, sublinhando que tal prática é mais comum nos fins de semana: *O álcool aqui na escola não muito, mas principalmente dia de sexta. No sábado e domingo você também pode vir aqui no bairro, estão todos esses jovens bêbados no meio da rua.*

Para alguns membros da comunidade pedagógica, o aumento do consumo de bebidas alcoólicas nos fins de semana

(Abramovay e Rua, 2002) não somente estaria associado ao aumento dos números da violência envolvendo jovens nesse período, como também é uma de suas causas:

Eu acho que uns 80% dos jovens consomem, com frequência, grande quantidade de bebidas alcoólicas nos finais de semana (...) por isso um monte de brigas, muita violência, acidentes, chegam na segunda machucados (...) (Entrevista com diretor, escola privada, São Paulo)

Quanto à preferência, segundo os alunos, destaca-se a predileção pela cerveja, ainda que seja comum a referência a outros tipos de bebidas: (...) *a preferência mais é pela cerveja, depois a pinga, vinho e uma mistura chamada "capeta" e "rabo-de-galo"; Ah, eu gosto de Martini e cerveja.* Tal preferência é também documentada em estudo de Carlini *et al.* (2002), que aponta a cerveja como a bebida mais consumida por 36,5% dos jovens, seguida do vinho, com 15,3% da preferência.

É comum que os jovens se refiram a misturas alcoólicas por denominações peculiares. Em algumas regiões, são chamadas de "batidas", "gorós", "capeta" e "rabo-de-galo", compostas por vários produtos. A combinação de bebidas alcoólicas tem como objetivo a obtenção de um sabor mais agradável, potencializando, também, a gradação alcoólica.

3.1.3. Usuários segundo sexo

Os jovens do sexo masculino se sobressaem entre os que indicam beber regularmente, o que já foi levantado em outros estudos (e.g. Carlini *et al.*, 2002; Pechansky, 1995).

Na Tabela 3.2, a seguir, registra-se que entre as jovens do sexo feminino, o grupo das que declaram que nunca bebem concentra, em média, 47,4%, proporção superior à das que afirmam que bebem somente em festas e ocasiões sociais (45,9%)

e as que declaram que bebem regularmente (6,7%). Já entre os jovens homens, é inferior a proporção dos que se enquadram na categoria nunca bebem (40,6%), enquanto é bem superior os que declaram que bebem regularmente (13,5%). Mas a Tabela 3.2 também alerta para o fato de que não há diferenças significativas por sexo, no plano do conjunto de cidades focalizadas, quando se considera a categoria dos que bebem somente em festas e ocasiões sociais – 45,9%.

A categoria beber somente em festas e ocasiões sociais concentra significativas proporções, tanto de rapazes como de moças, sendo sugestivo que, em atividades de confraternização, tais como festas entre jovens, próprias das práticas de interação social, o gênero não demarque padrões diferenciados de frequência de uso.

Tabela 3.2

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência de uso de bebidas alcoólicas, segundo sexo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais e sexo	Frequência de uso de bebidas alcoólicas pelos alunos			
	Nunca bebem	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	Bebem regularmente (1)	Total
Manaus				
Masculino	44,3	47,3	8,4	100,0
Feminino	59,8	36,8	3,5	100,0
Belém				
Masculino	41,8	42,0	16,2	100,0
Feminino	54,1	40,2	5,7	100,0
Fortaleza				
Masculino	38,7	48,9	12,4	100,0
Feminino	47,8	48,9	3,3	100,0
Recife				
Masculino	39,0	42,3	18,7	100,0
Feminino	53,9	39,3	6,8	100,0
Maceió				
Masculino	40,8	46,5	12,7	100,0
Feminino	54,9	41,0	4,1	100,0

Tabela 3.2 (Cont.)

Capitais e sexo	Frequência de uso de bebidas alcoólicas pelos alunos			
	Nunca bebem	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	Bebem regularmente (1)	Total
Salvador				
Masculino	29,8	53,8	16,4	100,0
Feminino	39,0	50,2	10,8	100,0
Vitória				
Masculino	51,4	36,9	11,7	100,0
Feminino	56,5	37,4	6,1	100,0
Rio de Janeiro				
Masculino	44,1	39,5	16,4	100,0
Feminino	49,7	44,3	6,1	100,0
São Paulo				
Masculino	40,3	48,7	11,0	100,0
Feminino	43,1	50,2	6,7	100,0
Florianópolis				
Masculino	33,9	48,7	17,3	100,0
Feminino	38,4	52,2	9,4	100,0
Porto Alegre				
Masculino	34,3	48,2	17,5	100,0
Feminino	35,4	53,5	11,2	100,0
Cuiabá				
Masculino	39,3	43,2	17,6	100,0
Feminino	51,1	40,1	8,8	100,0
Goiânia				
Masculino	51,0	36,7	12,3	100,0
Feminino	58,2	36,0	5,8	100,0
Distrito Federal				
Masculino	45,2	42,2	12,6	100,0
Feminino	50,4	42,9	6,7	100,0
Média				
Masculino	40,6	45,9	13,5	100,0
Feminino	47,4	45,9	6,7	100,0
N.º Absoluto				
Masculino	821.069	927.302	273.235	2.021.606
Feminino	1.108.655	1.072.777	155.662	2.337.094

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você bebe bebidas alcoólicas?* e cruzou-se com a variável sexo.

(1) É o somatório das alternativas: todos os dias, quase todos os dias e todos os finais de semana.

Estes dados da Tabela 3.2 questionam estereótipos de que são somente os rapazes que recorrem a bebidas alcoólicas. Em festas e ocasiões sociais, homens e mulheres bebem. A tendência atual das mulheres jovens é circular mais em ambientes públicos, como bares e festas, ampliar sua participação no mercado de trabalho e ser menos circunscritas ao controle familiar, ou seja, restritas ao âmbito doméstico. Ironicamente, isto combina autonomia, liberdade e direito ao prazer a rituais de sociabilidade e a hábitos similares aos masculinos.

É comum, inclusive nas revistas dirigidas a jovens e mulheres e na literatura especializada, a referência ao aumento dos índices de toxicomania – em especial, no que diz respeito ao abuso de bebidas alcoólicas e fumo –, entre as mulheres, independentemente do ciclo de vida. Tal tendência pode ter significados existenciais singulares para as mulheres, tais como a busca pela afirmação de identidade, por fazer valer direitos de igualdade ou para lidar com demandas e expectativas sociais, que requerem novos tipos de comportamentos sociais.

De fato, o mesmo dado pode ter significados próprios para diferentes grupos e pessoas. Contudo, o que permite tecer algumas reflexões sobre as informações coletadas é o fato de que gênero e geração são dimensões transversais e que, em alguns processos, mais que se referir a homens e mulheres, caberia indicar demarcadores geracionais atravessados por gênero.

No caso de consumo de bebidas alcoólicas, o fato de que as menores discrepâncias entre os sexos sejam encontradas na categoria bebem somente em festas e ocasiões sociais sugere que é no plano da sociabilidade, da interação social, do público, que mais ocorre a recorrência a bebidas alcoólicas entre os jovens pesquisados. Contudo, é importante chamar a atenção para o fato de que, enquanto as mulheres jovens se destacam quando se focaliza os que nunca bebem, os homens jovens se sobressaem quando se examina a categoria dos que bebem regularmente.

Anulam-se, assim, diferenciais por gênero. O social prevalece sobre o biológico ou mesmo sobre as construções culturais históricas como fator de explicação das diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito a comportamentos. Já no âmbito do privado ou da vivência cotidiana, ou seja, do que não é considerado ocasiões sociais, as substâncias alcoólicas têm mais probabilidade de apelo entre os jovens homens do que entre as jovens mulheres.

Tais inferências sobre o entrelace entre gênero e geração são importantes quando se pensa em programas que pretendem chegar aos jovens com o objetivo de fazer a prevenção. Também indicam que o grupo de amigos, especialmente no caso das mulheres jovens, deveria ser endereço socialmente privilegiado.

Voltando à Tabela 3.2, note-se que a categoria bebem somente em festas e ocasiões sociais apresenta variações regionais, quando se considera o gênero, o que indica influências culturais. As capitais pesquisadas da região Norte apresentam uma maior proporção de alunos do sexo masculino nesta condição, enquanto nas demais capitais é comum não haver diferenças significativas por sexo. Em Manaus, por exemplo, a incidência de rapazes que bebem somente em festas e ocasiões sociais é mais expressiva do que entre as jovens: a diferença em favor dos homens é de 10,5 pontos percentuais, como se percebe na Tabela 3.2. Já no Rio de Janeiro, ocorre o contrário, pois a proporção de moças que bebem somente em festas e ocasiões sociais é cerca de seis pontos percentuais maior do que entre os rapazes. Já no grupo dos que bebem regularmente, a representação masculina é sempre superior ao que se registra entre as meninas e jovens mulheres.

3.1.4. Usuários segundo grupo etário

De acordo com alguns autores (*e.g.* Scivoletto e Andrade, 1999), quanto mais cedo se desenvolve a dependência de substâncias psicoativas na adolescência, maior a probabilidade de ocorrer atrasos no desenvolvimento e prejuízos cognitivos.

Carlini *et al.* (2002) indicam que o início do uso de álcool na vida dos estudantes está ocorrendo cada vez mais cedo no Brasil. Estima-se que cerca de 50% dos alunos de 10 a 12 anos já tenham utilizado bebidas alcoólicas, enquanto 45% dos jovens de 13 a 19 anos que se envolveram em acidentes haviam ingerido algum tipo de álcool. De acordo com esse estudo, cerca de 587 mil adolescentes de 12 a 17 anos (ou 5,2% da população brasileira) são dependentes do álcool³.

Os dados da Tabela 3.3 registram a frequência de consumo de bebidas alcoólicas por parte dos alunos, de acordo com a faixa etária.

Tabela 3.3

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixa etária, segundo frequência de uso de bebidas alcoólicas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso por faixa etária			
	10 a 12	13 a 15	16 a 18	19 e mais
Manaus	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	76,7	58,7	42,8	39,1
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	22,1	38,5	50,2	40,5
Bebem regularmente	1,2	2,8	7,0	20,5
Belém	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	83,7	60,8	41,7	32,6
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	15,4	34,4	48,3	46,2
Bebem regularmente	0,9	4,8	10,0	21,2
Fortaleza	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	66,7	44,8	37,7	26,7
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	31,6	50,6	52,5	57,0
Bebem regularmente	1,7	4,7	9,8	16,3

³ De acordo com estudo realizado pelo Centro Nacional de Dependência e Abuso de Substâncias da Universidade de Colúmbia – CASA, nos Estados Unidos, pessoas que começaram a beber com menos de 15 anos possuem um risco quatro vezes maior de se tornarem dependentes do álcool do que aqueles que começaram entre os 15 e 21 anos (Casa, 2001).

Tabela 3.3 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso por faixas etárias			
	10 a 12	13 a 15	16 a 18	19 e mais
Recife	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	76,8	57,8	36,2	22,4
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	22,2	37,5	48,1	47,9
Bebem regularmente	1,0	4,7	15,7	29,7
Maceió	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	77,7	52,6	39,5	34,6
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	20,9	42,7	51,2	49,4
Bebem regularmente	1,4	4,7	9,3	16,1
Salvador	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	68,2	37,6	26,3	21,3
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	28,7	55,6	56,7	51,7
Bebem regularmente	3,1	6,8	17,0	27,0
Vitória	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	80,4	56,0	38,2	39,1
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	18,5	38,3	47,7	40,5
Bebem regularmente	1,1	5,7	14,1	20,5
Rio de Janeiro	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	76,6	49,9	36,3	35,7
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	21,2	43,7	47,8	45,9
Bebem regularmente	2,2	6,4	15,9	18,4
São Paulo	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	66,1	42,9	29,2	27,9
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	31,4	51,5	55,7	56,5
Bebem regularmente	2,4	5,6	15,1	15,6
Florianópolis	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	72,5	42,9	22,0	15,4
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	25,3	50,2	59,1	60,0
Bebem regularmente	2,2	7,0	18,9	24,6
Porto Alegre	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	58,0	36,0	22,9	25,4
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	39,2	54,5	53,3	50,1
Bebem regularmente	2,8	9,5	23,8	24,5

Tabela 3.3 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso por faixas etárias			
	10 a 12	13 a 15	16 a 18	19 e mais
Cuiabá	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	74,1	49,4	33,2	29,9
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	23,1	42,7	47,7	47,0
Bebem regularmente	2,9	7,9	19,1	23,0
Média	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca bebem	70,0	47,4	33,5	29,3
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	27,8	46,9	51,8	50,7
Bebem regularmente	2,2	5,7	14,6	20,0
N.º Absoluto	726.762	1.628.776	1.488.881	501.422
Nunca bebem	508.675	771.497	499.210	146.848
Bebem somente em festas e ocasiões sociais	202.228	763.904	771.669	253.980
Bebem regularmente	15.859	93.375	218.002	100.593

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você bebe bebidas alcoólicas?* cruzada com a variável faixa etária.

Para o conjunto das 14 capitais pesquisadas, a média de exposição ao álcool – ou seja, os que declaram que bebem somente em festas e ocasiões sociais e os que indicam que bebem regularmente –, distribuída pelas faixas etárias de 10 a 12, 13 a 15, 16 a 18 e 19 anos ou mais é de 30%, 52,6%, 66,4% e 70,7%, respectivamente. Considerando essas médias, observa-se que existe uma relação direta entre o aumento da idade e o consumo de bebidas por parte dos jovens.

No conjunto das capitais analisadas, a proporção dos que bebem regularmente para as faixas etárias mais velhas, ou seja, de 19 anos e mais é de 20%, enquanto que, para a faixa de 10 a 12 anos, essa média é de 2,2%, o que representa, em números absolutos, um universo de 15.859 estudantes que se enquadram nessa categoria.

Considerando a categoria dos que nunca bebem e, mais uma vez, relacionando as faixas etárias de 19 anos e mais e a de 10 a 12 anos, tem-se que a diferença percentual entre elas é de 50,7% em favor dos mais jovens, significando que esses bebem menos que os mais velhos.

De fato, os números para os que nunca bebem são mais expressivos entre os alunos de 10 a 12 anos, enquanto o comum entre os jovens de faixas etárias posteriores é responder que bebem somente em festas e ocasiões sociais

As capitais onde a exposição ao álcool na faixa de 10 a 12 anos está acima da média nacional (para o conjunto de cidades pesquisadas) que é de 30% são: Porto Alegre (42,0%), São Paulo (33,8%), Fortaleza (33,3%) e Salvador (31,8%). Essas capitais também se destacam para a faixa logo a seguir (13 a 15 anos), com percentuais de 64%, 57,1%, 55,3% e 62,4%.

Para as faixas etárias maiores – como 16 a 18 anos –, a média, considerando os que bebem regularmente e somente em festas e ocasiões sociais (os valores referentes a cada uma das duas categorias foram somados), para o conjunto das capitais, é de 51,8%. Chamam atenção os dados de Florianópolis (55,7%), Porto Alegre (53,3%), Salvador (56,7%) e São Paulo (55,7%) por estarem acima da referida média.

Para os jovens de 19 anos ou mais, em relação aos que bebem regularmente e/ou somente em festas e ocasiões sociais (somados os valores referentes às duas categorias), tem-se nas seguintes capitais proporções superiores à média das capitais estudadas (50,7%): Florianópolis (60,0%), São Paulo (56,5%), Salvador (51,7%) e Fortaleza (57%).

Insiste-se no efeito idade, considerando que na passagem de 10 a 12 para 13 a 15 anos, os percentuais de consumo praticamente duplicam, apontando que tal momento, ou seja, a virada do ciclo de 10 a 12 anos – da pré-adolescência para a adolescência precoce – para o de 13 a 15 anos é crítica, mais refratária a mudanças de hábito e mais exposta às substâncias etílicas.

Como já foi observado em análises anteriores, chamam atenção os elevados percentuais de consumo de bebidas alcoólicas entre jovens na modalidade bebem somente em festas e em ocasiões sociais, uma vez que, festas e atividades sociais ocorrem com relativa assiduidade na vida dos jovens. Cerca de metade dos alunos em cada faixa etária, a partir dos 13 a 15 anos, declara que bebem somente em festas e em ocasiões sociais. Mesmo entre os mais jovens (de 10 a 12 anos), cerca de 30% declaram beber em tais circunstâncias, o que corresponde a um total de aproximadamente 202.228 alunos nesta faixa etária (ou quase crianças) declarando o álcool como parte de suas práticas, ainda que ocasionalmente.

Em resumo, observa-se que, com a idade, há um aumento da frequência do uso de bebidas alcoólicas, destacando-se que, enquanto muitos adolescentes mais jovens declaram nunca beber – cerca de 7 em cada 10 entrevistados – entre os mais velhos outro quadro vai, se afirmando. Entre os de 16 a 18 e os de 19 anos ou mais, com maior probabilidade apenas 3 de cada 10 alunos, declaram que nunca bebem.

Os depoimentos colhidos entre os representantes do corpo técnico-pedagógico das escolas confirmam o sugerido pela análise quantitativa: *A grande maioria dos jovens bebe. Eu fico abismada de ver meninos de 12,13 anos bebendo e muito (...). O hábito é fazer uso desde a pré-adolescência (...)*

É comum, na literatura e entre os entrevistados, o desconforto com a precocidade de exposição dos alunos às substâncias alcoólicas, mas, por outro lado, os discursos tendem a dar maior magnitude ao fenômeno do que o sugerido nas informações dos alunos na análise anteriormente apresentada:

Fiquei alarmada com o número de jovens que estão usando bebida alcoólica cada vez mais cedo. Um número considerável começou a utilizar com menos de 10 anos de idade. E tem outros tipos de drogas que eles confessaram que fazem uso, mas o

consumo do álcool é bastante alto. (Entrevista com diretor, escola pública, Salvador)

Porque os nossos adolescentes de 12 anos, um pouco mais para cima, todos tomam bebida alcoólica. (...) Não existe nenhuma punição para isso. Aqui em Brasília, é muito à vontade, a lei de menores não é cumprida, cada vez mais cedo eles bebem. (Entrevista com diretor, escola pública, Distrito Federal)

3.1.5. Percepção do álcool como droga

Analisa-se, a seguir, a maneira como os alunos de escolas de ensino fundamental e médio percebem o que a literatura especializada classifica como "droga". O mesmo é feito com os adultos de referência primária dos alunos, os membros da comunidade escolar e os pais. No caso do álcool, analisar tais percepções sociais torna-se fundamental, uma vez que, por causa da ampla difusão, do estímulo mercadológico e da facilidade de acesso, ele pode ser banalizado e "glamourizado", negligenciando-se os efeitos negativos do abuso de substâncias alcoólicas. De outra forma, pode servir para estigmatizar seus usuários freqüentes ou eventuais.

Prevalece a percepção do álcool como droga quando se leva em consideração os três atores focalizados neste estudo: alunos, pais e corpo técnico-pedagógico. Todos tendem a tal posição, ou seja, entre 73% e 89% dizem considerar o álcool uma droga, segundo indica a Tabela 3.4, a seguir analisada. Esses percentuais são válidos para alunos, pais, professores e outros membros do corpo técnico-pedagógico.

Entretanto, alguma variação segundo o ator focalizado é encontrada: professores e pais apresentam maior probabilidade de considerar o álcool como uma droga. A Tabela 3.4 demonstra dessemelhanças na forma como os diferentes atores pesquisados concebem o álcool – droga ou não – nas diferentes capitais.

Tabela 3.4

Alunos e corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais de alunos, por percepção sobre álcool como droga, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Percepção sobre o álcool como droga		
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (1)	Pais (2)
Manaus	79,7	86,9	80,0
Belém	71,5	86,4	74,2
Fortaleza	75,7	90,4	84,0
Recife	67,3	85,5	75,1
Maceió	72,6	84,1	72,9
Salvador	69,3	89,9	77,8
Vitória	79,8	87,2	86,2
Rio de Janeiro	70,9	87,3	78,7
São Paulo	73,3	93,3	82,9
Florianópolis	78,4	93,3	86,9
Porto Alegre	69,0	91,7	83,9
Cuiabá	75,6	90,3	76,3
Goiânia	76,7	92,1	84,0
Distrito Federal	77,3	91,7	83,0
Média	73,1	89,3	80,4

Fonte: UNESCO. Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Nota: Aos participantes da pesquisa apresentou-se uma relação de alternativa e se pediu *Entre as coisas abaixo, marque as que você considera 'drogas'*. Esta tabela refere-se às respostas dos que marcaram álcool.

(1) n = 2.962

(2) n = 14.485

De acordo com a Tabela 3.4, os alunos apresentam uma percepção significativamente menor do álcool como droga do que o corpo técnico-pedagógico e os pais. Cerca de 73,1% dos alunos declaram ter essa percepção. Entre pais e corpo técnico-pedagógico os índices são mais elevados – 80,4% e 89,3%.

Os valores encontrados nas 14 capitais são bastante similares, cabendo destacar que em Manaus, para os alunos,

encontra-se a maior proporção – quase 80% – dos que assinalam o álcool como droga, enquanto entre os jovens de Recife é menor a proporção dos que se enquadram em tal percepção (67,3%).

Alunos entrevistados nos grupos focais afirmam que o álcool é uma droga, mas *por não ser proibida* é adquirida e consumida com *facilidade* pelos jovens: *bebida é uma droga liberada*.

Na comparação com outras substâncias, entre os pais e membros do corpo técnico-pedagógico, o álcool não é percebido como a pior droga. Mas, segundo vários professores de escolas públicas, ele é uma droga como qualquer outra, que pode causar dependência e traz diversas conseqüências, tanto individuais quanto no âmbito familiar: *Eu acho que a bebida alcoólica é uma droga. É igual às outras, vai matando devagar, acaba com a família*.

A percepção de muitos pais de que álcool não é uma droga – ainda que a maioria tenda a enquadrá-lo como tal – pauta-se, tanto na licitude do seu consumo quanto no fato de que há outras substâncias legitimadas como droga, a exemplo do cigarro: *(...) meu filho não usa maconha, não usa cocaína (...) a única coisa que ele faz é beber cerveja*. Aí, o palestrante disse assim: *Mas cerveja é uma droga. Essa senhora não aceitou que álcool também é droga*.

A partir da análise sobre a percepção do álcool como droga é preciso sublinhar, mais do que o fato de o álcool ser ou não considerado como tal, a legitimidade de um discurso normatizador que classifica, compara e o considera como mais aceitável e menos nocivo do que outras drogas – em que pese a literatura especializada sobre os efeitos perniciosos de seu abuso sobre a saúde e o desempenho social e psicológico. Tal aprovação pode ter como referência a "legalidade" relativa das bebidas alcoólicas.

3.1.6. O álcool como "porta de entrada"

Outro tema polêmico na literatura e entre os entrevistados desta pesquisa é a interação ou não entre o uso das chamadas drogas lícitas e aquelas reconhecidas como ilícitas – ou seja, em

que medida o uso do álcool e do tabaco determinam o uso de outras drogas na trajetória de vida dos usuários dessas substâncias, concomitante ou não a elas¹. Em alguns estudos, o álcool não somente é considerado como uma droga, mas, também, é destacado como "porta de entrada" para as outras drogas. O Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas – GREAD², considera o uso de bebidas alcoólicas nestes termos, não porque existe, necessariamente, uma relação comprovada entre o fato de uma pessoa usar álcool e experimentar outras drogas, mas porque o álcool costuma ser o primeiro psicotrópico ao qual os jovens têm acesso. E, muitas vezes, isso ocorre com o apoio e "incentivo" da família.

Tal hipótese é respaldada por depoimentos de diretores e professores, entrevistados nesta pesquisa. Eles tendem a apontar o álcool como "*porta de entrada*" para outras drogas consideradas ilícitas. No entanto, o discurso deles contém uma lógica de causalidade linear, como se o uso de álcool, necessariamente, levasse ao consumo de outros tipos: *Eu acho que o álcool é a porta de entrada para outras drogas, para as mais pesadas.*

Esse ideário sobre uma trajetória que se inicia com o álcool e chega às drogas ilícitas também aparece quando se fala de cigarro: *(....) com certeza quem começa com álcool, isso vira alcoolismo, aí ele começa com o cigarro, e partindo daí, ele vai para outros tipos de drogas, aquelas pesadas, a maconha (....)*

3.1.7. Motivos de uso

Existe uma multiplicidade de fatores associados que dão sentido mediato e imediato para o uso de bebidas alcoólicas entre os jovens. Esse aspecto é amplamente citado em outros estudos e

¹ Ao que parece, o consumo de álcool precede e/ou funciona como um fator predisponente para o consumo de outras drogas de abuso. Entretanto, tais dados não puderam ser confirmados a partir do modelo criado para análise multivariada. (Lima, 1991: 99)

² *Dr:* (http://www.usp.br/medicina/grea/drogas/droga_main.htm).

nos discursos colhidos nesta pesquisa. Por um lado, comenta-se sobre: 1) o prazer temporário do consumo; 2) seu sentido de mediador de sociabilidade ou de desinibidor e estimulante de relações entre pares. Por outro lado, como já foi ressaltado, trata-se de uma cultura naturalizada, caracterizada no "beber socialmente".

No caso do álcool, a informação que os jovens recebem é a de que há um momento certo para o início de seu consumo, o que geraria a expectativa de que, em algum momento de suas vidas, o consumo pode ser legitimado – como, de fato, passa a ser na adolescência e na vida adulta.

Alguns estudos enfatizam que a atração pelo uso de bebidas alcoólicas decorre de uma curiosidade, o que se pode mesclar com o desejo de inserção social, de ser parte de uma comunidade de iguais – os amigos –, ou com um simbólico rito de iniciação – sentir-se adulto. A curiosidade por parte de quem está se iniciando (Lima, 1991) possui várias referências. Scivoletto e Shigueo (2001) documentam entre 50 e 80% das crianças em idade escolar no mundo usam drogas lícitas ou ilícitas com propósitos recreacionais.

De acordo com Galduróz (1996), em vários trabalhos que buscam razões para o uso de drogas, a curiosidade aparece como motivo principal, quando expressa pelos sujeitos das pesquisas. Contudo, tal curiosidade se apóia na facilidade de acesso às drogas, na propaganda, nos atrativos simbólicos e nos significados sociais coletivos e existenciais que o indivíduo atribui ao consumo dessas substâncias (como ganhos hedonísticos, transgressão à ordem da razão ou o direito à fantasia e ao inconsciente).

Costa e Gonçalves (1988: 09) se referem ao fato de que o álcool, assim como outros psicotrópicos, "provoca alterações no sistema nervoso central, em particular da percepção, do humor e das sensações, introduzindo, ainda que temporariamente, sensações de prazer, de euforia, ou aliviando o medo, a dor, as frustrações,

as angústias, etc." Cabe, portanto, evitar restringir a complexidade de estímulos ao consumo de bebidas alcoólicas, em particular entre os jovens, às associações primárias ou efeitos verbalizados, como os que são buscados pelos sujeitos.

De fato, Carlini *et al.* (1997), ressaltam a curiosidade como agente estimulador ao consumo de álcool, mas acrescentam que a facilidade de consumo e oferta – o que é um fator de estímulo para o aumento da oferta –, representa um importante papel no uso de drogas. Concluem lançando a hipótese de que o uso de drogas (sejam elas quais forem) é um importante sinal, reflexo de uma "desarmonia" na vida do jovem e que não deve ser encarado de forma simplória, resumindo as razões para a recorrência às drogas, pelos jovens, somente à curiosidade ou à disponibilidade e fácil acesso.

Note-se que nos discursos colhidos não necessariamente se percebe uma relação entre o uso de bebidas alcoólicas e uma "desarmonia na vida dos adolescentes", como mencionam Carlini *et al.* (op.cit). A maioria se refere com mais frequência à curiosidade e à sociabilidade: beber entre amigos, para se desinibir e "ter coragem"⁶.

3.1.8. Primeira experiência e o lugar da família no consumo

A família é uma referência comum entre autores que, como Ponz Díez e Berjano Peirats (1999) discutem as primeiras experiências dos jovens com álcool e cigarro. De um lado, há autores que abordam a influência da família tanto no plano da experimentação – particularmente a primeira – quanto no que diz respeito à sua força em comparação com outras instituições e processos, os quais podem influir na decisão de o jovem vir a usar ou não álcool. De outro, existem autores que fazem uma associ-

⁶ Dados do IV Levantamento do Cebrid apontam para o crescente consumo do álcool entre os jovens para adquirir coragem, tendo constatado, por outro lado, que 11% dos estudantes já brigaram após beber (Carlini *et al.*, 1997).

ação entre relações conflituosas no grupo familiar e uma maior probabilidade de iniciação dos jovens no hábito de consumo compulsivo de álcool⁷.

Considera-se, especialmente no caso do consumo de bebidas alcoólicas, que a atitude mais ou menos crítica dos pais, bem como suas próprias pautas e parâmetros de consumo, podem atenuar ou reforçar a influência de instituições – como os meios de comunicação ou do grupo de amigos -- como agentes desencadeadores do processo de experimentação, além de influenciar na legitimidade conferida ao uso dessas bebidas⁸.

No entanto, embora deva-se conferir atenção aos estudos que destacam a influência da família e, dentro desta, a importância de alguns membros nos processos de iniciação, cristalização, diminuição ou corte do hábito de consumir bebidas alcoólicas, há que se ter cautela com tal ênfase na família quando se discute o uso de drogas entre os jovens. É fundamental ficar atento para que essas constatações não culpabilizem o grupo familiar pelo comportamento de uma geração cercada por diversas instituições e por diversos estímulos.

Há que se discutir com mais profundidade a competição entre os diversos estímulos e influências de determinados ambientes, cuja ação sobre o jovem pode vir a anular mensagens negativas em relação ao uso de drogas, mesmo que estas venham, em muitos casos, do ambiente familiar.

Na opinião dos professores, a família – em particular os pais – é um referencial comportamental básico para o jovem. Desse

⁷ Pinazo (1993), citado por Pons Diez e Berjano Peirats (1999), diz que, a respeito da aceitabilidade comparada do álcool e tabaco, 77,9% dos pais da cidade de Valência, na Espanha, opinam que as bebidas alcoólicas ajudam a animar as festas. Cerca de 40% deles pensam que, de forma geral, não há nada de mal em tomar bebidas alcoólicas.

⁸ Bearman et al. (2001) indica que mais de um terço dos alunos norte-americanos pesquisados informaram que seus pais jamais discutiram com eles os riscos do uso de substâncias psicoativas, enquanto 12% daqueles que nunca usaram maconha enfatizaram a importância positiva do papel desempenhado pela mãe.

modo, consideram que quando os pais são bebedores assíduos, os filhos também poderão vir a ser. Percebe-se que para esses atores, existe ou pode existir uma importante relação entre a família e o hábito de consumo de bebidas alcoólicas entre jovens. Porém, deve ser destacado que esta não é uma influência determinante – o que somente alguns entrevistados percebem, indicando a tendência à formação de um ideário em que, de fato, se responsabiliza a família pelos hábitos e pelo comportamento dos filhos. Note-se, no depoimento a seguir, que tal ideário pode-se sustentar não em fatos presenciados, mas em inferências e informações obtidas por fontes indiretas:

(...) temos informações de que alguns alunos, por terem contato com a bebida através dos pais que são alcoólatras, acabam entrando nessa também. Porque o pai é o próprio professor dele (...) (Entrevista com diretor, escola privada, Fortaleza)

Os depoimentos de alunos de escolas públicas e particulares apontam que, em alguns casos, de fato, os primeiros contatos com o álcool ocorrem por intermédio da família – principalmente dos pais". Alguns jovens, em particular, narram episódios em que os pais são consumidores habituais em que eles foram os primeiros a oferecer e a estimular o consumo:

(...) até meu pai insiste para eu beber, "não pai, não quero", "vai só um pouquinho", "não, não quero". Até tenho um certo incentivo (...) (Grupo focal com alunos, escola pública, Florianópolis)

Lá em casa é assim, meu pai e minha mãe bebiam e deixavam eu tomar um gole no copo deles (...) (Grupo focal com alunos, escola privada, Cuiabá)

Dados do Cebrid (1997) apontam que 28% dos alunos pesquisados experimentaram bebidas alcoólicas pela primeira vez em sua própria residência.

De fato, no universo discursivo dos pais encontram-se casos em que a intenção seria iniciar para evitar que a curiosidade pela bebida se desse em outro meio, ou seja, os pais são movidos pelo propósito de fazer intervenções positivas no tipo de uso ou no exercício de controle, como sugere o depoimento a seguir:

Em casa a gente eventualmente bebe, toma um vinho, toma um licor socialmente. Quando o meu filho tinha oito anos, nós oferecemos para ele experimentar, não uma taça completa, só para saber o gosto que tem e se ele naturalmente não gostasse, não vai beber na rua e também para não procurar beber escondido. (Grupo focal com pais, escola privada, Distrito Federal)

Alguns alunos – como já se destacou no caso do ideário dos professores – percebem a relação entre família e consumo de bebidas alcoólicas, o que sugere que eles têm um conhecimento sobre o papel da família no consumo de bebidas alcoólicas que se auto-reproduz sem, necessariamente, decorrer de suas próprias vivências, como indicam os testemunhos seguintes:

(....) às vezes, oferecem para o filho. Em casa mesmo o filho começa a beber. Já foi provado que a maioria dos alcoólatras começa a beber em casa, e é a bebida oferecida pelos próprios pais. (Grupo focal com alunos, escola privada, Salvador)

E os pais, como se situam? Percebe-se que entre eles há uma maior aceitação e o entendimento de que o consumo de álcool deve ser restrito a certas situações, pelo fato de que o álcool é socialmente aceito e está inserido em ritos e cerimônias sociais. Nesse contexto, o seu uso não é visto como problemático.

Os pais relatam que é papel da família "orientar" e explicar como fazer uso da bebida, uma vez que esta é percebida como um "mal", mas um mal anulado quando o consumo é moderado: *Eu*

acho que a gente [a família] tem que mostrar que beber não é uma coisa do outro mundo, tem que explicar; Nós sabemos que a bebida é prejudicial, mas, desde que você beba social, em casa, com a família, não passando disso, não há problema.

Note-se que os pais, realmente têm alguma margem de manobra em determinadas situações ligadas ao consumo de álcool pelos filhos e que optam por uma liberdade controlada – o que não se dá no caso do envolvimento dos filhos com as drogas ilícitas, como se analisará em outra parte desta pesquisa, quando os pais são mais impotentes.

Considerando a insinuação comum de que a frequência de uso de bebidas alcoólicas por parte dos alunos pode estar relacionada à permissividade e ao consumo por parte dos pais, foi elaborada a Tabela 3.5 que informa a frequência com que os pais fazem uso de bebidas alcoólicas: *Lá em casa é assim, meu pai e minha mãe bebiam e deixavam eu tomar um gole no copo deles (...)*

Tabela 3.5

Pais de alunos, por frequência de uso de bebidas alcoólicas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso de bebidas alcoólicas por pais de alunos (1)				
	Nunca bebem	Somente em festas e ocasiões sociais	De vez em quando	Regularmente (2)	Total
Manaus	45,9	28,8	19,4	6,0	100,0
Belem	37,9	26,4	28,5	7,2	100,0
Fortaleza	47,0	30,8	16,7	5,5	100,0
Recife	37,2	22,2	30,0	10,6	100,0
Maceió	40,9	22,1	27,6	9,4	100,0
Salvador	31,7	19,7	36,3	12,3	100,0
Vitória	37,4	17,9	31,2	13,5	100,0
Rio de Janeiro	35,0	23,2	30,7	11,1	100,0
São Paulo	40,7	24,7	27,0	7,5	100,0
Florianópolis	35,1	28,6	28,2	8,1	100,0
Porto Alegre	33,4	25,1	31,7	9,8	100,0
Cuiabá	38,7	21,3	32,0	8,0	100,0
Goiânia	46,0	15,2	29,1	9,8	100,0
Distrito Federal	36,3	23,0	30,9	9,8	100,0
Média	38,8	23,5	28,5	9,2	100,0

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos pais de alunos: *Com que frequência você bebe bebidas alcoólicas (cerveja, batidas, uísque, vinho, pinga, etc.)*

(1) n = 14.205

(2) É o somatório das alternativas: todos os dias, quase todos dias e todos os finais de semana.

A tabela acima indica que quase 39% dos pais entrevistados nunca bebem, enquanto este índice é de 29,3% entre os jovens com 19 anos ou mais (ver Tabela 3.3). Mas, por outro lado, o uso regular de bebidas alcoólicas entre alunos de 19 anos ou mais é o dobro daquele verificado entre os pais – 20% e 9,2%, respectivamente. Esses dados, por eles próprios, já questionam a tese que faz uma associação direta entre o uso elevado do álcool pelos jovens

com o que se registra no âmbito da família, ou seja, coloca em xeque a idéia de que os jovens podem estar reproduzindo um padrão familiar.

Ao discutir a influência da família sobre o consumo dos jovens a partir dos padrões de comportamento e das posturas dos pais, como um provável fator de interferência no comportamento dos filhos, é necessário detalhar hábitos relacionados com a frequência de uso de bebidas alcoólicas, segundo membros do grupo familiar (pai e mãe), pois existem singularidades no consumo quando se considera o sexo.

Como demonstram os dados da Tabela 3.6, entre aqueles que mencionam jamais fazer uso de álcool, em cada grupo (pais e mães) a maior parcela cabe às mães – 42,8% – contra 26% entre os pais, evidenciando que, entre os homens adultos, o uso de bebidas alcoólicas é mais elevado. Manaus e Goiânia são as capitais que possuem um patamar próximo de 50% de mães que afirmam nunca beber, além das maiores proporções de pais no mesmo patamar (49%), respectivamente, para as duas capitais.

No caso de pais e mães que bebem somente em festas e ocasiões sociais, verificam-se proporções bastante semelhantes de uso, com leve preponderância masculina – 54,8% e 51,2%, respectivamente – com distribuições bastante semelhantes nas capitais. Já entre os familiares que dizem fazer uso regular de bebida, a proporção dos pais é três vezes superior à das mães – 19,2% e 6%, em cada caso –, comprovando, novamente, que os homens adultos são os maiores usuários. A maior proporção masculina para esta categoria encontra-se em Vitória, onde 28,1% dos pais entrevistados revelam beber regularmente. Manaus possui a menor proporção – 13,4%. Por outro lado, são as mães do Rio de Janeiro e de Salvador as que bebem com mais frequência.

Tabela 3.6

Pais de alunos, por frequência de uso de bebidas alcoólicas, segundo sexo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais e sexo dos pais	Frequência de uso de bebidas alcoólicas pelos pais de alunos (1)			
	Nunca Bebem	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	Bebem regularmente (2)	Total
Manaus				
Masculino	55,2	51,3	13,4	100,0
Feminino	49,4	47,1	3,5	100,0
Belém				
Masculino	26,1	55,9	18,0	100,0
Feminino	41,5	54,7	3,8	100,0
Fortaleza				
Masculino	31,6	51,8	16,7	100,0
Feminino	51,3	46,3	2,4	100,0
Recife				
Masculino	21,9	58,9	19,3	100,0
Feminino	41,3	50,4	8,3	100,0
Maceió				
Masculino	28,9	48,5	22,6	100,0
Feminino	45,2	50,0	4,9	100,0
Salvador				
Masculino	16,7	60,3	23,0	100,0
Feminino	35,6	55,1	9,3	100,0
Vitória				
Masculino	23,4	48,4	28,1	100,0
Feminino	42,3	49,5	8,2	100,0
Rio de Janeiro				
Masculino	24,9	60,0	15,1	100,0
Feminino	38,0	52,3	9,7	100,0
São Paulo				
Masculino	27,0	53,6	19,4	100,0
Feminino	44,8	51,4	3,8	100,0
Florianópolis				
Masculino	23,8	57,6	18,6	100,0
Feminino	39,5	56,7	3,8	100,0
Florianópolis				
Masculino	23,8	57,6	18,6	100,0
Feminino	39,5	56,7	3,8	100,0
Porto Alegre				
Masculino	21,5	58,2	20,3	100,0
Feminino	36,8	56,3	7,0	100,0

Tabela 3.6 (Cont.)

Capitais e sexo dos pais	Frequência de uso de bebidas alcoólicas pelos pais de alunos (1)			
	Nunca Bebem	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	Bebem regularmente (2)	Total
Cuiabá				
Masculino	23,8	59,8	16,4	100,0
Feminino	43,4	51,0	5,6	100,0
Goiânia				
Masculino	36,2	44,6	19,2	100,0
Feminino	49,6	43,7	6,7	100,0
Distrito Federal				
Masculino	23,9	57,5	18,6	100,0
Feminino	40,2	52,6	7,2	100,0
Média				
Masculino	26,0	54,8	19,2	100,0
Feminino	42,8	51,2	6,0	100,0

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos pais de alunos: *Com que frequência você bebe bebidas alcoólicas (cerveja, batida, uísque, vinho, pinga, etc.)?*

(1) n = 14.062

(2) É o somatório das alternativas: *todos os dias, quase todos dias e todos os finais de semana.*

Os dados desta tabela, quando comparados com os resultados da frequência de uso de bebidas alcoólicas por alunos, indicam que pode haver uma certa influência positiva da família na inibição do hábito de beber entre os jovens, uma vez que os dados de frequência para os alunos são de 42,2% para nunca bebem e de 45,9% para bebem apenas em festas e em ocasiões sociais. Percebe-se que existe um padrão de aproximação entre os comportamentos de pais e filhos, uma vez que as frequências para cada um, apesar de diferentes, se comportam da mesma forma, sendo maior, em ambos os casos, o consumo em festas e ocasiões sociais, apontando que, por vezes, o consumo de álcool pelos jovens ocorre sob a supervisão da família.

Cabe ressaltar que, apesar da aparente correlação, não se pode concluir que a família tem um papel determinante na aquisição e na consolidação de tal hábito, uma vez que o mundo social do qual o jovem faz parte é muito amplo, assim como são variadas as influências que ele recebe.

3.1.9. Sociabilidade e uso do álcool: o lugar dos amigos

Sabe-se que entre os jovens o grupo de amigos possui uma grande influência sobre seus padrões de comportamento. A literatura sobre juventude assinala freqüentemente a ascendência dos amigos sobre formas de se vestir, sobre o linguajar, o comportamento em relação ao sexo e às bebidas. (Guimarães, 1998; Abramovay e Rua, 2002).

A relação entre beber e ter coragem, ou ser menos tímido, é interpretada também como um meio para eles se tornarem mais animados, soltos, ou para paquerar: *Tem gente também que é tímido e bebe para se soltar (...) Mas eles [os meninos] só querem sair para beber e para agarrar mulher, então a gente já sabe que rola bebida.*

Ao serem indagados sobre as razões pelas quais os jovens bebem com freqüência, alunos, membros do corpo técnico-pedagógico e pais enfatizam a forte influência que os grupos têm na vida dos adolescentes. Segundo depoimentos de professores, o jovem que não participa das regras de seu grupo está fora e recebe até apelidos pejorativos, tais como: *é lesa, é babaca,*

(...) a questão dos jovens é a influência, eles são muito influenciados, quem não bebe, não fuma é considerado careta, bobo e vai ficar fora do esquema deles. Para se inserir no grupo, eles têm que participar de tudo. Começa com fumar, beber, então pode se integrar. (Grupo focal com professores, escola pública, Manaus)

Para os jovens, beber é um ritual de sociabilidade: *Foi assim entre amigos, rodinha (...) tem muita gente que começa assim, turminha,*

daí vai um golinho, depois uma latinha. Para os pais, a maneira de tentar se enquadrar de qualquer forma é uma auto-afirmação frente aos amigos. *Bebem para chamar a atenção.*

Nos grupos, a bebida também pode ser entendida como um fator de aproximação e de identificação entre os seus membros. Alguns professores chamam a atenção para este fato, alertando para a alta quantidade de álcool que é ingerida pelos jovens nessas ocasiões:

Os jovens vivem em núcleos. As diversões básicas: sair para dançar. Um consumo bem alto de bebida nessa diversão é preocupante. Bebida de álcool. Eles bebem muito para essa idade. É o que eu vejo. No geral, a diversão deles é essa. Festinha com bebida e com cigarro. (Grupo focal com professores, escola pública, Florianópolis)

De acordo com depoimentos de alunos, ir ao bar, para conversar com os amigos, é uma forma de diversão, um tipo de lazer: *Mais pra barzinho. Tomar uma cerveja lá; Eu tando [num bar] com cerveja, uns dois, três amigos, a conversa rola a noite todinha, eu sempre gosto de bater papo.*

A mesma opinião é compartilhada por professores e agentes de segurança das escolas, observando que as bebidas alcoólicas estão, se inserindo, cada vez mais, na vida dos jovens e são utilizadas não só para ficar mais "soltos", mas, principalmente, para ter a sensação de liberdade frente aos dilemas da sexualidade: *O álcool parece que é um instrumento que libera o corpo para o sexo (...), o álcool libera, deixa você mais livre e solto para agir sem vergonha, o álcool é um estímulo.*

A associação entre *fazer uso de bebidas para ousar no plano da sexualidade* possui tênues nexos com ritos de iniciação da masculinidade ou com estereótipos sobre gênero e, ainda, com a construção do ser homem a partir de certos parâmetros (a construção

social do homem adulto). Isso é ressaltado na linguagem de adultos, no caso, professores e outros membros da comunidade escolar, como sugerem os depoimentos seguintes:

(...) o uso da bebida alcoólica para mim está muito associada, há algum tempo, à masculinidade do homem. O homem que bebe e fuma maconha, ele sabe que é homem. (Grupo focal com professores, escola pública, Goiânia)

(...) Porque no caso da bebida, os meninos falam que é coisa de homem, coisa de adulto (...) (Entrevista com agente de segurança, escola pública, São Paulo)

Os alunos relatam, em seus discursos, que fazem uso do álcool como meio de adquirir coragem. Para alguns, a coragem potencializaria, também, o ser violento. Mas persiste a ambigüidade entre beber para brigar e o fato de a bebida propiciar, como efeito não-intencional, o envolvimento em atos violentos: *Fica todo mundo doidão, querendo bater nos outros. Parece que quando você está bêbado toma coragem.*

3.1.10. Religião e uso de bebidas alcoólicas

A religiosidade, ou ter alguma religião, tem sido apontada como um condicionante inibidor no comportamento das pessoas em relação ao consumo de substâncias psicoativas (*e.g.* Lima, 1991). No ideário de algumas denominações se explicita a crítica ao uso de bebidas alcoólicas¹⁰, enquanto em outras, historicamente, as substâncias psicotrópicas têm lugar sagrado nos cultos.

Os dados da Tabela 3.7 confirmam a religião como um fator de proteção contra o uso. Considerando-se a população

¹⁰ Uma pesquisa realizada com estudantes de Salvador encontrou menor prevalência de uso entre pessoas com filiação religiosa que proscree o uso de drogas – protestantes e testemunhas de Jeová (ver Almeida Filho, 1988).

de pais de alunos, entre os que não têm religião, o índice de exposição ao álcool (ou seja, os que bebem somente em festas e em ocasiões sociais somados àqueles que bebem regularmente) é de 74,4%, enquanto para os que têm alguma religião este índice se situa, em média, em 56,1%. Uma vez que o índice dos que fazem algum uso de bebidas alcoólicas é também bastante alto entre aqueles com algum tipo de religião (englobando mais da metade dos informantes), apesar de os dados desta pesquisa se alinharem ao encontrado na literatura, como já comentado, não se pode considerar que ter uma religião seja, em si, um inibidor absoluto entre a população adulta (no caso os pais) ao consumo de álcool.

Note-se que, em média, 32% dos que têm alguma religião declaram que bebem regularmente. Já os que não têm alguma religião e que estão na mesma categoria quanto ao tipo de exposição ao álcool, essa proporção é de 52,5%, indicando, acentue-se novamente, que ter religião faz alguma diferença quanto ao comportamento frente ao consumo de bebidas alcoólicas, mas não, necessariamente, elimina a probabilidade de uso.

Quando se considera os que bebem somente em festas e ocasiões sociais, o efeito de ter uma religião é atenuado, sendo mínima a diferença (8%) entre os que têm e os que não têm uma religião. Inclusive, sobressaem os que têm alguma religião em tal consumo. Assim, 24% daqueles que têm algum tipo de religião declaram beber somente em festas e ocasiões sociais; já entre os que não têm, a proporção é de cerca de 22%.

Contudo, evidencia-se, de fato, associação entre ter uma religião e não uso de bebida, já que quase 44% dos pais que declaram ter alguma religião, referem que nunca bebem, proporção que se situa em 25,6% entre os que declaram não ter religião.

Em algumas capitais, as proporções dos que bebem regularmente, em cada grupo, se distanciam muito quanto ao fato de ter religião, chegando a ser o triplo entre os que informam não ter alguma religião, como em Goiânia e Manaus.

Tabela 3.7

Pais de alunos, por possuir ou não religião, segundo frequência de consumo de bebidas alcoólicas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de consumo de bebidas alcoólicas por pais de alunos por religião ou não		
	Frequência de consumo	Têm religião	Não têm religião
Manaus	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	45,9	56,6
	Bebem regularmente	4,4	12,7
	Nunca bebem	49,7	30,7
	Total	100,0	100,0
Belém	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	53,3	62,5
	Bebem regularmente	5,5	11,4
	Nunca bebem	41,2	26,1
	Total	100,0	100,0
Fortaleza	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	44,7	58,8
	Bebem regularmente	4,3	8,9
	Nunca bebem	51,0	32,3
	Total	100,0	100,0
Recife	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	49,6	59,9
	Bebem regularmente	8,2	15,4
	Nunca bebem	42,1	24,7
	Total	100,0	100,0
Maceió	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	46,6	59,2
	Bebem regularmente	7,5	15,2
	Nunca bebem	45,8	25,6
	Total	100,0	100,0
Salvador	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	52,4	61,4
	Bebem regularmente	9,7	17,9
	Nunca bebem	37,8	20,7
	Total	100,0	100,0
Vitória	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	47,0	56,7
	Bebem regularmente	9,7	23,1
	Nunca bebem	43,3	20,1
	Total	100,0	100,0
Rio de Janeiro	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	50,7	59,4
	Bebem regularmente	8,3	17,4
	Nunca bebem	40,9	23,3
	Total	100,0	100,0

Capitais	Frequência de consumo de bebidas alcoólicas por pais de alunos por religião ou não		
	Frequência de consumo	Têm religião	Não têm religião
São Paulo	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	48,9	59,4
	Bebem regularmente	5,6	12,3
	Nunca bebem	45,5	28,2
	Total	100,0	100,0
Florianópolis	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	56,2	57,2
	Bebem regularmente	6,0	14,4
	Nunca bebem	37,9	28,4
	Total	100,0	100,0
Porto Alegre	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	54,7	61,2
	Bebem regularmente	8,1	13,4
	Nunca bebem	37,2	25,3
	Total	100,0	100,0
Cuiabá	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	51,1	61,5
	Bebem regularmente	6,9	13,4
	Nunca bebem	42,0	25,1
	Total	100,0	100,0
Goiânia	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	42,3	50,5
	Bebem regularmente	7,1	20,7
	Nunca bebem	50,6	28,8
	Total	100,0	100,0
Distrito Federal	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	51,1	64,1
	Bebem regularmente	7,7	15,5
	Nunca bebem	41,3	20,4
	Total	100,0	100,0
Média	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	24,0	21,9
	Bebem regularmente	32,1	52,5
	Nunca bebem	43,9	25,6
	Total	100,0	100,0
N.º Absoluto	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	4.991	1.955
	Bebem regularmente	701	504
	Nunca bebem	4.452	848
	Total	100,0	100,0

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
 Foi perguntado aos entrevistados: *Com que frequência você bebe bebidas alcoólicas?* e cruzou-se com a questão *Qual a sua religião?*, que recodificada, gerou uma outra categoria – *Você tem religião?* – com a qual foi feito o cruzamento.

Comparam-se, a seguir, os dados encontrados para pais e alunos (Tabela 3.8), explorando a associação entre ter religião e padrões de consumo de bebidas alcoólicas entre as gerações.

Para os alunos, as proporções médias encontradas para o conjunto das 14 capitais selecionadas, no caso dos que já tiveram ou têm algum contato com bebidas alcoólicas (bebem regularmente ou somente em festas e ocasiões sociais) e têm religião, a proporção é de 53,9%, enquanto para os que, de alguma forma, já se expuseram ao álcool (o que significa ter declarado beber somente em festas e ocasiões sociais e/ou beber regularmente) mas não possuem religião, é de 69,3%. Tem-se, desta forma, tendências similares ao encontrado para os pais e que vão na mesma direção ao apontado na literatura. Ou seja, entre os alunos pesquisados sem religião sobressaem mais aqueles que bebem somente em festas e ocasiões sociais (52,7%) e os que bebem regularmente (16,6%). Se o parâmetro de referência são os que têm alguma religião, os índices são, respectivamente, para cada um desses conceitos, de 45% e 8,9% no conjunto urbano focalizado.

No conjunto dos dados, percebe-se que há uma associação entre o fato de ter ou não religião e a conduta/posição que o adolescente irá ter em relação ao álcool. Entre os que declaram ter alguma religião, os índices são de 46,1% para os que nunca bebem; de 45% para os que declararam beber somente em festas e ocasiões sociais e de 8,9% para aqueles que bebem regularmente.

Os alunos que nunca bebem constituem 30,7% daqueles sem religião (cerca de 17% a mais que pais) e 46,1% entre os que têm (cerca de 30% a mais que os pais).

Considerando os alunos com religião que já estiveram expostos ao álcool, em uma perspectiva comparativa entre cidades, destacam-se da média as seguintes capitais: Salvador (62,3%), Florianópolis (62,7%) e Porto Alegre (64,7%). Para o caso inverso, ou seja, contato com bebidas e não ter religião, destacam-se, mais uma vez, Florianópolis (74,1%), Rio de Janeiro (72,2%), Salvador (75%) e Fortaleza (72,2%).

Tabela 3.8

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por possuir ou não religião, segundo frequência de consumo de bebidas alcoólicas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de consumo de álcool por alunos por ter ou não religião		
	Frequência de consumo	Têm religião	Não têm religião
Manaus	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	41,4	43,9
	Bebem regularmente	4,9	17,8
	Nunca bebem	53,7	38,3
	Total	100,0	100,0
Belém	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	40,8	43,5
	Bebem regularmente	9,2	21,7
	Nunca bebem	50,0	34,8
	Total	100,0	100,0
Fortaleza	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	48,1	57,2
	Bebem regularmente	6,7	15,0
	Nunca bebem	45,2	27,8
	Total	100,0	100,0
Recife	Bebem somente em festas e ocasiões sociais		49,0
	Bebem regularmente	11,2	18,9
	Nunca bebem	49,3	32,1
	Total	100,0	100,0
Maceió	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	41,9	56,5
	Bebem regularmente	7,1	11,8
	Nunca bebem	51,0	31,7
	Total	100,0	100,0
Salvador	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	50,5	56,9
	Bebem regularmente	11,8	18,1
	Nunca bebem	37,7	25,0
	Total	100,0	100,0
Vitória	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	36,0	45,9
	Bebem regularmente	8,1	13,8
	Nunca bebem	55,9	40,3
	Total	100,0	100,0
Rio de Janeiro	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	40,4	51,9
	Bebem regularmente	9,5	20,3
	Nunca bebem	50,1	27,7
	Total	100,0	100,0

Capitais	Frequência de consumo de bebidas alcoólicas por pais de alunos por religião ou não		
	Frequência de consumo	Têm religião	Não têm religião
São Paulo	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	48,9	54,6
	Bebem regularmente	8,2	13,2
	Nunca bebem	42,9	32,2
	Total	100,0	100,0
Florianópolis	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	50,6	50,2
	Bebem regularmente	12,1	23,9
	Nunca bebem	37,3	25,8
	Total	100,0	100,0
Porto Alegre	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	51,1	49,9
	Bebem regularmente	13,6	18,8
	Nunca bebem	35,3	31,3
	Total	100,0	100,0
Cuiabá	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	41,3	45,5
	Bebem regularmente	12,4	16,8
	Nunca bebem	46,4	37,7
	Total	100,0	100,0
Goiânia	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	35,7	41,0
	Bebem regularmente	7,7	18,1
	Nunca bebem	56,6	40,9
	Total	100,0	100,0
Distrito Federal	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	41,5	52,8
	Bebem regularmente	9,0	13,1
	Nunca bebem	49,5	34,1
	Total	100,0	100,0
Média	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	45,0	52,7
	Bebem regularmente	8,9	16,6
	Nunca bebem	46,1	30,7
	Total	100,0	100,0
N.º Absoluto	Bebem somente em festas e ocasiões sociais	1.718.209	282.091
	Bebem regularmente	341.251	88.699
	Nunca bebem	1.760.509	164.638
	Total	100,0	100,0

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
 Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você bebe bebidas alcoólicas?* Cruzada com a questão *Qual a sua religião?* – que recodificada, gerou uma outra Categoria – *Você tem religião?* – com a qual foi feito o cruzamento.

Em síntese, entre os alunos e pais, a religião funciona como um mecanismo de proteção, significando que são menores as possibilidades de um jovem expor-se à bebida caso tenha alguma religião.

Mas os dados também sugerem que, se a tendência da associação entre religião e consumo de bebidas alcoólicas, se mantém entre as gerações, ou seja, a religião funcionando, até certo ponto, como inibidor do consumo, já a intensidade daquela associação é singular em cada caso (de pais e filhos) e depende do tipo de exposição ou não ao consumo.

Assim, considerando a categoria dos que bebem regularmente, ter uma religião reduz consideravelmente as possibilidades de o jovem vir a consolidar o hábito de consumo, muito mais do que ocorre em relação aos pais, uma vez que os percentuais de tal associação entre os alunos foram de 8,9% (bebem regularmente e têm religião) e de 24% para os pais. No caso inverso – beber regularmente e não ter uma religião –, as proporções encontradas são de 16,6% e de 21,9%, respectivamente, para alunos e pais.

A distância maior em situações encontradas para pais e alunos ocorre quando se tem como referência a categoria beber somente em festas e ocasiões sociais, tanto entre os jovens que declaram ter e não ter religião. As proporções são um pouco maiores que as observadas para pais, sendo que entre os jovens a distância entre os que têm e os que não têm religião – considerando os que fazem uso de álcool em tais ocasiões – é menor que o registrado para os pais, o que sugere que a orientação gregária e por festas minimiza, entre os jovens, o efeito inibidor ao consumo de álcool. Entre pais com alguma prática religiosa, cerca de 24% bebem somente em festas e ocasiões sociais; já entre os alunos, esta categoria concentra 45% dos que têm alguma religião e 52,7% dos que não têm, índice este que representa mais que o dobro do caso dos pais em tal categoria (21,9%).

Insiste-se que a associação entre o hábito de não beber e ter religião ocorre de forma relativa. Ou seja, a religião não é

determinante sobre o comportamento dos jovens. Os dados demonstram que ter religião é um fator com uma alta probabilidade de efeito de proteção contra o consumo de álcool, especialmente no plano de beber regularmente. Mas os dados deixam margens para se pensar que a religião só é eficaz se estiver somada a outros condicionantes.

Por outro lado, há que cuidar da categoria ter religião, já que esta não diz muito sobre tipos de prática e comprometimento, podendo, também, estar entrelaçada a outros processos sociais, que não necessariamente a obediência a determinados princípios, dogmas, valores e rituais de comportamento. Para muitos jovens, se o ter associa-se à prática religiosa, esta pode ser também um tipo de sociabilidade, de estar com amigos, de ser parte de uma comunidade de referência quanto a pessoas e valores. Aliás, é significativo que o ter ou não religião possua menor efeito entre alunos do que entre os pais, quando se considera o beber em festas e ocasiões sociais.

Ter religião também pode estar sinalizando – além do sentido gregário – para os efeitos contrários ao envolvimento com o álcool, o sentido de pertencimento a uma comunidade de valores, projetos e ética de vida, nortes não necessariamente exclusivos de ideários e práticas religiosas.

3.1.11. Influência da mídia

Sendo um bem de elevado valor no mercado, pelos lucros conferidos aos que produzem e comercializam, as bebidas alcoólicas são alvo de intensa propaganda em diferentes mídias, com endereços variados, ou seja, para diferentes públicos.

No caso dos jovens, não somente há propagandas especialmente desenhadas, como faz parte do vocabulário subliminar associar-se bebidas à juventude, passando essa a ser um sedutor em si, em uma sociedade hedonística, que privilegia aparências e equaciona beleza com juventude ou um tipo de juventude. As

bebidas alcoólicas são construtos de elixir de juventude e esta formatada como branca, de classe média ou alta, alegre e em situações de lazer, festa e esporte. Os jovens, portanto, mais que um público alvo, é um capital simbólico, re-elaborado nas propagandas de álcool e tabaco.

Na literatura sobre juventude e consumo de bebidas alcoólicas é lugar-comum culpar a mídia por incentivar os jovens ao uso, camuflando os efeitos nocivos. Segundo Pinski (1994), a sociedade induz ao uso de álcool e tabaco por intermédio mídia, fazendo associações com o bem-estar e a ascensão social. Também para Guerra de Andrade, referenciado por Bellinghini (2002), o apelo ao álcool está em toda parte, com a imprensa apontando para uma imagem favorável, principalmente entre os adolescentes: "A publicidade das marcas de cerveja, com a tartaruga ou o siri engraçadinhos, não é voltada para o público adulto, mas para os futuros consumidores, para crianças"¹¹.

Mas, considerando o coletado nesta pesquisa, ressalta-se que os jovens não necessariamente são um público passivo, registrando-se reflexões críticas sobre as mensagens de incentivo ao uso de bebidas, passadas pelas propagandas. Segundo relatos, destaca-se que as propagandas usam sempre pessoas bonitas, em lugares paradisíacos, em que todos são bem-sucedidos, felizes, atraentes e sedutores, como se a bebida fosse um elemento capaz de realizar desejos e trazer felicidade. Reconhece-se que tal idealização é contrastante com a realidade vivida pela maioria dos jovens. Possivelmente, o que não se elabora nesses relatos críticos, é que tal contraste é, em si, um atrativo e que as fantasias sugeridas pela propaganda estão subliminarmente encontrando eco em frustrações de expectativas, direitos de prazer negados.

¹¹ In: <http://www.estadao.com.br/edtoriais/2002/cid027.html>

Quadro 3.1

É propaganda enganosa

Grupo focal com alunos, escola privada, Goiânia

É todo mundo lindo, saudável, lugar legal, como se ficasse assim com a bebida. É propaganda enganosa. Ninguém consegue tudo isso só porque bebe. É todo mundo lindo, saudável, lugar legal, como se ficasse assim com a bebida.

Tal reflexão sobre a interação entre os tipos de poder da propaganda e de valores sociais e modos de se sentir no mundo, em particular, por parte dos jovens, tem respaldo em vários autores que assim minimizam o absolutismo da mídia, ainda que reconheçam o seu papel, que se firma mais por faltas e alienações propiciadas socialmente por uma cultura de eterno presente e consumismo (ver, entre outros, Hopenhayn, 2001b; Carlini-Cotrim, 1992). De acordo com Inem (1992: 121):

Vivemos uma cultura adictiva-alienante. Os meios audiovisuais impõem suas imagens. O indivíduo não mais inventa seus sonhos – tudo é imediato, a imaginação não mais intervém como mediadora do desejo e da realização. Sem sonhos, "sem desejo", sem status preciso, o adolescente é levado a uma inibição do seu desenvolvimento enquanto sujeito. A sua angústia muitas vezes só consegue se exprimir em "passagens ao ato" violentas, contra outros ou contra si mesmo.

Depoimentos de membros do corpo técnico-pedagógico das escolas também vão no sentido anotado entre alunos, sublinhando as propagandas de bebidas alcoólicas, em particular porque são apresentadas como não-prejudiciais à saúde:

(....) o álcool não é visto como uma droga, porque é divulgado na imprensa, na mídia como algo legal de usar (....). Agora estão tentando dizer também que faz mal, mas tem a falta de informação. (Entrevista com diretora, escola pública, São Paulo)

Hoje é essa propaganda da cerveja redonda. Vai inculcando nos jovens que é bom beber (....) (Entrevista com diretor, escola pública, Distrito Federal)

Não haveria, portanto, necessariamente, a prevalência de "inocentes úteis", entre os alunos, ou uma comunidade pedagógica não atenta a sentidos da influência da mídia sobre os jovens, potencializando o consumo, o que não significa que a crítica social à mídia e ao mercado seja, em si, eficaz ou atenta à complexidade dos sentidos simbólicos da propaganda e sobre a linguagem dessa que não manipula obrigatoriamente razão ou informações, mas fantasias, desejos e expectativas e, assim, opera com modelagens sociais de consumo.

3.1.12. Permissividade quanto ao álcool

Tendo como hipótese que a perspectiva de controle social, em particular sobre os jovens, possui alguma vigência no ideário – tanto de alunos como de pais e professores, mas não necessariamente com idêntica intensidade – são analisados seus posicionamentos frente a alguns indicadores sobre restrições, proibições e permissividade em relação ao álcool.

Pais de alunos consideram que a "proibição" irrestrita do uso do álcool não surte efeito para com os jovens. Tal discurso não se respalda em uma perspectiva liberal, mas sim, em uma ideologia sobre a forma como os diversos autores percebem/constróem o jovem, ou seja, como "naturalmente" transgressor e contestador. Proibir é incentivar a curiosidade e o impulso à transgressão, no caso, ao consumo. De acordo com Oliveira (1988a: 30):

[...] quanto mais a sociedade reprime as drogas (lícitas ou ilícitas), mais elas passam a ter um significado tentador, pois se algo é pintado como perigoso, proibido, surge sempre mais uma razão para isto ser usado como uma arma da rebeldia adolescente. A entrada nessa ilegalidade corresponde a tentativas de lidar com a lei interna. É o momento crucial em que o adolescente testa a autoridade dos pais para o exercício da interdição.

Ao impor limites, incorre-se num estímulo indireto ao consumo. Tais limites induzem os jovens a desafiá-los. Nessa linha é comum a defesa do que já foi referido como *liberdade controlada ou vigiada*, isto é, permitir que o jovem experimente e faça uso de bebidas alcoólicas em casa, em vez de fazê-lo com amigos. Tais práticas podem ser mutuamente excludentes e relacionadas de forma causal:

(...) Como eu nunca tinha deixado ele beber em casa, um dia ele foi para a boate bebeu até ficar completamente embriagado, justamente porque eu nunca deixava que ele tomasse em casa (...) Isso me serviu de lição, porque o pai bebe às vezes socialmente e não deixava ele beber, é contradição, tem que ter orientação (...) (Grupo focal com pais, escola privada, Distrito Federal)

A Tabela 3.9 indica a posição de cada um dos atores sobre atitudes permissivas relacionadas ao álcool, e sugere haver percepções distintas – entre alunos, por uma parte, e pais e corpo técnico pedagógico, por outra –, tendendo os primeiros a posturas mais tolerantes ou permissivas. Os professores situam-se em uma perspectiva mais crítica, enquanto os pais a uma visão intermediária.

No quadro seguinte também se ilustra posturas diversas sobre a relação dos jovens com o álcool, registrando-se tanto alarmes como a banalização ou a idéia de que *beber não é coisa de outro mundo*.

Quadro 3.2

Beber não é coisa de outro mundo

**Grupo focal com pais, escola privada, Distrito Federal;
Entrevista com diretor, escola pública, Salvador**

Eu acho que é a gente [a família] tem que mostrar que beber não é uma coisa do outro mundo, tem de explicar. Em casa a gente eventualmente bebe, toma um vinho, toma um licor socialmente. Quando o meu filho tinha oito anos, nós oferecemos para ele experimentar, não uma taça completa, só para saber o gosto que tem e se ele naturalmente não gostasse, não vai beber na rua e também para não procurar beber escondido.

Alguns jovens acham normal usar drogas. Inclusive nós fizemos uma pesquisa aqui, por meio da Procuradoria Pública. Fiquei alarmada com o número de jovens que está usando bebida alcoólica cada vez mais cedo. Um número considerável, começou a utilizar com menos de 10 anos de idade. E tem outros tipos de drogas que eles confessaram que fazem uso mas, o consumo do álcool é bastante alto.

Analisa-se, na Tabela 3.9, como indicadores de restrições, controle e permissividade: o fato de o comércio vender bebidas a menores, o que é considerado infração legal; pais deixarem os jovens beber em casa, o que já foi qualificado como uma prática indicativa de liberdade vigiada e, por fim, recorre-se ao indicador *permitir que os jovens bebam em festas*, prática bastante difundida entre grupos jovens e que, por outro lado, é comum a suspeita ou o mal estar social com a orientação gregária dos jovens.

De acordo com a Tabela 3.9, quase 12% dos alunos, em todas as capitais, consideram normal que o comércio venda bebida a pessoas com menos de 18 anos. Já entre membros do corpo docente e

Tabela 3.9

Alunos, corpo técnico pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais de alunos, por opinião sobre atitudes permissivas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Opinião dos atores sobre atitudes permissivas								
	Comércio vender bebida a menores			Pais deixarem jovens beber em casa			Permitir que jovens bebam em festas		
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (1)	Pais (2)	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (1)	Pais (2)	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (1)	Pais (2)
Manaus	10,3	3,4	4,4	11,3	7,9	7,2	22,3	3,4	7,6
Belém	10,5	1,2	4,6	13,5	6,7	8,4	27,2	2,7	7,1
Fortaleza	18,7	1,1	3,7	24,0	9,1	9,1	54,6	3,2	10,8
Recife	13,9	2,7	5,4	20,8	9,4	11,1	36,3	3,4	11,7
Maceió	10,8	5,1	5,6	14,5	9,8	11,2	36,1	8,9	13,2
Salvador	10,8	2,1	2,7	20,3	12,7	11,5	34,8	9,5	10,5
Vitória	10,8	2,1	4,2	14,5	9,3	9,7	27,6	5,7	8,1
Rio de Janeiro	10,3	0,7	2,7	15,1	13,2	10,0	30,0	3,2	5,4
São Paulo	11,9	3,1	3,5	14,9	5,8	8,5	33,6	4,3	7,5
Florianópolis	12,4	2,7	2,3	16,5	11,2	7,0	40,8	9,6	8,5
Porto Alegre	12,5	3,2	2,8	17,3	5,8	9,7	41,3	4,2	8,3
Cuiabá	12,2	3,1	4,2	18,1	8,8	9,0	29,9	4,2	8,2
Goiânia	10,9	1,5	3,4	16,0	5,5	8,0	25,6	2,0	5,5
Brasília	12,6	2,2	3,4	12,4	2,9	7,0	32,3	3,6	6,6
Média	11,8	2,4	3,7	16,0	8,4	9,1	33,4	4,8	8,5

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos atores (alunos, corpo técnico pedagógico e pais): Marque o que você acha correto. Esta tabela se refere às marcações positivas para – *Comércio vender bebida a menores de idade; Pais deixarem que jovens bebam em casa; Permitir que jovens bebam em festas.*

pais, os índices são muito menores – de 2,4% e 3,7%, respectivamente, indicando menor concordância com tal tipo de infração.

Sobre se os pais devem deixar os jovens beberem em casa, tem-se que: entre os alunos, 16% acatam como normal tal perspectiva, sobretudo na capital cearense, em que 24% opina favoravelmente. Já o segmento adulto apresenta proporções menores quanto a essa "permissividade". Entre membros do corpo técnico-pedagógico, 8,6% concordam que os pais devem deixar os jovens beber em casa, coerente com a orientação comum encontrada entre professores, diretores e outros membros do corpo técnico-pedagógico, de considerar que a família deve ser menos permissiva em relação aos hábitos de consumo de álcool pelos filhos. Os pais se alinham à postura próxima a dos professores, numa proporção de 9,2%. Ressalta-se que para cada pai que advoga essa orientação liberal, há três jovens que defendem tal postura.

Considerando, a partir da Tabela 3.9, a categoria permitir que jovens bebam em festas, é alta a proporção de alunos que concordam com tal perspectiva – cerca de 33,4% no conjunto das capitais. Mais da metade dos alunos de Fortaleza (54,6%) declaram ser essa uma atitude correta.

As opiniões são divergentes quando se considera cada um dos atores, percebendo-se um nítido corte por geração. Os alunos são mais favoráveis a que se permita aos jovens beber em festas. A proporção de pais que defendem tal conduta é de 8,5% e de apenas 4,8% para os membros do corpo técnico-pedagógico.

Os alunos se destacam em relação aos adultos de referência – como pais e os membros do corpo técnico-pedagógico – por posturas mais permissivas sobre esse consumo.

Entretanto, se ao nível comparativo, os jovens advogam que as interações entre gerações sobre consumo de álcool deveria pautar-se por alguma liberalidade, não necessariamente se pode afirmar que predominam, entre os alunos, posturas críticas ao controle dos adultos quanto a bebidas alcoólicas.

Cerca de 90% dos alunos do universo amostrado não é favorável à venda de álcool pelo comércio a pessoas com menos de 18 anos, enquanto 85% acham que os pais não devem deixar os jovens beber em casa e quase 70% não se afina com a postura de que deve-se permitir que eles bebam em festas, ainda que, de acordo com análises anteriores, esta seja uma prática comum entre jovens e adultos.

Apesar de serem os alunos, com maior probabilidade, os atores mais favoráveis a atitudes permissivas em relação ao álcool, alguns manifestaram por meio de depoimentos, a necessidade de haver um maior controle sobre a venda de bebidas alcoólicas a menores, ressaltando que apesar de existir uma lei que proíbe a venda de bebidas a menores de 18 anos, essa é constantemente descumprida, por faltar eficiente fiscalização sobre esses estabelecimentos:

Tem que acabar com esse negócio de vender bebidas para menores (...). Existe a lei para a proibição de venda de bebidas alcoólicas para menores, mas não é cumprida. Em qualquer lugar que a gente vá, eles vendem para menores. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá).

Em resumo, desta seção sobre percepções em relação ao consumo do álcool se destacam pistas para uma perspectiva preventiva, como: o fato de que o consumo tende a aumentar com a idade; a importância dos amigos na vida dos jovens; o consumo de álcool se dá principalmente em festas e atividades sociais; a crítica à forma como a mídia glamouriza o uso de bebidas alcoólicas; e de que a maioria dos entrevistados percebe o álcool como droga, mas que uma significativa proporção não se alinha a tal perspectiva. Cerca de 30% dos alunos; 10% de membros do corpo técnico-pedagógico e 20% dos pais não consideram o álcool como droga.

Frisa-se, também, que não é recente, nem somente entre os jovens que os hábitos de beber e de fumar seriam extensivos e que,

por diversas gerações e governos, em particular autoridades na área de saúde, vêm se discutindo medidas e políticas sobre o tema.

3.2. TABACO

3.2.1. Breve histórico

Planta nativa das Américas, o tabaco começou a ser utilizado há aproximadamente 1000 anos a.C., principalmente em rituais mágico-religiosos espalhados por toda a América Central. O uso inicial do fumo e do cachimbo é atribuído aos maias, em rituais religiosos. Cultivado no sul dos Estados Unidos e no Caribe, o tabaco se tornou o principal produto de exportação das colônias do Novo Mundo. No Brasil, a propagação da nicotiana tabacum se deu pela influência dos índios das tribos tupis-guaranis, que o consumiam principalmente em rituais.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, o tabagismo constituiu-se em uma "epidemia generalizada", vitimando, anualmente, cerca de três milhões de pessoas em todo o mundo. No Brasil, cerca de 32,6% dos adultos são fumantes, dos quais 11,2 milhões são mulheres e 16,7 milhões, homens¹². Os males causados pelo tabaco impõem pesados custos aos serviços públicos de saúde¹³; o fumo causa ou ajuda a causar cerca de 25 doenças, como as cardiovasculares, que matam 300 mil brasileiros anualmente. Dentre os males já detectados – cujas causas estariam relacionadas ao tabaco – estão diferentes tipos de tumores malignos, como os cânceres de pulmão, boca, garganta, esôfago, bexiga, rins e pâncreas; bronquite crônica e enfisema; úlcera do duodeno e

¹² Dados retirados do site do Instituto Nacional de Câncer – www.inca.gov.br

¹³ Segundo os Resultados Preliminares do I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, um estudo que envolveu as 107 maiores cidades do país, há uma estimativa de que 9% da população de 12 a 65 anos de idade é dependente do tabaco, o que representa 4.214.000 pessoas (Carlini et al., 2002).

estômago, podendo ainda contribuir para o desenvolvimento da osteoporose e da doença de Alzheimer.

Com o desenvolvimento de pesquisas que vieram comprovar as implicações do tabaco para a saúde humana, governos de diversos países, juntamente com organizações da sociedade civil e organismos internacionais, engajaram-se em campanhas contra o cigarro, como foi o caso do Brasil. Dentre as medidas empreendidas para inibir o consumo de tabaco no país, o Ministério da Saúde tem desenvolvido esforços para a redução de seu consumo, por meio de campanhas educativas que culminaram no projeto de lei nº 3.156/00, que proíbe a veiculação de propagandas de cigarro nos meios de comunicação. A partir de 2003, esta proibição se estenderá também à divulgação do fumo em eventos culturais e esportivos.

3.2.2. Frequência de uso

De acordo com estudos realizados no Brasil, o cigarro, juntamente com o álcool, são drogas de uso frequente, mais difundido entre os estudantes brasileiros (*e.g.* Carlini *et al.*, 1993).

A análise da tabela a seguir, sobre a frequência do uso de cigarro entre alunos dos ensinos fundamental e médio das 14 capitais pesquisadas indica que, a grande maioria – 89,1% ou cerca de 3,8 milhões – não fuma (ver Tabela 3.10). Capitais como Recife, Maceió, Salvador e o Distrito Federal, possuem mais de 90% do total de seus alunos nessa categoria. Já a média para os que fumam (eventualmente e diariamente) é de 10,8%, o que representa uma soma de quase 466 mil alunos – cabendo um destaque especial a Porto Alegre capital com a maior proporção de uso diário (8,4%) e eventual (10,5%), enquanto Salvador registra um índice de apenas 1,7% e 6,4%, respectivamente.

Tabela 3.10

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência de uso de cigarro, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso de cigarro por alunos			
	Fumam diariamente	Fumam eventualmente	Não fumam	Total
Manaus	2,2	9,1	88,7	100,0
Belém	1,8	9,6	88,6	100,0
Fortaleza	3,2	7,4	89,4	100,0
Recife	2,7	6,9	90,4	100,0
Maceió	2,3	7,2	90,5	100,0
Salvador	1,7	6,4	91,9	100,0
Vitória	3,2	7,8	89,0	100,0
Rio de Janeiro	2,6	7,7	89,7	100,0
São Paulo	4,2	7,4	88,3	100,0
Florianópolis	4,6	8,2	87,2	100,0
Porto Alegre	8,4	10,5	81,1	100,0
Cuiabá	3,7	8,1	88,3	100,0
Goiânia	3,8	7,1	89,1	100,0
Distrito Federal	3,1	6,6	90,3	100,0
Média	3,3	7,5	89,1	100,0
N.º Absoluto	143.114	322.859	3.818.457	4.284.430

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Você costuma fumar cigarro comum?*

Note-se ainda que, de acordo com a tabela, tem-se um alto número de alunos que declaram que fumam diariamente (143.114), bem mais alto é o número dos que indicam que fumam eventualmente (322.859). Ambos os casos implicam em exposição ao fumo e que portanto é alta a probabilidade de riscos à saúde. Esses dois dados, apontam que mesmo o uso eventual, já expõe o indivíduo a uma série de danos à sua saúde, não devendo portanto ser minimizado. Esses dados devem ser tomados como sinal de alerta.

3.2.3. Usuários segundo grupo etário

Várias publicações vêm chamando a atenção para o fato de que cada vez mais precocemente os jovens estão fazendo uso do cigarro e demonstram que há um aumento progressivo de fumantes de acordo com a idade e o ano escolar (Hijjar e Silva, 1991 In: Bordin, 1993).

O consumo de cigarro pode ou não estar relacionado com a idade e com o intuito de explorar se há, entre as variáveis, associação ou não, elaborou-se a Tabela 3.11, que mostra a distribuição da frequência de uso do cigarro por faixas etárias.

Tabela 3.11

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixa etária, segundo frequência de uso de cigarro e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais e uso de cigarro	Frequência de uso por faixa etária			
	10 a 12 anos	13 a 15 anos	16 a 18 anos	19 anos ou mais
Manaus	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	98,0	93,6	84,8	71,7
Todos os dias	0,3	0,6	3,5	6,4
Às vezes	1,7	5,8	11,7	22,0
Belém	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	98,4	92,3	87,8	81,2
Todos os dias	0,3	0,6	2,1	3,5
Às vezes	1,3	7,1	10,1	15,3
Fortaleza	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	97,2	90,9	85,6	84,9
Todos os dias	0,0	1,5	5,0	7,0
Às vezes	2,8	7,7	9,3	8,1
Recife	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	98,7	94,5	87,6	80,6
Todos os dias	0,1	0,5	3,0	8,6
Às vezes	1,2	5,0	9,4	10,8
Maceió	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	99,1	91,1	87,0	97,6
Todos os dias	0,3	1,2	4,4	2,9
Às vezes	0,7	7,7	8,6	9,5

Tabela 3.11 (Cont.)

Capitais e uso de cigarro	Frequência de uso por faixa etária			
	10 a 12 anos	13 a 15 anos	16 a 18 anos	19 anos ou mais
Salvador	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	98,1	94,3	89,4	88,5
Todos os dias	0,3	0,5	2,0	4,0
As vezes	1,6	5,2	8,6	7,6
Vitória	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	98,5	94,4	82,9	78,7
Todos os dias	0,4	0,7	6,0	9,8
As vezes	1,1	7,9	11,0	11,5
Rio de Janeiro	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	98,3	91,5	86,9	82,1
Todos os dias	0,2	1,2	3,8	6,0
As vezes	1,4	7,3	9,3	11,9
São Paulo	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	97,3	88,9	83,7	81,6
Todos os dias	0,9	2,2	7,9	8,2
As vezes	1,8	8,9	8,5	10,1
Florianópolis	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	97,3	92,0	82,9	73,7
Todos os dias	0,5	1,6	6,2	13,0
As vezes	2,2	6,3	10,9	13,3
Porto Alegre	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	93,9	85,5	74,4	57,7
Todos os dias	0,7	5,0	13,0	25,5
As vezes	5,4	9,5	12,5	16,8
Cuiabá	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	98,1	91,8	83,6	88,5
Todos os dias	0,3	1,4	5,5	3,5
As vezes	1,6	6,7	10,9	8,0
Goiânia	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	96,8	93,0	83,2	81,6
Todos os dias	0,8	1,4	6,7	7,8
As vezes	2,5	5,6	10,1	10,6
Distrito Federal	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	97,0	92,6	85,8	86,6
Todos os dias	0,8	1,9	4,0	6,4
As vezes	2,2	5,5	10,2	7,1

Tabela 3.11 (Cont.)

Capitais e uso de cigarro	Frequência de uso por faixa etária			
	10 a 12 anos	13 a 15 anos	16 a 18 anos	19 anos ou mais
Média	100,0	100,0	100,0	100,0
Nunca fumam	97,5	91,1	85,1	82,5
Todos os dias	0,5	1,6	5,5	6,7
Às vezes	2,0	7,3	9,4	10,8
Nº Absoluto	717.686	1.606.374	1.463.110	497.260
Nunca fumam	699.831	1.462.845	1.245.526	410.255
Todos os dias	3.847	25.868	79.945	33.454
Às vezes	14.008	117.661	137.639	53.551

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001. Foi perguntado aos alunos: *Você costuma fumar cigarro comum?* Esta tabela refere-se ao cruzamento dessas respostas com a variável faixa etária.

Podemos observar que a frequência de uso do cigarro aumenta progressivamente com a idade, assim, os alunos revelam um consumo menor na faixa de 10 a 12 anos, se comparado com os percentuais encontrados para faixas etárias maiores. Como demonstra a Tabela 3.11, a média para exposição ao uso de cigarro (somatório das médias de fumam às vezes, com a média de fumam todos os dias), para a faixa dos 10 a 12 anos é de apenas 2,5%; entre 13 e 15 anos, 8,9%; 14,9% entre 16 e 18 anos e 17,5%¹⁴ entre 19 anos ou mais, representando um universo de aproximadamente 465 mil alunos que fumam com alguma frequência.

Para os alunos que declaram que, às vezes, fazem uso de cigarro é mais significativa a faixa dos 13-15 anos, pois se torna três vezes maior do que no grupo etário anterior (10-12 anos). Já a fase crítica do consumo regular se dá na passagem de 13-15 para 16-18, corroborando teses levantadas por meio da literatura, de

¹⁴ Esses valores foram obtidos somando-se as categorias de fumam eventualmente e fumam diariamente, gerando uma terceira: exposição ao uso de cigarro.

que o uso de cigarro está ligado a ritos de passagem, representando para esses jovens uma espécie de passaporte para o mundo adulto.

Chamam atenção os dados encontrados, de exposição ao uso de cigarro (fumam todos os dias e eventualmente), para as capitais Porto Alegre, Goiânia e para o Distrito Federal na faixa de 10-12 anos, que se encontram acima da média (2,5%) das demais capitais sendo 6,1%; 3,3% e 3,0% respectivamente. Para o grupo de 13-15 anos, temos que Fortaleza com 9,2%; São Paulo com 11,1% e Porto Alegre com 14,5% apresentaram percentuais acima da média de 8,9% para exposição ao tabaco nessa faixa de idade.

Para as idades maiores, temos que entre os 16-18 anos, das 14 capitais pesquisadas, oito obtiveram percentuais acima dos 14,9% de média e para 19 anos ou mais, nove das capitais relacionadas ficaram acima da média de 17,5%.

3.2.4. Usuários segundo sexo

A literatura especializada demonstra que as mulheres não apenas aderiram ao tabagismo, como já fumam mais que os homens. Para alguns autores como Schio *et al.* (1992), a tendência feminina em aderir ao cigarro estaria em ascensão na última década, enquanto o consumo entre os homens estagnou. Uma hipótese explicativa levantada por Schio *et al.* (op.cit.), é a de uma crescente busca das mulheres de se emancipar socialmente da figura masculina, sendo o cigarro, um símbolo de independência e poder. Outras hipóteses podem ser também levantadas, como a entrada da mulher no mercado de trabalho, estando portanto submetida a situações de stress, inclusive mais que os homens pela dupla jornada de trabalho, as responsabilidades com as atividades domésticas e do trabalho remunerado; a correria das grandes cidades e o aumento da responsabilidade com a sobrevivência da família, uma vez que tem aumentado a representação das mulheres como chefes de família.

Os dados da Tabela 3.12 indicam que, na média das 14 capitais, a maioria dos alunos não fuma, sendo que 89,5% do sexo feminino e 88,7% do masculino. Entretanto, de acordo com a literatura, como menciona Schio *et al.* (op. cit.), existe uma tendência de que a diferença marcante que existia entre o número de fumantes de ambos os sexos, tenda a desaparecer, com mais mulheres fumando atualmente.

A proporção de estudantes que admitem fumar diariamente é de 3% entre as alunas e 3,7% entre os alunos, o que pressupõe um contingente de cerca de 74 mil alunos do sexo masculino e de mais de 69 mil do feminino. Deve-se destacar que Porto Alegre é a cidade brasileira que apresenta um predomínio feminino de fumantes diárias – 9,2% de feminino contra 7,3% de masculino.

Tabela 3.12

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência de uso de cigarro, segundo sexo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais e sexo	Frequência de uso de cigarros por alunos			
	Não usa	Diariamente	As vezes	Total
Manaus				
Masculino	84,0	3,7	12,4	100,0
Feminino	93,3	0,8	5,9	100,0
Belém				
Masculino	85,9	3,2	10,9	100,0
Feminino	90,7	0,7	8,6	100,0
Fortaleza				
Masculino	87,6	4,5	7,9	100,0
Feminino	90,9	2,2	6,9	100,0
Recife				
Masculino	88,4	4,2	7,4	100,0
Feminino	92,5	1,1	6,4	100,0
Maceió				
Masculino	86,9	3,3	9,8	100,0
Feminino	92,9	1,7	5,4	100,0

Capitais e sexo	Frequência de uso de cigarros por alunos			
	Não usa	Diariamente	Às vezes	Total
Salvador				
Masculino	89,1	2,4	8,5	100,0
Feminino	94,4	0,9	4,7	100,0
São Paulo				
Masculino	90,4	3,6	5,9	100,0
Feminino	86,3	4,8	9,0	100,0
Porto Alegre				
Masculino	83,7	7,3	9,0	100,0
Feminino	78,7	9,2	12,1	100,0
Cuiabá				
Masculino	85,7	5,8	8,4	100,0
Feminino	90,4	1,8	7,8	100,0
Goiânia				
Masculino	86,7	5,1	8,2	100,0
Feminino	91,4	2,6	6,0	100,0
Média				
Masculino	88,7	3,7	7,6	100,0
Feminino	89,5	3,0	7,5	100,0
Nº Absoluto				
Masculino	1.774.039	74.040	152.887	2.000.966
Feminino	2.054.106	69.477	172.767	2.296.350

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Você costuma fumar cigarro comum?* Esta tabela refere-se ao cruzamento dessas respostas com a variável sexo.

As capitais: Goiânia, Florianópolis, Rio de Janeiro, Vitória e Distrito Federal não constam nessa tabela, pois não houve grau de associação estatística significativa entre frequência de consumo e consumo por sexo para essas localidades, indicando que não há diferenças dignas de nota entre os que fumam e não fumam por sexo.

O cigarro é sensível a gênero na juventude e também em outras gerações, como foi observado na literatura. Os padrões de comportamento relacionados ao gênero também seguem modelagens regionais ou locais, sendo que, como pode ser observado nos dados da Tabela 3.12, que as maiores proporções de consumo de cigarro entre as mulheres se concentram em capitais que são reconhecidas como metrópoles nacionais (Rio de Janeiro e São Paulo) e regionais (Porto Alegre), que se caracterizam pelo seu alto grau de urbanização e, conseqüentemente, sendo nesses centros, as mulheres submetidas a uma dose maior de stress diário, características de grandes centros urbanos.

Também o uso de cigarro por brincadeira ou experiência entre os alunos segundo o sexo, apresenta algumas especificidades nas diferentes capitais. A Tabela 3.13 mostra que o índice médio dos que declaram não usar para ambos os sexos, é praticamente o mesmo e situa-se entre os 56 e 58%. A análise por capitais apresenta diferenças relevantes quando da comparação entre ambos os sexos. No Rio de Janeiro e em Porto Alegre é bem maior a proporção de alunos do sexo masculino que nunca experimentaram cigarro – 61,1% contra 56,2% das meninas para a capital carioca e de 53,3% para os alunos contra 43,8% para o feminino na capital gaúcha. Em menor proporção, esta mesma situação aparece em São Paulo e Distrito Federal.

Tabela 3.13

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo uso de cigarro (por experiência ou brincadeira) e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais e uso de cigarro por brincadeira ou experiência	Sexo dos alunos	
	Masculino	Feminino
Manaus	100,0	100,0
Sim	51,4	43,3
Não	48,6	56,7
Belém	100,0	100,0
Sim	48,5	42,1
Não	51,5	57,9
Recife	100,0	100,0
Sim	43,2	37,6
Não	56,8	62,4
Maceió	100,0	100,0
Sim	45,0	39,2
Não	55,0	60,8
Rio de Janeiro	100,0	100,0
Sim	38,9	43,8
Não	61,1	56,2
São Paulo	100,0	100,0
Sim	41,0	45,0
Não	59,0	55,0
Porto Alegre	100,0	100,0
Sim	46,7	56,2
Não	53,3	43,8
Goiânia	100,0	100,0
Sim	45,1	40,4
Não	54,9	59,6
Média	100,0	100,0
Sim	42,3	43,5
Não	57,7	56,5
N° Absoluto	1.492.618	1.667.735
Sim	634.508	733.608
Não	858.110	934.127

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001. Perguntou-se aos alunos: *Você já fumou cigarro comum alguma vez, de brincadeira ou para experimentar?* Esta tabela refere-se ao cruzamento dessa variável com a variável sexo.

3.2.5. Percepção do tabaco como droga

Os três atores estudados consideram o tabaco como uma droga, como o demonstram os dados da tabela abaixo (Tabela 3.14). Curiosamente, entretanto, são os alunos que apresentam um índice perceptivo levemente superior (79,4%) que o do corpo técnico-pedagógico (78,5%) e dos pais (76,8%), em cada caso. Mesmo no caso de algumas capitais em que tal percepção apresenta proporções mais reduzidas, como no caso do corpo técnico-pedagógico de Recife (69,5%) e dos pais de Belém (69,6%), predomina a opinião de que o tabaco é uma droga.

Tabela 3.14

Alunos e corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais, por percepção sobre o tabaco como droga, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Percepção dos atores sobre o tabaco como droga		
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (1)	Pais (2)
Manaus	80,9	79,8	75,6
Belém	76,4	77,3	69,6
Fortaleza	80,3	74,7	78,3
Recife	76,8	69,5	71,3
Maceió	79,1	75,0	72,4
Salvador	76,7	74,2	76,3
Vitória	84,2	76,5	82,4
Rio de Janeiro	80,8	72,8	76,6
São Paulo	78,1	81,8	77,5
Florianópolis	87,2	85,4	83,8
Porto Alegre	76,7	81,5	77,6
Cuiabá	80,1	77,8	75,0
Goiânia	83,6	87,4	82,7
Distrito Federal	83,6	87,1	80,7
Média	79,4	78,5	76,8
Nº Absoluto	3.577.266	2.324	11.130

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi pedido aos alunos, pais e membros do corpo técnico-pedagógico: *Marque um X para: Entre as coisas abaixo, marque todas as que você considera droga: maconha; anfetamina; lança-perfume; calmante; cocaína; anabolizante; bebida alcoólica; merla; crack; xarope; colágeno; cocainapó; cigarro comum.* Esta tabela se refere às marcações positivas para o cigarro comum enquanto droga.

A construção social do cigarro enquanto droga agrega diferentes elementos, assim, enquanto alguns autores ressaltam que o cigarro seria uma droga, devido aos seus efeitos nocivos à saúde (Scivoletto e Andrade, 1999, entre outros), para os atores que participaram desse trabalho (pais, alunos e corpo técnico-pedagógico), o raciocínio é de que *o cigarro é igual a droga, mata só que demora mais*, o que convive com outras expectativas, que atribuem menor importância para os malefícios do tabaco.

Ainda que entre os grupos analisados, o cigarro seja percebido como uma "droga", no entanto, para alguns alunos ele só é classificado como tal de acordo com a frequência de uso, ou seja, seria uma droga somente quando houver "exagero" no seu consumo: *Cigarro ou bebida? Isso se torna uma droga se a pessoa fumar e beber com exagero, né? Exagerar, cara.*

De fato, apesar de alguns pais enfatizarem que o cigarro "é uma droga" e que "faz mal", é comum optarem por postura de defesa de escolha ou para a liberdade individual: *O cigarro faz mal, não tenho nada contra, quem quiser fumar que fume.*

Os pais costumam verbalizar posturas flexíveis, por terem como referência a sua própria experiência, ou seja, o seu próprio hábito: (...) *porque o cigarro também é uma droga, não é uma coisa assim auto-milagrosa, mas a gente fuma de teimoso.*

Os diretores enfatizam o mesmo, reconhecendo, entretanto, que na tipologia das drogas o cigarro possui um caráter diferenciado, provavelmente em função da licitude de consumo. Para esses atores, os jovens fumam buscando auto-afirmação perante a sociedade e para se sentirem adultos. Para alguns, fumar seria um de rito de passagem, os jovens fumariam para se auto-afirmar perante a sociedade e para se sentirem adultos, como sugere o depoimento:

Não, talvez pela proporção, assim, não dá pra dizer que os fumantes do cigarro sejam viciados, né, numa outra droga

também, o cigarro também é uma droga. (...) Faz uma opção até porque o cigarro tem um estilo politizado, ou aquela coisa que às vezes o adolescente precisa se sentir já adulto.

(Entrevista com diretora, escola pública, Porto Alegre.)

Cabe ser feitas diferenciações em termos das percepções apresentadas pelos participantes da pesquisa, se são ou não fumantes. Entre os alunos que não fumam há uma percepção de que os fumantes naturalizam o ato de fumar, desconsiderando riscos: *Cigarro é a coisa mais natural, o pessoal tá fumando aí, banalizando.*

Nos discursos de alunos podemos identificar uma preocupação com as conseqüências do uso de cigarro aos não fumantes, demonstrando que entre esses atores, existe o conhecimento sobre os efeitos nocivos que o cigarro pode causar não somente ao organismo do fumante, como também ao das pessoas que estão próximas: *Vamos supor, um aluno fuma dentro da sala e o outro está, tipo com bronquite, essas coisas... aí faz mal pra pessoa.*

Em depoimentos de pais, professores e inspetores fumantes, evidencia-se que estes também possuem a mesma percepção do cigarro, tal qual o não fumante. No entanto, observa-se que aliam ao discurso da consciência do mal provocado, um outro relacionado com a dificuldade em deixar o vício. É interessante observar que em alguns casos, os fumantes se percebem como exemplos a não serem seguidos pelos jovens. Racionalizam que a sua experiência negativa com o cigarro pode vir a ser um meio para conscientizar os jovens a não usarem, e não o contrário:

O interessante disso aí, eu sou fumante, eu uso uma droga. É interessante, é agora dizer pro aluno, como é que nós vamos tirar isso do bolso, porque nós discutimos o cigarro e mostramos pra eles que é melhor nem entrar pra não ter de sair. Eu faço terapia uma vez por semana, e eu fumo na minha terapia dez cigarros sem acender um. Então eu mostro pra eles

como o cigarro, eu sou um exemplo prático disso.
(Entrevista com inspetor, escola privada, Belém).

Muitos pais fumantes, por perceberem os males do cigarro, principalmente no que se relaciona à saúde, pretendem evitar que seus filhos venham a consumi-lo. As estratégias adotadas pelos pais fumantes para evitar que os filhos sigam o mesmo caminho são múltiplas: *Na minha casa não é proibido porque eu fumo, mas eles detestam cigarro, graças a Deus. Ainda me perguntam por que eu fumo, eu falo; "Porque eu sou otária". Acabou.* Como ilustra o depoimento, existe por parte dos pais, a convicção de que o cigarro por eles utilizado cause repulsa no filho. Mas cabe destacar que essa não é uma medida vista por esses atores como eficaz.

Para um outro grupo de pais, relatar aos filhos, sua própria experiência com o cigarro, se constitui em uma forma de prevenção: *Mostro pro meu filho porque eu fumo. Na minha época eu tomei o gosto daquilo, era chique, então eu aprendi a fumar e é difícil deixar. Não permito que eles fumem, por enquanto não.* Para esses pais, o cigarro é percebido como uma droga, que deveria ser proibida – *por eu ser fumante, eu acho que deveria ser proibido, porque cigarro é uma droga.*

3.2.6. O tabaco como "porta de entrada"

Os diferentes atores entrevistados possuem percepções bastante semelhantes sobre o cigarro, destacando, o fato de este ser percebido, assim como o álcool, como uma porta de entrada para outros tipos de drogas, inclusive ilícitas.

Alguns alunos ressaltaram que o fato de colegas faltarem aulas, para ficar pelas ruas fumando, uma vez que essa não é uma prática permitida no interior das escolas, facilita o acesso e o contato destes, com outras drogas, como por exemplo, a maconha: *Eu tenho umas amigas que estão fumando cigarro, mas não fumam na escola porque é proibido e ficam na rua, pra comprar cigarro.*

Assim como compram cigarro, podem comprar outra coisa. Para outros alunos, o cigarro é visto como uma "fachada" ou seja, alguns usam o cigarro publicamente para encobrirem o uso que fazem da maconha: O cigarro é o início. Cigarro é para disfarçar no meio de todo mundo, para não dizer que está fumando maconha.

Na mesma linha, o corpo técnico pedagógico percebe o cigarro, como o primeiro passo, na direção do consumo de outras substâncias, como pode ser percebido nos depoimentos abaixo:

(...) E que acaba, às vezes, ficando no vício do cigarro depois, mas isso não quer dizer que não esteja envolvido na droga, mas é um indício, eu acho que o cigarro é uma porta de entrada, facilita uma outra droga chegar nesse adolescente se ele já é fumante. Sabe que é um dos caminhos não somente esse, mas é um dos caminhos. (Entrevista com diretora, escola pública, Porto Alegre)

Aqui não se permite isso. Mas eu sei que eles fazem. O jovem fuma um cigarro, e ele vai lá fora e alguém oferece um cigarro de droga, é mais fácil de aceitar do que alguém que não fuma, né? (Entrevista com inspetor, escola privada, Recife).

Entre os pais, há a percepção de que a escola tem uma grande responsabilidade sobre a formação dos filhos: *Se tem um aluno aqui no colégio fumando cigarro logo ele vai usar outra coisa, então o que o diretor tem a fazer é chamar logo o pai e a mãe.* Porém, deve ser ressaltado que, para muitos, a escola pode e não deve ser entendida como a única responsável pela formação dos jovens, encargo este que, defendem alguns pais, tem de ser compartilhado entre a família e a escola.

É recorrente, como se destacou, a idéia de que o uso de cigarro pode vir a provocar, a entrada para outras drogas: *E do cigarro vem a droga e aí danou-se.* Contudo, deve-se ter certa cautela, ao relacionar a trajetória entre tabagismo e uso de outras

drogas, lícitas ou ilícitas, pois, como pode ser identificado por meio dos depoimentos, há convivência entre tipos diferentes de relações com as drogas. Algumas pessoas, inclusive, consideram que o uso de um tipo de substância pode vir a anular o envolvimento com outra: (...) *eu tenho uma amiga que não fuma, só que depois que ela toma certa quantidade de bebida alcoólica ela sente vontade de fumar. Graças a Deus quando eu bebo, aí é que eu não gosto de fumar, eu já não fumo, e quando eu bebo, aí é que eu não fumo mesmo!*

Esta pesquisa constata a multiplicidade de posições dos atores em relação ao cigarro. Essa diversidade de posições pede cuidados com a tônica de campanhas contra cigarros, ou seja, a inferência de que há sentidos únicos no fumar, principalmente quando o seu principal alvo é o público jovem.

3.2.7. Primeira experiência e o lugar da família no consumo

De acordo com alguns autores (*e.g.* Scivoletto e Andrade, 1999), independente da presença de fatores de risco, quanto mais cedo se dá o início do uso de drogas, maior a chance de o indivíduo tornar-se um usuário regular e apresentar problemas decorrentes deste uso, pois quanto mais cedo uma substância psicoativa atuar num cérebro imaturo, maior a probabilidade de ocorrerem atrasos no desenvolvimento e prejuízos cognitivos, com suas respectivas repercussões¹⁵. Já Schio *et al.* (1992) refere que a idade média de início do hábito de fumar encontrada entre estudantes do ensino médio da área urbana de Porto Alegre foi de 14,1 anos, dado este confirmado por este estudo, que encontrou jovens que referem ter experimentado cigarro pela primeira vez entre os 10 e 12 anos de idade.

Nesta pesquisa, como pode ser observado na Tabela 3.15,

¹⁵ Estudo realizado pelo Centro Nacional de Dependência e Abuso de Substâncias da Universidade de Colúmbia – CASA, nos Estados Unidos, em 2001, coordenado por Bearman *et al.*, indica que, pessoas que informaram ter fumado pela primeira vez com menos de 15 anos de idade, tem 80 vezes mais chances de ter usado alguma outra droga ilegal, sugerindo que fumar em uma idade muito jovem é um forte componente do uso de outra droga ilegal.

identificam-se altas proporções de jovens que já na faixa dos 10 aos 12 anos declaram fazer ou ter feito uso (por experiência ou por brincadeira) de cigarro. Encontra-se, em média, para essa faixa etária, que quase 16% desses responderam de forma afirmativa a essa questão, o que representa um total de 118.227 alunos.

Note-se que 39,1% dos estudantes, o equivalente a 638.834 do total, na faixa de 13-15 anos responderam que usam cigarros por brincadeira ou como uma experiência. Na faixa etária 16-18 este percentual corresponde a mais da metade do universo total de estudantes pesquisados para essa faixa nessa situação (55,1%, ou seja, 813.944 alunos). Já nos grupos etários mais velhos (19 anos ou mais), foi encontrado o índice de 60,2% de alunos que já se expuseram ao tabaco por brincadeira ou por experiência.

Tabela 3.15

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixas etárias, segundo uso de cigarro (por brincadeira ou experiência) e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais e uso de cigarro por brincadeira ou experiência	Faixas etárias			
	10 a 12	13 a 15	16 a 18	19 e mais
Manaus	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	19,4	41,3	59,7	70,2
Não	80,6	58,7	40,3	29,8
Belém				
Sim	11,8	35,5	51,0	60,9
Não	88,2	64,5	49,0	39,1
Fortaleza	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	20,5	44,0	50,4	63,0
Não	79,5	56,0	49,6	37,0
Recife	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	11,5	33,7	50,5	57,0
Não	88,5	66,3	49,5	43,0
Maceió	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	13,6	37,7	54,1	50,9
Não	86,4	62,3	45,9	49,1

Tabela 3.15 (Cont.)

Capitais e uso de cigarro por brincadeira ou experiência	Faixas etárias			
	10 a 12	13 a 15	16 a 18	19 e mais
Salvador	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	9,9	28,8	50,1	54,6
Não	90,1	71,2	49,9	45,4
Vitória	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	10,2	35,5	56,7	64,5
Não	89,8	64,5	43,3	35,5
Rio de Janeiro	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	13,0	34,8	53,3	60,6
Não	87,0	65,2	46,7	39,4
São Paulo	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	16,6	41,0	57,4	63,0
Não	83,4	59,0	42,6	37,0
Florianópolis	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	15,1	38,8	57,0	64,1
Não	84,9	61,2	43,0	35,9
Porto Alegre	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	23,8	49,3	65,1	72,3
Não	76,2	50,7	34,9	27,7
Cuiabá	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	18,8	41,8	59,9	62,8
Não	81,2	58,2	40,5	37,2
Goiânia	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	18,5	38,8	54,7	60,3
Não	81,5	61,2	45,3	39,7
Distrito Federal	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	15,5	43,7	55,7	56,7
Não	84,5	56,3	44,3	43,3
Média	100,0	100,0	100,0	100,0
Sim	15,9	39,1	55,1	60,2
Não	84,1	60,9	44,9	39,8
N° Absoluto	747.039	1.635.803	1.478.525	497.339
Sim	118.227	638.834	813.944	299.545
Não	628.812	996.969	664.581	197.794

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Você já fumou cigarro comum alguma vez, de brincadeira ou para experimentar?*

Os depoimentos colhidos junto a alunos, corpo docente e pais indicam casos em que o primeiro contato do jovem com o tabaco pode ocorrer no próprio ambiente familiar. De fato, as narrativas de alunos com pais fumantes foi recorrente, no sentido de o primeiro consumo ter-se dado na esfera doméstica, por meio dos "pitos" incentivados ou, na maioria das vezes, escondidos: *Eu fumo uma carteira por dia; Minha mãe fuma há trinta anos; Meu pai fuma três carteiras; E a minha mãe fuma também; A minha mãe fuma; A minha mãe fumava, agora só eu que fumo em casa; Eu só fumo (...) Quando eu quero eu compro alguns.*

Em entrevista de membros do corpo técnico das escolas, verifica-se que esses entendem a família como tendo um papel primordial na conformação do hábito de fumar entre jovens, mas que tal influência não seria em si única, ainda que em tais narrativas se atribua à família papel marcante:

Olha, acho que tudo vem também da família, do envolvimento da família. Às vezes, esse vício ele vai adquirir na rua. Mas se na família todo mundo fuma, aí é complicado. Às vezes, a própria família influenciou, pai e mãe fumam, a avó ou o irmão mais velho. (Entrevista com coordenador de disciplina, escola pública, Cuiabá)

A influência familiar pode ser percebida até mesmo no ambiente escolar, onde muitas vezes a autoridade da escola é questionada, devido à permissividade existente no grupo familiar: *Muitos falam 'meu pai e minha mãe compram e chega aqui você não deixa eu fumar? Ué, não pode fumar, a gente tem que ficar o tempo todo mandando apagar porque eles acendem. A gente dá as costas, eles vão lá e acende de novo.*

Por fim, estão os jovens, com uma postura mais crítica em relação aos males do cigarro, colocando que, independente da forma como os pais lidem com essa questão, por si só, eles não o

usariam: *Mesmo se ela não tivesse controle sobre mim eu também não ia fazer isso, porque eu acho isso errado e só vou estragar minha vida, ela tem confiança em mim.*

As narrativas dos pais e dos alunos não diferem entre si quanto ao conteúdo. Pais fumantes confirmam que os filhos pedem para que deixem o cigarro; percebem ainda que o seu comportamento influencia de forma positiva ou negativa a opinião dos filhos a respeito: *Meus filhos não aceitam, mas eu fumo, eles tem raiva mas eu fumo.* Relatam também a reação negativa dos adolescentes ante seu uso, repreendendo seus pais fumantes: (...) *meus filhos detestam o cigarro, detestam assim visivelmente. A gente sente assim. Eles pedem pra parar. Eles escondem o cigarro, sabe?*

Por outro lado, também se registra a preocupação em não deixar que o seu vício venha a influenciar os seus filhos a constituir ou, até mesmo, consolidar o hábito, levando alguns pais a abandonar o vício: (...) *Fumei uns vinte anos, só deixei porque estava prejudicando a minha saúde, e eu notei que os meninos já estavam, assim, meio interessados, já olhavam assim: "Mainha, tu deixa um pouquinho para eu fumar?". E eu não, nunca deixei de jeito nenhum, mas aí cortei (...).*

Alguns depoimentos sugerem que as atitudes dos pais ante o cigarro (contra ou a favor) podem vir a influenciar atitudes tomadas pelos jovens, se não imediatamente, em período posterior de seu desenvolvimento: *A minha mãe era tão chata com relação a cigarro que passou para mim isso, ela tinha, até hoje se ela me vir fumando acho que ela tem um troço, e eu vou fazer isso com meus filhos. Eu não gosto de cigarro não, ô troço fedorento, Deus me livre.*

É comum na literatura, como já se detectou, a chamada de que o comportamento paterno e materno pode influenciar o padrão de uso dos filhos. Por outro lado, uma pesquisa realizada no Distrito Federal, com adolescentes escolares da rede privada de ensino, Bucher (1986) identificou que o hábito de fumar dos pais não interfere no mesmo hábito em seus filhos. Por outro lado,

inquérito realizado pela Organização Pan-Americana de Saúde (PAHO, 1977) alerta para o fato de que o hábito da mãe é o mais importante.

A Tabela 3.16 descreve a frequência de uso de cigarro por parte dos pais e das mães. A maioria deles não fuma – 74,8% para os pais e 76,7% para as mães – proporções inferiores a de alunos de 19 anos ou mais, já que entre esses os que nunca fumam é 82,5% (ver Tabela 3.11). O Distrito Federal apresenta uma proporção maior de pais do sexo masculino que não fumam em relação às demais capitais (88,9%). O hábito diário de fumar faz parte da vida de 17,8% e 16% de pais e mães, cabendo ressaltar que o Centro-Sul (Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis e Porto Alegre) possui quase um quarto dos pais pesquisados com este tipo de uso.

Tabela 3.16

Pais de alunos, por frequência de uso de cigarro, segundo sexo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais e sexo	Frequência de uso de cigarros por parte de pais de alunos (1)			
	Não usa	Diariamente	Às vezes	Total
Manaus				
Masculino	78,8	7,7	13,5	100,0
Feminino	81,1	8,3	10,6	100,0
Belém				
Masculino	71,5	15,4	13,1	100,0
Feminino	79,6	9,7	10,7	100,0
Fortaleza				
Masculino	73,9	17,0	9,1	100,0
Feminino	77,4	14,7	7,9	100,0
Recife				
Masculino	74,1	18,7	7,3	100,0
Feminino	75,1	16,0	8,8	100,0
Maceió				
Masculino	76,7	18,1	5,2	100,0
Feminino	79,0	14,3	6,7	100,0

Tabela 3.16 (Cont.)

Capitais e sexo	Frequência de uso de cigarros por parte de pais de alunos (1)			
	Não usa	Diariamente	Às vezes	Total
Salvador				
Masculino	82,0	11,8	6,2	100,0
Feminino	81,0	13,1	5,9	100,0
Vitória				
Masculino	74,1	16,6	9,3	100,0
Feminino	76,8	14,1	9,1	100,0
Rio de Janeiro				
Masculino	71,7	23,5	4,9	100,0
Feminino	69,8	23,1	7,0	100,0
São Paulo				
Masculino	69,7	25,1	5,2	100,0
Feminino	75,5	20,8	3,7	100,0
Florianópolis				
Masculino	71,6	22,5	5,9	100,0
Feminino	72,4	22,2	5,3	100,0
Porto Alegre				
Masculino	69,5	26,4	4,0	100,0
Feminino	69,9	23,9	6,2	100,0
Cuiabá				
Masculino	73,7	16,6	9,7	100,0
Feminino	76,2	15,7	8,1	100,0
Goiânia				
Masculino	80,6	14,9	4,5	100,0
Feminino	79,3	14,4	6,3	100,0
Distrito Federal				
Masculino	82,8	13,8	3,4	100,0
Feminino	78,7	15,1	6,2	100,0
Média				
Masculino	74,8	17,8	7,4	100,0
Feminino	76,7	16,0	7,3	100,0

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
Foi perguntado aos pais: *Você costuma fumar cigarros comuns?*

Também estudos realizados em países de língua inglesa (Horn e col., 1959; Salber e MacMahon, 1961; Cooreman e Perdrietz, 1980, In: Muza e Costa, 1993) e mesmo o inquérito da OPAS de 1977 mostram evidente influência do hábito de fumar dos pais no hábito de consumir tabaco pelos filhos adolescentes. Entretanto, trabalhos realizados no Brasil (Paine e col., 1985; Horta e col., 1988; Simões e Simões, 1976-77, *In: op. cit.*) não evidenciam qualquer influência do hábito de fumar dos pais no tabagismo dos filhos.

3.2.8. Sociabilidade e o uso do tabaco: o lugar dos amigos

Depoimentos colhidos junto a alunos indicam que a primeira experiência com o cigarro ocorre em festas, bares e shows, locais que os jovens freqüentam com os amigos. Deste modo, infere-se que a influência dos grupos com os quais interagem é importante, na medida em que, além de a "iniciação" se dar no grupo, há situações em que os jovens admitem que, para se sentirem íntimos e aceitos, há a necessidade de um comportamento prestigiado ou padrão para o grupo – assim, se o grupo tende a ter o hábito de fumar como ritualmente valorizado, com mais possibilidade se imporia tal comportamento.

O consumo pode ser estimulado pela curiosidade ou, simplesmente, pelo fato de ter sido oferecido por amigos. E não aceitar as regras do grupo seria correr o risco de perder a amizade. De acordo com um depoimento percebe-se que o grupo é um *fator de pressão* muito importante na constituição do hábito de fumar, que é visto, dentro desses, como uma forma de padronização, de identificação e de identidade. Andar em grupo para alguns, é assumir para si as atitudes e os hábitos do mesmo: (...)
Eu, eu já fumei bastante tempo, mais de ano até, até porque um pouco assim era influência, porque quase todas as minhas colegas fumavam, eu convivi ali entre elas, eu comecei a fumar também, só que hoje graças a Deus eu não fumo mais. Isso quer dizer que, mesmo não

fumando, o aluno é rotulado de fumante porque os amigos com os quais ele anda fumam.

Alguns, têm nos demais jovens, o seu referencial de conduta. Nota-se que há um padrão de valorização, em que a idade dos membros do grupo – ou dos jovens, em geral – é relevante, com o comportamento dos mais velhos sendo seguido pelos mais jovens. Tudo se passa como se o jovem aprendesse com esses, mais velhos, sobre como proceder para inserção na vida adulta: *É porque, pô, se o cara tá fumando aqui ele pode influenciar o outro que não fuma. (...) É, você vai na pilha, o cara é mais velho que você.*

De todo modo, não foram raros os alunos que narraram não pautar suas decisões com base no comportamento dos demais e nem sentem-se influenciados por preferências alheias: *Uma vez umas meninas trouxe aqui na escola fumo e folha. A maioria, todo mundo aceitou, mas (...) eu e uma menina a gente não quis, tudo porque eu tenho raiva de cigarro.*

Para as pessoas envolvidas no processo educacional, o grupo seria o principal desencadeador do desejo, no jovem, de usar uma droga, seja ela lícita ou não. Assim como se percebe nos depoimentos dos alunos, esses desejos são resultado de sua circulação por várias redes de relações e influências:

Não são só os jovens, todos nós gostamos de viver em grupo. O jovem vai interagir com isso conforme aquilo que ele tem dentro de si, dos valores que ele adquiriu. Depende muito da formação que a gente dá e cabe, no nosso entendimento, uma parcela muito grande ao governo, que é aquele que tem acesso à mídia e tem o dinheiro para isso. Por exemplo, nós sempre fizemos campanhas contra o fumo. (Entrevista com diretor, escola privada, Goiânia)

Em geral, os alunos justificam o consumo de drogas lícitas pelo prazer que elas proporcionam, afirmando que o consumo é

estimulado pela curiosidade ou, busca em relação a um objeto, fonte de prazer. Ou simplesmente, pelo fato de ter sido oferecido por amigos e não aceitar seria correr o risco de perder a amizade do grupo.

Insiste-se, sendo o estar em grupo também um significado de prazer, e com base em depoimentos de alunos, andar em grupo é assumir as atitudes e os comportamentos do mesmo. No entanto, isto não significa que necessariamente o jovem venha a fumar, pelo fato de alguns membros do seu grupo fazê-lo. Trata-se, antes de mais nada, de um estímulo e não de uma relação imperativa. Por isso, os alunos questionam o fato de serem rotulados de fumantes, quando na verdade não o são, por se relacionarem com pessoas que usam.

3.2.9. Influência da mídia

Durante muitos anos – principalmente entre as décadas de 50 a 80 –, os meios de comunicação funcionaram como canais de propagação da associação entre fumar e ter charme, glamour e sucesso na vida e com o sexo oposto. A imagem vendida pelo marketing da indústria tabagista contribuiu consideravelmente para a disseminação do uso de cigarro entre os jovens da época.

Nas décadas de 50 a 70, o cigarro simbolizava liberdade, o que teria singular apelo às mulheres, considerando as discriminações de que seriam alvo e, ao mesmo tempo, o charme e sedução, de igual apelo tanto para homens e mulheres. A partir dos anos 90, fumar passa a ser considerado politicamente incorreto e os fumantes, incômodos.

As propagandas veiculadas pela indústria do tabaco na TV e outras mídias, que anteriormente exaltavam o cigarro como demonstração de charme e elegância, hoje, caminham no sentido de conscientização, alertando para as conseqüências do fumo (propagandas de cigarro na TV somente podem ser veiculadas a partir das 21 horas e tem que exibir obrigatoriamente alertas do

Ministério da Saúde, chamando a atenção dos telespectadores para os efeitos do consumo de cigarros). Os veículos de comunicação têm buscado passar/demonstrar para as pessoas uma nova postura em relação ao cigarro, principalmente ao veicularem campanhas de alerta aos prejuízos à saúde advindos do uso e abuso do cigarro.

Os adolescentes são os alvos preferenciais dessas propagandas das marcas de cigarro. Um estudo, realizado pela Organização Mundial de Saúde – OMS (In: Inca, 2002), revelou que em alguns países, crianças de 10 anos de idade já são consumidores de tabaco. De acordo com dados do Instituto Nacional de Câncer – INCA, o número de jovens fumantes entre 15 e 19 anos é de 2,4 milhões de jovens no Brasil, representando um amplo mercado para as indústrias do tabaco.

Em depoimentos de alunos é possível perceber a ênfase que dão à mídia como meio de induzir o consumo do cigarro e revelam que a propaganda, principalmente a televisiva, possui papel significativo para os jovens, uma vez que estes estão à procura de "modelos" de comportamento, sobretudo aqueles legitimados por valores de poder, juventude, virilidade, busca do prazer, costumes de países apreciados como modernos e símbolo de status – referências caras à sociedade: *Que no comercial, no comercial é assim, você está fumando, você vê tudo bonito, então, as pessoas acham que vai fumar não prejudica.*

No entanto, a contra-propaganda em relação ao fumo também contribui, em alguma medida, para a crítica e o distanciamento de muitos jovens de tal hábito. De fato, alguns alunos apresentam uma postura crítica quando se relacionam as imagens construídas pelos comerciais, em contraposição às conseqüências que o consumo do cigarro tem sobre o consumidor:

Quadro 3.3

Ah, pega bem fumar

Grupo focal com alunos, escola pública, Rio de Janeiro

Porque todo mundo vê o que "ah, pega bem fumar [referência a uma marca] passa na propaganda", aí vai o trouxa lá, trabalha a semana inteira vai compra um [id.] fumando um atrás do outro, 'porque tá fumando isso cara?', 'ah porque tá passando propaganda lá, é maneiro fumar [id.] extra light, [id.] e tudo, mas tudo vai dá parada cardíaca, vai dá câncer, vai dá derrame cerebral.

Reconhece-se que alguns ídolos do cinema, da música e até artistas com papel em propagandas de cigarro morreram, vítimas de doenças desenvolvidas a partir do cigarro: (...) *Sabe aquele caubói que fazia aquela propaganda do cigarro? Morreu. Aparece lá na propaganda, todo mundo sarado, todo mundo forte, (...) como se ele não fumasse.*

Diferente do que acontecia até algumas décadas atrás, o cigarro hoje tende a ser reconhecido pela população, com ressalvas é claro, como uma droga. Apesar de não produzirem os mesmos efeitos imediatamente aparentes como os provocados pelas chamadas drogas ilícitas ou de uso ilícito, os atores pesquisados relatam uma série de efeitos que podem vir em consequência do uso continuado do cigarro, como câncer de pulmão e parada cardíaca .

O quadro a seguir resume informações apresentadas. Permite comparar a amplitude do uso de cigarro entre os alunos com o uso de bebidas alcoólicas e a distribuição por sexo e idade dos consumidores, alertando que, tanto em termos proporcionais quanto em números absolutos, é bem maior o número de jovens que declaram fazer uso de alguma modalidade de bebida alcoólica do que os que se dizem fumantes – inclusive entre os mais jovens e as alunas.

Tanto álcool como cigarro são consideradas drogas lícitas. Contudo, a pressão e as restrições legais parecem mais brandas em relação ao chamado uso moderado de bebidas alcoólicas – por exemplo, enquanto no rótulo das embalagens de cigarro se adverte para o risco de tal consumo, o que se faz na propaganda do produto, o mesmo não se observa, necessariamente, nas garrafas de bebidas com algum teor alcoólico. Também hoje, há uma maior complacência ou menos recusa social ao uso de bebidas alcoólicas, principalmente em festas e ocasiões consideradas especiais, do que ao hábito de fumar em público. Mas os dados sugerem que é em termos comparativos, são as bebidas alcoólicas a droga de maior presença na vida dos jovens.

— **QUADRO 3.4**

Comparações entre uso de bebidas alcoólicas e do tabaco entre alunos

Considerando a extensão do consumo de bebidas alcoólicas entre os alunos, tem-se que esta é mais ampla que a do consumo de cigarro:

- Uma média de 42,2% dos alunos afirma nunca beber. A média daqueles que declaram não fumar é de 90%.
- Cerca de 10%, ou seja, 438.899 alunos declaram que bebem regularmente. Já a proporção dos alunos que fumam diariamente é cerca de 3% ou 143.114 alunos.

Considerando o uso de bebidas alcoólicas por sexo/gênero tem-se que entre as alunas:

- 47,4% nunca bebem (1.108.655), e declaram que bebem regularmente (6,7%) – 155.662 alunas.

- Entre os alunos, é menor a proporção, 40,6%, que o registrado para o caso das alunas, os que declaram que nunca bebem (821.069). No caso de uso de tabaco, a proporção dos que não fumam é muito similar entre alunos do sexo feminino e do sexo masculino (cerca de 89%), o que corresponde a 1.774.039 alunos e 2.054.106 alunas.
- Tem-se, portanto, que as alunas que não fumam superam bastante o contingente das alunas que não bebem, o que se registra também entre os alunos, ainda que haja uma diferença menor entre os que não fumam e os que não bebem.

Considerando idade, tem-se:

- Uma relação positiva direta entre o aumento da idade e do consumo de bebidas e de uso do tabaco por parte dos jovens. Mas, em todas as faixas etárias, as proporções dos que de alguma forma bebem é bastante superior as que correspondem aos que declaram algum uso de tabaco, a saber:
- A média de exposição ao álcool – ou seja, os que declaram que bebem somente em festas e ocasiões sociais como os que indicam que bebem regularmente –, chega a 30% entre os de 10 a 12 anos (218.087); a 52,6%, entre os de 13 a 15 anos (857.279); a 66,4% entre os de 16 a 18 anos (989.671) e a 70,7%, entre os de 19 anos ou mais (354.573).
- Já no caso do uso de tabaco, a média para exposição ao uso (somatório das médias de fumam às vezes, com a média de fumam todos os dias), para a faixa dos 10 a 12 anos é de 2,5% (17.855); entre 13 e 15 anos, 8,9% (143.529); 14,9% entre 16 e 18 anos (217.584) e 17,5% entre os de 19 anos ou mais (87.005).

3.3. DROGAS LÍCITAS DE USO ILÍCITO

3.3.1. Introdução

Nos últimos 80 anos, vem sendo tomada internacionalmente uma série de medidas que visam ao controle internacional do uso e do abuso de drogas/remédios/substâncias consideradas como narcóticos e psicotrópicos. Todos esses esforços estão centralizados no Órgão das Nações Unidas para o Controle de Drogas identificado como International Narcotics Control Board – INBC. Este órgão é o responsável por uma série de acordos multilaterais, dentre os quais os que são citados a seguir.

De acordo com dados do INBC, são duas as categorias de drogas lícitas de uso ilícito, consideradas internacionalmente: a primeira se refere às drogas narcóticas e a segunda às substâncias psicotrópicas. Ambas as categorias são definidas em duas convenções ou tratados internacionais, uma de 1961 e outra de 1971, a seguir referidas.

A partir da convenção de 1961, passou a ser exercido controle sobre mais de 116 drogas, incluindo-se nesse controle principalmente as de origem natural, como o ópio e seus derivados (morfina, codeína e heroína), mas incluem também os narcóticos sintéticos, como methadona e pethidina, além da maconha e da cocaína.

Outras 111 substâncias psicotrópicas são controladas pela convenção de 1971. A maioria dessas substâncias faz parte de produtos farmacêuticos que atuam sobre o sistema nervoso central, causando dependência. Geralmente, se trata de alucinógenos, estimulantes e depressores e de alguns analgésicos.

Em contraste com os narcóticos, que têm sua produção e comércio considerados ilegais, as substâncias psicotrópicas são legalmente produzidas e comercializadas, embora seja exercido controle sobre a sua venda em vários países.

Além do álcool e do tabaco, outras drogas lícitas, tais como

os medicamentos – calmantes, anfetaminas, anticolinérgicos, barbitúricos, orexígenos e anabolizantes, além dos solventes/ inalantes, têm sido utilizados de forma ilegal, e cujo abuso por parte dos jovens parece ser bastante preocupante. São fáceis de serem adquiridas e com baixo custo. Entretanto, a discrepância entre o uso e as opiniões sobre a facilidade de aquisição é explicada com referência ao estereótipo da representação social, que considera como drogas apenas os produtos ilegais. Desta forma, os medicamentos geralmente não são percebidos como drogas pela população, mas seu uso abusivo os torna ilícitos.

A inalação voluntária de substâncias voláteis para alterar o psiquismo não é fenômeno recente. A inalação destas substâncias remonta à antiga Grécia. Clorofórmio, éter e gás hilariante vêm sendo usados desde 1800. Carlini-Cotrim (1987) diz que "a inalação voluntária de produtos industriais como colas, removedores, *thinners*, aerossóis e gasolina, que contenham solventes voláteis, é um fenômeno que surgiu de modo praticamente simultâneo à própria fabricação em série destes produtos e que começou a ser descrito cientificamente na década de 50.

Os solventes¹⁶ ou inalantes são substâncias classificadas como depressoras do Sistema Nervoso Central – SNC, por ser este o principal efeito observado após o seu uso. Como acontece com o álcool, apresentam efeito bifásico, ou seja, estimulação inicial do SNC (euforia, excitação, podendo aparecer alucinações) e depois sobrevém depressão do SNC, podendo chegar ao coma e à morte.

Segundo Carlini-Cotrim *et al.* (1997: 99), o abuso dessas substâncias é um problema de saúde pública. Prosseguindo, diz que:

¹⁶ São exemplos de produtos contendo estas substâncias: colas, thinner, benzina, removedores, loló, éter, esmalte, corretivos de tinta, fluidos de isqueiro e lança-perfume.

vale lembrar que os solventes são drogas com grande potencial de levar ao êxito letal e que vários autores referem-se a estas substâncias como a verdadeira porta de entrada ao mundo das drogas, já que, embora estejam em todos os lugares, o seu uso é feito evidentemente longe dos olhos dos pais e sem a sua aprovação pela sociedade, ao contrário do que muitas vezes acontece com o uso do álcool.

A utilização desses "inalantes" para a obtenção de efeitos psicológicos por jovens e crianças já foi relatada em um grande número de países, mas a magnitude com que o problema se apresenta difere de lugar para lugar. Pesquisas realizadas até recentemente apontam particularmente para padrões bastante distintos de consumo entre Estados Unidos/Europa e os países latino-americanos¹⁷.

Galduróz (1996) aponta que os inalantes são de notória popularidade entre os nossos adolescentes e menciona que podem ser levantadas algumas hipóteses de explicação para o uso de inalantes, tais como a pobreza, que restringe o acesso ao álcool e outras drogas; a tolerância social aos inalantes pelos familiares e pela sociedade; a necessidade do uso destas drogas para se integrarem no grupo; e o fácil acesso aos mesmos uma vez que podem ser encontrados em sua própria residência, como a acetona, os esmaltes, removedores e também outros itens como os corretores de escrita que acompanham o material escolar, não sendo surpreendente que em vários levantamentos feitos no Brasil, os inalantes ocupam uma posição de destaque.

Cohen, (citado por Galduróz, 1996), enumera as seguintes razões para o uso dessas drogas, tipicamente mencionadas pelos

¹⁷ Galduróz (1996) chama atenção de que os inalantes estão entre as três drogas consumidas por estudantes do ensino fundamental no mundo e apresentando tendência a um consumo crescente em alguns países, como no México além de ser considerada por vários especialistas como uma das drogas mais populares, principalmente entre jovens.

usuários: início do efeito rápido; qualidade e padrão dos efeitos; baixo custo; facilidade de aquisição e a questão legal.

Vários estudos têm apontado uma associação entre abuso de algumas substâncias e sexo feminino. Sugerem que o maior consumo de tranqüilizantes ocorre entre as mulheres, relacionando esse consumo às tensões vivenciadas no dia-a-dia.¹⁸ Em pesquisa realizada com estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas públicas de dez capitais, Carlini *et al.* (1993) detectaram que as meninas usam muito mais os ansiolíticos e anfetaminas do que outras drogas, fato atribuído pelos pesquisadores à influência da própria mãe.

Também neste sentido, Bucher (1988) lembra que "as moças usam (ou abusam) mais medicamentos psicotrópicos (sobretudo ansiolíticos e hipnóticos) do que os rapazes; estes demonstram preferência, quando usam, para drogas ilegais ou para inalantes. Esta prevalência do uso segundo o sexo tem a ver, em nossa opinião, com todo um condicionamento social, produzindo repercussões nas representações sociais que frisamos: os medicamentos, em geral, não são considerados "drogas". O seu consumo, mesmo abusivo, goza de ampla aceitação, senão de um certo prestígio social, em particular entre mulheres, podendo um certo incentivo ser transmitido de mãe para filha..." Já Carlini (1987) acredita que tal se deva à propaganda indevida feita pela indústria farmacêutica, preconizando o uso dos ansiolíticos para as tensões cotidianas da vida.

Em uma pesquisa realizada com estudantes de Brasília, Bucher (1986) constatou que os medicamentos (tranqüilizantes, estimulantes e hipnóticos, exceto xaropes e analgésicos) estavam em segundo lugar entre as drogas mais consumidas. Para Bucher (1989), os inalantes e medicamentos ocupavam os dois primeiros

¹⁸ Estas podem estar ligadas a tantos fatores fisiológicos, como aqueles inerentes ao ciclo sexual (tensão pré-menstrual) até a ida a um dentista, onde o consumo antecipatório visa a amenizar uma situação de stress, provocada pela dor (Lima, 1991).

lugares, sendo muito mais usados (e abusados, segundo o autor) do que as drogas ilegais. O mesmo resultado foi encontrado por Godoi *et al.* (1991) em pesquisa com alunos de escolas privadas de ensino fundamental e médio do Distrito Federal, onde a droga mais utilizada foram os inalantes.

Por outra parte, os recentes resultados preliminares do I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, realizado pelo Cebrid, constata-se que os orexígenos (medicamentos usados para estimular o apetite) são a terceira droga de maior consumo pela população pesquisada (12 a 65 anos de idade), quando excluídos da análise o álcool e o tabaco (Carlini *et al.*, 2001).

Quanto aos ansiolíticos¹⁹, de acordo com o Cebrid, são substâncias classificadas como depressoras do SNC e sempre apareceram entre as três drogas mais consumidas pelos estudantes nos levantamentos que realizaram nos anos de 1987, 89, 93 e 97. O risco de dependência pelo uso destas substâncias sem controle médico é reconhecido. Carlini *et al.* (1993), em pesquisa com estudantes de 1º e 2º graus, descobriu que o uso de ansiolíticos ocupa o segundo lugar – quando não se considera o álcool e o tabaco. Entretanto, este uso é três vezes menor que o dos inalantes.

Já as anfetaminas são substâncias usadas na clínica como moderadores do apetite (drogas anoréticas) e são classificadas como drogas estimulantes do SNC. Apesar dos perigosos efeitos colaterais e do risco de dependência, de acordo com o Cebrid, o consumo de anfetamínicos²⁰ no Brasil é elevado. Eles aparecem entre as quatro drogas mais utilizadas pelos estudantes nos quatro levantamentos referenciados acima, quando excluídos da análise o álcool e o tabaco. Assim, como acontece com os ansiolíticos, os medicamentos anfetamínicos são nitidamente mais utilizados

¹⁹ São exemplos de medicamentos contendo estas substâncias: Diazepam, Valium, Lorax, Lexotan, Rohypnol etc.

²⁰ São exemplos de medicamentos contendo estas substâncias: Hipofagin, Moderex, Inibex, Moderine etc.

entre estudantes do sexo feminino, tendência que tem se mantido ao longo dos anos. Carlini *et al.* (op. cit.), naquela mesma pesquisa, encontrou que o uso de anfetamínicos ocupa o quarto lugar – quando não se considera o álcool e o tabaco. Entretanto, este uso é cinco vezes menor que o dos inalantes⁷.

Portanto, o uso de anfetamínicos no Brasil é indiscriminado e muitas vezes estimulado pelos próprios médicos, que os prescrevem de forma pouco criteriosa.

3.3.2. Percepção

A percepção dos diferentes atores em relação à questão de alguns produtos considerados drogas foi colhida com base nos questionários aplicados. Não foram encontrados depoimentos que se referiram especificamente a drogas tais como cola/ inalantes, lança-perfume, deca/anabolizantes, anfetaminas e calmantes. Portanto, dispõe-se apenas dos dados quantitativos, expressos na Tabela 3.17, relativos à percepção de alunos, corpo técnico-pedagógico e pais.

Colas e inalantes são percebidos de forma distinta segundo os atores. Entre os alunos, é de 85% a proporção daqueles que os consideram droga. Já entre o corpo técnico-pedagógico e os pais existe uma quase unanimidade, pois uma média de quase 94% de ambos os atores possui esta mesma percepção. Também não se verificam grandes disparidades entre os índices observados nas capitais pesquisadas.

No quesito "lança-perfume", existe uma percepção bastante diferenciada entre alunos, por uma parte, e pais e corpo técnico, por outra. Quanto aos primeiros, é da ordem de 65,3% a proporção dos que a consideram droga; enquanto que apenas pouco mais da metade dos alunos de Manaus possuem esta percepção. No outro extremo se encontra Maceió, em que 80,2% dos alunos consideram

⁷ Galduróz (1996) lembra que o Brasil é o maior importador mundial de anfetamínicos.

lança-perfume droga. Entre pais e corpo técnico-pedagógico, é bem mais elevada esta proporção – 87,2 e 84,9%, respectivamente.

Os anabolizantes traduzem uma percepção um pouco mais unitária entre os três atores, talvez em função dos malefícios que têm sido veiculados pelas diferentes mídias. Enquanto 70,4% dos alunos a referem como droga, estes índices são um pouco mais elevados no caso do corpo docente das escolas (74,3%) e dos pais (77,2%).

Já as anfetaminas apresentam três índices bastante diferentes de percepção. Entre os alunos, pouco mais da metade (55%) as considera na categoria de drogas, enquanto a proporção dos pais é de 65,7%, podendo ser considerada bastante baixa em função da percepção que os mesmos possuem em relação às demais drogas. Talvez uma possível explicação possa ser o uso que os próprios pais fazem destes medicamentos, não os considerando, portanto, como drogas. Para cerca de 72% do corpo docente as anfetaminas são igualmente percebidas.

Finalmente, em relação aos calmantes, também foi registrada uma diversidade de índices perceptivos. Assim, menos da metade dos alunos os têm na conta de drogas; são 58,5% os pais com esta mesma percepção, enquanto entre professores e supervisores este se situa em 61,3%.

Em resumo, apenas em relação a alguns destes produtos e medicamentos existe uma percepção um pouco mais nítida de que os mesmos são drogas e, portanto, com um significativo potencial de efeitos maléficos, além de seu uso ilícito, seja na percepção de alunos, como de pais.

Tabela 3.17

Alunos, corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais de alunos, por percepção sobre produtos considerados drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Percepção dos atores sobre produtos considerados drogas														
	Cola/inalantes			Lança-perfume			Deca/anabolizantes			Anfetaminas			Calmantes		
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais
Manaus	82,5	93,5	90,0	53,1	87,5	82,2	65,1	74,4	74,8	44,5	64,9	59,5	41,2	57,1	51,5
Belém	83,5	95,9	92,5	62,6	85,1	81,4	69,7	71,5	75,5	50,4	62,0	59,5	44,0	54,5	51,0
Fortaleza	83,5	93,8	93,4	69,0	83,1	86,0	67,8	67,4	75,5	50,4	59,6	61,4	47,8	51,1	55,8
Recife	83,1	97,9	91,2	77,8	85,8	88,2	63,5	70,9	68,8	53,5	69,5	56,6	43,6	53,2	50,2
Maceió	85,9	92,6	91,8	80,2	87,8	91,2	64,1	67,6	68,2	60,5	63,2	62,2	46,6	44,6	48,1
Salvador	82,5	94,4	95,0	72,0	86,5	87,5	64,0	76,4	73,9	56,0	75,3	65,1	45,7	60,1	54,0
Vitória	86,9	90,9	96,0	62,0	87,2	87,1	71,0	69,5	81,6	56,9	76,5	69,8	53,0	62,6	66,1
Rio de Janeiro	86,6	92,5	96,4	57,0	86,6	86,5	73,6	70,9	79,0	48	75,7	69,4	43,4	60,4	58,0
São Paulo	84,7	94,9	93,4	61,1	87,0	84,4	71,0	80,6	81,4	58,1	78,7	70,7	51,2	74,7	65,5
Florianópolis	90,1	93,3	96,3	77,5	91,0	91,0	80,3	80,3	85,4	66,2	75,3	76,2	57,3	69,7	70,5
Porto Alegre	88,4	96,0	95,6	68,3	85,8	86,4	75,0	71,9	76,9	55,0	74,6	64,8	42,4	67,7	59,9
Cuiabá	84,7	93,5	93,0	72,8	62,3	88,2	69,4	74,6	76,0	56,6	66,5	61,3	48,5	62,1	57,9
Goiânia	87,1	94,2	94,5	74,7	82,6	91,3	71,2	86,8	80,3	60,3	82,1	69,5	54,2	73,2	65,0
Distrito Federal	87,3	87,9	93,7	73,0	90,9	89,5	80,4	77,3	83,0	62,4	81,8	74,0	52,3	67,4	64,9
Média	85,0	93,7	93,8	65,3	84,9	87,2	70,4	74,3	77,2	55,0	71,8	65,7	47,8	61,3	58,5

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Pais: n = 14.485

Corpo técnico-pedagógico: n = 137

3.3.3. Uso segundo sexo

A Tabela 3.18 informa a frequência com que alunos de ambos os sexos usaram cola e inalantes. A maioria absoluta dos jovens não faz uso dessas drogas – um contingente de mais de quatro milhões de alunos –, com proporções bastante semelhantes para ambos os sexos – de 90,3% para o masculino e 93,4% para o feminino. Por outra parte, o índice dos que dizem usar diariamente colas/inalantes pode ser considerado elevado – de 3,9% e 2,3%, para os sexos masculino e feminino.

Também os números absolutos dos usuários diários de cola/inalantes são muito elevados – quase 139 mil alunos –, a maioria do sexo masculino (quase 84 mil) contra aproximadamente 54 mil do feminino. Portanto, a ênfase registrada pela literatura sobre o significativo uso dessas drogas é confirmada por esta pesquisa, que registrou índices preocupantes de uso de cola e inalantes.

Tabela 3.18

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência de uso de cola/inalantes, segundo sexo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais e sexo	Frequência de uso de cigarros por alunos			
	Não usa	Diariamente	Às vezes	Total
Manaus				
Masculino	96,1	3,0	1,0	100,0
Feminino	97,8	2,1	1,0	100,0
Belém				
Masculino	97,2	2,1	0,7	100,0
Feminino	99,1	0,7	0,3	100,0
Recife				
Masculino	94,2	4,6	1,2	100,0
Feminino	98,8	1,2	0,0	100,0
Rio de Janeiro				
Masculino	95,5	3,4	1,2	100,0
Feminino	98,8	0,7	0,5	100,0

Tabela 3.18 (Cont.)

Capitais e sexo	Frequência de uso de cigarros por alunos			
	Não usa	Diariamente	Às vezes	Total
São Paulo				
Masculino	97,2	2,2	0,6	100,0
Feminino	98,2	1,4	0,4	100,0
Cuiabá				
Masculino	95,6	2,6	1,8	100,0
Feminino	97,3	1,3	1,4	100,0
Distrito Federal				
Masculino	92,4	5,3	2,3	100,0
Feminino	97,4	1,9	0,7	100,0
Média				
Masculino	90,3	5,7	3,9	100,0
Feminino	93,4	4,3	2,3	100,0
N.º Absoluto	4.188.017	227.015	138.720	4.553.752
Masculino	1.921.062	121.788	83.928	2.126.778
Feminino	2.266.955	105.227	54.792	2.426.974

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001

3.3.4. Drogas cujo consumo foi percebido

Neste item, são analisadas as drogas lícitas de uso ilícito mais vistas, na percepção dos diferentes atores (alunos, membros do corpo técnico-pedagógico e pais), conforme Tabela 3.19, a seguir.

No quesito "cola/inalantes", é superior a proporção do corpo técnico que referiu ter visto estas substâncias serem consumidas do que os alunos – de 31,8% e 21,6%, respectivamente. Quanto aos índices observados nas capitais, há diferenças muito significativas entre as mesmas, destacando que o Centro-Sul apresenta as menores proporções para ambos os atores.

No caso das chamadas "drogas lícitas", aqui representadas por álcool e tabaco, é de surpreender os baixos índices de alunos e corpo técnico que mencionou tê-las visto serem consumidas – 11,6% e 19,3%, em cada caso. Pode-se especular que as reduzidas proporções mencionadas de uso destas drogas lícitas talvez se deva ao fato de que estes atores não as percebem como drogas, uma vez

que são socialmente aceitas. De todas as formas, cabe destacar a situação do Distrito Federal, em que quase 39% do corpo técnico-pedagógico referiu ter presenciado o consumo de álcool e tabaco.

Em relação a "outras drogas", que inclui LSD, ópio, ecstasy, haxixe, calmantes, anfetaminas, heroína e drogas injetáveis, são muito reduzidas as proporções médias no caso de ambos os atores – 2,4 e 3,9%, em cada caso. Entretanto, existem diferenças significativas entre as capitais pesquisadas.

Finalmente, deve-se destacar que, ou existe uma percepção muito baixa por parte destes atores quanto ao uso destas drogas – em alguns casos bastante pesadas – ou, por outro lado, houve uma negação em responder a esta questão.

Não há, até o momento, campanhas preventivas direcionadas ao uso de substâncias lícitas de uso ilícitos no Brasil. A preocupação maior ainda são as drogas ilícitas, tais como, a maconha, a cocaína, o crack, etc.

Alguns trabalhos, como de Mc Bride e Busuttil (1990) têm mostrado que essas drogas apresentam potencial de levar à morte. Por outro lado, é óbvio que a repressão ao uso dessas substâncias estaria fadada ao insucesso, pois cumprem um papel importante na sociedade, bastando lembrar da necessidade delas para compor produtos essenciais, tais como: extintores de incêndios, tintas, removedores para limpeza e, principalmente, a gasolina.

Tabela 3.19

Alunos e corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por tipos de drogas que viram ser consumidas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Drogas que os diferentes atores viram ser consumidas					
	Cola/inalantes		Drogas lícitas (1)		Outras drogas (2)	
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (3)	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (3)	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (3)
Manaus	38,3	38,7	12,3	14,3	0,8	1,7
Belém	37,2	46,3	15,2	13,0	1,0	1,9
Fortaleza	37,2	36,1	13,9	20,2	2,0	5,0
Recife	36,2	48,1	14,3	23,1	1,7	6,7
Maceió	46,6	43,1	16,6	13,7	4,4	7,2
Salvador	18,2	42,4	12,9	25,8	1,3	4,5
Vitória	19,9	8,8	16,4	5,6	7,7	0,0
Rio de Janeiro	15,3	19,5	11,6	11,9	4,6	1,6
São Paulo	11,9	13,4	8,1	18,0	2,4	3,5
Florianópolis	15,4	13,3	18,8	25,2	3,1	3,0
Porto Alegre	27,5	35,7	14,1	24,4	2,6	5,2
Cuiabá	23,8	20,4	9,7	15,3	3,6	5,1
Goiânia	27,2	42,2	11,9	20,3	1,8	4,7
Distrito Federal	20,8	36,7	15,5	38,8	2,8	4,1
Média	21,6	31,8	11,6	19,3	2,4	3,9

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

(1) "Drogas lícitas" é o somatório de álcool e tabaco.

(2) "Outras drogas" é o somatório de LSD, ópio, haxixe, ecstasy, anabolizantes, calmantes, anfetaminas, heroína e drogas injetáveis.

(3) n = 1970

SUMÁRIO

Álcool

- Encontrou-se que cerca de 10% dos alunos, ou seja, 438.899 declararam que *bebem regularmente*.

- Em relação às *diferenças por sexo*, encontra-se que entre os alunos que não bebem, a maioria é feminina, 47,4%, enquanto 40,6% são do sexo masculino. Para a categoria dos que bebem somente em festas e ocasiões sociais, não houve diferença entre os sexos.

- Já entre os que afirmaram beber regularmente, 13,5% são alunos do sexo masculino e 6,7%, do sexo feminino, totalizando um universo de 428.897 alunos.

- Em relação à *distribuição por idade*, há um aumento da frequência de uso de bebidas alcoólicas com o aumento da idade. No grupo de 10 a 12 anos, tem-se que 30%, ou seja, 218.087 bebem com alguma frequência (bebem regularmente e/ou em festas e ocasiões sociais). O consumo de álcool nas faixas intermediárias, de 13 a 15 anos e de 16 a 18 anos, na mesma modalidade são respectivamente de 52,6% e 66,4%, representando um universo de 857.279 e 989.671 em cada caso. Entre os que têm 19 anos ou mais, a proporção de casos para essa situação é de 70%.

- É alta a proporção dos atores pesquisados – alunos, pais e membros do corpo técnico-pedagógico – *que consideram o álcool como uma droga*, 73,1% e 80,4 89,3% respectivamente. Alguma variação é encontrada, sendo os professores e os pais, os que mais consideram o álcool como uma droga.

- Mas há uma tendência dos atores a considerar o álcool uma substância cujo uso é *socialmente aceito*. Usam com frequência a expressão *bebo socialmente* sendo, em alguns casos, o álcool considerado como mais aceitável e menos nocivo do que outros tipos de drogas (como as ilícitas).

- No entanto, os membros do corpo técnico-pedagógico, entrevistados para esta pesquisa, tendem a apontar o álcool como *porta de entrada* para outras drogas consideradas ilícitas, tais como a maconha, mas, por um discurso de causalidade linear, consideram que a recorrência ao álcool necessariamente leva ao uso de outros tipos de drogas.

- Os *motivos* que levam os jovens ao consumo de álcool, apontados pelos atores pesquisados, são diversos: a curiosidade; a influência dos amigos; o fato de o álcool atuar como um "desinibidor", para "paquerar"; os problemas por eles vivenciados; o uso de álcool como um rito de passagem para o mundo adulto, por este proporcionar um prazer temporário ao ser consumido; por ser um estimulante da relação entre os pares; além de existir uma cultura do beber socialmente naturalizada. Alguns também destacam fatores externos de natureza macroestrutural, como exclusões, desigualdades sociais, desemprego, cultura de consumismo e falta de perspectiva.

- Em relação à *religião*, tem-se que o fato de ter ou não uma religião, pode funcionar, de forma relativa, como um fator de proteção ao uso. Entre os que não têm religião, o índice de exposição ao álcool (ou seja, os que bebem somente em festas e em ocasiões sociais somados àqueles que bebem regularmente) é de 74,4%, enquanto para os que têm alguma religião este índice se situa, em média, em 56,1%. Mas o índice dos que fazem algum uso de bebidas alcoólicas é também bastante alto entre aqueles com algum tipo de religião (englobando mais da metade dos informantes), não se pode, portanto, considerar que ter uma religião seja, em si, um inibidor absoluto ao consumo de álcool.

- Quando comparados os dados de frequência de uso de bebidas alcoólicas, por alunos indicam que pode haver uma certa *influência positiva da família* sobre o hábito de beber entre os jovens, uma vez que os dados revelam que é maior o consumo de bebidas em festas e ocasiões sociais para pais e jovens, o que

indica que, por vezes, o jovem consome álcool sob a supervisão da família. Cabe ser ressaltado que, apesar da aparente correlação, não se pode concluir que a família tem um papel determinante na aquisição e na consolidação de tal hábito, uma vez que o mundo social do qual o jovem faz parte é muito amplo, assim como são variadas as influências que este recebe.

- Sobre as *atitudes permissivas relacionadas ao álcool*, os dados sugerem haver percepções distintas entre alunos por uma parte e pais e corpo técnico-pedagógico por outra, tendendo os alunos a posturas mais tolerantes ou permissivas. Os professores situam-se em uma perspectiva mais crítica e tendendo, os pais, a uma visão intermediária.

Tabaco

- A maioria dos jovens – 89,1% ou cerca de 3 milhões de alunos – afirmam que *não fumam*. Para o inverso, temos que 466.003 afirmam *fumar diariamente elou com alguma freqüência* (cerca de 11%).

- Os diferentes atores entrevistados (alunos, membros do corpo técnico-pedagógico e pais) percebem o cigarro como uma *porta de entrada* para outros tipos de drogas, inclusive as ilícitas e mais precisamente da maconha.

- De acordo com os depoimentos colhidos junto aos alunos, corpo técnico-pedagógico e pais, o primeiro contato do jovem com o tabaco pode ocorrer no próprio *ambiente familiar*, ressaltando, porém, que a influência da família não deve ser vista como determinante.

- Os três atores estudados (alunos, pais de alunos e membros do corpo técnico-pedagógico das escolas) *consideram o tabaco como uma droga*. Curiosamente, entretanto, são os alunos que apresentam um índice perceptivo levemente superior (79,4%) que o do corpo técnico-pedagógico (78,6%) e dos pais (76,8%), em cada caso, constatando-se, então, que predomina a opinião de que o tabaco é uma droga.

- Com base nas narrativas dos alunos, é possível distinguir diferentes percepções, relacionadas às influências do uso de tabaco por um membro familiar – de um lado, temos os que acreditam ser a *influência dos pais* determinante para o surgimento do hábito entre os adolescentes e, por outro, os alunos que percebem o cigarro como um mal à saúde, fazendo inclusive apelos aos seus pais para que se afastem do vício. E por fim, estão os jovens, com uma postura mais crítica em relação aos males do cigarro, colocando que, independente da forma como os pais lidem com essa questão, por si próprios eles não usariam tabaco.

- É em companhia do *grupo de amigos* e em ambientes como festas, bares e shows que ocorre a primeira experiência do jovem com o cigarro. Sobre o grupo, deve ser também colocado que o cigarro faz parte, muitas vezes, da aceitação e da identificação do jovem com o mesmo.

- *A maioria dos pais declara que nunca fuma* – 74,8% para os pais e 76,7% para as mães. Tais proporções são inferiores a de alunos de 19 anos ou mais, já que entre esses os que nunca fumam é 81,5%.

- O consumo pode ser estimulado pela *curiosidade ou*, simplesmente, pelo fato de ter sido oferecido por amigos, e não aceitar as regras do grupo seria correr o risco de perder a amizade.

- Em depoimentos de alunos, é possível perceber a ênfase que dão à *mídia* como meio de induzir ao consumo de tabaco, principalmente pela propaganda televisiva. Alguns alunos apresentam uma postura crítica ao relacionarem as imagens construídas pelos comerciais, em contraposição às conseqüências que o consumo do cigarro tem sobre o consumidor.

Álcool x Tabaco

- Em que pese que comparativamente em relação ao uso de bebidas alcoólicas, quer ao nível de propaganda, quer ao nível da sanção legal e cultural, há uma relativa maior crítica ao uso de cigarro, a extensão do uso dessa droga é mais baixa que a registrada

para o caso das bebidas alcoólicas, entre alunos. Enquanto o uso do cigarro com alguma frequência (fumam às vezes e/ou fumam todos os dias) engloba 466 mil alunos, a exposição a bebidas alcoólicas (beber somente em festas e ocasiões sociais ou beber regularmente) abrange um contingente cinco vezes maior que o registrado para o caso do tabaco. Assim, tem-se que 2.469.168 alunos em algum grau e por alguma modalidade consomem bebidas alcoólicas.

Drogas lícitas de uso ilícito

- Além do álcool e do tabaco, outras drogas lícitas, tais como os medicamentos – *calmantes, anfetaminas, anticolinérgicos, barbitúricos, orexígenos e anabolizantes, além dos solventes/ inalantes* –, têm sido utilizados de forma ilegal, e cujo abuso por parte dos alunos parece ser preocupante, devido à facilidade com que são adquiridas e seu baixo custo.

- Colas e inalantes são percebidos de forma distinta segundo os atores. Entre os alunos, é de 85% a proporção daqueles que os *consideram droga*. Já entre o corpo técnico-pedagógico e os pais tem-se uma média de quase 94% de ambos os atores que possuem esta mesma percepção.

- A maioria absoluta dos jovens não faz uso de cola/ inalantes drogas, sendo esses índices de 90,3% para o *sexo masculino* e 93,4% para o *feminino*. Entre os que afirmam usar com frequência, essas proporções são de quase 139 mil alunos, sendo que quase 84 mil são do *sexo masculino* e 54 mil do *sexo feminino*.

- Em relação ao "*lança-perfume*", existe uma percepção bastante diferenciada entre alunos, por uma parte, e pais e corpo técnico-pedagógico, por outra. Para os primeiros, é da ordem de 65,3% a proporção dos que a consideram droga. Entre pais e corpo técnico-pedagógico, é bem mais elevada esta proporção – 87,2% e 84,9%, respectivamente.

- Já as *anfetaminas* apresentam três índices bastante diferentes de percepção segundo os atores. Entre os alunos, pouco mais da metade – 55% – as considera como drogas, enquanto a proporção dos pais é de 65%. Para cerca de 72% do corpo docente, as anfetaminas são igualmente percebidas como drogas.

- Em relação aos *calmantes*, também foi registrada uma diversidade de índices perceptivos. Assim, menos da metade dos alunos os têm na conta de drogas; são 58,5% os pais com esta mesma percepção, enquanto entre professores e supervisores este se situa em 61,3%.

4. JOVENS E DROGAS ILÍCITAS

Neste capítulo, identifica-se a presença de associações entre os padrões de uso das substâncias psicotrópicas e algumas variáveis sociodemográficas tais como: sexo, faixa etária, prática religiosa, inserção no mercado de trabalho, uso entre os amigos, relacionamento familiar, além da percepção dos alunos, membros do corpo técnico pedagógico e pais pesquisados.

O capítulo encontra-se dividido em quatorze seções. A primeira aborda o histórico das drogas ao longo do tempo, através de aspectos sócio-culturais condicionadores e favorecedores da toxicomania e da natureza do fenômeno da toxicomania (surgimento, expansão, panorama geral do caso brasileiro). A segunda seção discorre sobre a frequência – uso passado (experimentação) e presente (uso frequente). A seguir, através dos dados quantitativos e qualitativos, a percepção dos alunos, membros do corpo técnico pedagógico e pais pesquisados acerca das drogas ilícitas, a ocorrência de possíveis associações (estímulo ou inibição) entre os padrões de uso das substâncias e fatores como sexo, idade, condição de trabalho e estudo. A sexta seção enfoca os locais de uso (perto de casa, shows, festas e boates). A sétima aborda as drogas mais vistas e usadas, conforme observação dos atores envolvidos. A oitava seção discorre sobre as percepções de motivações para o uso. Após, focaliza-se quem usa (tais como: conhecidos, amigos, parentes). Nas quatro últimas seções, explora-

se as associações, quer de estímulo quer de inibições, entre o uso e aspectos sociais, tais como: relacionamento familiar, religião e lazer. A décima quarta seção enfoca os comportamentos de risco dos usuários (transgressões e exposição a doenças).

4.1. BREVE HISTÓRICO

Droga é definida, em um sentido amplo, como qualquer substância capaz de exercer um efeito sobre o organismo. As drogas chamadas psicotrópicas ou psicoativas – palavra originária do grego que pode ser traduzida como aquilo que age sobre a mente – alteram os sentidos, induzem à calma ou à excitação, potencializam alegrias, tristezas e fantasias.

Especialistas como Medeiros (1986), Vizzolto (1987), citados por Alencar (1988a) e Sanches et al. (1982) advertem que praticamente em todas as culturas e povos encontram-se referências ao uso esporádico de drogas durante os ritos religiosos, cerimônias grupais (celebrações ou festas).

O conhecimento de alguns aspectos históricos de seu uso ajuda a compreensão, em parte, de hábitos, atitudes e normas culturais que prevaleceram no passado ou ainda prevalecem. Gallo (1984: 4, in: Alencar, 1988a) acrescenta que:

O homem, desde priscas eras, procurou achar uma bebida ou remédio que tivesse o dom ou poder de tirar ou aliviar as dores, produzir alegria, não ter angústias, acalmar paixões, acabar com o medo, dando-lhe coragem para as lutas e ânimo para as incertezas, tristezas e agruras da vida, e também preservar a "mocidade e a saúde".

Desde a história remota da humanidade, o homem tem tido a habilidade para detectar substâncias da natureza que podiam alterar sua conduta,

agindo na mente. Em período algum existiu uma civilização livre de qualquer tipo de droga. Os antigos egípcios comiam ópio, os gregos consumiam vinho, os índios adoravam plantas alucinógenas.

Há documentos que remontam há mais de 3.000 anos e referem-se ao uso de drogas, quando sociedades primitivas recorriam a plantas em busca de experiências transcendentais, para se aproximar em de suas divindades. Nos cultos religiosos, os efeitos das drogas são recebidos como revelações sagradas.

Segundo Medeiros (1986), citado por Alencar (1988a), as chamadas culturas primitivas rendiam culto a diferentes plantas, que eram utilizadas em rituais religiosos, comemorações e busca do prazer. O homem obedecia a preceitos e rituais ao fazer uso da droga, e isto o mantinha nos limites da tradição cultural. Observa, ainda, que as crenças, os costumes, o medo de punições divinas e a vigilância da família bastavam para conter o seu uso abusivo.

Durante o século XIX, assistiu-se a uma série de mudanças fundamentais nas sociedades ocidentais. A aceleração dos processos de urbanização e industrialização possibilitou a produção em massa de algumas drogas. Assim, substâncias até então usadas de forma ritualística em pequena e média escala, passam a ser produzidas em grande quantidade e distribuídas como um produto comercial qualquer. Da mesma forma, o avanço da química orgânica e da tecnologia criou condições para que vários novos produtos fossem obtidos, como a morfina, a heroína e a cocaína. Este conjunto de processos resultou em um aumento do consumo geral de drogas (Room, 1985, *apud op. cit.*).

Entretanto, foi somente no século XX que o abuso de entorpecentes começou a se acentuar assustadoramente, devido ao progresso dos meios de comunicação, ao incentivo de obras literárias e científicas, atingindo diferentes camadas sociais.

Nessa época, desenvolveu-se nos Estados Unidos um período de intolerância às drogas, que se exprimia através de uma

legislação extremamente severa, silêncio e exagero. Para Musto (1991, *apud op. cit.*), durante esse período, os americanos conjugaram leis severíssimas a uma estratégia de silêncio, de sonegação de informação à população sobre os efeitos e causas do uso de drogas. Para o autor, o preço dessas táticas equivocadas foi a formação de uma geração sem memória, que ignorava as lições do passado, e que não tinha nenhuma razão para acreditar nas escassas e caricaturais mensagens anti-drogas. Estavam dadas, assim, as condições para uma nova onda de uso desenfreado de drogas. Essa nova onda de uso de fato ocorreu a partir dos anos 60.

Assim, o uso indevido de drogas constitui sério problema de saúde pública e o fenômeno da farmacodependência que, no passado, foi considerado um problema médico e de doença individual, a partir do século XX e, especialmente no decorrer dos últimos 25 anos, assumiu uma dimensão sócio-patológica. Nos anos 20, por exemplo, a cocaína e a maconha eram livremente comercializadas nos Estados Unidos, enquanto o governo tentava combater, sem sucesso, o álcool.

Segundo Medeiros (1986 *apud op. cit.*), sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, e com maior ênfase nas culturas ocidentais, da década de 60 para cá, o homem começou a se exceder nestas práticas, sintetizando novos produtos, aumentando a concentração e a potência das drogas tradicionais e colocando ao alcance das pessoas a possibilidade de obter efeitos muito diversificados. Gradativamente, o uso da droga para objetivos não-médicos e não-científicos vem crescendo, alcançando todas as camadas sociais e faixas etárias.

Segundo Gennaro (1987: 10, *apud op. cit.*), um aspecto fundamental deste tipo de consumo era a ausência de dependência à droga. Porém, com o surgimento do uso da morfina, da heroína e da cocaína, foram constatados casos de dependência em adultos. Entretanto, até meados dos anos 60, o número de casos não

chegava a alcançar nenhuma dimensão social e nenhum significado cultural e, assim, passava despercebido: (...) somente no final dos anos 60 o uso de drogas começou a ser difundido entre os jovens e adolescente, sob a forma de ondas epidêmicas incontrolláveis, com dimensão intercontinental, tornando-se um flagelo mundial.

Existe uma unanimidade no fato de que as drogas estão longe de serem substâncias inócuas, considerando-se que o uso indiscriminado traz prejuízos e conseqüências negativas, impondo-se a necessidade de serem melhores entendidas. Para Osava (2002) as drogas só se tornaram um problema com o aparecimento da sociedade de consumo, que estimula o abuso, o exagero e o desequilíbrio.

Na opinião de Leal (1983, *apud op. cit.*), no Brasil o uso de drogas tem aumentado gradativamente nos últimos anos, havendo indícios de que, por sua dimensão territorial, seus vazios demográficos, suas condições geográficas e ausência de fiscalização efetiva, de policiamento em vastos trechos do litoral e das fronteiras, o país sirva de ponte e ponto de redistribuição no comércio internacional de drogas.

A droga, em nosso país, como em outros, ainda é considerada primeiramente sob o prisma da ilegalidade e, portanto, como um problema de âmbito judicial, mais do que um problema sanitário ou social. É, porém, uma questão que envolve aspectos psicológicos, sanitários, educativos, políticos e sociais, exigindo, portanto, integração entre ações preventivas, de controle e de tratamento.

4.2. FREQUÊNCIA DE USO

Esta seção analisa a frequência de uso de drogas ilícitas entre os alunos dos ensinos fundamental e médio nas escolas públicas e privadas, em dois momentos: o uso no passado – ou experimentação (*experimentou, usou e não usa mais*); e o uso no presente,

caracterizado como habitual ou regular (*usa todos os dias, quase todos dias e finais de semana*) e o não-uso.

Os resultados deste trabalho revelam um uso de drogas entre a população estudantil que abrange muitos jovens. No entanto, dentre os que tiveram contato com as drogas, a maioria parece haver mantido uma relação apenas experimental, visto que o uso presente (140.802) é menor que o passado (228.631 alunos)¹.

A Tabela 4.1 indica a frequência com que jovens usam (todos os dias/quase todos os dias/finais de semana) ou usaram (experimentou, já usou e não usa mais) drogas ilícitas. Observa-se que a grande maioria (92%) nunca fez uso (4,3 milhões de alunos). A exposição média ao uso (todos os dias/quase todos os dias/finais de semana e experimentou, já usou e não usa mais) para o conjunto das capitais é de 8%, com destaques para Porto Alegre (13,8%), Florianópolis (11,9%) e Vitória (10,1%). O uso experimental atinge 4,9% (o que corresponde a 228.631 jovens), enquanto 3,0% fazem uso regular, ou seja, 140,8 mil jovens. Ressalta-se que em Porto Alegre, o uso habitual é o dobro do verificado na média das capitais pesquisadas. As capitais gaúcha e catarinense destacam-se por apresentarem proporções elevadas de uso de drogas no passado, quando comparado a média das capitais.

¹ Considerando o estigma das drogas, é provável alguma subestimação; mas também pode haver algum grau de superestimação. A subestimação seria o resultado previsível de um comportamento socialmente condenável e muitas vezes ilegal, que poderia provocar, nos alunos, o medo de que o anonimato, garantido pelos pesquisadores, não ocorresse. Já a superestimação dar-se-ia na medida em que alguns parecem associar o uso de drogas (ou pelo menos de algumas delas) a características como coragem e independência, ou tendem a encarar este tipo de pesquisas como oportunidade para desafiar o mundo adulto, inventando respostas falsas. A subestimação, bem como a superestimação, foram detectadas por Carlini et al. (1987).

Tabela 4.1

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência do uso de drogas ilícitas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência do uso de drogas ilícitas por alunos			Total
	Todos os dias/quase todos os dias/finais de semana	Experimentou, já usou e não usa mais	Nunca usou	
Manaus	2,5	3,6	93,9	100,0
Belém	1,3	2,0	96,7	100,0
Fortaleza	2,7	3,6	93,7	100,0
Recife	1,9	4,3	93,8	100,0
Maceió	2,0	3,3	94,7	100,0
Salvador	2,8	4,9	92,3	100,0
Vitória	3,7	6,4	89,9	100,0
Rio de Janeiro	3,1	5,2	91,7	100,0
São Paulo	3,3	5,4	91,3	100,0
Florianópolis	4,3	7,6	88,2	100,0
Porto Alegre	6,0	7,8	86,3	100,0
Cuiabá	2,9	5,3	91,8	100,0
Goiânia	3,3	4,9	91,7	100,0
Distrito Federal	3,2	5,2	91,6	100,0
Média	3,0	4,9	92,0	100,0
N.º Absoluto	140.802	228.631	4.263867	4.633.301

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa drogas? (todo dia/quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou).*

Na Tabela 4.2 apresenta-se o uso passado que os alunos fizeram das drogas. A maconha lidera a experimentação no conjunto das capitais pesquisadas, com uma média de quase 3,0%, e um contingente de mais de 135,6 mil jovens.

Os inalantes e a cocaína em pó aparecem a seguir, com índices semelhantes – de 1,1 e 1% em cada caso (com 50,5 mil e

quase 47,8 mil alunos, respectivamente). Seguem-se o crack e a merla, com proporções de 0,5% e, em último lugar, as drogas injetáveis, com um índice de 0,3% e quase 12 mil usuários.

Tabela 4.2

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por tipos de drogas ilícitas usadas no passado, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Tipos de drogas ilícitas usadas no passado por alunos					
	Maconha	Cocaína/pó	Cola/Inalante	Merla	Crack	Droga Injetável
Manaus	2,1	1,6	1,2	1,2	0,9	0,4
Belém	1,4	0,4	0,6	0,3	0,2	0,2
Fortaleza	2,1	1,0	0,9	0,4	0,8	0,1
Recife	2,4	0,6	1,2	0,2	0,2	0,1
Maceió	1,5	0,3	0,7	0,1	0,1	0,2
Salvador	1,5	0,6	0,6	0,1	0,1	0,1
Vitória	3,9	1,6	1,4	0,4	0,3	0,2
Rio de Janeiro	3,3	1,0	0,9	0,6	0,5	0,3
São Paulo	3,2	0,8	1,0	0,3	0,4	0,3
Florianópolis	5,7	1,4	1,8	0,4	0,5	0,2
Porto Alegre	6,6	3,6	2,9	1,3	1,4	0,4
Cuiabá	3,7	1,1	1,0	0,3	0,4	0,2
Goiânia	2,7	1,0	1,5	0,9	0,5	0,2
Distrito Federal	3,7	1,7	1,7	1,3	1,4	0,5
Média	2,9	1,0	1,1	0,5	0,5	0,3
N.º Absoluto	135.652	47.838	50.476	23.921	24.359	11.829

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001. Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou: maconha, crack, merla, cocaína (pó), cola, inalantes, xarope, anfetamina, calmante, droga injetável. (todo dia/ quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou).*

Cabe ressaltar que esta experimentação foi temporalmente localizada, não seguindo para uma habitualidade de uso. Há que cuidar da leitura sobre casos de uso passado, baseados nas respostas já experimentou, usou e não usa mais. A percepção de que a experimentação pode levar à dependência se registra na fala de alguns entrevistados: *quem entra no mundo das drogas dificilmente sai – caminho sem volta, processo irreversível.*

Em alguns depoimentos enfatiza-se que se experimentou e se deixou de usar e que, inclusive, esta experimentação provocou repúdio a tal prática: *(...) eu achei horrível, fiquei doidona (...) Eu não queria, só para saber como fica. Não gostei não.*

Já outros sustentam que existe um certo exagero no tocante ao uso de drogas, pelo menos no referente às mais leves. Nas suas concepções, muitos jovens consomem drogas – com destaque para a maconha – com o propósito de se divertir ou, ainda, de relaxar, não sendo tal uso necessariamente decorrente de uma dependência: *Tem gente que usa a droga só pra fazer o mal e outros só pra curtir, mesmo.*

Alguns deles até alegam que a maconha não gera dependência, podendo o jovem, assim, deixar de consumi-la a qualquer momento:

Mas eu fumo quatro meses, depois eu paro (...) eu fico um tempo, depois eu fumo de novo (...) Isso daí não é vício, é a mesma coisa como se você fosse fumar um cigarro, ia aliviar do mesmo jeito. Não é que nem ela fala, "você já usou (...) na boca, pá". Eu acho, eu não uso, mas eu conheço gente que já experimentou, já faz mais uso, essas coisas, mas não é viciado. Tipo, vamos supor, sai de fim de semana, faz o uso (...) aí só daqui, na outra semana, é que vai fazer uso com os amigos (...) não vicia isso. (Grupo focal com alunos, escola pública, São Paulo)

Um aluno, ao expor sua opinião, demonstrou certa tolerância em relação ao uso, desde que o usuário saiba se controlar, de modo a evitar que as drogas afetem seu trabalho ou estudos: *mas (...) eu acho que tu tens que te controlar, tu vais fazer o troço e vai parar de estudar, vai parar de trabalhar, vai fazer.*

Na Tabela 4.3 são apresentados os dados de uso presente, ou seja, regular. Neste sentido, observa-se que em todas as capitais, a proporção deste uso é sempre igual ou menor que no passado, para todos os tipos de drogas ilícitas, o que leva a pensar que muitos alunos foram apenas experimentadores e hoje não fazem mais uso. Apesar deste uso presente ser igual ou menor, não deixa de ser significativo, pois é um uso regular e contínuo (todos/ou quase todos os dias e finais de semana). Para todas as drogas, este uso freqüente é mais expressivo nas capitais pesquisadas do Sul/Sudeste.

Tabela 4.3

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por tipos de drogas ilícitas usadas regularmente no presente, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Tipos de drogas ilícitas usadas regularmente no presente por alunos					
	Maconha	Cocaína	Inalantes	Merla	Crack	Droga injetável
Manaus	1,3	0,4	0,3	0,3	0,3	0,3
Belém	0,6	0,2	0,2	0,2	0,2	0,1
Fortaleza	1,6	0,5	0,5	0,3	0,3	0,2
Recife	1,2	0,3	0,3	0,2	0,2	0,2
Maceió	1,5	0,4	0,7	0,2	0,4	0,1
Salvador	1,2	0,6	0,4	0,2	0,4	0,2
Vitória	2,5	0,9	0,5	0,3	0,6	0,2

Tabela 4.3 (Cont.)

Capitais	Tipos de drogas ilícitas usadas regularmente no presente por alunos					
	Maconha	Cocaína	Inalantes	Merla	Crack	Droga injetável
Rio de Janeiro	2,1	0,4	0,4	0,3	0,4	0,3
São Paulo	2,3	0,7	0,3	0,2	0,3	0,2
Florianópolis	3,2	0,5	0,2	0,2	0,2	0,3
Porto Alegre	4,7	1,4	1,1	0,7	0,9	0,3
Cuiabá	1,8	0,4	0,8	0,2	0,3	0,2
Goiânia	2,1	0,7	0,8	0,6	0,5	0,5
Distrito Federal	1,8	0,8	0,7	0,9	0,7	0,4
Média	2,0	0,6	0,4	0,3	0,4	0,3
N.º Absoluto	91.319	27.122	19.691	14.852	17.975	12.231

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001. Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usa: maconha, crack, merla, cocaína (pó), cola, inalantes, xarope, amfetamina, calmante, droga injetável. (todo dia/ quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou).*

A situação de uso passado das diferentes drogas é, como mencionado, sempre maior que o uso presente. Entretanto, entre as drogas injetáveis, não são percebidas diferenças em ambos os índices, ou seja, as proporções de experimentação (com 11.829 usuários) e de uso regular (com 12.231 jovens) são as mesmas – 0,3%.

A droga mais utilizada no presente é a maconha, com 2,0% de média de uso no conjunto das capitais com 91 mil usuários, sendo que Porto Alegre (4,7%), Florianópolis (3,2%) e Vitória (2,5%) se situam em patamares bastante superiores à média. A maconha continua sendo a droga ilícita de maior uso, tanto no passado (2,9%), como no presente (2,0%). Dentre os jovens que já tiveram contato experimental com a maconha, a proporção varia de 1,4% em Belém a 6,6% em Porto Alegre, enquanto o uso presente situa-se entre os 0,6 e os 4,7% para estas mesmas capitais.

Apesar de ser um ato ilegal, fumar maconha é um hábito que parece estar bastante difundido entre os jovens.

Eu usei e uso. Cigarro, álcool, maconha, cocaína, e benzina, e pó. Não é freqüente não, geralmente é final de semana quando eu saio. É social, tipo assim eu não sou viciado, eu não fumo nem no colégio. No colégio ninguém nunca me viu com cigarro na mão. Alguém já me viu com cigarro na mão aqui? (Grupo focal com alunos, escola pública, Distrito Federal)

No caso de uso presente, seguem a cocaína em pó (0,6%, correspondendo a 27,1 mil alunos), os inalantes (0,4% e 19,7 mil jovens), as drogas injetáveis (0,3%, com mais de 12,2 mil usuários) e os derivados da cocaína (merla e crack), que possuem índices respectivos de 0,3 e 0,4%.

Na comparação do uso passado com o presente, o consumo de inalantes (que inclui lança-perfume e cola) apresentou uma incidência de experimentação de 0,9% para as capitais do Norte/Nordeste e de 1,5% para as do Centro-Sul e de uso regular de 0,5 e 0,6%, para aquelas mesmas regiões. Com relação à cocaína em pó, a experimentação média foi de 0,7% em capitais do Norte/Nordeste e de 1,5% nas do Centro-Sul.

4.3. USO SEGUNDO SEXO

Nesta seção procura-se observar as diferenças ou similitudes entre os sexos com relação ao uso de drogas ilícitas.

Há uma predominância do sexo masculino no consumo de drogas ilícitas, ditas "de rua", tais como a maconha, a cocaína, etc. (ver, entre outros, Murad, 1982, citado por Alencar, 1988a). O padrão de uso feminino diverge quanto ao tipo e à forma de obtê-las. Assim, as alunas tendem a usar, mais que os jovens, tranqüilizantes e anfetaminas (moderadores de apetite), algumas vezes mediante receita médica.

Observa-se na Tabela 4.4 que os jovens do sexo masculino possuem uma exposição ao uso de drogas (usam com frequência e já experimentaram) – de 9,7% –, ou seja, bem superior à observada entre as moças – de 6,6%. Em números absolutos, isto significa cerca de 206 mil rapazes e de 160 mil jovens do sexo feminino, ou seja, 30% a mais de jovens do sexo masculino em relação às jovens.

Porto Alegre se destaca pelo elevado índice de exposição ao uso de drogas ilícitas, situando-se em 15,7% para os homens e 12,1% para as mulheres, em ambos os casos, muito acima da média encontrada para o conjunto das capitais.

Tabela 4.4

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por alunos, por sexo		
	Frequência de uso	Sexo	
		Masculino	Feminino
Manaus	Usam com frequência	4,1	1,2
	Já experimentaram	4,9	2,5
	Nunca usaram	91,0	96,3
	Total	100,0	100,0
Belém	Usam com frequência	2,0	0,8
	Já experimentaram	2,9	1,3
	Nunca usaram	95,1	97,9
	Total	100,0	100,0
Fortaleza	Usam com frequência	4,3	1,3
	Já experimentaram	4,3	3,1
	Nunca usaram	91,4	95,6
	Total	100,0	100,0
Recife	Usam com frequência	2,8	0,9
	Já experimentaram	5,9	3,0
	Nunca usaram	91,3	96,1
	Total	100,0	100,0
Maceió	Usam com frequência	2,8	1,5
	Já experimentaram	4,0	2,7
	Nunca usaram	93,2	95,8
	Total	100,0	100,0

Tabela 4.4 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por alunos, por sexo		
	Frequência de uso	Sexo	
		Masculino	Feminino
Salvador	Usam com frequência	4,0	1,9
	Já experimentaram	5,5	4,6
	Nunca usaram	90,5	93,6
	Total	100,0	100,0
Vitória	Usam com frequência	5,3	2,5
	Já experimentaram	6,8	6,1
	Nunca usaram	87,9	91,4
	Total	100,0	100,0
Rio de Janeiro	Usam com frequência	3,9	2,3
	Já experimentaram	6,7	4,1
	Nunca usaram	89,4	93,6
	Total	100,0	100,0
São Paulo (1)	Usam com frequência	3,8	2,8
	Já experimentaram	5,6	5,3
	Nunca usaram	90,6	91,9
	Total	100,0	100,0
Florianópolis (1)	Usam com frequência	4,7	3,9
	Já experimentaram	8,5	6,8
	Nunca usaram	86,8	89,3
	Total	100,0	100,0
Porto Alegre	Usam com frequência	7,3	4,6
	Já experimentaram	8,4	7,5
	Nunca usaram	84,2	87,9
	Total	100,0	100,0
Cuiabá	Usam com frequência	4,6	1,6
	Já experimentaram	6,6	4,2
	Nunca usaram	88,8	94,3
	Total	100,0	100,0
Goiânia (1)	Usam com frequência	4,7	2,1
	Já experimentaram	5,8	4,2
	Nunca usaram	89,4	93,7
	Total	100,0	100,0
Distrito Federal (1)	Usam com frequência	3,5	3,0
	Já experimentaram	6,3	4,4
	Nunca usaram	90,2	92,6
	Total	100,0	100,0

Tabela 4.4 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por alunos, por sexo		
	Frequência de uso	Sexo	
		Masculino	Feminino
Média	Usam com frequência	4,0	2,3
	Já experimentaram	5,7	4,3
	Nunca usaram	90,3	93,4
	Total	100,0	100,0
Nº Absoluto	Usam com frequência	83.928	54.792
	Já experimentaram	121.788	105.227
	Nunca usaram	1.921.062	2.266.955
	Total	2.126.778	2.426.974

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001
 Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa drogas? (todo dia/quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou)* cruzado por sexo.

(1) Não foi possível comprovar a existência de associação estatística significativa entre as variáveis uso de drogas e distribuição por sexo nas respectivas capitais, ou seja, neste caso, a diferença de uso por sexo não é relevante.

Observe-se que a proporção dos jovens de ambos os sexos que já experimentaram drogas é sistematicamente superior à encontrada no uso freqüente, em todas as capitais. Em Fortaleza, observa-se que, para o sexo masculino, estas proporções são iguais.

Entretanto, na capital gaúcha o uso freqüente difere menos por sexo e é elevada a proporção de jovens de ambos os sexos nesta situação. Sete em cada cem meninos, e quatro em cem meninas fazem uso freqüente.

Segundo a Tabela 4.5, a exposição ao uso de maconha por parte dos rapazes é o dobro da verificada entre as jovens – de 6,7 e 3,3% para cada sexo. Os totais absolutos atingem mais de 143 mil alunos do sexo masculino e 81 mil do feminino. As capitais com índices masculinos situados acima da média são o Rio de Janeiro (16%), Cuiabá e o Distrito Federal, com 14,6 e 14,4%, em cada uma, enquanto entre as alunas os maiores destaques cabem a Vitória (8,2%), Distrito Federal (7,6%) e São Paulo (7,3%).

Entre os alunos que referem fazer uso regular de maconha, esta proporção situa-se entre 2,3 e 4,4% para as duas capitais pesquisadas da região Norte. Nas seis do Nordeste e no Distrito Federal, os índices situam-se um pouco acima dos 4%. Na região Sudeste, especialmente Vitória e Rio de Janeiro, tem-se índices de 6,1%, enquanto a capital paulista aparece com um valor bem mais reduzido – de 4,8%. Já no uso feminino, observa-se uma variação nas proporções para as capitais do Norte/Nordeste e Cuiabá – de 0,4 a 1,2% –, enquanto às do Sudeste apresentaram índices semelhantes. Este uso regular de maconha entre jovens do sexo masculino é sempre superior ao das moças – em alguns capitais chega a ser até quatro vezes maior.

Tabela 4.5

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo frequência de uso de maconha e cocaína em pó e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso de drogas por alunos segundo sexo				
	Frequência de uso	Maconha		Cocaína em pó	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Manaus	Usam com frequência	4,4	0,8	1,5	0,3
	Já experimentaram	6,3	2,0	4,3	2,0
	Nunca usaram	89,3	97,2	94,2	97,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Belém	Usam com frequência	2,3	0,4	0,5	0,4
	Já experimentaram	5,3	1,0	1,8	0,3
	Nunca usaram	92,4	98,6	97,7	99,4
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Fortaleza	Usam com frequência	5,7	0,9	2,0	0,2
	Já experimentaram	4,9	3,5	2,5	1,6
	Nunca usaram	89,4	95,6	95,6	98,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Recife	Usam com frequência	4,2	0,7	1,2	0,1
	Já experimentaram	8,1	2,2	2,6	0,1
	Nunca usaram	87,7	97,1	96,2	99,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 4.5 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso de drogas por alunos segundo sexo				
	Frequência de uso	Maconha		Cocaína em pó	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Maceió (2)	Usam com frequência	4,5	1,2	1,2	0,3
	Já experimentaram	4,2	1,7	0,7	0,5
	Nunca usaram	91,3	97,1	98,1	99,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Salvador	Usam com frequência	4,5	0,6	2,3	0,3
	Já experimentaram	4,7	1,6	2,0	0,5
	Nunca usaram	90,8	97,8	95,7	99,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Vitória	Usam com frequência	6,1	2,6	2,3	1,0
	Já experimentaram	7,5	5,6	4,0	1,9
	Nunca usaram	86,4	91,8	93,6	97,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Rio de Janeiro	Usam com frequência	6,1	2,6	1,3	0,4
	Já experimentaram	9,9	4,1	4,4	0,5
	Nunca usaram	84,0	93,3	94,3	99,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
São Paulo	Usam com frequência	4,8	3,0	1,7	0,6
	Já experimentaram	6,4	4,3	1,4	1,4
	Nunca usaram	88,8	92,7	96,8	98,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Fortanópolis (1)	Usam com frequência	6,4	4,8	1,5	0,4
	Já experimentaram	11,9	7,8	3,8	1,5
	Nunca usaram	81,7	87,4	94,7	98,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Porto Alegre (1)	Usam com frequência	10,6	7,0	3,8	1,1
	Já experimentaram	13,3	11,3	8,1	6,5
	Nunca usaram	76,1	81,7	88,0	92,4
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Cuiabá	Usam com frequência	6,0	0,8	1,3	0,4
	Já experimentaram	8,6	4,9	3,7	0,9
	Nunca usaram	85,4	94,2	95,1	98,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Goiânia (1)	Usam com frequência	5,3	1,9	2,1	0,5
	Já experimentaram	6,9	2,3	2,7	1,0
	Nunca usaram	87,8	95,8	95,3	98,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 4.5 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso de drogas por alunos segundo sexo				
	Frequência de uso	Maconha		Cocaína em pó	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Distrito Federal	Usam com frequência	4,2	3,0	2,5	0,8
	Já experimentaram	10,2	4,6	5,0	2,4
	Nunca usaram	85,6	92,4	92,5	96,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Média	Usam com frequência	2,8	1,3	0,9	0,3
	Já experimentaram	3,9	2,0	1,5	0,7
	Nunca usaram	93,3	96,7	97,6	99,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N.º Absoluto	Usam com frequência	59.519	30.553	19.713	6.268
	Já experimentaram	83.922	50.530	30.393	16.873
	Nunca usaram	1.983.337	2.345.891	2.076.672	2.403.833
	Total	2.126.778	2.426.974	2.126.778	2.426.974

Fonte: UNESCO. Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa maconha e/ou cocaína? (todo/diariamente todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou)* cruzado por sexo.

Observação: os alunos podem ter referido fazer uso de mais de uma droga.

(1) Não foi possível comprovar a existência de associação estatística significativa entre as variáveis nas respectivas capitais, ou seja, que a diferença encontrada não é relevante para a maconha.

(2) Não foi possível comprovar a existência de associação estatística significativa entre as variáveis nas respectivas capitais, ou seja, que a diferença encontrada não é relevante para a cocaína.

A Tabela 4.5 também apresenta informações sobre os diversos tipos de frequência de uso de cocaína em pó entre ambos os sexos. No caso da exposição ao uso (já experimentaram e usam com frequência), os dados informam que o índice médio para o sexo masculino é de 2,4%, contra 1% para o feminino, com contingentes respectivos de pouco mais de 50 mil e 23 mil usuários. A capital gaúcha apresenta proporções significativamente superiores para ambos os sexos – de 11,9% para os rapazes e de

7,6% para as jovens –, sendo que no primeiro caso, o índice é seis vezes maior que a média das capitais e no segundo, de sete vezes.

Entre os que consomem cocaína habitualmente, a maior proporção é sempre observada para o sexo masculino em todas as capitais pesquisadas. Vale destacar que os jovens de ambos os sexos de Belém possuem os mesmos índices de uso freqüente.

Ainda que a incidência de consumo de maconha seja maior que a de cocaína, os diferenciais entre os sexos são semelhantes. De fato, segundo o tipo de droga, o mesmo padrão de uso entre os sexos se repete, ou seja, há maior representatividade de jovens do sexo masculino, tanto para a maconha como para a cocaína.

Essas constatações sobre diferenciais, por sexo, no consumo de drogas ilícitas, podem estar indicando diferenças regionais de cunho cultural, com predomínio de valores mais tradicionais em relação a papéis sexuais, o que determinaria menor contato das mulheres com drogas ilícitas. Entretanto, tais valores não seriam tão fortes em outras regiões e as jovens se resguardariam dos preconceitos, utilizando drogas na forma de medicamentos, enquanto os adolescentes consumiriam cola, inalantes, solventes, maconha, tabaco e álcool. Para Carlini et al. (1989: 60):

Outra possível explicação para o maior uso de ansiolíticos e anfetaminas, pelas mulheres, seria admitir que as mesmas são "educadas" para utilizar esses medicamentos, por serem mais "ansiosas" e "nervosas" e, ainda, por serem valorizadas exclusivamente em função de seu aspecto físico.

A seguir os relatos de duas alunas o que reconhecem fazer uso de "loló" em determinadas circunstâncias – como o carnaval ou o carnaval fora de época:

Nesse carnaval mesmo compraram loló. Mesmo eu cheirava, cheirei também, e agora. Cheirei loló, lança-perfume,

era direto, muito bom, cerveja e cia. Naquela época do carnaval de Olinda cheirei tanto, cheirei tanto, que fui pra casa passando mal. (Grupo focal com alunos, escola privada, Recife)

Eu vou falar a verdade para você, eu já cheirei lança-perfume na turma do mingau, todo ano eu pulo, ganho e uma vez eu me arrependi até hoje. (...) lança-perfume eu já coloquei no lenço tal.(...) no outro dia eu amanheci toda machucada. Caía no chão, ninguém me levantava. Todo mundo usou, quer dizer, lá todo mundo usa realmente, o bloco inteiro usa, pelo menos a maioria, são poucos os que não usam. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)

4.4. USO SEGUNDO GRUPO ETÁRIO

Os grupos etários foram divididos nas seguintes faixas: 10 a 12 anos, 13 a 15 anos, 16 a 18 anos e 19 a 24 anos. Assim, temos uma melhor visualização do uso de drogas por faixa, inclusive por tipo de substância consumida em cada uma delas.

A Tabela 4.6, chama a atenção que crianças entre 10 a 12 anos e jovens na faixa de 13 a 15 anos declarem que usam drogas com frequência: 1,2% entre os de 10 a 12 anos, 9.698 crianças e 2,3% entre 13 a 15 anos, 37.745 jovens. A representação dos que indicam que já experimentaram é inclusive um pouco superior: 1,5% entre 10 a 12 anos, cerca de 12 mil e 4,5% entre 13 a 15 anos, com quase 75 mil jovens.

Tabela 4.6

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixas etárias, segundo frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por alunos segundo faixas etárias				
	Frequência de uso de drogas ilícitas	Faixas etárias			
		10 a 12 anos	13 a 15 anos	16 a 18 anos	19 a 24 anos
Manaus (1)	Usam com frequência	2,1	1,8	3,2	3,0
	Já experimentaram	1,9	3,2	3,7	6,7
	Nunca usaram	96,0	95,0	93,0	90,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Belém	Usam com frequência	0,9	0,8	1,4	1,9
	Já experimentaram	0,4	1,3	2,0	3,7
	Nunca usaram	98,7	97,9	96,6	94,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Fortaleza	Usam com frequência	1,3	2,3	3,1	3,9
	Já experimentaram	2,0	2,5	3,6	7,8
	Nunca usaram	96,6	95,2	93,2	88,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Recife	Usam com frequência	0,7	1,2	2,3	3,2
	Já experimentaram	0,0	2,5	6,4	8,0
	Nunca usaram	99,3	96,3	91,2	88,9
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Maceió (1)	Usam com frequência	1,5	2,0	2,6	1,3
	Já experimentaram	2,1	3,0	4,3	2,9
	Nunca usaram	96,4	95,0	93,1	95,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Salvador	Usam com frequência	2,1	2,1	3,3	3,9
	Já experimentaram	4,2	6,9	4,4	3,0
	Nunca usaram	93,7	91,0	92,4	93,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Vitória	Usam com frequência	1,3	2,7	5,8	6,3
	Já experimentaram	1,7	6,0	10,7	6,9
	Nunca usaram	97,0	91,3	83,6	86,9
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Rio de Janeiro	Usam com frequência	0,3	2,2	4,6	3,8
	Já experimentaram	1,0	4,9	6,0	10,5
	Nunca usaram	98,7	92,9	89,4	85,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
São Paulo	Usam com frequência	1,3	2,3	5,0	7,5
	Já experimentaram	1,2	4,7	8,8	5,5
	Nunca usaram	97,5	93,0	86,2	87,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 4.6 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por alunos segundo faixas etárias				
	Frequência de uso de drogas ilícitas	Faixas etárias			
		10 a 12 anos	13 a 15 anos	16 a 18 anos	19 a 24 anos
Florianópolis	Usam com frequência	0,3	2,8	6,0	8,3
	Já experimentaram	2,1	4,2	11,5	11,0
	Nunca usaram	97,6	93,0	82,5	80,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Porto Alegre	Usam com frequência	1,3	4,3	9,6	7,9
	Já experimentaram	2,2	5,2	11,7	18,7
	Nunca usaram	96,5	90,5	78,7	73,4
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Cuiabá	Usam com frequência	1,7	1,8	4,2	4,3
	Já experimentaram	1,5	3,3	9,1	4,9
	Nunca usaram	96,8	94,8	86,7	90,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Goiânia	Usam com frequência	1,7	2,3	5,4	3,9
	Já experimentaram	2,7	4,7	6,7	4,7
	Nunca usaram	95,6	93,0	87,9	91,4
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Distrito Federal	Usam com frequência	1,2	2,4	4,5	4,7
	Já experimentaram	1,0	4,5	8,1	7,0
	Nunca usaram	97,7	93,1	87,4	88,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Média	Usam com frequência	1,2	2,3	4,4	4,3
	Já experimentaram	1,5	4,5	6,8	5,0
	Nunca usaram	97,3	93,2	88,8	89,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N.º absoluto	Usam com frequência	9.698	37.745	67.441	22.668
	Já experimentaram	11.994	74.979	105.303	34.204
	Nunca usaram	758.846	1.581.848	1.367.853	468.833
	Total	780.538	1.694.572	1.540.597	525.705

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001
 Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa drogas? (todo dia/quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou)* e cruzou-se por idade.

(1) Não foi possível comprovar a existência de associação estatística significativa entre as variáveis nas respectivas capitais. Não se pode, portanto, nestes casos, indicar que há diferenças expressivas no uso de drogas por idade.

Os dados da tabela indicam que quanto maior a idade, maior a frequência de uso de drogas. A exposição às drogas (já experimentaram e usam com frequência) apresenta índices crescentes segundo as diferentes faixas etárias e se situa em 2,7% para o grupo de 10 a 12 anos, no conjunto das capitais, com quase 22 mil alunos neste caso.

No grupo entre 10 a 12 anos são muito próximas as proporções daqueles que declaram uso freqüente e os que já experimentaram, com exceção de Salvador, em que os que já experimentaram são proporcionalmente duas vezes mais expressivos (4,2%) dos que indicam usar com frequência (2,1%). Ressalte-se que a diferença também é grande para Florianópolis (0,3% usa com frequência e 2,1% já experimentaram).

Entre os alunos de 13 a 15 anos, o índice médio de exposição às drogas ascende a 6,8%, significando um total de quase 113 mil jovens. Neste caso, o uso passado é praticamente o dobro do presente. Os destaques são Porto Alegre, Salvador e Vitória.

Note-se que mais 90% dos estudantes nas faixas de 10 a 12 anos (97,3%) e de 13 a 15 anos (93,2%) declaram nunca ter usado drogas ilícitas. Já nas faixas de 16 a 18 anos 88,8%, e na de 19 a 24 anos, 89,2% declaram não fazer uso de drogas.

Há um incremento de uso na passagem para o grupo de 16 a 18 anos. Neste caso, o índice médio de exposição é de 11,2%, 173 mil jovens, com um uso passado de 6,8% e um uso presente de 4,4%. É neste grupo etário que se encontra a maior proporção de exposição ao uso de drogas, quando comparada com as demais faixas etárias.

Entre as capitais, Porto Alegre apresenta o maior índice de exposição – 21,3% –, seguida por Florianópolis com 17,5% e Vitória com 16,5%. Não são muito significativas as diferenças entre os índices de uso passado e atual nesta faixa etária. Eles se situam em 6,8% para o primeiro caso e em 4,4% no segundo, com contingentes respectivos de pouco mais de 105 mil e 67 mil

jovens. Para o uso freqüente, destacam-se Porto Alegre com 9,6%, Florianópolis com 6% e Vitória com 5,8%.

A pesquisa apresenta também uma grande prevalência no uso de drogas ilícitas entre os 19 a 24 anos, com 9,3% dos alunos expostos ao uso (quase 57 mil). Essa exposição possui índices mais elevados em Porto Alegre (26,6%) e Florianópolis (19,3%). Já entre os que fazem uso habitual, os destaques são novamente Florianópolis (8,3%) e Porto Alegre (7,9%), além de São Paulo (7,5%).

Insiste-se que, embora a proporção de jovens que fazem uso de drogas não seja, relativamente ao total de alunos, elevada, este já começa a ocorrer a partir dos 10 anos de idade, comprovando o que a literatura vem chamando a atenção – de que é cada vez mais precoce a iniciação que crianças e adolescentes vem fazendo de drogas ilícitas (ver Tabela 4.6).

Analizando os diferentes tipos de freqüência de uso da maconha por faixas etárias (ver Tabela 01 do Anexo 2), verifica-se que ela é onipresente em todas as idades². Existe um incremento constante nas proporções médias de exposição de uso, à medida que aumentam as idades.

Há um salto quantitativo nos índices médios de exposição à maconha do grupo etário de 13 a 15 para o de 16 a 18 anos de idade. Neste, a proporção é quase três vezes maior que no grupo anterior – de 8,4% (ou quase 125 mil alunos). Em algumas capitais, chega a ser até cinco vezes maior (Cuiabá, Recife e Florianópolis).

Com referência ao consumo de cocaína em pó (ver Tabela 2 do Anexo 2) entre os distintos segmentos etários, como nas demais drogas, verifica-se que o consumo atual ou passado cresce com a idade, exceto Goiânia, em que a proporção do grupo de 16 a 18 anos é superior ao observado para a faixa etária posterior. Entre os alunos de 10 a 12 anos este índice é de 0,3%, ascendendo

² Segundo informações da Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD, 49 mil (0,6%) crianças e adolescentes na faixa etária de 12 a 17 anos são dependentes de maconha. (Internet: www.senad.gov.br)

a 1,1% entre os de 13 a 15 anos, 15 mil jovens, duplicando entre os 16 a 18 anos (2,2%), com 34,1 mil alunos e atingindo os 4% entre os de 19 a 24 anos, 21 mil.

Destaca-se que, no caso de exposição às drogas, somando-se as categorias de uso freqüente com as de uso experimental (experimentou, já usou e não usa mais), são muito próximas as proporções por tipo de droga entre os de 10 a 12 anos (0,5% para o caso da maconha e 0,3% para a cocaína).

No caso das faixas etárias mais velhas, o que se observa é uma exposição à maconha comumente o triplo da observada para a cocaína. Assim, enquanto 1% na faixa de 13 a 15 anos declara que já experimentou ou está usando cocaína, 3% dos jovens nessa mesma faixa o fazem para a maconha. Entre os de 16 a 18 anos, a exposição atinge 8,4% para a maconha e é de 2,2% para a cocaína. A proporção de exposição à cocaína, entre os 19 a 24 anos, é menos da metade da constatada para a maconha – de 4,0 e 9,7%, respectivamente.

4.5. USO POR CONDIÇÃO DE TRABALHO E ESTUDO

Nesta seção são analisadas as diferentes freqüências de uso de substâncias psicoativas e a probabilidade de consumo de drogas entre os jovens que trabalham e estudam e os que somente estudam.

Estudo realizado por Bachman (1983) vale com estudantes americanos de nível médio revelou que entre aqueles que trabalham em tempo parcial – de 15 a 20 horas semanais – é mais alta a proporção de usuários que entre os que não trabalham, além de ter verificado uma associação positiva entre o número de horas trabalhadas em tempo parcial e o uso de drogas.

Também o CASA – The National Center on Addiction and Substance Abuse at Columbia University (2001), ao trabalhar com os temas escola e trabalho detectou que, para os alunos que

saem da escola e vão diretamente para casa, a probabilidade de virem a experimentar drogas é menor do que aqueles que saem com os amigos ou vão trabalhar, os quais estão mais predispostos ao uso e abuso de substâncias psicotrópicas.

No Brasil, Carlini-Cotrim (1987) confirma, em suas pesquisas, hipóteses de uma tendência de maior uso de drogas entre alunos que trabalham e estudam, destacando sentidos que explicam a maior probabilidade de consumo de drogas por jovens que trabalham, como: a maior disponibilidade de recursos para serem investidos na compra de drogas; mais independência em relação à família e mais ampla circulação entre espaços e valores. Contudo, o elenco de possibilidades compreensivas para o fato de jovens que estudam e trabalham apresentarem maior probabilidade de consumo de drogas é amplo. Sem indicações sobre significado do trabalho e estudo para diferentes jovens, tem-se somente algumas hipóteses, como as discutidas por Carlini-Cotrim (1987: 60):

Os alunos inseridos no mercado de trabalho são, quando comparados com os que só estudam, diferentes não só em termos de idade, mas também, do ponto de vista de sua maior autonomia em relação à família. Esses estudantes tiveram, talvez, maior consumo de psicotrópicos devido a maior disponibilidade de recursos financeiros próprios, o que lhes facilitaria o acesso às drogas. O fato de exercer uma atividade remunerada pode também ser entendido, nessa perspectiva, como o meio que permite ao jovem ter certo volume de dinheiro nas mãos, sem controle da família. Mas pode ser que a ampliação dos contatos pessoais para além do ambiente doméstico e escolar, expondo os estudantes-trabalhadores a outros valores, seja fator importante para o maior consumo de drogas por parte dos estudantes que trabalham.

Segundo os dados da Tabela 4.7, o uso de drogas possui, de fato, uma forte associação com a condição de trabalhar e estudar ou apenas estudar. O índice de exposição ao uso é maior entre aqueles que combinam o trabalho com o estudo – 8,3% ou 82,4 mil jovens – do que entre aqueles que apenas estudam – 3,7% ou 128 mil alunos – com diferenças significativas nas seguintes capitais: Porto Alegre com quase 23% de exposição entre os que trabalham e estudam, contra 11% para os que só estudam; Vitória e Florianópolis, com índices situados entre os 15,8% e 15,7%, contra 9,2% e 9,1%.

Entre aqueles que referem ter feito uso de drogas no passado e o fazem também no presente, os índices médios para as capitais são, em ambos os casos, o dobro para aqueles que conjugam o trabalho com o estudo, considerando o caso dos que somente trabalham.

Tabela 4.7

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por situação de trabalho e estudo, segundo frequência do uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por estudantes e situação de trabalho e estudo		
	Frequência de uso de drogas ilícitas	Condição de trabalho e estudo	
		Trabalha e estuda	Só estuda
Mauaus (1)	Usam com frequência	3,7	2,2
	Já experimentaram	5,0	3,3
	Nunca usaram	91,3	94,5
	Total	100,0	100,0
Belém	Usam com frequência	2,3	1,1
	Já experimentaram	3,4	1,7
	Nunca usaram	94,2	97,2
	Total	100,0	100,0
Fortaleza (1)	Usam com frequência	3,3	2,4
	Já experimentaram	5,1	3,1
	Nunca usaram	91,6	94,5
	Total	100,0	100,0
Recife (1)	Usam com frequência	3,7	1,5
	Já experimentaram	6,1	3,9
	Nunca usaram	90,1	94,6
	Total	100,0	100,0

Tabela 4.7 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por estudantes e situação de trabalho e estudo		
	Frequência de uso de drogas ilícitas	Condição de trabalho e estudo	
		Trabalha e estuda	Só estuda
Maceió (1)	Usam com frequência	3,6	1,6
	Já experimentaram	4,0	3,3
	Nunca usaram	92,4	95,1
	Total	100,0	100,0
Salvador	Usam com frequência	4,4	2,4
	Já experimentaram	4,2	5,3
	Nunca usaram	91,4	92,3
	Total	100,0	100,0
Vitória	Usam com frequência	6,2	3,3
	Já experimentaram	9,4	5,9
	Nunca usaram	84,4	90,8
	Total	100,0	100,0
Rio de Janeiro	Usam com frequência	4,5	2,7
	Já experimentaram	8,2	4,3
	Nunca usaram	87,3	93,0
	Total	100,0	100,0
São Paulo	Usam com frequência	5,0	2,5
	Já experimentaram	7,5	4,9
	Nunca usaram	87,5	92,6
	Total	100,0	100,0
Florianópolis	Usam com frequência	6,3	3,4
	Já experimentaram	9,4	6,7
	Nunca usaram	84,3	89,9
	Total	100,0	100,0
Porto Alegre	Usam com frequência	10,7	4,4
	Já experimentaram	12,1	6,6
	Nunca usaram	77,2	89,0
	Total	100,0	100,0
Cuiabá (1)	Usam com frequência	4,3	2,5
	Já experimentaram	7,0	4,8
	Nunca usaram	88,8	92,7
	Total	100,0	100,0
Goiânia	Usam com frequência	4,4	2,7
	Já experimentaram	5,5	4,5
	Nunca usaram	90,1	92,8
	Total	100,0	100,0
Distrito Federal	Usam com frequência	6,0	2,3
	Já experimentaram	6,2	4,8
	Nunca usaram	87,8	92,9
	Total	100,0	100,0

Tabela 4.7 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por estudantes e situação de trabalho e estudo		
	Frequência de uso de drogas ilícitas	Condição de trabalho e estudo	
		Trabalha e estuda	Só estuda
Média	Usam com frequência	3,4	1,4
	Já experimentaram	4,9	2,3
	Nunca usaram	91,7	96,3
	Total	100,0	100,0
N.º Absoluto	Usam com frequência	33.902	49.137
	Já experimentaram	48.490	79.001
	Nunca usaram	906.330	3.268.146
	Total	988.722	3.396.284

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa drogas? (todo dia/quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou)?* cruzado por atualmente você trabalha?

(1) Não se comprova a existência de associação estatística significativa entre as variáveis trabalho e uso de droga nas respectivas capitais.

O fato de trabalhar e estudar também apresenta maior incidência entre alunos que somente experimentaram drogas, em todas as capitais investigadas. Vale ressaltar que apenas em Salvador a proporção dos que já experimentaram é mais expressiva entre os que só estudam do que entre os que conjugam o estudo com o trabalho (5,3 e 4,2%).

4.6. LOCAIS DE USO

Nesta seção se indica os principais locais, a que os diferentes atores se referem, como onde teriam visto drogas sendo usadas.

Em média, mais da metade (54,9%) dos alunos das capitais pesquisadas declaram ter presenciado o uso de drogas perto de casa, sendo que em Porto Alegre esse percentual ultrapassa a média, ficando em 68,0%, seguido por Fortaleza (59,1%),

Florianópolis e o Distrito Federal, com quase 58,0% em ambos. Logo após foi citada a presença de drogas ilícitas em shows, festas e boates, com médias respectivas de 35,9 e 32,7% (ver Tabela 4.8).

Em depoimentos, alunos mencionam festas e boates como locais de uso de drogas: *(...) eu já fumci, não direto, numa danceteria (...)* e inclusive há quem destaque o efeito – demonstração propiciado por este ambiente social: *Foi uma vez que a gente tava indo pro baile, pra sair, daí uma menininha fumava, fumava, fica assim experimenta, experimenta, daí fiquei curiosa, as outras todas fumando (...)*

Alguns alunos informam já ter recebido a oferta de drogas nos bairros onde residem.

(...) já me ofereceram, lá onde eu moro, já me ofereceram e um só, só pra ver como é que é, não sei o quê, não sei o quê, mas eu não quis, eu acho que isso é uma façanha. (Grupo focal com alunos, escola privada, Florianópolis)

Não, aqui dentro não, mas aqui no bairro, cocaína já se tornou artigo banal, agora crack é que é a boa... Quer dizer, mas já que no bairro está rolando crack, daqui a seis meses quem nos garante que não esteja rolando aqui? (...) Agora, uma novidade que por aqui parece estar chegando é a cocaína ... (Grupo focal com alunos, escola pública, Fortaleza)

Membros do corpo técnico-pedagógico dizem ter visto o uso de drogas, principalmente em shows – 49,3% –, seguido por festas e boates – com 41,5% – e, finalmente, perto de casa – 37,6%. Em relação ao local de shows, as três capitais com os maiores índices foram Florianópolis, Distrito Federal e Porto Alegre. Já no caso de festas e boates, foram destaques Florianópolis, Distrito Federal e Rio de Janeiro.

O corpo técnico-pedagógico se refere quase às mesmas percepções encontradas junto aos alunos entrevistados.

É isso que eu digo, eu acho que esse conseguir, ela não necessariamente tem que estar aí do lado, do lado de fora, na nossa calçada. Ele está na danceteria, está no shopping, ele está nos lugares que eles mais convivem (...) Porque eu acho que a coisa está mais facilitada, hoje em dia, do que já esteve. (Entrevista com diretor, escola privada, São Paulo)

O consumo de drogas foi percebido por alguns pais, sobretudo em festas: (...) e sai para dançar, beber, curtir, transar, como eles falam assim para nós, quem sai na noite, é o uso de bebidas, droga, é o mundo noturno, todo mundo conhece, perigoso.

Tabela 4.8

Alunos e corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por locais onde presenciaram o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Locais onde atores presenciaram o uso de drogas					
	Perto de casa		Shows		Festas e boates	
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (1)	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (1)	Alunos	Corpo técnico-pedagógico (1)
Manaus	48,8	33,9	21,4	32,4	20,6	42,4
Belém	54,4	37,6	24,9	40,8	24,1	37,3
Fortaleza	59,1	36,6	32,0	45,7	25,4	30,6
Recife	50,4	27,5	44,2	43,6	32,7	32,9
Maceió	50,1	23,2	40,0	43,5	23,6	28,3
Salvador	51,8	41,3	37,5	55,6	27,5	45,0
Vitória	51,5	30,1	41,2	51,3	39,6	44,0
Rio de Janeiro	53,9	41,8	35,8	55,0	37,5	48,6
São Paulo	56,1	48,6	35,4	42,4	33,6	34,2
Florianópolis	57,9	51,9	59,1	66,8	54,5	65,8
Porto Alegre	68,0	45,7	45,6	55,9	47,5	46,0
Cuiabá	52,5	29,8	45,7	44,7	42,2	38,9
Goiânia	49,7	41,3	32,9	49,3	32,7	44,8
Distrito Federal	57,9	35,0	39,9	59,1	36,4	50,4
Média	54,9	37,6	35,9	49,3	32,7	41,5
N.º Absoluto	2.542.454	1.164	1.665.055	1.529	1.515.680	1.286

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
 Foi perguntado aos alunos: *Você já viu alguém usando drogas? (marque todas que forem verdadeiras)*
 Foi perguntado ao corpo técnico-pedagógico: *Em que lugares você já viu alguém usando drogas? (marque todas as verdadeiras)*

4.7. DROGAS MAIS VISTAS E USADAS

Aqui são analisadas as drogas ilícitas mais vistas e utilizadas, na percepção dos diferentes atores. Estes dados são importantes, na medida em que poderão informar, para políticas e programas de prevenção, as drogas de uso mais difundido em nosso meio. Não se recorre, portanto, à prática de utilizar o enfoque das drogas mais pertinente a outros países. Noto e Formigoni (2001:1) expressam tal posição:

O enorme volume de informações disponíveis sobre drogas psicotrópicas atualmente tem gerado mais dúvidas do que conhecimento. Sem contar que as informações válidas para uma determinada sociedade podem não se aplicar a outras culturas ou realidades sociais e econômicas diversas.

São utilizados, por uma parte, dados sobre drogas que os atores desta pesquisa já viram ser consumidas por outras pessoas, levando-se em conta que as mais vistas possivelmente são as mais consumidas. Por outra parte, também são contemplados os depoimentos de alunos que mencionam fazer uso de drogas ilícitas.

Segundo a Tabela 4.9, para as 14 capitais pesquisadas, os estudantes informam que, dentre as drogas que mais viram ser consumidas destaca-se, em primeiro lugar, a maconha¹, com um índice médio de 80,5%, seguida de longe pela cocaína em pó e pelos inalantes. A merla, o crack e as drogas injetáveis parecem ter um uso bem menor e são mais restritas a determinadas capitais (São Paulo, Distrito Federal e Goiânia)².

¹ Para Noto e Formigoni (2001), é significativo o crescimento do uso de maconha verificado dos anos 80 para a década de 90 – passando de 2,8 para 7,6%.

² Provavelmente a elevada proporção apresentada por São Paulo se deve ao crack, enquanto nas capitais do Centro-Oeste os índices sejam altamente influenciados pela presença da merla (ver Waiselfisz 1998, sobre o consumo de merla por jovens no DF).

Tabela 4.9

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio,
por drogas que alunos já viram ser usadas,
segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Drogas que alunos já viram ser usadas					
	Maconha	Inalantes	Cocaína	Merla/ Crack	Heroína/ droga injetável	Outras (1)
Manaus	58,5	38,3	18,5	7,0	0,5	0,8
Belém	65,2	37,2	13,8	8,7	0,8	1,0
Fortaleza	75,4	37,2	12,3	6,7	0,7	2,0
Recife	81,4	36,2	8,3	3,1	0,4	1,7
Maceió	66,9	46,6	5,5	3,2	0,9	4,4
Salvador	84,9	18,2	17,5	12,0	0,7	1,3
Vitória	74,6	19,9	28,3	7,2	0,7	7,7
Rio de Janeiro	85,9	15,3	36,5	3,9	0,4	4,6
São Paulo	86,3	11,9	23,3	17,1	1,2	2,4
Florianópolis	88,1	15,4	29,1	7,5	1,4	3,1
Porto Alegre	86,4	27,5	33,5	7,2	1,8	2,6
Cuiabá	77,2	23,8	19,0	10,4	0,6	3,6
Goiânia	75,0	27,2	12,7	17,1	0,9	1,8
Distrito Federal	76,3	20,8	19,3	23,0	0,6	2,8
Média	80,5	21,6	21,5	11,6	0,8	2,4

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Se viu alguém usando drogas, qual era a droga que a pessoa usava?*

(1) É o somatório de: LSD, ópio, haxixe, ecstasy, anabolizantes, calmantes, anfetaminas.

Cabe ressaltar também que existem diferenças entre as diversas capitais quanto ao testemunho sobre ter visto pessoas usando cocaína em pó⁵ e inalantes. Os inalantes predominam nas capitais estudadas do Norte/Nordeste e Centro-Oeste, enquanto a cocaína em pó tem maior incidência no Sul/Sudeste⁶.

É natural haver particularidades em cada uma dessas capitais, provavelmente em decorrência de especificidades, tais

⁵ Segundo Noto e Formigoni (2001), o uso de cocaína quadruplicou em uma década, passando de 0,5% em 1987 para 2% em 1997, incremento este que ocorreu de forma diferenciada no país, concentrando-se sobretudo nas Regiões Sudeste e Sul.

⁶ Para a Cepal (1999-2000), dentre as drogas ilícitas mais consumidas, a maconha aparece em primeiro lugar, seguida pela cocaína e pelos inalantes.

como localização geográfica mais propícia à difusão, extensão e acessibilidades às drogas (fronteiras, litorais, portos, etc.) e composição sócio-econômica da população, como o um maior poder aquisitivo em algumas regiões" (ver, sobre este item, entre outros, Noto e Formigoni, 2001).

As drogas, cujo consumo é presenciado, segundo depoimentos de alunos que se declaram usuários, são: *maconha* (a mais citada), *thinner e cola*; *pílulas, rousphynol e "loló"*. Também foram citados chá de cogumelo, benzina e lança-perfume: (...) *LSD, ecstasy calmante, só comprimido. O meu amigo chamado (...), ele rola (fornece), só vive tonto, todas vez que falo com ele aí legal e só vive com dor e cabeça.*

Alguns jovens reconhecem já ter experimentado drogas mais pesadas, como o crack e a cocaína, além de ser corrente mencionar o consumo concomitante de várias drogas:

Quadro 4.1

Experimentei tudo que inventaram

Grupo focal com alunos, escola pública, Manaus; escola pública, Fortaleza; escola privada, Recife

Experimentei já quase tudo que inventaram aí. (...) Eu já experimentei cola, já dei uns pega nesse tal de thinner também, preto, eu experimentei quando era moleque, o moleque me chamava, falava que era bacana curtir uma onda bacana, eu chegava lá, e via que era bacana também, ficava.

Foram as pilulazinhas, aranha, rousphynol... Cheirei "loló" também.

Drogas, eu só não experimentei drogas pesadas como maconha, cocaína, crack, essas drogas não.

Vale lembrar que a Organização Mundial de Saúde afirma haver uma maior probabilidade de uso quando o poder aquisitivo da população é maior e o acesso às drogas mais fácil.

É comum destacar-se de que já usaram, mas não o fazem mais, alguns frisando inclusive que tem o domínio sobre tal prática, ou seja, que podem controlar e deixar de usar quando querem:

Já [experimentei] mas não uso mais. (...) Maconha. Chá de cogumelo, essas coisas assim, que é muito fácil. (Grupo focal com alunos, escola privada, Porto Alegre)

Eu já bebi, parei, já fumei cigarro normal, maconha experimentei benzina e lança-perfume, nenhum eu uso mais. (Grupo focal com alunos, escola pública, Distrito Federal)

Já [experimentei droga]. Maconha. Eu usei maconha, crack, mas sempre soube parar. (Grupo focal com alunos, escola pública, Recife)

Existe um relato sobre uso de heroína, em que o aluno testemunha sobre o mal-estar sentido após uso. Ressalta-se a naturalidade com que o uso de drogas – lícitas ou ilícitas – é vista pelo mesmo, considerando que tal prática seria parte de seu estilo de vida (no caso, ser roqueiro):

(...) eu cheguei a usar heroína, usei maconha, só não usei crack, heroína pô, é coca, eu cheguei a experimentar, acabou comigo, isso aí é horrível, dá sensação péssima, nunca mais, cigarro de vez em quando eu fumo, beber normal, sou roqueiro, isso é uma coisa simples. (Grupo focal com alunos, escola pública, São Paulo)

Também membros do corpo técnico-pedagógico destacam que a maconha é a droga mais vista em todas as capitais estudadas; seguida pelos inalantes, mais citados nas capitais do Norte/Nordeste e em Goiânia. Em terceiro lugar, aparece a cocaína em

pó, principalmente no Sul/Sudeste; e finalmente, a merla e o crack, com destaque para São Paulo, Goiânia e Cuiabá.

A Tabela 4.10 não separa o crack da merla, mas provavelmente, em São Paulo, a referência seja o crack, enquanto Goiânia e Cuiabá se destacam em função da merla⁸. Como comentado, a merla é uma droga mais comum no Centro-Oeste: *A mais comum que a gente tem encontrado aqui na área de Sobradinho é o uso da merla, merla e maconha, que é uma droga típica de Brasília.*

Abramovay et al. (1999: 130) em estudo sobre jovens no DF observam que "chama a atenção o número elevado de jovens entrevistados, de ambos os sexos, usuários de maconha e merla".

⁸ Noto e Formigoni (2001) destacam que, ao longo da década de 90, o crack começou a ser preferido em São Paulo e a merla no Distrito Federal.

Tabela 4.10

Corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por drogas que já viram ser usadas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Drogas que membros do corpo técnico-pedagógico viram ser usadas					
	Maconha	Inalantes	Cocaína	Merla/crack	Outras (1)	Outras (1)
Manaus	75,6	38,7	38,7	1,7	1,7	0,8
Belém	72,2	46,3	20,4	3,7	1,9	1,0
Fortaleza	81,5	36,1	13,4	3,4	5,0	2,0
Recife	80,8	48,1	7,7	1,9	6,7	1,7
Maceió	77,8	43,1	5,2	1,3	7,2	4,4
Salvador	87,9	42,4	15,2	3,8	4,5	1,3
Vitória	79,2	8,8	11,2	0,0	0,0	7,7
Rio de Janeiro	88,6	19,5	42,2	1,1	1,6	4,6
São Paulo	82,0	13,4	27,3	31,4	3,5	2,4
Florianópolis	94,8	13,3	38,5	3,7	3,0	3,1
Porto Alegre	88,7	35,7	25,8	2,3	5,2	2,6
Cuiabá	74,5	20,4	23,4	5,1	5,1	3,6
Goiânia	85,2	42,2	18,0	7,0	4,7	1,8
Distrito Federal	76,5	36,7	23,5	2,0	4,1	2,8
Média	82,2	31,2	23,0	5,3	3,8	2,4

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aíds e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado ao corpo técnico-pedagógico: *Se viu alguém usando drogas, qual era a droga que a pessoa usava?*

(1) É o somatório de: LSD, ópio, haxixe, ecstasy, anabolizantes, calmantes, anfetaminas.

Nos depoimentos apresentados por membros do corpo técnico-pedagógico, além das drogas mais citadas como a maconha, a cocaína em pó, seguidos pela cola, crack, "loló", lança-perfume, merla, também são referidos o LSD, os calmantes e o haxixe.

Diretores, professores, inspetores e agentes de segurança têm a mesma opinião que os alunos sobre o fato das drogas mais usadas pelos jovens serem a maconha, a cola e os inalantes, destacando que essas são mais baratas e acessíveis: *É maconha, principalmente maconha e cola. E também: Mas o que falam mais não é nem da maconha, é a tal da merla, que a merla é uma mistura que eles falam, a merla é mais barata.*

Observa-se que, de fato, se admite que o tipo de droga varia também segundo o poder aquisitivo do usuário: (...) *maconha, pasta de cocaína, dependendo do nível social de cada um. De acordo com o nível financeiro dos alunos, pode ser uma droga mais leve, outras mais pesadas, normalmente é maconha, só isso.*

São escassos os depoimentos de pais que informam ter visto ou saber que seus filhos usam drogas: (...) *ele se envolveu com drogas no ano passado (...) ele tava usando droga, e eu levei ele numa psicóloga muito boa e graças a Deus eu tirei ele dessa (...)*

A Tabela 4.11 apresenta dados sobre suspeita ou conhecimento por parte dos pais acerca de drogas utilizadas por seus filhos, verificando-se que mais da metade (54,3%) daqueles que admitem ter visto o filho consumir drogas, citam a maconha em primeiro lugar. Cabe destacar que, apesar desta proporção ser bastante elevada, o número de pais nesta situação é baixa.

Quanto ao uso de inalantes e cocaína/merla/crack, as suas proporções médias se assemelham bastante – são de 11,7 e 10,7%, respectivamente, considerando a declaração dos pais sobre o consumo de drogas pelos filhos. Algumas capitais apresentam índices acima da média, tanto para os inalantes, como para a cocaína/merla/crack.

Tabela 4.11

Pais de alunos que suspeitam ou sabem que os filhos usam drogas, por tipo de drogas que já viram ser usadas pelos filhos, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Drogas que pais suspeitam ou sabem ser usadas pelos filhos		
	Maconha	Inalantes	Cocaína
Manaus	75,6	38,7	38,7
Belém	72,2	46,3	20,4
Fortaleza	81,5	36,1	13,4
Recife	80,8	48,1	7,7
Maceió	77,8	43,1	5,2
Salvador	87,9	42,4	15,2
Vitória	79,2	8,8	11,2
Rio de Janeiro	88,6	19,5	42,2
São Paulo	82,0	13,4	27,3
Florianópolis	94,8	13,3	38,5
Porto Alegre	88,7	35,7	25,8
Cuiabá	74,5	20,4	23,4
Goiânia	85,2	42,2	18,0
Distrito Federal	76,5	36,7	23,5
Média	82,2	31,2	23,0

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
Foi perguntado aos pais: *Você suspeita (ou sabe) que um dos seus filhos está usando alguma droga? Se sim, qual droga?*

Poucos são os pais que afirmam que seus filhos fazem uso de qualquer tipo de droga. A Tabela 4.12 mostra que cerca de 96,3% dos pais, no conjunto das capitais pesquisadas, declaram que seus filhos não fazem uso. Dentre os que confirmam o uso, esta proporção varia dos 2,4% em Recife aos 5,5% em Porto Alegre.

Tabela 4.12

Pais de alunos, que se referem ao ou não uso de drogas pelos filhos, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Pais que referem sobre uso de drogas pelos filhos		Total
	Usam	Não usam	
Manaus	2,9	97,1	100,0
Belém	2,7	97,3	100,0
Fortaleza	4,0	96,0	100,0
Recife	2,4	97,6	100,0
Maceió	3,4	96,6	100,0
Salvador	4,7	95,3	100,0
Vitória	4,1	95,9	100,0
Rio de Janeiro	3,2	96,8	100,0
São Paulo	2,7	97,3	100,0
Florianópolis	4,9	95,1	100,0
Porto Alegre	5,5	94,5	100,0
Cuiabá	4,2	95,8	100,0
Goiânia	3,8	96,2	100,0
Distrito Federal	3,5	96,5	100,0
Média	3,7	96,3	100,0
N.º Absoluto	507	13.340	13.847

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
Foi perguntado aos pais: *Você suspeita (ou sabe) que um dos seus filhos está usando alguma droga?*

4.8. MOTIVOS DE USO

Os motivos percebidos para o uso de drogas são diversos e variam de pessoa para pessoa, sendo que a maior parte dos jovens declara que o faz de forma passageira e ocasional, o que se analisa neste item ao focalizar os motivos para consumo apresentados⁹.

Pesquisadores como Medeiros (1986), Murad (1982), Kalina (1986), Vizzolto (1987), citados por Alencar (1988a), e Sanches et al. li (1982), afirmam que as principais causas para o uso de drogas são a fuga de problemas de natureza moral, psicológica ou material; a independência; a auto-afirmação; o modismo; a imitação; o inconformismo; o desafio; e a pressão de grupos.

Hendin (1980 In: Alencar, 1988a) considera o uso de drogas por jovens como uma das maneiras de lidar com necessidades e conflitos relativos ao seu relacionamento com os demais e o próprio ambiente, enquanto para Steffenhagen (1980 *apud op. cit.*) muitos indivíduos podem abusar de drogas como uma maneira de lidar com conflitos advindos de exigências sociais e pouca auto-estima.

Essas hipóteses, que apontam para uma lógica psicossocial do interesse pelo uso de psicotrópicos, contrastam com outras visões socialmente difundidas, de que o jovem é, per se, presa fácil do uso de drogas, bastando para tanto ter acesso a elas. Isso não significa que esse acesso não tenha seu peso, mas ele é, possivelmente, apenas um fator facilitador, e não o determinante.

Considerando tal perspectiva, Bologna (2000: 90-93) considera que uma parte das razões que levam ao uso das drogas é de natureza subjetiva, íntima, seja por fuga, por curiosidade. (...) a outra parte é a pressão social, é a ação externa.

⁹ Noto e Formigoni (2001) destacam que, ao longo da década de 90, o crack começou a ser preferido em São Paulo e a merla no Distrito Federal.

Esse autor sublinha que o próprio controle social às drogas poderia motivar sua experimentação:

(...) quando aumentamos a censura para não "experimentar" ou para "não usar", é claro que também aumentamos a censura "para experimentar", "para usar", porque essa censura, essa "obrigação" de experimentar, reage contra a sua opositora. (Bologna, 2000: 93)

A percepção dos diferentes atores (alunos, membros do corpo técnico-pedagógico e pais) sobre os motivos de uso das drogas pode ser vista nas Tabelas 4.13 a 4.16 e estão agrupados em quatro categorias: *ajuda a esquecer os problemas*, *modismo*, *auto-afirmação e diversão*.

Pais e corpo técnico-pedagógico possuem percepções semelhantes sobre os motivos mais significativos de uso, destacando-se em primeiro lugar o *modismo* – com proporções de 61,7 e 79,2%, respectivamente –, seguido por *ajuda a esquecer os problemas*, *auto-afirmação* e, finalmente, por *diversão*.

É importante destacar a diversidade de opinião, por uma parte, entre pais e corpo técnico-pedagógico e, por outra, pelos alunos que consideram o principal motivo para o uso de drogas, do elenco referido na tabela, *ajuda a esquecer os problemas*. Em relação à *auto-afirmação e diversão*, os três atores situam esses motivos, em ordem de importância, logo após os demais referidos anteriormente.

O motivo *ajuda a esquecer os problemas* é percebido de formas diferentes pelos atores. Neste sentido, a Tabela 4.13 indica que uma média de 63,7% dos alunos o destaca, com as maiores proporções observadas em Porto Alegre e Florianópolis – em torno de 70% em ambos os casos – e as menores em Salvador (56,2%) e Manaus (59,7%). Uma maior proporção desse motivo é referida pelo corpo técnico-pedagógico das escolas (75,3%) com proporções bastante semelhantes entre as diferentes capitais,

indicando que grande parte das escolas possui uma percepção peculiar e diferente dos demais atores. Em relação aos pais, cabe a eles o menor índice (55%) entre os três atores sobre este motivo.

Tabela 4.13

Alunos, corpo técnico-pedagógico e pais, por *ajuda a esquecer problemas* como motivo para o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Ajuda a esquecer problemas como motivo de uso de drogas segundo os atores		
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais
Manaus	59,7	75,7	45,7
Belém	64,0	69,4	48,2
Fortaleza	64,0	73,7	54,3
Recife	66,1	78,5	54,9
Maceió	60,5	56,7	47,8
Salvador	56,2	79,4	50,7
Vitória	67,6	76,2	61,4
Rio de Janeiro	67,9	75,0	58,0
São Paulo	65,4	79,4	57,5
Florianópolis	70,5	80,2	63,2
Porto Alegre	70,6	81,0	62,5
Curitiba	66,3	71,8	55,3
Goiânia	66,0	74,6	59,3
Distrito Federal	64,3	78,8	57,8
Média	63,7	75,3	55,0
N.º Absoluto	2.951.689	2.334	8.110

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001. Foi perguntado aos alunos, corpo técnico-pedagógico e pais: *Na sua opinião, algumas pessoas usam drogas porque: é divertido; é arriscado; dá coragem, impõe respeito; dá um barato; os amigos usam; é moda, dá destaque; se sentem mais adultos, maduros; ajuda a esquecer as coisas ruins, problemas (marque todas as que forem verdadeiras).*

Para Zecker (1985), citado por Alencar (1988a), a razão mais comumente invocada é que o uso de drogas representa uma fuga à realidade do dia-a-dia e aparentemente de difícil solução e reafirma que o problema básico não é aquele do qual se quer esquivar, mas a postura do sujeito frente ao problema, enfatizando mais a estrutura da personalidade.

Já outros autores, como Sissa (1999), mais destacam angustias existenciais, perspectiva filosófica que remete ao desejo por prazer e o que se considera como fonte de prazer e como tal busca pode se tornar um poço sem fundo:

Defino a toxicomania [a busca compulsiva por drogas] como uma prática que faz funcionar realmente o poder de um desejo que se tornou insaciável e cada vez mais devorador, até que a satisfação nunca definitiva se transforme nesse caso em tolerância e dependência: fixação sobre produtos dos quais não se pode mais prescindir, para não sofrer muito. (Sissa, 1999:8)

Por outro lado, Vizzolto (1986 In: Alencar, 1988a) afirma que o problema das drogas tem suas raízes na sociedade, na família e na própria pessoa, e que, de alguma forma, a sociedade atual estimula o uso abusivo e indevido de drogas. Ampliando a discussão, Ferrarini (1982 *apud op. cit.*), enumera outras possíveis causas, tais como, a facilidade do uso (acesso); a influência de amigos; a frequência a "maus" ambientes; o enriquecimento rápido; as propagandas; a falta de orientação na escola; e a falta de esportes, ressaltando que essas causas variam, quanto às respostas, de pessoa para pessoa.

Os autores citados nos parágrafos anteriores têm distintas inscrições profissionais, o que em alguma medida explica as diferentes perspectivas de análise. Em sua maioria, são do campo das ciências humanas, como da sociologia e da filosofia. Para

Zaluar (1994: 7): "a perspectiva que se adquire da questão via o contexto sociocultural dos usuários de droga tem perdido espaço para a visão farmacológica, assim como a visão psicológica". Valeria portanto insistir no respeito de situações vividas pelos atores sociais e às suas representações sociais.

Explorando as percepções expressas pelos atores nos grupos focais, encontra-se muitas das referências encontradas na literatura, como as citadas, o que se indica a seguir, destacando os tipos de motivos apresentados (ver em negrito) e indicando o consenso e a singular postura de cada ator.

Segundo os jovens entrevistados, entre os motivos declarados para o uso de drogas são referidos conflitos internos e externos, tais como, ***problemas pessoais e familiares***: *as pessoas estão com problemas em casa, alguém oferece, fica mais fácil de aceitar e a fuga da realidade: eu acho que elas usam droga pra fugir de alguma realidade ou problema*. Assim, para muitos jovens, a droga consiste em um meio de fugir da realidade, mais especificamente dos problemas pessoais: *Eu acho que é um modo de fuga, fugir da vida que a pessoa tem, pra mim é isso. Eu acho uma coisa errada, a pessoa devia é ter mais coragem para viver e enfrentar os problemas, não precisa se refugiar na droga*.

Em alguns discursos de membros da comunidade pedagógica, a tônica é também considerar as drogas, uma fuga ou forma de preencher um vazio:

(...) eu acho que a pessoa quando ela não tem muito o que fazer, ela não tem objetivos de vida também é mais fácil você fugir da realidade quando ela não, não, você não gosta da tua vida, fugir da realidade através das drogas é mais fácil? No começo. (Entrevista com orientadora, escola pública, Florianópolis)

Os problemas pessoais ocasionariam depressão. Essa seria, muitas vezes, resultante de **situações de perda**, como a morte de um ente querido

Mas na verdade todo tipo de droga é uma fuga, não é? Então você vê que a maioria das pessoas que começam a fumar é por causa disso, ou porque tem um parente muito querido que morreu, ou é porque está com problema na família, então é por isso que (...) (Grupo focal com alunos, escola privada, diurno, Salvador)

Um aluno de escola privada reconhece ter usado drogas por depressão e que associaria à morte de um parente. Já uma aluna, admite ter consumido em decorrência de uma desilusão amorosa.

Porque tem pessoas que mesmo na hora, está assim depressivo, sei lá, eu não sei.(Grupo focal com alunos, escola privada, Porto Alegre)

Eu já experimentei maconha. Eu já fumei, não direto, (...) daí tive uma desilusão amorosa, fumei na frente da minha mãe e tudo, bebia, a maior arruaça assim, se não fosse ela, eu acho que estaria morta. (Grupo focal com alunos, escola pública, Florianópolis)

Também membros do corpo técnico-pedagógico apontam como uma das causas do uso de drogas a fuga de problemas ou os **medos vividos** por jovens. Dentre esses problemas, também como os alunos, destacam-se os de ordem familiar e social. Já os "medos" referem-se às cobranças do mundo moderno, tal como o **de não encontrar um bom emprego**: (...) *acho que é fuga de problema social, econômico, de família (...)* pessoas fracas muitas vezes, se todo mundo fosse correr atrás da droga por causa de problema.

Pressões por exigências no trabalho são também referidos como estímulos ao uso de drogas. Diante das exigências profissionais, alguns jovens, na observação de um professor, sentem-se pressionados e, assim, partem para o mundo das drogas.

Note-se que o comum são referências, não a uma, mas a várias possibilidades de motivos ou estímulos ao consumo de drogas:

Muitas vezes as pessoas entram nessa por várias conseqüências, eu penso, por exemplo, no caso do adolescente, não é porque ele esteja entrando na droga, será que é por que ele quer, será que é questão da estrutura familiar, a questão social, um emprego muito bom, muito bem remunerado, muita cobrança, acaba querendo fugir um pouco. (Grupos focal com professores, escola privada, Vitória)

Gallo (1984), citado por Alencar (1988a), observa que as pessoas adotam as drogas porque julgam poder provocar sentimentos de satisfação, de confiança em si mesmas, ou dar a impressão de que vivem em paz com o mundo exterior, embora se saiba que esses sentimentos são ilusórios e passageiros, que provocam reações negativas e podem deixar marcas naqueles que as usam. Tal perspectiva é também encontrada nos discursos coletados.

Um diretor, por exemplo, comenta que alguns alunos usam drogas como **sucedâneos da felicidade**, perspectiva que critica, já que na sua visão de mundo, felicidade total não existe, mas apenas momentos.

(....) a gente tem casos aqui de alunos com os quais começamos a conversar e eles jogam a infelicidade como plano de vida, e a gente sabe que estão colocando a droga para substituir a felicidade, se acham que a felicidade é uma meta para todos os dias não é? Porque a felicidade completa não existe, mas quando eles não entendem este lado da vida serem momentos

de felicidade aí eles partem, pelo menos aqui a gente sente muito isso. (Entrevista com diretores, escola pública, Maceió)

A **busca por prazer** por meio das drogas é parte do repertório de motivos ao qual se referem vários atores. Mas observam também os membros do corpo técnico-pedagógico, como já assinalado, que os jovens parecem não perceber a transitoriedade da felicidade e que a droga nada mais faz do que proporcionar uma falsa sensação de prazer, pois, uma vez passados os seus efeitos, a frustração e a desmotivação retornam:

Acho que proporciona, no momento, um certo prazer, e hoje em dia, geralmente são poucos os momentos de prazer que o jovem tem; o lazer é reduzido, muitas vezes, a rua, como a gente estava falando. Então, é muitas vezes para ter prazer, mas ele percebe, só enxerga o prazer daquele momento, e não consegue avaliar as conseqüências, e aí acaba focando muito no momento do uso. Então, eu acho que, muitas vezes, é para ter este prazer do momento. (Entrevista com diretora, escola pública, São Paulo).

Eu acho que é sempre a busca pela coisa nova, é a busca pelo prazer, é a busca pelo algo mais, é como se eles fossem viver um barato assim, extra, (Entrevista com diretores, escola privada, Maceió).

Os diretores analisam que a fuga é ilusória: quinze, vinte minutos fica legal, volta pra casa e o problema está lá. A fuga para eles, consiste também na dificuldade de enfrentar os problemas:

É lamentável (o uso de drogas) porque ele procura um caminho para estar fugindo das dificuldades do dia a dia, então não enfrenta o problema, não é capaz de sentar para resolver esse problema (...) então fugir do problema é muito mais fácil, é muito mais cômodo, e uma das maneiras de estar fugindo dos

problemas é o alcoolismo, tabagismo, maconha, cocaína, e os diversos tipos de drogas que tem por aí, e enquanto ele tiver fugindo dos problemas, chega a um ponto que a vida dele se acaba, e os problemas vão continuar do mesmo jeito, sem serem resolvidos. (Entrevista com diretor, escola privada, Cuiabá)

Por outro lado, a sensação de alegria e de prazer proporcionada pelas drogas é um atrativo, uma sedução peculiar, de distanciamento da realidade:

(...) ela usa a droga que nem a bebida, a pessoa usa muito como refúgio aí, ela usa a droga como refúgio, porque a droga te dá alegria, ela te anestesia passageiramente (...). (Grupo focal com alunos, escola pública, Vitória)

Membros do corpo técnico-pedagógico também admitem, como expressam vários alunos, que muitos jovens acabam por fazer uso de drogas ilícitas por puro prazer e diversão, mas consideram que buscar o prazer independente de vivenciarem ou não problemas seria mais comum entre os jovens com algum poder aquisitivo. Mesmo assim, associam busca de prazer com fuga:

Nós sabemos que as crianças partem para as droga porque vivem na rua, abandonam a família, então encontram isso. Agora, filho de classe média, média baixa, eu acho que procura por diversão, por fuga, a psicologia explica até melhor, né? (Entrevista com inspetor, escola pública, Distrito Federal)

No entanto, nos depoimentos os jovens afirmam que a droga é para se divertir, o que significa que entram e saem das drogas quando querem e que isso não seria decorrente de uma necessidade. Por outro lado, ressaltam que sendo diversão: *ela não é um problema, digamos assim, quando a pessoa é sossegada, usa lá...só*

pra curtir, não pra usar diariamente, ficar louco, sair zoando todo mundo. Em outro depoimento se referem que isto não passa de uma fantasia: (...) *não tem como se divertir, usar droga pra se divertir, só as fantasias que ele tem, só nas drogas mesmo.*

Para alguns diretores, muitos jovens acabam por fazer uso de drogas ilícitas por puro prazer e diversão, o que não se associaria necessariamente à intenção de escapar de algum problema. Neste mesmo sentido, alguns também indicam a busca da felicidade como motivo: (...) *a grande maioria dos jovens que se droga acha que está tendo prazer, que está no mundo de felicidade. (...) Mas a grande maioria mesmo se droga só por prazer, satisfação.*

Problemas de ordem familiar é outro motivo destacado, em particular pelo corpo técnico-pedagógico: *Olha, tem tantos motivos, o desajuste familiar é o principal.* Essa opinião é apresentada também por alguns alunos e professores:

Olha, para usar eu acho que vai da estrutura da casa, não adianta a gente dizer que é escola e a família mesmo em si (...) agora, se você está em uma família que não tem atenção, você tem que chamar a atenção dos seus pais de alguma forma, não tem por onde, quer dizer, é falta de estrutura familiar, eu acho que vem daí, não é dizer que foram os amigos, parentes que envolveram não, é a falta de estrutura familiar, para mim, como mãe, é a falta de estrutura familiar. (Entrevista com coordenadora de cursos/disciplina, escola privada, Cuiabá)

De fato a culpabilização da família para o envolvimento dos jovens com drogas é presente em diversas falas de membros do corpo técnico pedagógico. Um professor cita seu próprio exemplo para argumentar que a orientação vinda dos pais, no seu caso, além do ambiente de diálogo, pode afastar os jovens das drogas: *meus pais são jovens e nós sempre tivemos muito diálogo. E mais: porque meus pais me falavam tudo abertamente, e eu sabia que aquilo não servia para mim.*

Em outro depoimento, é ressaltado que a adolescência uma fase em que o grupo e a família são referências básicas:

Eu concordo com o que os colegas estão falando, essa necessidade de afirmação diante do grupo, e tem a questão, às vezes você não tem aquela estrutura da família, de estar acompanhado. (Grupo focal com professores, escola privada, Distrito Federal)

Não somente os professores, mas também os pais relacionam a questão das drogas ao que consideram "problemas familiares" vivenciados pelos jovens.

Para mim droga só existe quando tem algum problema, problema de pais, criação, família. Se isso funcionasse mais ou menos bem, dificilmente entrariam nas drogas. Sempre que existe uma abertura entre pai e filho e conversas, dificilmente a droga entra... (Grupo focal com pais, escola pública, Salvador)

Na minha opinião muitos adolescentes usam drogas porque na maioria das vezes são abandonados pelos pais e acabam se metendo na droga. (Grupo focal com pais, escola pública, Manaus)

A Tabela 4.14 indica que o *modus* é apontado pelos alunos como a segunda razão mais apontada como motivo do uso de drogas (61,9%), considerando o elenco apresentado, enquanto para corpo técnico-pedagógico e pais ela aparece em primeiro lugar. No caso dos alunos, são bastante semelhantes os índices das capitais, ressaltando-se apenas Manaus, em que pouco mais de 50% dos alunos referem esta causa. No caso do corpo técnico-pedagógico, em mais da metade das capitais pesquisadas esta proporção é superior a 80%, sendo de 67% no caso de Maceió.

Tabela 4.14

Alunos, corpo técnico-pedagógico e pais, por *modismo* como motivo para o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Modismo como motivo de uso de drogas segundo os atores (1)		
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais
Manaus	52,0	72,3	50,7
Belém	54,8	75,3	55,6
Fortaleza	64,0	82,8	64,5
Recife	63,2	82,6	60,5
Maceió	64,1	67,0	55,4
Salvador	61,9	76,7	62,0
Vitória	67,0	83,4	68,9
Rio de Janeiro	67,2	80,7	67,5
São Paulo	61,6	85,6	66,0
Florianópolis	65,8	88,2	68,6
Porto Alegre	65,7	84,9	66,5
Cuiabá	57,9	74,4	57,0
Goiânia	61,1	80,1	62,7
Distrito Federal	62,5	79,6	64,1
Média	61,9	79,2	61,7
Nº Absoluto	2.869.586	2.455	9.111

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
 Foi perguntado aos alunos, membros do corpo técnico e pais: *Na sua opinião as pessoas usam drogas por que?* (marque todas que forem verdadeiras)
 (1) Modismo é o somatório de: os amigos usam; é moda, dá destaque.

Na opinião de Miranda Rosa (1980), citado por Alencar (1988a), a influência dos modismos, a promoção indireta pelos meios de comunicação e a atuação de grupos atentos às possibilidade de expandir o mercado consumidor de drogas explorando as vulnerabilidades dos jovens, podem ser motivos pelos quais as pessoas fazem uso de drogas.

Para os pais, o *modismo* é a principal causa de uso pelos jovens, entretanto, nos grupos focais com pais e membros do corpo técnico-pedagógico, este motivo não aparece em seus discursos.

O terceiro motivo de uso, segundo a Tabela 4.15, é a *autoafirmação*. Dentre os três atores, a maior proporção cabe ao corpo técnico-pedagógico – 62,4% –, contra 57,5% dos alunos e 48,3% dos pais. Entre os alunos, os índices das capitais são bastante semelhantes, apenas com um destaque para Vitória, que apresenta cerca de 62% dos alunos referindo esse uso. Entre o corpo técnico, é em Vitória e no Distrito Federal que aparecem proporções superiores a 70%, enquanto Maceió registra a mais reduzida – 53%. Em relação aos pais, não existem disparidades em relação à média para o conjunto das capitais.

Tabela 4.15

Alunos, corpo técnico-pedagógico e pais, por *auto-afirmação* como motivo para o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Auto-afirmação como motivo de uso de drogas na opinião dos atores (1)		
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais
Manaus	56,8	62,7	45,1
Belém	57,9	61,6	49,0
Fortaleza	59,4	61,8	49,3
Recife	56,5	63,1	44,7
Maceió	58,8	53,0	45,3
Salvador	57,8	54,5	44,5
Vitória	61,6	73,6	53,3
Rio de Janeiro	58,1	63,6	49,9
São Paulo	57,3	67,3	52,0
Florianópolis	57,9	61,0	48,1
Porto Alegre	59,1	64,6	49,0
Cuiabá	53,5	57,6	49,3
Goiânia	56,4	63,2	48,7
Distrito Federal	57,5	63,7	47,6
Média	57,5	62,4	48,3
N.º Absoluto	2.664.537	1.934	7.122

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
 Foi perguntado aos alunos, membros do corpo técnico e pais: *Na sua opinião as pessoas usam drogas por que?* (marque todas que forem verdadeiras).
 (1) Auto-afirmação é o somatório de dá coragem, impõe respeito; se sentem mais adultas, maduras.

A necessidade de ser valorizado pelo grupo pode levá-lo ao envolvimento com as drogas, conforme depoimento a seguir:

(...) e outra coisa que eu queria falar (...) você já tem um grupinho viciado lá e acaba se envolvendo porque eles te dão valor "sacô, pô esse cara é gente fina esse cara é uma beleza", aí

...você entra (...) daqui a pouco, às vezes você pode até escapar da primeira vez que te (...) mas depois você acaba (...) "entendeu"?
(Grupo focal com alunos, escola pública, Vitória)

Segundo um diretor, a droga consiste em um meio de o jovem se auto-afirmar diante de um grupo ou, ainda, da família, o que deixa transparecer uma insegurança em relação a seus vínculos sociais: *(...) auto-afirmação isso que eu acho, todo mundo tem que se sentir estimado, se sentir valorizado, se ele não o é em casa, é através de quê? E mais: (...) e o meio dele se afirmar é a galera (...)*

Os depoimentos de pais sobre a necessidade de auto-afirmação por parte dos filhos são bastante escassos, pois a preocupação daqueles está muito mais centrada em temas como a influência dos amigos e a imaturidade dos jovens. O grupo de pais afirma que os jovens usam drogas para se mostrar: *eu também acho que eles usam pra mostrar que podem ser alguma coisa, que eles podem fazer alguma coisa (...)*

A *diversão* como motivo de uso também apresenta percepções distintas entre os atores, como se considera na Tabela 4.16. Uma média de 34,5% dos alunos a referem, sem grandes diferenciações entre as capitais. Pouco mais da metade do corpo técnico-pedagógico das escolas refere este motivo, destacando-se que, entre as capitais pesquisadas no Sudeste/Sul, as proporções se situam acima da média das 14 capitais que fazem parte deste estudo. Em relação aos pais – cuja média é da ordem de 45,4% –, os índices são semelhantes entre as capitais.

A *diversão* tem vários sentidos na vida do jovem, como a busca de canais de expressão de criatividade. Em muitos casos, consideram a vida rotineira e desagradável, podendo levar à busca de novas sensações no mundo das drogas, pois o jovem, com seu potencial criativo, pode utilizar a droga na esperança de encontrar inspiração, vivências e formas distintas de perceber o mundo.

Tabela 4.16

Alunos, corpo técnico-pedagógico e pais, por *diversão* como motivo para o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Diversão como motivos de uso de drogas na opinião dos atores (1)		
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais
Manaus	31,2	53,1	40,7
Belém	30,9	41,2	42,8
Fortaleza	34,0	46,8	46,0
Recife	32,5	51,0	44,4
Maceió	33,9	37,8	43,3
Salvador	30,8	48,1	45,0
Vitória	39,9	58,0	51,7
Rio de Janeiro	37,5	57,9	47,3
São Paulo	36,6	59,5	48,6
Florianópolis	38,8	58,8	47,2
Porto Alegre	36,9	59,8	45,9
Cuiabá	35,0	40,8	43,7
Goiânia	31,5	52,7	44,7
Distrito Federal	37,7	51,1	45,8
Média	34,5	50,9	45,4
N.º Absoluto	1.598.466	1.578	6.703

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos, membros do corpo técnico e pais: *Na sua opinião as pessoas usam drogas por que?* (marque todas que forem verdadeiras).

(1) Diversão é o somatório de: é divertido; dá um barato.

Comparando os principais motivos de uso referidos pelos alunos, de acordo com a Tabela 4.16, percebe-se que a *diversão* apresenta um índice médio para o conjunto das capitais de praticamente metade do encontrado em *ajuda a esquecer os problemas*. Estes índices são, respectivamente, de 34,5 e de 63,7%. Neste caso, talvez, o uso de drogas pelos jovens esteja sendo percebido mais como uma fuga a seus problemas cotidianos e de adolescência

do que uma forma de divertimento, o que deveria remeter a uma análise mais cuidadosa, para fins de políticas públicas.

É interessante destacar a percepção diferenciada que alunos, por uma parte, e corpo técnico-pedagógico e pais, por outra, têm da *diversão*, segundo dados das Tabelas 4.13 a 4.16. Como referido acima, os jovens enfatizam mais o *ajuda a esquecer problemas*, em detrimento da *diversão*, enquanto para os demais atores este último motivo possui mais relevância. Também pais e corpo técnico parecem perceber o uso de drogas como algo passageiro e próprio de uma fase conturbada dos jovens – a adolescência –, em que se destacam fortemente a *diversão* e os modismos próprios desta geração. Mais interessante ainda, que os próprios alunos dêem menos relevância ao *modismo* e à *diversão*, privilegiando o motivo *ajuda a esquecer os problemas*.

Nos grupos focais, os alunos citam várias outras razões para o uso de drogas, além do elenco que faz parte das tabelas comentadas, sendo principalmente referidas **a curiosidade, a influência dos amigos e do grupo, a pressão do grupo, os conflitos familiares e existenciais, a busca por novas experiências, a personalidade fraca e a ingenuidade.**

Em menor escala, aparecem a **opção pessoal** e a **falta de informação** como orientações atribuídas aos jovens que optam pelo consumo de drogas. Além do mais, referem-se também os alunos que, apesar de conscientes dos danos produzidos pelas drogas, mesmo assim as usam.

Ao mencionar a **curiosidade** muitos alunos a relacionam à influência e insistência dos amigos:

Que a droga é o seguinte também a pessoa usa pela primeira vez eu acho que por curiosidade. (Grupo focal com alunos, escola pública, Salvador)

Eu usei por curiosidade, mas quando usei outras drogas foi porque já tava todo mundo no meio, eu fui "maria-vai-com-as-

outras", o que tem, né, foi aquele pensamento, mas eu não deixei me envolver demais, tem que ter plena consciência do que está fazendo. (Grupo focal com alunos, escola privada, Porto Alegre)

Os motivos referidos pelo corpo técnico-pedagógico das escolas são praticamente os mesmos que os dos alunos. Consideram, por exemplo, que o uso de drogas pelos jovens também está relacionado à curiosidade, que os incita a buscar novas experiências, e a suplantam o medo em relação aos riscos.

Argumentam que amigos, parentes e até artistas, influenciam os jovens ao consumo. Mas, como já mencionado, é comum professores, diretores e outros membros do corpo técnico-pedagógico defenderem que o consumo de drogas pelos jovens é desencadeado por problemas familiares (omissão dos pais e a falta de diálogo); tentativa de fuga da realidade e dos problemas; falta de informação por parte dos jovens; problemas sociais e econômicos, além da intenção por criar coragem para praticar alguma transgressão.

O senso comum sobre drogas, motivações, expresso em falas dos entrevistados não muito difere do conhecimento competente, divulgado em vários trabalhos sobre drogas e juventude. Por exemplo, Gauderer (1987), citado por Alencar (1988a), ressalta que o jovem é curioso por natureza e tenta experimentar e vivenciar tudo e que a droga aparece neste contexto "para expandir", "abrir novas fronteiras", na justificativa dos jovens, afirmando que todos estão fazendo o mesmo. Mencionam que o principal fator é a pressão do grupo sobre o jovem e à qual ele acaba cedendo. Afirma-se também que o jovem tem dificuldade em reconhecer essa pressão - como todos usam, o indivíduo, para ser aceito, tem que obedecer àquelas ordens. Gauderer (*op. cit.*) diz que um adolescente "com personalidade e estrutura saudáveis" até poderá experimentar drogas, deixando-as em seguida, e que apenas aqueles com "problemas emocionais" terão maiores probabilidades de continuar envolvidos com elas.

Oliveira (1988a), como outros autores considera que a droga pode funcionar como uma forma de o adolescente **afirmar-se como igual dentro de seu grupo**, como afirmam os atores entrevistados. Em busca de identidade, a uniformidade grupal proporciona segurança e estima pessoal. A importância do grupo é observada nas relações entre seus membros, em um processo de identificação com cada um, com regras aceitas e valorizadas por todos – desde o uso de roupas da moda, corte de cabelo, o encontro do grupo em determinados locais, até a utilização de drogas.

De acordo com relatos de alunos percebe-se que para esses é necessário ter opinião própria para evitar influências do grupo dos quais não fazem parte e ser influenciado ou deixar-se influenciar é uma decisão pessoal: *Eu acho que, se você tem a sua própria opinião, e você fala: "Não, eu não vou fazer aquilo", e você não faz. Para os jovens, essa necessidade pode ser um indicador do respeito a si próprio, afirmando que a influência existe onde ela tem espaço para acontecer: Não tem aquilo de que: "Ah, aquela pessoa influenciou". Não. Eu acho que se você tem uma coisa dentro de você, você não faz. (...) cada pessoa tem que ter um respeito por si mesmo.*

As drogas também são vistas como uma forma de viabilizar a aceitação pelo grupo e os mais resistentes são tachados de "caretas", muitas vezes repelidos pelos colegas. Já o membro da turma que aceita fazer uso é visto como "gente fina" e imediatamente aceito no grupo: *(...) ah, tu não fuma porque "tu és careta", não sei o que, e só um peguinha, é bom". Ai tu vais lá fuma uma vez, gosta, fuma de novo.*

No entanto, ser careta, é uma postura assumida com orgulho por alguns destes alunos: *Eles falam que a gente é prego, careta, por a gente não beber, não fumar, não se drogar. Eu, pelo menos, sou careta de coração, e de corpo e alma, entendeu? Sou careta até a morte.* Além disso, afirmam que negligenciam firmemente qualquer influência ligada ao consumo de drogas: *Meus amigos*

todos fumam, todos bebem, todos saem assim (...). Eles são meus amigos, eles tão ali comigo. Mas eu nunca me influenciei.

Um aluno de escola privada declara que ele se sente incomodado com a pressão que sofre dos amigos para que use drogas.

Quadro 4.2

Está cada vez mais difícil arrumar amizades

Grupo focal com alunos, escola privada, Rio de Janeiro

Hoje em dia está cada vez mais difícil arrumar amizade (...). eles começam a te oferecer sempre, entendeu, eu tenho amigos, oferecem e trazem, sabe, eu não bebo e não fumo e tão é difícil você sair com eles, descolava aquilo, entendeu, fumar na sua cara, assim, sabe, você não quer fumar, não quer, eles ficam oferecendo, eles são insistentes.

Da mesma forma, segundo depoimentos dos pais e do corpo técnico-pedagógico das escolas, o jovem com opinião própria não se deixa influenciar e assume uma postura de distanciamento, quando não concorda com o comportamento de seu grupo.

Para mim, não influencia em nada. Porque cada cabeça é uma sentença. Se você tem um objetivo na sua vida, eu acho que você não entra. Eu estudei em uma escola privada aqui em Cuiabá, extremamente falada. Eu chegava no banheiro e minhas amigas cheirando cola na minha frente, fumando maconha, jogando baforada na minha cara, perguntando se eu queria fumar ou não queria fumar. Hoje, eu me deparo na frente de pessoas que andavam comigo que realmente estão um caco, um caco, entendeu? E eu não fui influenciada. Se eu quisesse, hoje, eu estava fazendo minha cabeça. Fumando, bebendo. (Grupo focal com professores, escola privada, Cuiabá)

Se para muitos pais, os filhos são influenciados por amigos, para outros, poucos, os filhos saberiam resistir à pressão do grupo.

(....) porque eu tenho uma experiência na minha casa, essa história de Maceió, festa, eu tenho dois filhos, um de 17 e um de 14, e o meu de 14 não gosta muito de embalo, mas um certo dia ele cismou de ir acompanhar o irmão, ele disse "olha mãe é o seguinte, a turma do meu irmão usa loló, ele não concorda, mas tá lá, ele não usa porque não quer", então se você quiser, ele se identifica com o grupo, mas não usa loló, eles conversam muito comigo, a gente pode ficar ali, eu não concordo, mas eu fico lá com eles sem loló. (Grupo focal com pais, escola privada, Maceió)

(....) eu fui jovem, mas eu nunca tive nenhuma vontade de beber; fumar eu fumava bastante, certo, mas deixei, e nem lança-perfume que, na minha época, fazia, hoje ainda faz muito sucesso no carnaval; "tudinho", maconha, essas coisas todas, nunca tive vontade, então isso vai de acordo com cada pessoa. (Grupo focal com pais, escola pública, Recife)

Mas, vários depoentes também admitem a influência do grupo de amigos: *É muito grande [a influência]. Porque, inclusive, todo mundo sabe que todo mundo é fruto do ambiente em que vive. Então, nada mais importante do que o grupo que ele está convivendo. Isso sem dúvida nenhuma.*

Consideram que deve ser dada uma atenção especial às amizades. Ao grupo é atribuída uma importância singular. Relatam que o grupo de amigos pode levar os jovens a agir de forma não esperada e, não idealizada por eles, os pais ou os próprios jovens. Não contrariar a vontade do grupo pode fazer com que os alunos sejam prejudicados:

Inclusive, a gente, por exemplo, uma das coisas que deixa assim uma angústia muito grande é que você tem toda uma estrutura de vida. De repente, quando eles começam a se juntar com grupos diferentes, predomina o que o grupo faz, o que o grupo determina. Quer dizer, uma coisa que você achava que ia ter um encaminhamento, assim na sua maneira de sonhar, é diferente do que você sonhava. De repente, um grupo entra assim, nem sempre é aquilo que você gostaria que fosse. (Grupo focal com pais, escola privada, Maceió)

Além do mais, os pais partem da premissa que os jovens ainda não teriam uma opinião formada, daí serem mais suscetíveis à influência de amigos: *Por que ele[o filho] é muito aberto, se expõe muito. Eu tenho medo desses aproveitadores. De ser mais esperto e vir fazer a cabeça dele. Por que ele ainda não está formado. Não tem opinião formada sobre tudo na vida.*

Segundo o corpo técnico-pedagógico, dentre as causas dessa influência, está a necessidade do jovem de pertencer ao grupo, de se adaptar a ele, de não se sentir discriminado ou diferente:

É fortíssima a influência do grupo. A pessoa que quer ir contra os valores do grupo, ela tem que ser muito forte. De uma personalidade muito forte. E a maioria não é. A maioria faz o que o grupo determina. Até para não ser alijado desse grupo. Ele tem muito medo de ser discriminado pelo grupo, de ficar a parte do grupo. A gente já percebeu algumas vezes. Ele faz sem querer fazer. Mas ele faz por medo da reação do próprio grupo, de ser colocado de lado. (Entrevista com diretor, escola privada, Maceió)

A necessidade de estar inserido no grupo, levaria os alunos a agir de uma forma que, individualmente não fariam. Os depoimentos seguintes mostram como se considera que os jovens não sabem decidir por si, individualmente, e que tendem a ser influenciados pelos amigos:

Eles querem é se enturmar, ficar dentro do grupo. Eles não querem ficar de fora, não querem. Então, eu acho que a maioria, pelo que eu já vi aqui de alguns alunos, se precisar fazer alguma coisa, fumar, por exemplo, usar drogas para estar inserido dentro do grupo, "muitos vão fazer isto". (Entrevista com diretor, escola pública, São Paulo)

Ainda segundo o corpo técnico-pedagógico, outro fator de vulnerabilidade à influência do grupo, é a necessidade de autoafirmação por parte dos jovens: *Adolescência, eu vejo assim, sempre foi e sempre será uma festa. Uma fase de se auto-afirmar, entendeu? (...) Se firmar como um sujeito. Ele se torna a maior vítima nessa busca de tornar sujeito, de se auto-afirmar.*

A influência e a insistência com que o grupo incentiva o uso pode levar outros membros a também consumirem:

(...) por incentivo de outros amigos, como o que diz que é bom, vai, pode provar. Eu já fui, aí, vai, prova a primeira vez, acha bom, prova a segunda, aí o colega fala: "só vicia quem é idiota, abestalhado você não é não rapaz, você é um cara inteirado, você nunca vai ter este vício", aí ele usa a segunda, usa a terceira, aí pronto, quando ele vai ver, ele está dependente, é lamentável. (Grupo focal com alunos, escola pública, Salvador)

Eu também acho que fazem as coisas porque os outros estão fazendo. Eu acho que vai pela empolgação. Maria-vai-com-as-outras. (Grupo focal com alunos, escola pública, Rio de Janeiro)

A minha irmã já usou droga também. Agora, só que ela pensa que a gente não sabe, porque ela não foi criada com a minha mãe, sabe? Foi criada com outras pessoas, aí conheceu um homem que fumava, aí começou no vício e criou o filho. Aí

claro, desertou de casa, ela reclama muito. Mas ela no seu jeito. Só vive com o cabelo pintado, aquelas faixas. (Grupo focal com pais, escola pública, Maceió)

Evidencia-se, dessa forma, certo consenso sobre a influência dos rituais de grupo e o temor à exclusão por parte dos amigos: (...) *então se você não fizer isso, você é um boiola, um trouxa, um bicha* (...). O uso de drogas parece, assim, resolver esse problema, já que na concepção de alguns jovens, além de ser aceito pelo grupo, ele passa também a ser respeitado: (...) *uma vez que ele se afirmou no grupo ele pode até sair se encontrar coisa, mas os que eu conheço que se desviam, é por essa influência do grupo, para se afirmar* (...). O jovem, mediante o uso de droga, encontra, segundo o depoimento seguinte, uma forma de chamar a atenção de seus pais e de amigos para não se sentir rejeitado:

Olha, eu vejo assim, eu sempre acho que o jovem tenta chamar a atenção da família, dos amigos, de qualquer forma ele tenta chamar a atenção, então ele tenta, na visão dele, a busca pra droga, pros problemas, que não é dessa forma que você tenta. (Entrevista com diretora, escola pública, Manaus)

Vários diretores crêem que o jovem, diante do temor de exclusão, cede à pressão, o que retrataria um problema de auto-estima. Tal argumento se fundamenta na idéia de que o jovem não acredita ser suficientemente bom para manter os amigos:

Auto-estima, essa questão que a gente está te colocando, de se colocar no grupo, ou você usa ou você está fora, meu, " porque você não vai ficar no meu grupo sem usar" porque aí eu posso me prejudicar. É para ser aceito usando. (Entrevista com diretora e coordenadora, escola privada, São Paulo)

A influência do grupo é tão forte que, apesar do conhecimento sobre os riscos de uso, os jovens o fazem, mesmo que, em alguns casos, fiquem apenas no experimentar. Um diretor cita um caso, no qual uma aluna passou a fazer uso por influência do namorado, destacando também que o conhecimento sobre os danos das drogas não inibe o seu consumo:

Não, eu não vou dizer que a droga é normal, que eles consideram normal, porque eles sabem, eles têm conhecimento de que a droga faz mal, que não deve ser usada, um cigarro, não se deve consumir, mas é tão "encantador", para alguns, entre aspas, porque eles acham "encantador", porque tem um grupo que ele faz e acontece, então ele, esse é o perigo, alguns deles querem experimentar, ou são tentados a experimentar, nós sabemos do caso de um garoto que usava o cigarro da maconha mesmo, e estava namorando com uma menina, e depois soube que a menina também estava fumando, não fumava nem cigarro comum, mas experimentou através dele. (Entrevista com diretor, escola pública, Maceió)

A influência dos amigos no consumo e na iniciação a drogas, em particular, para os membros do corpo pedagógico, seria parte de um ritual, do ser jovem e da vida gregária em tal geração: *por que [as pessoas usam drogas]? Bom, acho que pela questão do grupo de amigos, um pouco aquela coisa de não se sentir excluído do grupo, de não estar participando ali do ritual.*

Essa influência é vista inclusive pelos jovens, como direta, uma vez que a necessidade do pertencer ao grupo e de acompanhar o comportamento do mesmo é, às vezes, imperativa:

São coisas assim, questão de se pensar também: "Pô, é legal, é legal". Se aquela curiosidade, que sempre está dentro de você, que todo mundo tem, acaba despertando, aí você acaba experi-

mentando, porque está todo mundo fazendo. Não vai ficar só você de fora. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)

Entregar-se a essa influência é uma forma de não ficar em desvantagem, já que o grupo atribui força e coragem a cada um de seus membros: *Se o grupo entra pelo tóxico, pela droga, ele também vai acabar entrando. É uma experiência pela qual a pessoa passa e que, às vezes, o grupo impõe. O grupo tem muita força. Às vezes, mais que a família.* Daí a dificuldade em se esquivar da influência do grupo e ir contra suas determinações:

Influencia muito. Tem garoto com dezessete anos que não sabe ainda o que são as coisas da vida, do mundo. E tem outros com quinze anos que já é mestre em tudo. Já fuma maconha, rouba carteira, artimanha de fazer tudo. Então, o maior de dezessete e dezoito, que não fez nada disso, é um otário. Aí, pra ser macho, pra mostrar que é homem, vai fazer a mesma coisa. A vida do mundo é assim. (Grupo focal com pais, escola pública, Fortaleza)

Membros do corpo técnico-pedagógico ressaltam, ainda, a força e a ambigüidade de caráter que a influência do grupo pode ter em relação aos jovens, direcionando-os para o bem e para o mal:

A força do grupo é muito grande. Ninguém quer ir contra a turma. Esse é um grande problema. Então, quando a turma é boa e se dedica às coisas boas, o jovem está amparado. Se a turma não é boa e se dedica, digamos, à drogas, o jovem é impelido a ir com a turma, porque ele não aceita a idéia de ter que se virar sozinho sem a turma. Então, é como se a turma desse força a ele, poder a ele. Ele, sem a turma, não tem poder, não tem força. A maioria não quer ir aos lugares se não tiver a turma. Porquê? Auto-afirmação. (Entrevista com diretor, escola pública, Salvador)

Também os pais, mencionam a importância do grupo de amigos como possível indutor ao experimento e ao uso, consideram como a fraqueza de personalidade de alguns jovens levaria a recorrência às drogas:

(....) eu acho que quando a pessoa entra nas drogas, é porque o grupo diz o que ela tem que fazer. Ou ele aceita o que as pessoas falam ou ele quer ser igual a elas, quer dizer, ele tem o caráter pessoal fraco. (Entrevista com mãe, escola privada, Florianópolis)

Mas eu acho que se a pessoa usa droga ela é muito fraca, não tem estrutura, porque se a gente comenta uma coisa a gente está vivendo aquilo ali, mas continua lutando. (Grupo focal com pais, escola pública, Manaus)

Os pais tendem a poupar os filhos, transferindo para outro, no caso, os amigos, a influência das drogas, registrando-se como no depoimento seguinte, casos em que os filhos apontam o grupo, os amigos, como os usuários:

Eu acho que é enorme [a influência do grupo] sim. Agora, minha filha já viveu em contato com amigos, dentro da escola, com prosa. Então ela foi na casa de uma amiga e a amiga lhe ofereceu droga, e a menina falando de um lado e a razão de outro. Depois quando deu um certo momento essa menina estava praticamente em roubo, se envolvendo com droga, ela estava realmente se envolvendo com droga. Então quando ela chegou em casa disse "mãinha essa menina é safada mesmo", e essa menina realmente tinha que se afastar dela, e ela não chega perto mais. Então a gente conversa, claro que eu acredito que eles vão se afastar do perigo. (Grupo focal com pais, escola pública, Recife)

O depoimento a seguir ilustra o posicionamento pelo qual se transfere ao outro, um amigo, o consumo por jovens.

Sei lá não, eu acho que a maioria dos relacionamentos entre as drogas é a amizade, sabe, como é que é, tem vários tipos de amizade, tem uns que falam que é amigo, mas não é, já está no buraco, é que leva o amigo, são as amizades. (Entrevista com segurança, escola pública, Vitória)

Note-se que comumente os atores entrevistados tendem ao consenso sobre a importância dos amigos na vida dos jovens. Entretanto, destaca-se certa tendência dos adultos de referência – em particular os professores e diretores de escolas – a considerar que os jovens necessitam de tutela e que são influenciáveis. Tal perspectiva não necessariamente encontra eco entre os testemunhos dos jovens.

De fato, nem todos os alunos culpam os amigos pela sua iniciação ou de outros jovens nas drogas. Alguns defendem o uso de drogas como *opção pessoal*, mencionando que os jovens estão bem conscientes dos danos, mas, que mesmo assim, as utilizam. Há, portanto entre os vários discursos sobre drogas, os que ressaltam o livre arbítrio, por opção pessoal. Mas note-se que esta não é propriamente uma postura dominante:

Eu acho que a droga, a pessoa vai se quiser, não é obrigado e muita gente que usa tenta fazer com que as pessoas que estão próximas (...) (Grupo focal com alunos, escola pública, Rio de Janeiro)

Em muitas falas, o juízo de valor de que o que resiste é o forte, enquanto o que consome é estigmatizado como o fraco.

Muitos jovens declaram que aqueles que fazem uso têm personalidade fraca:

Eu acho que geralmente quem pega, entendeu, é fraco da cabeça porque ainda não tem uma opinião formada (...) e eu acho que as pessoas acompanham muito os outros, é fraco, é fraco, não tem opinião formada ainda (...)

É, eu acho que a droga é uma droga (...) é uma fraqueza (...) É uma fraqueza psicológica. Uma forma de preencher um espaço vazio. Exatamente. Então tem todos os meios dele preencher com alegria assim, não aquela alegria de momento e sim eternamente, né? (Grupo focal com alunos, escola pública, Fortaleza)

A fala de alguns diretores sugere um imaginário que associa juventude à imaturidade, o estar em formação ou à "fraqueza" de personalidade, estados que propicia o consumo de drogas, outra peça que faz parte da construção do senso comum sobre o uso de drogas:

(...) porque é mais fácil você assediar um jovem, um traficante assedia um jovem que ainda está formando sua personalidade, certo, muitas vezes eles tem algumas questões não resolvidas com pai e mãe e procuram alguma outra forma pra uma válvula de escape que pode ser a droga, enfim, o jovem é mais suscetível em função de uma personalidade ainda em formação. (Entrevista com diretor, escola privada, Recife)

Para alguns, a orientação para as drogas se associaria a uma **doença**¹⁰. Tal "origem" do uso de drogas é uma hipótese levantada por alguns professores. Há a tendência para uma explicação biológica ou de defesa da predisposição.

¹⁰ Segundo a Organização Mundial de Saúde, esta doença é denominada "dependência". A predisposição biológica não é causa ou motivo para entrar nas drogas, e sim motivo para permanecer.

Tal constituição biológica, para alguns se realizaria sem substrato de motivos sociais, já que, por exemplo, alguns jovens, aparentemente sem problemas (familiares, financeiros ou afetivos) se envolvem, enquanto outros, com problemas, não o fazem. O depoimento a seguir retrata bem a questão, abordada por alguns professores e pais:

Agora é importante, não é que o indivíduo tem tudo, tudo não é só por dinheiro não, tudo estruturado, tudo certinho, e o cara vai para as drogas e às vezes aquele cara que tem um ambiente completamente conturbado não vai para drogas, então como é que você explica isso, quer dizer, talvez seja uma explicação até biológica. (Grupo focal com professores, escola privada, Rio de Janeiro)

Eu acho que é uma doença, eu vejo assim, depois da dependência é uma doença. No início é uma fuga, depois é uma doença. (Grupo focal com professores, escola privada, Distrito Federal)

Um depoimento de pais refere que o uso/abuso de drogas tem origem em uma doença: *isso é uma doença, é o que eu falo.*

No imaginário do corpo técnico-pedagógico, a normalidade é livre de drogas e a recorrência a tais substâncias, o desvio. "Desviam-se", como já se frisou, principalmente, os que são levados pelos amigos. Tais figuras se revelam no depoimento seguinte:

Eu acho que eles estão desvirtuados, não estão no seu senso comum, porque se eles não estivessem eles não usariam, eu acho que é um certo desvio ou, também, até uma aventura momentânea como experimentar, levado por um grupo, pessoas que não tem personalidade, que vão experimentar por experimentar, porque o colega pediu pra experimentar e depois continua, continua se envolvendo, porque eu não acredito que você vai usar droga e passa a gostar imediatamente, como se fosse chupar uma balinha,

então não justifica. (Entrevista com diretor, escola pública, Distrito Federal)

Assim como o "desvio" é comum no discurso sobre consumo de drogas, os atores apontarem para efeitos e motivos, de origem negativos, derivados de tal prática. Assim junto com a referência à drogas, a referência à transgressão e à violência.

Alunos e professores, também apontam que se recorreria à droga com o intuito de alguma **transgressão**. A transgressão pode assumir, considerando depoimentos de alunos, com propósitos os mais diversos, tais como a paquera, ou para estar doidão. Note-se, nos testemunhos seguintes, outra comum referência quando se debate o tema de drogas, sua associação à violência.

Quadro 4.3

Para sustentar o vício

Grupo focal com alunos, escola pública, Distrito Federal; escola pública, Florianópolis

A pessoa que usa, ela quer fazer alguma coisa, não tem coragem, aí ela fuma um baseado e faz aquilo que queria fazer. Então tem coragem de fazer assim, aí ele vai, puxa o negócio, "fica doidão" e consegue, e se alguém entrar na frente dele, ele mata.

Acho que a pessoa viciada, ela fica tão viciada que acaba fazendo loucura, na vida dela começa uma violência, rouba e assalta pra pode sustentar o vício, eu acho que é.

Segundo depoimentos de alunos, violência e transgressão à lei – tais como roubo e criminalidade – são tanto conseqüências como motivos do uso de drogas: (...) *tava comentando um dia que, se consome a droga, é só um passo pra você passar a vender, pra você poder financiar o seu vício, entendeu?*

Há diretores que, como alguns professores e alunos, também defendem que os jovens usam drogas para criar coragem. O que pode ter vários significados, como paquerar: (...) *o colega ao lado usou pra poder chegar na menina, ele é muito tímido, que é muito quietão (...) e eu, pra ficar assim mais corajoso, eu achava que com isso eu ia poder abordar e conseguir ficar com quem eu queria.*

Mas usar droga para criar coragem pode também ter como sentido, ter estímulo para cometer algum tipo de violência:

Os que usam drogas são aqueles que precisam arrumar uma força, uma coragem que não tem sozinhos e acham que com a droga vão encontrar essa força. (Grupo focal professores, escola privada, Maceió)

Alguns jovens quando querem resolver uma (...) eles se drogam primeiro, porque entendem que estando drogados eles são mais fortes, mais valentes. Nós estamos convencidos que ele vai gerar violência, estão aqui cheirando cola de sapateiro, cheirando sua maconha, eu vou dar uma facada em alguém, vou descontar um murro que eu levei. Então esse está com receio. Esse representa a minoria. (Entrevista com diretor, escola pública, Fortaleza)

Foi igualmente citada, por alguns alunos, a **falta de informação** por parte dos jovens como um motivo para o consumo. Mas, atualmente, alegar falta de informação sobre drogas, na visão de um aluno, é inadmissível:

(...) falta de informação e falta de um diálogo. Por isso as pessoas usam drogas. (Grupo focal com alunos, escola privada, Goiânia)

(...) por exemplo, uma pessoa fumando cigarro não sabia que o cigarro viciava, agora quem começa a fumar cigarro só pra (...) acho que com as informações que a gente tem hoje em dia, usar

drogas, transar sem camisinha são coisas que não são mais aceitáveis, com essas informações sobre isso (...) (Grupo focal com alunos, escola privada, Rio de Janeiro)

Mas, entre os diretores, há os que apontam a falta de conhecimento por parte dos jovens como razão para o uso de drogas, afirmando que se os jovens tivessem mais conhecimentos sobre as conseqüências das drogas, dificilmente se envolveriam com elas: *olha eu... tenho opinião, eu acho que as pessoas usam droga até por uma forma de desconhecimento mesmo, porque que essa droga vai causar isso. Ele sabe que a droga é uma droga e não tem retorno, quem se envolve não sai dali.*

Por um lado se os atores ressaltam que as motivações do uso de drogas entre os jovens estariam relacionadas às suas formas de interação social, por outro há aqueles que atribuem o uso de drogas a fatores externos aos indivíduos, ou ainda a processos macro-sociais.

Enquanto nessa linha, alguns atores citam pobreza, desemprego e o ter que lidar com problemas de uma sociedade pautada por desigualdades sociais, há alunos que não acreditam que a **exclusão social** ou uma situação financeira menos favorável sejam causas de uso de drogas, pois, como lembram, há jovens de classe média e alta que fazem uso: *(...) por mais que uma pessoa tenha dificuldade na vida, ou financeiramente, ou com os pais, acho que não influencia ninguém estar fumando, porque tem gente que vive tão bem com a família, tem dinheiro, tem isto, tem aquilo, filho de papai, que necessidade tem?*

Mas para outros, o interesse dos jovens pelas drogas decorre, como comentado, da exclusão social por eles vivenciada. A droga, nesse caso, seria um meio de ganhar dinheiro fácil, de modo a possibilitar o acesso a bens materiais daqueles que detêm maior poder aquisitivo, como boas roupas: *Falta de perspectiva de futuro. Eles estão buscando a felicidade, agora que eles acham que através da droga eles vão, porque momentaneamente eles ficam mais excitados, eu acho que aquilo para eles é o auge...*

Assim como os alunos, alguns diretores também apontam a falta de oportunidades na vida e a exclusão social. O contexto de miséria vivido por muitos jovens é, segundo eles, decisivo no sentido de levá-los ao uso de drogas.

Por outro lado considera-se que as drogas funcionariam como válvula de escape – durante o uso os jovens, ainda que momentaneamente, esquecem da realidade e de seus problemas:

É a vida dele, é aquele que se sente sem rumo, é aquele de família desorganizada, é aquele que, na sua história de vida, não tem objetivos, é aquele que não tem, é o desempregado, é o desesperado. (Entrevista com diretora, escola pública, Fortaleza)

Emprego, falta de assistência médica, lazer, comida. Está tudo assim se perdendo, então eles não têm uma sustentação, não têm um porto seguro pra procurar e aí passa o primeiro que dá aquele apoio, dá aquela a fim de ficar amigos, embarcam (...) se sentem muito carentes. (Entrevista com vice-diretora, escola pública, Distrito Federal)

Ainda que os discursos sobre o porquê das drogas entre jovens tenda a privilegiar uma outra dimensão, há quem reconheça que a questão é complexa e que seriam vários os fatores que se entrelaçam formando uma constelação de agentes que desencadeiam o consumo, a busca de drogas pelos jovens. Há, por outro lado, quem considere que os motivos variam de acordo com biografias individuais. Assim, um diretor observa a complexidade de apontar uma ou outra causa, dado que cada jovem que usa drogas, o faz por um motivo específico que, não necessariamente, é igual ao de outro:

Eu acho que é a necessidade de alguma coisa. Isso depende de cidadão para cidadão. Cada um tem um motivo para usar drogas, cada um com um motivo. Um com motivo de família,

outro porque a namorada abandonou, por motivo financeiro ou acha bonito usar drogas, ficar valente, cada um tem um motivo diferente. (Entrevista com diretor, escola pública, Salvador)

Os pais apontam ainda outras razões para o uso, tais como a **falta de perspectiva** de alguns jovens e muitas vezes também pela falta de cobrança, principalmente por parte dos pais:

A sensação que a droga passa pra eles é muito boa em relação a tudo que eles tem levado e como não tem uma perspectiva, não tem cobranças, cobranças no sentido assim dele ser um cidadão, dele ser um futuro, ele nessa comunidade, a importância dele na escola, no mundo aí fora quase sem importância na família, então ele, "viajar", "sentir que está em outro local". (Grupo focal com pais, escola privada, Vitória)

Segundo um pai, alguns jovens são levados a usar ou mesmo a traficar, por indução dos próprios pais: *tem mãe que gosta porque o filho, desse modo, traz dinheiro para casa.*

Em síntese, sobre motivações ao uso de drogas pelos jovens, é amplo o leque de posições, tendendo os adultos a enfatizarem, alguns, como os que as drogas estariam mais afinadas com formas de uma geração, suas buscas, fantasias e ritos de sociabilidade, como querer ser parte do grupo. Já outros, enfatizam faltas, problemas, frustrações quer existenciais, quer institucionais (culpando muito a família, por exemplo). Não há propriamente identidades singulares nas falas de jovens, que destaquem as posições dos alunos como diferentes das dos adultos, quando o tema é motivação para drogas.

De fato os jovens, em grande medida, alinham suas percepções ao encontrado nos discursos dos adultos. Contudo, se nos depoimentos dos jovens, assim como nos dos adultos também se faz menção que o consumo de drogas tem o sentido de

busca por prazer ou por curiosidade. No caso dos alunos, não se apresentam muitas qualificações porque se busca o prazer. Já nas falas de adultos o prazer estaria associada a perdas, faltas ou frustrações e qualificado como ilusão, se associado à drogas.

A maioria dos atores tende a pinçar como motivações para drogas questões existenciais, pessoais, ou a influência de outros, os amigos, em particular, do grupo. A dependência de drogas é também citada, mas por poucos e mais entre membros do corpo técnico-pedagógico.

Alguns poucos se referem à disponibilidade de drogas, à ação do mercado (incluindo o tráfico e a propaganda subliminar nos meios de comunicação). São escassas, mas há, tanto entre alunos, como pais e professores, os que destacam fatores externos, macro-sociais, como a exclusão social e um mal estar sócio-cultural, como a falta de perspectivas e uma forma de inclusão em um modo de ser culturalmente legítimo.

4.9. QUEM USA

Nesta seção se analisa as diferentes pessoas – amigos, parentes, namorados e conhecidos em geral – que os atores (alunos, corpo técnico-pedagógico e pais) referem usar drogas ilícitas.

Para Salles (1988: 137), a questão do *quem usa drogas* é vista da seguinte forma:

Os adolescentes, de uma forma geral, revelam que têm contato com pessoas que usam drogas ilícitas. (...). O convite para experimentar drogas ilícitas, por um amigo ou por um conhecido, é relatado por vários adolescentes aos quais foi oferecida maconha, sendo o contato com drogas pesadas menos freqüente. (...) Isto pode indicar que o contato com drogas ilícitas faz parte das experiências de vida

dos adolescentes. Definem, em sua maioria, o usuário como seu amigo ou fazem referência a um conhecido. O contato com drogas ilícitas, embora de forma menos freqüente, ocorre também por meio de parentes – primos, irmãos, pais, tios e/ou ex-namorado.

Os alunos, como já discutido, citam os amigos e colegas como as fontes mais fáceis de abastecimento – têm a droga e ensinam como utilizá-la –, seguida pelos passadores (aviões e laranjas) ou traficantes, farmácias, fabricação caseira, etc. Mas o grupo é mais destacado. Contudo se admite, como no depoimento seguinte que há margem para o exercício do arbítrio, recusando a prática sugerida por amigos:

(...) "uma menininha fumava, fumava, ficava assim experimental, experimental", daí fiquei curiosa, as outras todas fumando, aí eu assim, (...) quando eu fumei, sabe, tinha que engolir, joguei a fumaça toda pra fora e nunca mais fumei maconha, nem sabia como fumava também. (Grupo focal com alunos, escola pública, Florianópolis)

A influência e o papel dos pais com relação ao uso de drogas também são discutidos por alguns autores. Contudo tende-se a considerar que os amigos têm importância maior na influência ao hábito de consumo de drogas. Swadi (1988, in: Alencar, 1988a) ao analisar o papel da família e dos amigos entre estudantes londrinos, identificou tendência cinco vezes maior de uso habitual em jovens que afirmam ter pais usuários de algum psicotrópico, mas detectou uma influência externa ainda maior, determinada pelo fato de que o estudante que convive com amigos que usam, têm uma probabilidade três vezes maior de fazê-lo regularmente. Do mesmo modo, Dishion (1985, *apud op. cit.*) defende a tese de que o uso de drogas pelos adolescentes está associado a processos

familiares, mas que a inserção mais geral em outros grupos sociais é tão ou mais importante que a família.

Alguns alunos, tanto de escolas particulares quanto de públicas, conhecem – ou até mesmo mantêm um maior contato – com usuários de drogas. A partir de alguns depoimentos, foi possível perceber que a existência de parentes (pais, irmãos, tios) ou amigos usuários parece ter um efeito ambíguo sobre os jovens, na medida em que alguns afastam-se das drogas, justamente devido a tais exemplos, enquanto outros seguem usando por influência.

Por outro lado, há também os que os relatam experiências negativas vividas com pessoas próximas, em função dos problemas decorrentes do uso: *(...) eu não consumo porque já sofri muito com isso (...) eu perdi um namorado por causa disso, não porque ele tenha morrido, mas porque ele não aceitou, eu não aceitei o lado dele por ele ser um viciado extremamente viciado, então isso estraga a vida das pessoas (...)*

A experiência de amigos e parentes consumidores de drogas é lembrada por alunos não só pela influência, mas também como imagem negativa, o que contribuiria para afastar outros das drogas:

É difícil ter consciência quando a droga toma conta do seu organismo, não é tua dependência química, então passa a ser do vírus da droga, então acho que não é uma coisa boa nunca, tanto é que uma amiga minha ficou internada quase um ano por causa da cocaína e ela chorava, em total estado de depressão porque continuava dizendo "eu quero parar", então a pessoa não consegue, tem que buscar uma ajuda, droga só tem uma consciência de que não é bom, faz mal, reabilita mas não consegue mais, precisa de amigos que continuam te oferecendo cada vez mais fundo, e cada vez mais difícil. (Grupo focal com alunos, escola privada, Porto Alegre)

É porque eu tenho um tio que é do interior, ele é viciado e trabalha. Pode até ter força para trabalhar porque ele tem plantação de mandioca e faz farinha, mas ele é viciado, ele fuma maconha pura, mas ele faz aquilo para trabalhar. (Grupo focal com alunos, escola pública, Belém)

Alguns alunos chegaram a relatar o drama vivido por esses parentes e suas famílias em decorrência do vício. Esses alunos, em diálogo, mostram que essa vivência é freqüente, próxima e dramática. Justamente por terem vivenciado mais de perto a realidade de um dependente químico, parecem ter maior noção dos malefícios advindos do vício para o usuário:

Quadro 4.4

Meu tio, o meu também, meu irmão...

Grupo focal com alunos, escola pública, Porto Alegre

Eu sempre me controlo em relação a isso porque eu já tive casos dentro de casa, meu irmão quase morreu de overdose de cocaína, então já (risos), não, não é negócio pra rir não é negócio sério. Então eu já tive como exemplo né. (...) Mais velho. Tem quase trinta anos. Eu vi quase o cara morrer. Meu tio também. Meu tio usava, só que ninguém nunca soube que tipo de droga que ele usava, mas ele teve que ser internado, tudo agora, eu acho que ele não usa mais né, porque ele tá bem, só bebe de vez em quando. Meu tio também. O meu eu não sei se ele continua, mas o caso dele tá feio, eu acho que ainda faz. Meu irmão. Queimou tudo né, fica meio louco né porque ele vivia dopado né pra não sentir vontade, ele vivia assim abobado, parece que estava em outro mundo.

Mas assim como alguns alunos, também há professores que acreditam ser a presença de parentes usuários, uma razão do consumo, enfatizando que o exemplo está vindo de dentro da própria família:

(...) muitos adolescentes hoje, cujos pais são dependentes, então o pai era dependente, então às vezes o exemplo está vindo de dentro da própria família e os pais quarentões são "hipongas" hoje. (Grupo focal com professores, escola privada, Distrito Federal)

Há, entre os pais, quem admita já ter consumido ou experimentado drogas, como pode ser constatado a partir dos depoimentos a seguir.

Fico preocupado, mas não um medo que me congele entendeu, porque eu própria já cheguei a experimentar cocaína uma vez, eu disse não, eu não quero, meu ritmo não é esse, eu não quero viver acelerado, sabe, ficar ligado o tempo todo, para trabalhar doze, vinte e quatro, quarenta e oito horas em alguma coisa, o meu ritmo é muito mais lento (...) (Grupo focal com pais, escola pública, Salvador)

(...) eu já usei várias drogas, experimentando e curtindo socialmente, você pode beber socialmente, ou pode fumar maconha socialmente, sem que isso gere nenhuma violência, nenhum crime, nenhum problema maior dentro da sociedade, eu acho que é esse balanço que tem que ser descoberto por cada um individualmente e até no grupo que você está. (Grupo focal com pais, escola pública, Salvador)

4.10. PERCEPÇÕES SOBRE DROGAS, SUAS CONSEQÜÊNCIAS E O USUÁRIO

Este item tem por objetivo analisar a percepção de cada um dos três atores sobre os seguintes aspectos: o que são drogas, como percebem o uso e suas conseqüências e a compreensão sobre o usuário.

As drogas fazem parte do universo de quase todos os entrevistados, sendo comentadas em casa, com amigos e na escola. Por outro lado, é interessante chamar a atenção para a ênfase em cada abordagem. Os pais, na maioria das vezes, falam com o objetivo de alertar para os perigos; a escola, por sua vez, prioriza a informação; já no grupo de amigos conversa-se sobre os efeitos das substâncias e o comportamento dos usuários.

4.10.1. O que são drogas

A percepção dos alunos sobre os produtos considerados drogas (Tabela 4.17) é clara. A maconha, a cocaína em pó e o crack são as mais referidas, com índices em torno dos 95%. Os inalantes são considerados drogas por 85% dos alunos entrevistados, seguidos por lança-perfume, com 65,3%. É interessante destacar que a merla – um subproduto da cocaína e altamente tóxico – não é tão conhecida na grande maioria das capitais, principalmente no Norte/Nordeste. Provavelmente isto se deva ao fato de que este produto, atualmente, está concentrado, e é mais conhecido, em Goiânia e no Distrito Federal, onde atinge o mesmo patamar de reconhecimento que a maconha, a cocaína e o crack. A merla, por sua vez, é considerada a "droga de Brasília". Segundo Abramovay et al. (1999: 179):

As drogas, principalmente o álcool, os remédios e a maconha, são utilizadas constantemente. Porém, a merla é mal vista pela maioria dos entrevistados, apesar de também ser muito utilizada.

Depoimento de alunos em grupo focal confirma as informações acima sobre os produtos considerados drogas: *Maconha; tabaco e também álcool. Lança; benzina; maconha, craque, merla. Tem injetáveis também.*

Tabela 4.17

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por produtos que consideram drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Produtos que os alunos consideram drogas					
	Maconha	Cocaína pó	Crack	Merla	Cola/inalantes	Lança-perfume
Manaus	96,1	95,9	92,6	52,1	82,5	53,1
Belém	96,5	96,9	94,6	56,9	83,5	62,6
Fortaleza	96,3	95,9	94,3	51,8	83,5	69,0
Recife	95,7	96,7	95,3	50,0	83,1	77,8
Maceió	96,8	97,1	96,1	67,1	85,9	80,2
Salvador	93,2	93,5	91,3	55,3	82,5	72,0
Vitória	96,5	97,7	96,8	60,0	86,9	62,0
Rio de Janeiro	96,2	97,8	96,4	49,7	86,6	57,0
São Paulo	94,6	96,3	95,1	63,8	84,7	61,1
Florianópolis	95,3	97,1	96,3	62,3	90,1	77,5
Porto Alegre	93,8	96,5	94,8	60,1	88,4	68,3
Cuiabá	96,5	95,9	95,0	66,0	84,7	72,8
Goiania	96,7	96,1	96,3	94,4	87,1	74,7
Distrito Federal	97,0	97,2	96,4	96,7	87,3	73,0
Média	95,4	96,3	94,9	62,0	85,0	65,3
N.º Absoluto	4.300.453	4.342.709	4.278.671	2.792.985	3.830.669	2.941.695

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Entre as coisas abaixo, marque todas as que você considera drogas: maconha, lança-perfume, clorofórmio, anfetamina, calmante, decalanabolizante, bebida alcoólica, merla, crack, xarope, cola, inalantes, cocaína pó e cigarro comum.*

Situação semelhante é encontrada na percepção de membros do corpo técnico-pedagógico e dos pais pesquisados (Tabelas 4.18 e 4.19), diferenciando-se apenas a maconha, a cocaína pó, o crack, os cola/inalantes e o lança-perfume, com índices ligeiramente superiores aos encontrados entre os alunos.

Em relação à merla, existem dois padrões distintos de percepção. Por uma parte, os três atores das capitais do Centro-Oeste reconhecem a importância deste tipo de droga na região e

apresentam índices muito superiores à média, no caso de Goiânia e Distrito Federal. O patamar destes índices de percepção da merla, nestas capitais, se situa muito próximo à média das drogas mais conhecimento – maconha, cocaína e *crack*.

Tabela 4.18

Corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por produtos que consideram drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Produtos que os membros do corpo técnico-pedagógico consideram drogas					
	Maconha	Cocaína pó	Crack	Merla	Cola/inalantes	Lança - perfume
Manaus	98,8	99,4	99,4	41,1	93,5	87,5
Belém	97,5	97,9	98,3	50,4	95,9	85,1
Fortaleza	98,9	99,4	98,9	36,0	93,8	83,1
Recife	98,6	99,3	97,9	29,1	97,9	85,8
Maceió	98,6	99,7	97,6	35,1	92,6	87,8
Salvador	96,1	99,4	97,2	45,5	94,4	86,5
Vitória	98,4	100	98,4	46,5	90,9	87,2
Rio de Janeiro	97,8	99,6	98,9	42,9	92,5	86,6
São Paulo	98,4	99,6	99,2	51,4	94,9	87,0
Florianópolis	96,6	98,3	96,0	48,9	93,3	91,0
Porto Alegre	97,4	98,7	95,0	45,2	96,0	85,8
Cuiabá	98,8	99,6	99,6	66,1	93,5	62,3
Goiânia	98,4	100	99,5	98,4	94,2	82,6
Distrito Federal	97,7	98,5	99,2	97,7	87,9	90,9
Média	98,0	99,3	98,2	51,2	93,8	87,7
N.º Absoluto	2.903	2.940	2.908	1.517	2.778	2.598

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001. Foi perguntado ao corpo técnico-pedagógico: *Entre as coisas abaixo, marque todas as que você considera drogas: maconha, lança-perfume, clorofórmio, anfetamina, calmante, decatanabolizante, bebida alcoólica, merla, crack, xarope, cola, inalantes, cocaína pó e cigarro comum.*

Tabela 4.19

Pais de alunos, por produtos que consideram drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Tipos de produtos que os pais de alunos consideram drogas					
	Maconha	Cocaína pó	Crack	Merla	Cola/ inalantes	Lança- perfume
Manaus	97,4	98,3	97,0	58,5	90,0	82,2
Belém	99,2	99,7	98,4	61,8	92,5	81,4
Fortaleza	98,4	99,2	98,6	55,5	93,4	86,0
Recife	98,6	98,3	97,9	46,0	91,2	88,2
Maceió	98,7	98,9	98,6	58,5	91,8	91,2
Salvador	91,9	98,4	97,4	58,0	95,0	87,5
Vitória	99,4	99,7	99,3	59,5	96,0	87,1
Rio de Janeiro	99,4	99,7	99,2	53,3	96,4	86,5
São Paulo	98,2	99,3	98,2	61,3	93,4	84,4
Florianópolis	92,9	99,2	98,3	62,9	96,3	91,0
Porto Alegre	98,3	99,4	98,3	56,8	95,6	86,4
Cuiabá	98,8	98,5	97,9	76,4	93,0	88,2
Goiânia	98,9	98,6	97,9	97,6	94,5	91,3
Distrito Federal	99,0	99,8	97,8	96,8	93,7	89,5
Média	97,8	99,0	98,2	63,4	93,7	87,2
N.º Absoluto	14.170	14.345	14.230	9.188	13.567	12.634

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
 Foi perguntado aos pais: *Entre as coisas abaixo, marque todas as que você considera drogas: maconha, lança-perfume, cloroformio, amfetamina, calmante, decalanabolizante, bebida alcoólica, merla, crack, xarope, cola, inalantes, cocaína pó e cigarro comum. (marque todas as verdadeiras)*

4.10.2. Como percebem o uso e suas conseqüências

Pelas informações da Tabela 4.20, 85,8% dos estudantes considera, em primeiro lugar, o uso de drogas como um problema, um perigo, uma ameaça; em segundo lugar, como uma doença (11,3%) e, por último, alguns as percebem como algo normal (2,9%).

Tabela 4.20

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por opinião sobre uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Opinião dos alunos sobre uso de drogas			Total
	Um problema, um perigo, uma ameaça	Uma doença	Uma coisa normal	
Manaus	83,4	15,0	1,6	100,0
Belém	86,3	12,4	1,3	100,0
Fortaleza	81,7	16,2	2,2	100,0
Recife	85,5	11,6	2,9	100,0
Maceió	87,2	10,1	2,6	100,0
Salvador	85,9	11,4	2,7	100,0
Vitória	85,0	11,5	3,5	100,0
Rio de Janeiro	85,6	11,5	2,9	100,0
São Paulo	87,2	9,7	3,1	100,0
Florianópolis	87,7	8,8	3,6	100,0
Porto Alegre	84,1	11,1	4,7	100,0
Cuiabá	85,9	10,4	3,7	100,0
Goiânia	84,8	11,7	3,4	100,0
Distrito Federal	86,7	9,9	3,4	100,0
Média	85,8	11,3	2,9	100,0
N.º Absoluto	3.725.929	493.814	126.931	4.373.673

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Você considera o uso de drogas: uma coisa normal; uma doença; um problema, um perigo, uma ameaça.*

Quando se relaciona a freqüência de uso com a percepção deste uso pelos alunos (Tabela 4.21) observa-se que, quem nunca usou ou experimentou e não usa mais e mesmo quem usa

regularmente, em sua grande maioria considera as drogas um perigo. Interessante notar o comportamento da variável de uso regular para Maceió, onde somente 54% dos alunos que usam com frequência consideram um perigo, enquanto 41,5% acham que é algo normal.

Vale ressaltar que uma média de 68,7% dos jovens que fazem uso freqüente tem a percepção do problema/perigo/ameaça, contra apenas 24,1% que encaram como normal e reduzidos 7,2% os que compreendem ser uma doença.

Na categoria dos que já experimentaram, não foi observada diferença nos índices referentes aos que consideram uma coisa normal e uma doença – é de 8,9% em ambos os casos. Esses mesmos experimentadores referem ser um problema/ameaça/perigo em 82,2% dos casos.

Tabela 4.21

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por opinião sobre uso de drogas ilícitas, segundo frequência de consumo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Opinião dos alunos sobre uso por frequência de consumo de drogas ilícitas				
	Frequência de consumo	Opinião dos alunos sobre uso de drogas			
		Problema/perigo/ameaça	Uma coisa normal	Uma doença	Total
Manaus	Usam com frequência	71,2	16,7	12,0	100,0
	Já experimentaram	83,5	5,7	10,8	100,0
	Nunca usaram	83,7	1,0	15,3	100,0
Belém	Usam com frequência	68,5	24,9	6,6	100,0
	Já experimentaram	84,7	6,9	8,3	100,0
	Nunca usaram	86,6	0,9	12,5	100,0
Fortaleza	Usam com frequência	73,0	15,3	11,7	100,0
	Já experimentaram	80,6	6,2	13,2	100,0
	Nunca usaram	82,0	1,6	16,4	100,0
Recife	Usam com frequência	67,2	22,8	10,0	100,0
	Já experimentaram	86,4	6,8	6,8	100,0
	Nunca usaram	85,8	2,3	11,9	100,0
Maceió	Usam com frequência	54,1	41,5	4,4	100,0
	Já experimentaram	85,3	7,2	7,6	100,0
	Nunca usaram	88,0	1,7	10,4	100,0

Tabela 4.21 (Cont.)

Capitais	Opinião dos alunos sobre uso por freqüência de consumo de drogas ilícitas				
	Freqüência de consumo	Opinião dos alunos sobre uso de drogas			
		Problema/ perigo/ ameaça	Uma coisa normal	Uma doença	Total
Salvador	Usam com freqüência	70,6	21,8	7,6	100,0
	Já experimentaram	81,3	10,0	8,8	100,0
	Nunca usaram	86,6	1,7	11,6	100,0
Vitória	Usam com freqüência	68,6	27,2	4,2	100,0
	Já experimentaram	87,7	6,4	5,9	100,0
	Nunca usaram	85,5	2,3	12,2	100,0
Rio de Janeiro	Usam com freqüência	71,9	24,9	3,2	100,0
	Já experimentaram	82,8	5,9	11,2	100,0
	Nunca usaram	86,2	1,9	11,8	100,0
São Paulo	Usam com freqüência	69,4	24,6	6,0	100,0
	Já experimentaram	81,1	9,6	9,3	100,0
	Nunca usaram	88,3	1,9	9,8	100,0
Florianópolis	Usam com freqüência	71,8	23,5	4,7	100,0
	Já experimentaram	84,2	10,8	5,0	100,0
	Nunca usaram	88,7	2,0	9,3	100,0
Porto Alegre	Usam com freqüência	67,1	26,8	6,1	100,0
	Já experimentaram	80,3	13,3	6,4	100,0
	Nunca usaram	85,7	2,3	11,9	100,0
Cuiabá	Usam com freqüência	63,5	32,5	4,0	100,0
	Já experimentaram	88,7	9,1	2,2	100,0
	Nunca usaram	86,5	2,5	11,0	100,0
Goiânia	Usam com freqüência	61,0	28,8	10,2	100,0
	Já experimentaram	85,6	7,8	6,5	100,0
	Nunca usaram	85,7	2,3	12,1	100,0
Distrito Federal	Usam com freqüência	63,0	23,3	13,6	100,0
	Já experimentaram	80,0	13,0	7,1	100,0
	Nunca usaram	88,0	2,1	9,9	100,0
Média	Usam com freqüência	68,7	24,1	7,2	100,0
	Já experimentaram	82,2	8,9	8,9	100,0
	Nunca usaram	86,6	1,9	11,6	100,0
N.º Absoluto	Usam com freqüência	93.440	32.714	9.776	135.930
	Já experimentaram	182.235	19.659	19.790	221.684
	Nunca usaram	3.477.254	74.557	464.247	4.016.058

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
 Foi perguntado aos alunos: *Com que freqüência você usou ou usa drogas? (todo dia/quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou)? Cruzado com: Você considera o uso dessas drogas: uma coisa normal; uma coisa normal; um problema, um perigo, uma ameaça? (marque uma só resposta)*

É possível perceber que para os alunos, independente do fato de serem ou não usuários, informam que o consumo de drogas faz mal à saúde e condenam as drogas. Percebe-se, também, uma certa assimetria entre prática e percepção, uma vez que, apesar de muitos a considerarem uma ameaça/um perigo, mesmo assim as usam.

Considerando as percepções sobre os efeitos das drogas, os alunos destacam a dependência, a autodestruição, a destruição da família e a violência. Contudo, não há um consenso sobre tais efeitos e alguns reconhecem que entre esses e outros efeitos, como o de se viciar, se infiltra um, com bastante poder de sedução – o prazer –, o que mais dificulta que tenha algum efeito contra o consumo, apelar para proibições e repressões:

Droga dá prazer, mas só que vicia e tal. (Grupo focal com alunos, escola privada, Cuiabá)

Cada um faz o que quiser, você quer se matar de pouquinho em pouquinho, se mata. (Grupo focal com alunos, escola privada, Cuiabá)

Droga assim maconha, cocaína, craque, quando começar a ficar sério, leva as outras pessoas com ele, estraga a família, entendeu. Por esse lado, aí você já tem que entrar um pouco, interferir, se muito próximo a você. Se não for, você não pode proibir. (Grupo focal com alunos, escola privada, Cuiabá)

Eu acho que droga só usa aqueles que não são fortes, que não sabem o risco que ela está causando ou que se deixam levar, porque droga não vai levar você a lugar nenhum, só ao desespero da família, à morte, à doença, ao desgaste. (Grupo focal com alunos, escola pública, Maceió)

Assim como para os estudantes, 84,8% do corpo técnico-pedagógico do conjunto das capitais destaca o uso de drogas como um problema, um perigo e uma ameaça, enquanto para 14% destes, é uma doença.

Entre as capitais, Porto Alegre sobressai da média, com 22,1% dos educadores opinando que droga é uma doença. (Tabela 4.22). Considerando-se o conceito uma coisa normal, Salvador apresenta um índice mais de duas vezes superior à média das capitais – 1,6 contra 0,6%.

Tabela 4.22

Corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por opinião sobre uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Opinião de membros do corpo técnico-pedagógico sobre uso de drogas			Total
	Um problema, um perigo, uma ameaça	Uma doença	Uma coisa normal	
Manaus	84,7	14,4	0,8	100,0
Belém	85,9	13,6	0,6	100,0
Fortaleza	81,0	19,0	0	100,0
Recife	86,0	13,2	0,8	100,0
Maceió	84,5	14,6	0,8	100,0
Salvador	84,9	13,5	1,6	100,0
Vitória	85,7	13,6	0,7	100,0
Rio de Janeiro	84,4	15,1	0,5	100,0
São Paulo	84,2	15,3	0,5	100,0
Florianópolis	84,9	14,4	0,7	100,0
Porto Alegre	77,5	22,1	0,5	100,0
Cuiabá	89,5	10,0	0,5	100,0
Goiânia	87,5	12,5	0	100,0
Distrito Federal	87,9	12,1	0	100,0
Média	84,8	14,7	0,6	100,0
N.º Absoluto	1.880	325	13	2.218

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001
 Foi perguntado ao corpo técnico-pedagógico: *Você considera o uso de drogas: uma coisa normal; uma doença; um problema, um perigo, uma ameaça?*

Como já discutido em outros itens, muitos alunos defendem que a droga não causa necessariamente dependência, pode-se entrar e sair, então seria normal o fato de jovens acharem que o uso de drogas pode ser totalmente controlado. Na visão de alguns diretores de escolas públicas ou particulares, tal perspectiva contribui para atenuar a percepção sobre a gravidade do uso:

Usar maconha, não drogas, pra maioria não pra todos, alguns não teriam, agora, me parece assim que usar a maconha, no conceito deles é normal. Eu tenho uma confusão em relação a isso, li bastante ultimamente, e não consegui formar um conceito. (Entrevista com diretora, escola privada, Porto Alegre)

E eles sempre colocam assim, que é uma coisa muito normal, muito natural, e que param a hora que quiserem... (Entrevista com diretora e coordenadora, escola privada, São Paulo)

Mas membros do corpo técnico-pedagógico tendem a questionar que os jovens teriam a idéia de normalidade de consumo, ao contrário, sublinham que os jovens sabem não só que seria perigoso o uso, mas que os usuários devem se controlar para não morrer de overdose, pois perdem a noção da realidade. Para alguns professores, de fato, não seria por falta de conhecimento de possíveis conseqüências negativas do uso, em particular da dependência de drogas, que os jovens se sentem atraídos ao consumo.

Para alguns professores, a perspectiva de banalizar ou considerar a droga como algo normal seria comum entre os jovens e uma atitude própria da juventude, ressaltando que são várias as conseqüências do uso de drogas pelos jovens, como a dependência e a desestruturação do indivíduo e da família:

Terrível uma pessoa que faz uso de drogas, para mim é beco sem saída, ainda mais quando eles usam nessa fase de adolescência,

prejudica toda parte dos neurônios e a maioria, se não tiver um acompanhamento rápido, acaba se tornando um viciado. Primeiro começam com um cigarro, depois vem a maconha até passar para uma droga mais pesada. (Entrevista com diretor, escola privada, Florianópolis)

Bom, minha opinião sobre as drogas é que ela vai aos poucos desestruturando a pessoa. Pode ser que no começo não apareça tanto essa destruição. (Entrevista com diretor, escola privada, Salvador)

Na visão dos diretores, entre as conseqüências advindas do uso estão não só a destruição dos usuários, como também a da própria sociedade:

A droga é autodestruição de toda uma sociedade, que a droga não destrói só a si, destrói a si, toda uma família, a todos que, num raio das suas conseqüências atingem. Então a droga tem conseqüências desastrosas, porque desgraça a vida de muita gente, são as suas conseqüências. (Entrevista com diretora, escola pública, Fortaleza)

Em um grupo focal, mães se referem, em seu depoimento, que o uso de drogas é uma doença: *Isso é uma doença, é o que eu falo, não pode fazer a primeira vez desde o momento que fez.*

A maioria do corpo técnico-pedagógico, de fato, não vê com naturalidade o uso de drogas por parte dos jovens diferindo, portanto, da perspectiva expressa por alguns jovens que defendem ser normal o uso de drogas entre eles. Porém, há membros do corpo técnico-pedagógico que se espantam ao perceber o quanto elas fazem parte do cotidiano de seus alunos, pois não imaginam que estejam presentes no ambiente escolar de forma tão "normal":

Pior que eu não acreditava que fosse tão normal os jovens fazerem uso de drogas, mas eu comecei a circular entre eles no meio de uma festa junina e vi fumando maconha. (Entrevista com diretor, escola pública, Florianópolis)

Para eles é "normal" [o consumo de drogas], até então eles têm uma consequência e para eles é normal. Consumo de drogas para os jovens é normal. (Entrevista com diretor, escola pública, Cuiabá)

4.10.3. Percepção sobre os usuários

Para cerca de 76% dos alunos das capitais pesquisadas (Tabela 4.23) os jovens usuários de drogas são pessoas com problemas e que necessitam de ajuda, o que relativiza a idéia de que os jovens consideram normal o uso ou quem as usa. Os índices mais significativos estão em Belém, Fortaleza, Goiânia e Manaus, situados um pouco acima da média observada para o conjunto das capitais. Também pouco mais da metade dos alunos considera os usuários como otários, que vão se dar mal. Finalmente, um pouco menos de um quarto dos estudantes opinam que não são diferentes dos outros jovens.

Tabela 4.23

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por opinião sobre jovens que usam drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Opinião de alunos sobre jovens que usam drogas (1)			
	Uns caras legais que sabem das coisas	Uns otários, vão se dar mal	Pessoas com problemas, precisam de ajuda	Não são diferentes dos outros jovens
Manaus	3,5	54,2	78,5	17,4
Belém	2,5	44,2	85,1	16,2
Fortaleza	4,9	52,0	79,2	18,5
Recife	5,1	54,2	77,2	19,7
Maceió	5,4	60,3	76,7	20,1
Salvador	5,9	54,4	71,9	19,8
Vitória	4,8	53,4	78,1	21,7
Rio de Janeiro	3,0	51,3	77,5	18,9
São Paulo	3,1	51,5	73,5	21,6
Florianópolis	3,7	46,9	74,0	27,1
Porto Alegre	3,1	52,1	72,8	25,5
Curabá	6,2	48,9	76,7	22,8
Goiânia	4,5	45,3	78,7	20,2
Distrito Federal	3,9	49,8	76,5	19,9
Média	3,8	51,6	75,9	20,3
N.º Absoluto	177.819	2.388.991	3.517.187	938.728

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *na sua opinião, os jovens que usam drogas são: uns caras legais, que sabem das coisas; uns otários, vão se dar mal; pessoas com problemas, precisam de ajuda; não são diferentes dos outros jovens.* (marque todas as que forem verdadeiras)

(1) As respostas não são auto-excludentes.

A percepção de que o usuário de drogas precisa de ajuda é encontrada também em depoimentos de alunos:

Eu acho que essas pessoas precisam de ajuda. (...) Porque elas são pessoas que não vão ter um futuro, eu acho que não. Eu conheço um cara que fuma, mas eu já estou acostumado, ele fuma e tudo, mas tem o trabalho dele. (Grupo focal com alunos, escola pública, Recife)

4.11. USO E RELACIONAMENTO FAMILIAR

Não necessariamente encontra respaldo na literatura a ênfase na família como importante condicionante ao consumo de drogas. A falta de diálogo em casa e as brigas familiares não necessariamente levam os jovens a procurar as drogas. Porém, tal contexto associado a outros fatores como a influência e a pressão dos amigos, a curiosidade e os conflitos existenciais, podem fazer com que aumente a possibilidade de os jovens virem a usar drogas.

Conger (1998), resumindo propostas de diversos autores, enfatiza que a família é apenas um entre os vários contextos que interagem entre si e que afetam as trajetórias juvenis, não sendo, portanto, fator de influência determinante para uso e abuso de drogas e do comportamento delinqüente em jovens. Já Elder e Caspi (1988, *apud op. cit.*) constatam que comportamentos paternos hostis conduzem a atitudes anti-sociais, enquanto Conger e colaboradores (1994, *apud op. cit.*) afirmam que o uso de substâncias psicotrópicas por adolescentes tem maiores possibilidades de ocorrer se a infância transcorreu em um lar onde a hostilidade e a coercitividade eram elementos presentes na vida familiar cotidiana e onde os pais não se fizeram presentes no desenvolvimento de seus filhos.

Na linha de considerar que a família tem papel básico no quadro de consumo de drogas, Bearman et al. (2001) enfatizam que pais presentes contribuem para a poderosa redução da chance de os jovens fumarem, beberem e usarem drogas, ou seja, conseguem contrastar os efeitos negativos e a influência que a mídia pode ter no comportamento de crianças e adolescentes.

No Brasil, estudos revelam a existência de risco para uso de drogas, tanto para jovens oriundos de famílias divorciadas quanto daquelas cujos pais não são separados, desconstruindo, assim, um imaginário de que o tipo de família, como a de pais separados, é mais propícia na indução dos filhos para as drogas. Mas não

há consenso sobre o lugar da família na trajetória de jovens quanto às drogas.

Por exemplo, para Siqueira (1993), a participação dos pais é de fundamental importância no processo de amadurecimento, podendo funcionar tanto como fator de proteção quanto de risco. Adultos com posturas mais positivas, afetivas e receptivas frente aos anseios, dúvidas e necessidades dos jovens, certamente serão fatores protetores, ao passo que autoritarismo e intransigência poderão funcionar como fatores de risco.

Conger (1988 *op. cit.*), diz que na biografia dos jovens tenderiam, em certas fases, os amigos serem a referência de mais peso, minimizando-se, assim, o poder da família na ordenação de comportamento e de vontades dos jovens.

O seguinte depoimento de um aluno, colhido para esta pesquisa, ilustra o mesmo que a literatura menciona, ou seja, a relação entre violência familiar e uso de drogas pelos jovens, e, principalmente, a falta de diálogo no âmbito familiar:

Bom, eu acho que quem usa drogas (...) na maioria das vezes é pra fugir dos problemas familiares porque eu tenho um parente que usa, desde pequeno, a gente conversando com ele pergunta porque você começou a usar drogas. Ele fala, eu comecei a fumar, mais por causa do meu pai que era muito rígido, me batia muito, aí eu corria pra rua. Aí vivia mais com os amigos do que com a família. Em casa ele não tinha aquela liberdade de chegar e falar "pai fumar isso e isso é errado?" "Fazer tal tipo de coisa é errado?" Ele não teve isso, não teve essa liberdade devido o pai trabalhar muito, a mãe é uma pessoa muito retraída, não dá liberdade para ninguém, não conversa sobre certos tipos de assuntos com os filhos. Aí devido à influência de amigos começou. Hoje é viciado e dá o maior problema para a família. Não só pra família, mas (risos) pra sociedade toda. Pra família em geral. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)

Note-se também que na percepção expressa por membros do corpo técnico-pedagógico, assim como em alguma literatura, menciona-se a família, mas junto com outros fatores, o que relativiza determinismos ou relações de causalidade únicas:

(....) alunos nossos que você percebe que têm boas notas, estão dentro de família extremamente tranqüila, harmoniosa, freqüentam a igreja aos domingos com a família, passou a utilizar. Primeiro, por curiosidade, foi o que ele falou, meu pai, minha mãe não merecem nada disso, meu pai não tem culpa de nada, eu usei por curiosidade.(....) E tem os que colocam... ele não justifica que seja o pai, não quer culpar. (Entrevista com diretora e coordenadora, escola privada, São Paulo)

Segundo a Tabela 4.24, entre os alunos que referem ter pais que dialogam em situações de desentendimento, mais de 90% declaram nunca ter usado drogas, nível similar entre os que declaram não ter diálogo com os pais. Analisando os dados de existência ou não de diálogo por parte dos pais com filhos usuários habituais, observa-se que, à medida que existe diálogo, é um pouco menor o uso freqüente de drogas.

Contudo, os dados também sugerem significativa ocorrência de casos de jovens que usam com freqüência drogas, embora declarem ter diálogo com os pais.

De fato, considerando, no conjunto da população de alunos, os que declaram que usam com freqüência drogas, 140.802 no conjunto das capitais focalizadas, tem-se que 51,2% (72,2 mil alunos) atestam que têm diálogo com os pais em casos de desentendimento, enquanto entre esses consumidores, 48,8% (68,8 mil estudantes) afirmam que não têm diálogo com os pais nessas situações de desentendimento. Há que, portanto, relativizar o lugar do diálogo com os pais como fator associado ao não envolvimento com drogas, ainda que haja alguma associação quando se consideram alunos já consumidores.

Os alunos que nunca usaram drogas somam 4.633.300 no conjunto das capitais estudadas, ou seja, 97% do total de alunos do universo dos entrevistados que estão nas categorias extremas (os que usam mais os que não usam). Entre os que não usam, é muito mais expressiva a proporção dos que declaram ter diálogo com os pais (60,8%) do que os que afirmam não ter diálogo com os pais (39,2%), sugerindo que o diálogo com os pais tem mais força, possivelmente preventiva, entre os que não usaram do que entre os que usam.

No caso de frequência de uso de drogas pelos filhos e diálogo familiar ou não, a média observada de diálogo, no caso de exposição às drogas (já experimentaram e usam com frequência) é de 7,3%, correspondendo a um contingente de quase 205 mil jovens nesta situação. Entretanto, com esta mesma frequência de uso pelos jovens, a falta de diálogo pelos pais se situa apenas um pouco acima do índice anterior – 8,9% –, mas em termos absolutos é inferior ao anterior (165 mil alunos).

Vale ressaltar que as informações da Tabela 4.24 apontam que, em algumas capitais, há maior probabilidade de não uso de drogas por alunos de famílias em que prevalece o diálogo com os pais e sem situações de violência em casos de desentendimento. Em situações de desentendimento, predominam o diálogo e a não recorrência à violência. Tal associação não foi encontrada em Manaus, Fortaleza e Recife, ou seja, nestas, os índices de diálogo e violência por parte da família, em caso de desentendimento, não apresentou diferenças significativas.

A violência praticada pelos pais, quando do uso de drogas pelos filhos (já experimentaram e usam com frequência) em situações de desentendimento, apresenta uma média de 14,2%, com 53 mil jovens expostos àquela situação. Por outra parte, pouco mais de 316 mil alunos – ou 7,5% – mencionam que os pais não fazem uso de violência.

Finalmente, cabe destacar que os índices de alunos que

mencionam ter pais que dialogam e não usam de violência contra filhos usuáries habituais ou experimentadores no passado são iguais – de 7,3 e 7,5%, respectivamente.

As diferenças mais relevantes foram encontradas em Maceió e Salvador, no caso de uso freqüente de drogas pelos filhos e existência de diálogo ou não com os pais, enquanto o índice de violência paterna referente ao uso freqüente pelos filhos é maior nas seguintes capitais: Maceió, Porto Alegre e São Paulo.

Enfatiza-se que mais que a não existência de diálogo entre pais e filhos em situação de desentendimento, com maior probabilidade quando em tais situações ocorrem violências de pais contra os filhos, se potencializam as ocorrências de consumo de drogas entre os jovens. Entretanto não se tem claro se a associação entre posturas violentas dos pais e uso de drogas decorre porque tal postura desencadeia revolta e busca por drogas, por parte dos filhos ou se aquela postura se dá porque os filhos usam drogas.

Note-se que entre os alunos que declaram que nunca usaram droga, cerca de 93% afirma que os pais não recorrem à violência em casos de desentendimento. Já entre os alunos que admitem que usam ou que já usaram drogas, esta proporção baixa para 86%. É, portanto, duas vezes mais expressiva entre os que usam ou já usaram drogas os casos em que os pais recorrem à violência em caso de desentendimento (14,2%) que entre os que não usam (7,5%).

Tabela 4.24

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio em situações de desentendimento com os pais, por ocorrência de diálogo ou violência por parte dos pais, segundo a frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por alunos segundo diálogo e violência dos pais em situações de desentendimento				
	Frequência de uso	Diálogo com os pais (1)		Violência dos pais (2)	
		Sim	Não	Sim	Não
Manaus	Usam com frequência	2,6	2,5	4,1	2,4
	Já experimentaram	3,6	3,5	5,0	3,4
	Nunca usaram	93,8	94,0	90,9	94,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Belém	Usam com frequência	0,8	1,2	1,6	1,3
	Já experimentaram	1,8	2,2	3,7	1,8
	Nunca usaram	97,3	95,9	94,7	96,9
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Fortaleza	Usam com frequência	2,5	2,9	4,7	2,5
	Já experimentaram	3,2	4,2	5,3	3,5
	Nunca usaram	94,3	92,9	90,0	94,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Recife	Usam com frequência	1,6	2,4	5,3	1,6
	Já experimentaram	4,6	4,0	5,1	4,3
	Nunca usaram	93,8	93,6	89,6	94,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Maceió	Usam com frequência	1,4	2,9	6,3	1,6
	Já experimentaram	3,4	3,2	6,4	3,1
	Nunca usaram	95,2	93,9	87,2	95,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Salvador	Usam com frequência	1,8	4,0	3,3	2,7
	Já experimentaram	5,2	4,5	6,8	4,8
	Nunca usaram	92,9	91,4	89,9	92,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Vitória	Usam com frequência	3,4	4,3	5,0	3,6
	Já experimentaram	6,1	6,8	11,8	5,9
	Nunca usaram	90,5	88,9	83,2	90,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Rio de Janeiro	Usam com frequência	2,9	3,4	7,4	2,7
	Já experimentaram	5,1	5,5	6,6	5,1
	Nunca usaram	92,0	91,1	86,1	92,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
São Paulo	Usam com frequência	2,6	4,4	9,5	2,7
	Já experimentaram	5,0	6,0	8,4	5,1
	Nunca usaram	92,4	89,6	82,1	92,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 4.24 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso de drogas lícitas por alunos segundo diálogo e violência dos pais em situações de desentendimento				
	Frequência de uso	Diálogo com os pais (1)		Violência dos pais (2)	
		Sim	Não	Sim	Não
Florianópolis	Usam com frequência	4,3	4,3	9,4	3,8
	Já experimentaram	7,1	8,3	7,9	7,5
	Nunca usaram	88,7	87,4	82,7	88,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Porto Alegre	Usam com frequência	5,2	7,6	15,3	5,1
	Já experimentaram	7,5	8,5	10,1	7,6
	Nunca usaram	87,4	83,9	74,6	87,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Cuiabá	Usam com frequência	2,6	3,4	5,3	2,7
	Já experimentaram	4,7	6,2	8,9	4,9
	Nunca usaram	92,7	90,4	85,8	92,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Goiânia	Usam com frequência	3,0	3,8	6,3	3,1
	Já experimentaram	4,6	5,3	5,4	4,9
	Nunca usaram	92,4	90,9	88,3	92,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Distrito Federal	Usam com frequência	3,0	3,5	8,1	2,8
	Já experimentaram	4,6	5,8	6,4	5,1
	Nunca usaram	92,4	90,7	85,5	92,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Média	Usam com frequência	2,6	3,7	7,2	2,7
	Já experimentaram	4,7	5,2	7,0	4,8
	Nunca usaram	92,7	91,1	85,8	92,6
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N.º Absoluto	Usam com frequência	72.164	68.638	26.830	113.972
	Já experimentaram	132.745	95.885	26.169	202.462
	Nunca usaram	2.594.258	1.669.610	320.877	3.942.991
	Total	2.799.167	1.834.133	373.876	4.259.425

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001. Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa drogas? (todo dia/quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou)? Cruzado com: Quando você e seus pais se desentendem, o que costuma acontecer? (marque todas que forem verdadeiras)*

(1) Não se comprova a existência de associação estatística significativa entre as variáveis uso de drogas e diálogo com os pais em casos de desentendimento, o que impede inferir se há ou não associação entre tais variáveis nas seguintes capitais: Manaus, Fortaleza, Recife, Vitória, Rio de Janeiro, Florianópolis, Porto Alegre, Goiânia e Distrito Federal. Isto porque o número de casos observados não permite tal associação.

(2) Não foi possível comprovar a existência de associação estatística significativa entre as variáveis uso de drogas e violência dos pais em casos de desentendimento nas seguintes capitais: Manaus, Belém, Fortaleza e Recife, pois o número de casos observados não permite tal associação.

Como já se destacou em outras partes desta pesquisa, é comum o viés de culpabilização da família no uso de drogas pelos jovens por parte dos educadores, que comumente se referem a problemas familiares vivenciados por esses jovens e à falta de diálogo.

(...) eu acho que a família tem certa culpa, se houvesse diálogo, estar com os seus próprios filhos, não teria tanta violência, não teria tanta marginalidade como há na sociedade (...) (Entrevista com diretora, escola pública, Manaus)

Olha, para usar eu acho que vai da estrutura da casa, não adianta a gente dizer que é a escola e a família mesmo em si, você vê, eu estava assistindo ontem na televisão, tem um canal que falou sobre isso, se você vir uma família que conversa muito com os filhos, vê que estes têm uma estrutura tão firme que sabem o que é certo e o que é errado e não entram no meio das drogas, agora se você está em uma família que não tem atenção, você tem que chamar a atenção dos seus pais de alguma forma, não tem por onde, quer dizer, é falta de estrutura familiar, eu acho que vem daí, não é dizer que foram amigos, parentes que envolveram, não, é a falta de estrutura familiar, para mim, como mãe, é a falta de estrutura familiar. (Entrevista com coordenadora, escola privada, Cuiabá)

Tem legitimidade, considerando as falas dos entrevistados, a idéia de que não são apenas pais com menor poder aquisitivo ou menor nível de escolaridade que podem ter filhos usuários de drogas. O depoimento a seguir é ilustrativo, no sentido de mostrar a situação de pais que, apesar de *altamente esclarecidos*, não perceberam a mudança de comportamento do filho, decorrente do envolvimento com drogas:

O ano passado nós tivemos um jovem aqui, que o pai e a mãe são doutores, moraram no exterior muito tempo, são pessoas altamente esclarecidas, e o menino tinha vendido o revólver do pai, a bicicleta, um monte de coisas de dentro de casa e o pai não percebeu. Eu falei olha ele está conseguindo dinheiro pra comprar droga. Depois nós descobrimos por ele mesmo, pelo menino, olha, o senhor não deu falta da sua arma, o pai não tinha dado falta de nada. (Entrevista com diretora, escola privada, Distrito Federal)

Os próprios pais tendem a considerar que a família tem responsabilidade na prática dos filhos com relação às drogas.

Para mim droga só existe quando tem algum problema, problema de pais, criação, família. Se isso funcionasse mais ou menos bem, dificilmente entrariam as drogas. Sempre que existe uma abertura entre pai e filho e conversas, dificilmente a droga entra... (Grupo focal com pais, escola pública, Salvador)

Na minha opinião muitos adolescentes usam drogas porque na maioria das vezes são abandonados pelos pais e acabam se metendo na droga. (Grupo focal com pais, escola pública, Manaus)

Em um grupo focal com pais, um procura dialogar com os filhos, por acreditar ser este o caminho correto. Outro, inclusive, condena a justificativa da falta de tempo de outros pais, para eximirem-se da responsabilidade de acompanhar os filhos. Afirma que, mesmo trabalhando fora, quando querem, os pais conseguem acompanhar a vida de seus filhos:

(...) quer dizer, não é a falta de atenção da família, tem casos que a família dá orientação, está ali dando apoio e de repente o indivíduo vai e usa droga, os pais que sempre estiveram do lado

do filho, mesmo trabalhando fora, que esse negócio de trabalhar fora ou não, não vai desfazer de sua função, não. Porque (...) eu trabalho fora, mas dou conta de ocupar os filhos, orientando, de vez em quando conversando, de vez em quando vendo como estão na escola (...) (Grupo focal com pais, escola pública, Cuiabá)

Notam-se outras orientações quanto à percepção sobre o lugar da família no envolvimento com as drogas. Também se registra no depoimento seguinte uma certa impotência por parte da família em prevenir o uso pelos filhos:

Justamente, aí fica mais aceso pra os problemas que estão acontecendo e eu acho e tenho visto por aí, o caso do... não é problema de família, são problemas que ele tinha. Há toda uma disposição, vamos dizer urbana, de usar droga e ficar doente mesmo; tem gente que não, porque quando usa a droga e faz o tratamento, consegue se libertar, mas ele até hoje não conseguiu se libertar, esse é um problema dele mesmo, mas tem muitos problemas que começam na família. (Grupo focal com pais, escola pública, Cuiabá)

A função didática sobre o problema das drogas é concebida como não exclusiva da família, e há casos em que os pais reconhecem a importância de utilizar outros meios, como a mídia, para o maior exercício do diálogo sobre o assunto com os filhos.

(...) eu aproveito muito de noite, quando está passando programa na televisão, ou então um noticiário que saiu na televisão sobre alguma coisa. Mas como o meu filho já está grandinho, e são as poucas horas que nós estamos juntos e discutimos as reportagens sobre drogas (...) na medida que eles vão crescendo, vai discutindo isso daí, quando nós éramos jovens as discussões eram outras, o trabalho era outro, quando eles vão ficando maiores aí

vêm outras preocupações, de droga, sexo, essas coisas que existem, então nós temos que ficar mais atentos, e não temos tempo para isso, nós passamos o final de semana (...) (Grupo focal com pais, escola pública, Recife)

4.12. USO E RELIGIÃO

Para Climent (1989), referenciado por Lima (1991), a prática religiosa tem sido apontada como uma variável de importância no comportamento das pessoas, principalmente em relação ao uso de substâncias que possam alterar sua conduta. Pesquisa do Casa (2001) constatou que adolescentes, cujos amigos e companheiros apresentam uma participação religiosa quase nula, possuem maiores probabilidades de ter alguma experiência com drogas. Indica também que a religião e a espiritualidade podem ter um papel importante na prevenção e no tratamento do abuso de drogas e no não uso².

Já para Carlini-Cotrim (1992), participar de atividades religiosas associa-se a um menor consumo de drogas, resultado que talvez possa ser explicado por um código moral subjacente aos grupos religiosos. Desta forma, a "religião" funcionaria como rede protetora em relação ao uso de drogas.

No mesmo sentido da literatura, esta pesquisa observou uma associação entre prática religiosa regular e não uso de drogas ilícitas. Conforme a Tabela 4.25, em todas as capitais pesquisadas, entre os alunos que freqüentam alguma igreja, é de cerca de 44 mil – ou 6% – a proporção daqueles expostos ao uso de drogas (que referem já ter experimentado/usam com freqüência), índice

² Ao fazer a comparação entre jovens que freqüentam a igreja semanalmente e aqueles que não o fazem, estes últimos estão duas vezes mais suscetíveis ao uso de bebidas e cigarros, três vezes mais vulneráveis ao uso de maconha e quase quatro vezes em relação a outras drogas ilícitas. Para aqueles que não consideram a religião importante, a susceptibilidade é ainda maior. (Casa, 2001)

que se eleva a 8,9% entre os que não possuem o hábito de ir à igreja (quase 183 mil jovens). Destacam-se nesta situação Porto Alegre e Florianópolis, cujos índices, além de se situarem significativamente acima da média das capitais, quase duplicam, quando da comparação da exposição às drogas com a frequência ou não a alguma igreja.

Por outra parte, uma média de 94% dos alunos com frequência a alguma igreja, nunca usou drogas. Esta proporção se reduz ligeiramente – para 91,1% – quando os jovens informam não frequentá-la.

Tabela 4.25

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência à igreja, segundo frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por alunos segundo diálogo e violência dos pais em situações de desamparamento		
	Frequência de uso	Frequência à Igreja	
		Sim	Não
Manaus	Usam com frequência	1,9	3,1
	Já experimentaram	2,3	4,7
	Nunca usaram	95,8	92,2
	Total	100,0	100,0
Belém (1)	Usam com frequência	1,0	1,5
	Já experimentaram	1,4	2,3
	Nunca usaram	97,6	96,2
	Total	100,0	100,0
Fortaleza (1)	Usam com frequência	1,8	3,3
	Já experimentaram	3,5	3,7
	Nunca usaram	94,7	93,0
	Total	100,0	100,0
Recife (1)	Usam com frequência	1,1	2,3
	Já experimentaram	4,1	4,4
	Nunca usaram	94,7	93,3
	Total	100,0	100,0
Maceió (1)	Usam com frequência	1,3	2,6
	Já experimentaram	3,1	3,6
	Nunca usaram	95,6	93,8
	Total	100,0	100,0
Salvador (1)	Usam com frequência	2,4	2,9
	Já experimentaram	5,0	4,9
	Nunca usaram	92,6	92,2
	Total	100,0	100,0

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas por alunos segundo diálogo e violência dos pais em situações de desentendimento		
	Frequência de uso	Frequência à igreja	
		Sim	Não
Vitória (1)	Usam com frequência	4,0	4,3
	Já experimentaram	5,7	6,8
	Nunca usaram	91,3	88,9
	Total	100,0	100,0
Rio de Janeiro	Usam com frequência	1,9	3,6
	Já experimentaram	3,3	6,1
	Nunca usaram	94,8	90,3
	Total	100,0	100,0
São Paulo	Usam com frequência	2,8	3,5
	Já experimentaram	3,9	5,9
	Nunca usaram	93,2	90,6
	Total	100,0	100,0
Florianópolis	Usam com frequência	2,6	4,8
	Já experimentaram	4,5	8,5
	Nunca usaram	92,9	86,7
	Total	100,0	100,0
Porto Alegre	Usam com frequência	4,0	6,4
	Já experimentaram	4,5	8,4
	Nunca usaram	91,5	85,2
	Total	100,0	100,0
Cuiabá	Usam com frequência	2,2	3,4
	Já experimentaram	3,7	6,3
	Nunca usaram	94,1	90,3
	Total	100,0	100,0
Goiânia	Usam com frequência	2,6	3,9
	Já experimentaram	4,0	5,6
	Nunca usaram	93,4	90,5
	Total	100,0	100,0
Distrito Federal (1)	Usam com frequência	2,7	3,6
	Já experimentaram	4,9	5,4
	Nunca usaram	92,4	91,0
	Total	100,0	100,0
Média	Usam com frequência	2,2	3,4
	Já experimentaram	3,8	5,5
	Nunca usaram	94,0	91,1
	Total	100,0	100,0
N.º Absoluto	Usam com frequência	17.196	74.123
	Já experimentaram	26.894	108.759
	Nunca usaram	1.473.061	2.933.268
	Total	1.517.151	3.116.150

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001. Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa drogas (todo o dia/quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou) cruzado com O que é que você faz para se divertir?*

(1) Não foi possível comprovar a existência de associação estatística significativa entre as variáveis uso de drogas e frequência à igreja nas respectivas capitais, pois o número de casos observados não foi suficiente para permitir tal associação.

A referência à religião como inibidor do uso de drogas adquire diversas qualificações ou sentidos. Percebe-se que, para alguns alunos, a ênfase maior é em uma ética de vida, em que se acentua a questão da espiritualidade, já para outros, na sociabilidade ou uso do tempo: (...) *dia de domingo eu aproveito e vou à igreja. Quando não tem aula eu vou para a igreja.*

Alguns diretores de escolas públicas e particulares – dentre essas, algumas religiosas – defendem que o envolvimento de jovens com as drogas decorre, em alguma medida, da falta de espiritualidade. Referem que, se os alunos cultivassem mais o lado espiritual, o problema das drogas certamente seria menor:

Nós temos um lado espiritual que precisa ser trabalhado, precisa ser cultivado, nós temos que ter esses momentos. Porque a vida, principalmente agora, tem momentos muito fortes de dureza, nós temos cada realidade dura para passar, momentos difíceis. Sabe, eu acho que falta Deus nas pessoas, falta a busca, falta buscá-lo, sabe? Eu acho que isso aí pesaria muito numa formação desse lado. Não estou defendendo aqui a bandeira de igreja tal, igreja de nada. Eu acho que o homem precisa buscar esse lado dele, seria também uma maneira de ver isso aí, sabe? Eu acho que isso seria resolvido, com certeza. Se você tem Deus, não precisa procurar a bebida, que é a droga oficial do nosso país, o álcool é forte nisso. Não há necessidade disso. (Entrevista com vice-diretor, escola privada, Fortaleza)

Para outros, a religião, além de funcionar como um sistema de valores e de espiritualidade, atuaria também como referência e amparo, elemento de segurança. Note-se nos depoimentos seguintes a menção a Deus como amigo e a religião como forma de suprir carências:

Eu acho que as pessoas usam a droga porque falta alguma coisa, falta se apegar a Deus, alguma coisa espiritual, "falta de um amigo". (Entrevista com diretores, escola pública, Cuiabá)

Tem tantos jovens que, graças a Deus, não se envolvem com essas coisas. Se tivesse um pouco mais de religião, um pouco mais de Deus, não se envolveriam com tanta besteira. (...) "Pessoas fracas, carentes, sem religião, sem Deus" (que usam drogas). (Entrevista com diretora, escola pública, Fortaleza)

4.13. USO E LAZER

O uso de drogas pelos alunos, segundo a frequência a bares e boates, indica uma associação, seja em relação aos usuários regulares, como aos experimentadores. A Tabela 4.26 indica que o uso habitual, somado à experimentação, são maiores entre os que declaram frequentar bares – de 20,3% contra 6,2% – que indicam não frequentá-los. Os destaques mais evidentes cabem a São Paulo, Florianópolis e Vitória, cujas proporções estão acima da média observada para o conjunto das capitais – de 26,1%, 24,9% e 22%, respectivamente.

Também deve ser enfatizado que o índice de experimentação é mais elevado que o uso habitual (respectivamente de 12,6% e 7,7%), provavelmente porque os jovens frequentam os bares em função da diversão, estando mais expostos à oferta de drogas. Esta situação se verifica em todas as capitais pesquisadas, exceto Manaus. Por outra parte, foi constatado que para o uso experimental e habitual de drogas o índice de frequência a bares é maior nas capitais do Centro-Sul e Sudeste.

Praticamente a mesma análise realizada anteriormente pode ser aplicada em relação às boates. Assim, uma média de 15,2% dos jovens expostos às drogas (já experimentaram/uso habitual)

frequênta boates, contra apenas 5,5% que não o fazem com este mesmo tipo de uso. Os destaques de capitais neste caso são os mesmos referidos para os bares.

Tabela 4.26

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência a bares e boates, segundo frequência do uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas e frequência a bares e boates por alunos				
	Frequência de uso	Frequência à igreja		Frequência à igreja	
		Sim	Não	Sim	Não
Manaus	Usam com frequência	8,3	2,1	5,7	1,9
	Já experimentaram	7,9	3,3	8,0	2,7
	Nunca usaram	83,8	94,6	86,3	95,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Belém	Usam com frequência	4,2	0,9	1,7	1,2
	Já experimentaram	5,2	1,5	3,7	1,5
	Nunca usaram	90,6	97,6	94,7	97,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Fortaleza (I)	Usam com frequência	7,1	2,2	4,7	2,4
	Já experimentaram	10,8	2,9	5,0	3,4
	Nunca usaram	82,1	94,9	90,3	94,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Recife	Usam com frequência	4,0	1,3	3,4	1,3
	Já experimentaram	8,6	3,2	7,3	3,2
	Nunca usaram	87,4	95,4	89,2	95,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Maceió	Usam com frequência	5,6	1,5	4,7	1,4
	Já experimentaram	7,6	2,7	8,3	2,2
	Nunca usaram	86,8	95,8	87,1	96,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Salvador	Usam com frequência	4,1	2,5	5,0	2,4
	Já experimentaram	7,1	4,5	7,3	4,5
	Nunca usaram	88,8	92,9	87,7	93,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Vitória	Usam com frequência	10,4	2,7	7,4	2,2
	Já experimentaram	11,6	5,6	10,7	4,6
	Nunca usaram	77,9	91,7	81,8	93,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Rio de Janeiro	Usam com frequência	7,8	2,5	4,9	1,7
	Já experimentaram	13,7	4,2	7,9	3,1
	Nunca usaram	78,5	93,3	87,2	95,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 4.26 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso de drogas ilícitas e frequência a bares e boates por alunos				
	Frequência de uso	Frequência à igreja		Frequência à igreja	
		Sím	Não	Sím	Não
São Paulo	Usam com frequência	9,0	2,5	5,8	2,4
	Já experimentaram	17,1	3,8	13,4	2,7
	Nunca usaram	73,9	93,7	80,8	94,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Florianópolis	Usam com frequência	10,8	2,6	6,3	2,8
	Já experimentaram	14,1	5,8	11,7	4,4
	Nunca usaram	75,0	91,6	82,0	92,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Porto Alegre	Usam com frequência	14,1	4,4	10,1	3,2
	Já experimentaram	16,5	6,1	11,8	5,1
	Nunca usaram	69,4	89,6	78,1	91,6
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Cuiabá	Usam com frequência	6,3	2,3	4,2	2,3
	Já experimentaram	12,9	3,8	10,4	2,7
	Nunca usaram	80,8	93,9	85,4	95,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Goiânia	Usam com frequência	9,9	2,3	7,4	2,2
	Já experimentaram	12,6	3,7	8,3	3,9
	Nunca usaram	77,6	94,0	84,3	93,9
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Distrito Federal	Usam com frequência	9,5	2,4	4,3	2,9
	Já experimentaram	12,2	4,3	9,0	4,0
	Nunca usaram	78,3	93,3	86,7	93,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Média	Usam com frequência	7,7	2,4	5,4	2,2
	Já experimentaram	12,6	3,8	9,8	3,3
	Nunca usaram	79,6	93,8	84,8	94,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N.º Absoluto	Usam com frequência	44.829	95.973	64.294	76.508
	Já experimentaram	73.293	155.338	116.458	112.173
	Nunca usaram	461.774	3.802.094	1.010.820	3.253.048
	Total	579.896	4.053.405	1.191.572	3.441.729

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
 Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa drogas (todo o dia/quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou) e O que é que você faz para se divertir?*

(1) Não se comprova a existência de associação estatística significativa entre uso de drogas e frequência a boates nesta capital, sendo, portanto, irrelevantes as diferenças.

Bares, danceterias e shows como locais de uso são referidos por alunos e membros do corpo técnico-pedagógico nos grupos focais. Os jovens fazem menção ao uso em festas e boates, assim como o corpo técnico-pedagógico, que declaram ter presenciado o uso nesses mesmos locais:

(...) eu já fumei, não direto, numa danceteria (...) (Grupo focal com alunos, escola pública, Florianópolis)

Eu acho que esse divertimento, hoje, não é uma coisa saudável. Os jovens se estragam. Drogas, bebidas, o alcoolismo em geral. (Grupo focal com professores, escola pública, Maceió)

Nos shows que eles vão, rola muita bebida, maconha. (Entrevista com diretores, escola pública, Florianópolis)

4.14. COMPORTAMENTOS DE RISCO

A análise sobre os comportamentos de risco é realizada a partir de duas dimensões: uma primeira, referente à questão do uso de drogas injetáveis e compartilhamento de seringas, e uma segunda, contemplando as transgressões em relação à lei, praticadas em função do uso de drogas. Neste sentido, os comportamentos de risco são entendidos como uma questão de vulnerabilidade.

Segundo Paiva (1988: 87):

Os dependentes de drogas injetáveis muitas vezes compartilham uma mesma seringa com outras pessoas, sem esterilizá-la, fato pelo qual representam uma população de alto risco. Um fator que contribui para este quadro e que dificulta os cuidados higiênicos mínimos entre toxicômanos,

diz respeito a sua impulsividade: a injeção da droga não corresponde a um ato racional, bem pensado e preparado, mas a uma compulsão. Sob o impacto de falta do produto (a "fissura"), a sua administração tem de ser imediata, à procura dos efeitos cuja instantaneidade se apresenta, naquele momento, como uma questão de vida ou morte. Este fator da impulsividade leva o sujeito a se descuidar dos aspectos higiênicos do uso do seu material.

Por outro parte, Oliveira (1988a: 25-30) adverte que:

Os usuários de drogas não somente desafiam a lei e a transgridem, em um jogo permanente, mas são ainda movidos por tendências de risco, às vezes até conscientes, mas incontroláveis. O jogo com a lei implica, portanto, em um jogo com a morte, no qual correr riscos torna-se um costume. Às superdoses, às tentativas de suicídios, às doenças somáticas diversas, associa-se hoje a Aids como mais uma das formas de se testar e de satisfazer uma fantasia de se sobrepôr à morte. Nesse sentido, pois, a Aids representa somente mais um perigo para essa população, cuja característica principal é procurar corrê-los, por motivos, sem dúvida, variáveis.

Segundo já referido na Tabela 4.3, um dado importante deste estudo diz respeito ao uso de drogas injetáveis no presente. Cerca de 0,3% dos alunos das capitais pesquisadas referem fazer uso da via endovenosa, sendo a cocaína a principal droga injetada. Destacam-se Goiânia com 0,5% e o Distrito Federal com 0,4% de uso.

A Tabela 4.27 indica que cerca de 24 mil jovens fazem uso de drogas injetáveis. Destes, pouco menos da metade (42,5%) referem compartilhar seringas e/ou agulhas (pouco mais de 10 mil jovens). Esse percentual chega a alcançar o patamar dos

70,5% em Florianópolis e de 58,7% em São Paulo, o que concorre para a ampliação e/ou elevação do número de casos de doenças graves como a Aids e as infecções causadas pelos vírus da hepatite tipo B e C, além de pneumonias. Entre os alunos que declaram não compartilhar seringas (quase 14 mil) destacam-se, com índices bem acima da média, os residentes em Belém (75,5%) e Manaus (73,7%).

Tabela 4.27

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio que usam drogas injetáveis, por formas de utilização da seringa e/ou agulhas no uso de drogas injetáveis, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Formas de utilização da seringa no uso de drogas injetáveis por alunos		Total
	Não compartilham seringas nem agulhas	Compartilham seringas e/ou agulhas	
Manaus	73,7	26,3	100,0
Belém	75,5	24,5	100,0
Fortaleza	100,0	0,0	100,0
Recife	56,2	43,8	100,0
Maceió	46,8	53,3	100,0
Salvador	69,5	30,5	100,0
Vitória	68,0	32,0	100,0
Rio de Janeiro	64,6	35,4	100,0
São Paulo	41,3	58,7	100,0
Florianópolis	29,5	70,5	100,0
Porto Alegre	53,6	46,4	100,0
Cuiabá	66,4	33,6	100,0
Goiânia	67,1	32,9	100,0
Distrito Federal	52,7	47,3	100,0
Média	57,5	42,5	100,0
N.º Absoluto	13.846	10.214	24.060

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Se você alguma vez usou droga injetável, a seringa era só sua ou foi usada por mais alguém?*

Segundo a Tabela 4.28, para 28,6% – um contingente de 2.546 jovens – o principal motivo de compartilhamento de seringas é porque não tinha seringa e agulhas para todos. Destacam-se, com índices muito acima da média observada, sobretudo Cuiabá com 55,8%, Manaus com 45,1% e Distrito Federal com 40,4%. Em segundo lugar, referem o costume da sua turma, com uma média de 22,7%, enquanto em terceiro lugar aparece porque não sabia ser perigoso (20,2%). Os demais motivos citados possuem índices médios bastante semelhantes e são: pela emoção, coragem e risco (14,6%) e é um costume pessoal (13,8%). Também existem referências de que o compartilhamento obedece à impulsividade, na medida em que a injeção da droga corresponde a uma compulsão. Desta forma, a impulsividade levaria a pessoa a se descuidar dos aspectos higiênicos do uso de seu material.

Tabela 4.28

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio que usam drogas injetáveis, por motivos de compartilhamento de seringas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Motivos de compartilhamento de seringas por alunos					Total
	É um costume pessoal	Não tinha seringa e agulhas para todos	Porque não sabia ser perigoso	É um costume da sua turma	Pela emoção, coragem e risco	
Manaus	12,3	45,1	0,0	24,4	18,1	100,0
Belém	10,6	19,5	9,7	26,5	33,6	100,0
Fortaleza	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Recife	10,6	0,0	89,4	0,0	0,0	100,0
Maceió	14,8	0,0	0,0	68,8	16,4	100,0
Salvador	4,9	0,0	44,0	33,5	12,6	100,0
Vitória	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	100,0
Rio de Janeiro	21,9	28,6	34,3	3,5	11,7	100,0
São Paulo	12,1	32,2	8,4	32,9	14,4	100,0
Florianópolis	28,8	31,5	25,3	14,4	0,0	100,0
Porto Alegre	7,8	15,5	27,3	20,8	28,6	100,0
Cuiabá	33,7	55,8	10,6	0,0	0,0	100,0
Goiânia	10,0	23,7	33,3	33,0	0,0	100,0
Distrito Federal	15,3	40,4	13,8	9,6	20,9	100,0
Média	13,8	28,6	20,2	22,7	14,6	100,0
N.º Absoluto	1.233	2.546	1.803	2.025	1.298	8.905

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Se você usa ou usou droga injetável e dividiu a seringa e/ou agulha com outra(s) pessoa(s), qual foi o principal motivo?*

Um aluno de escola particular opina, em um grupo focal, que o uso de drogas mais pesadas é conduzido pelas mais leves – geralmente, quando começam, não ficam só na maconha; vão para a cocaína, o crack e, finalmente, começam a se injetar, deflagrando um processo de progressividade e risco. Também alerta para o perigo de contrair Aids, com o uso de drogas

injetáveis, por conta do compartilhamento de seringas. Em sua concepção, o usuário, inconsciente do que faz, acaba por se expor a situações mais graves:

Tem o caso da família e você vê o quanto é ruim ver uma pessoa que tem tudo para ter uma boa qualidade de vida e fica à margem mesmo, porque na hora que você está inconsciente do que faz, corre o risco de pegar doenças como a Aids, não é? Porque você vai aumentando, geralmente a pessoa não fica só, quando ela começa não fica só em maconha, ela vai pra cocaína, ela vai pro crack, ela vai começar a injetar. (Grupo focal com alunos, escola privada, Salvador)

O segundo tema analisado no comportamento de risco diz respeito às transgressões em relação à lei e normas sociais praticadas pelos jovens, quando do uso e abuso de substâncias psicoativas. Neste sentido, para Oliveira (1988a: 25-30):

Algumas motivações para o uso de drogas na adolescência são a importância do grupo, o prazer que a droga proporciona, o jogo com a morte e o papel da transgressão. (...) Na transgressão a droga pode funcionar como uma forma de transgredir as normas, de pôr à prova a capacidade dos pais de dizerem não, de contestar o mundo dos adultos, indo de encontro aos princípios e aos valores destes. (...) Transgredir a lei da sociedade, que pretende regulamentar a obtenção de prazer tem ligação com a saída desta mesma sociedade. E quanto mais elas passam a ter um significado tentador, pois se algo é pintado como perigoso, proibido, surge sempre mais uma razão para isto ser usado como uma arma da rebeldia adolescente. A entrada nessa ilegalidade corresponde a tentativas de lidar com a lei interna. É o momento crucial em que o adolescente testa a autoridade

dos pais para o exercício da interdição. (...) Nesse sentido poderíamos dizer que, mesmo se os produtos utilizados pelos jovens fossem liberados, o problema da transgressão simplesmente se deslocaria, porque não é a droga em si que está em jogo, mas sim toda uma necessidade de o adolescente transgredir e burlar a lei.

O uso de drogas ilícitas, assim como de bebidas alcoólicas, é visto por vários entrevistados como mecanismo facilitador/ deflagrador de violência e agressividade. Mas quando questionados a respeito da existência ou não de uma relação entre drogas e violência, alguns participantes de grupos focais de alunos respondem que não há necessariamente uma relação direta entre ambos: *Não eu acho que não, porque tem muito que usa droga, que fica na dele lá, não faz nada.*

Outros depoimentos vão no sentido de qualificar casos em que, de fato, poderia haver uma relação entre violência e drogas, associando tais casos a peculiaridades pessoais:

Nem todo mundo, nem toda pessoa, também porque quando a pessoa se droga ela libera o que não libera no dia-a-dia, tem o outro lado também, ou ele pode ser violento, ou ficar deprimido, chorar, sei lá. (Grupo focal com alunos, escola privada, Cuiabá)

A questão da droga com a violência depende do instinto da pessoa, que a pessoa tem vontade de fazer, mas sente medo, só faz quando ela já está drogada, não sempre, mas acontece sim a questão, mas tem pessoas que usam drogas para se divertir e que não ficam violentas. (Grupo focal com alunos, escola privada, Belém)

A relação entre transgressões – em particular a leis e normas de convivência – violência e drogas, para muitos entrevistados, estaria associada à intenção de sustentar o seu uso:

Eles utilizam mil e uma formas, aqueles que não têm dinheiro, não trabalham ou trabalham meio período, e com o próprio dinheiro consomem, outros, infelizmente, usam de outros artifícios. Roubam, pegam dinheiro do pai, do irmão mais velho, vêem um dinheirinho dando sopa em casa, pegam para poder sustentar o vício. (Entrevista com segurança, escola pública, São Paulo)

Compram drogas, fazem de tudo que podem, nós já acompanhamos um caso aí de vender jóias, relógios, roubar do pai, roubar da mãe, para vender, para ter dinheiro. Para comprar drogas roubam relógio do pai, da mãe, óculos, a maioria dos adolescentes que não trabalha faz isso. (Entrevista com segurança, escola privada, Florianópolis)

Muitos diretores – a maioria de escolas públicas – acreditam que o uso de drogas acirra a violência em suas diversas modalidades. Atos ilícitos e prostituição são, segundo eles, as principais formas encontradas pelos usuários de ganhar dinheiro para sustentar sua dependência: *os jovens fazem qualquer coisa para conseguir drogas. Vendem objetos que ganham, depois ele parte para pegar coisas em casa.* Vê-se, a partir dos depoimentos, que muitos diretores têm como inevitável e quase certa, a prática de algum ato ilícito, como furto e roubo, por parte dos consumidores de drogas:

Por isso há a marginalidade, porque realmente eles furtam quando já estão num estágio avançado dessa procura, porque eles muitas vezes se prostituem, as meninas se prostituem para pegar dinheiro pra comprar droga, não que seja na nossa escola. Como eu disse, tem poucos exemplos aqui, mas eu tenho exemplos de outras escolas, que outras diretoras também colocam, e que se prostituem por isso. Então fazem uso e a consequência é realmente drástica, porque eles desencadeiam um processo numa droga, geralmente paralelo à prostituição. (Entrevista com diretor, escola pública, Cuiabá)

Para esses jovens conseguirem comprar drogas, utilizam atos criminosos. Porque ninguém trabalha honestamente para comprar droga não, o alcoólatra talvez até que sim, um viciado em cigarro também, mas quem usa droga, mesmo a cocaína, a heroína e até a maconha, ele raramente trabalha, primeiro usa recursos da família, depois são os atos ilícitos. (Entrevista com diretor, escola pública, Vitória)

(...) nós temos a informação de que começa com o dinheiro que os pais dão, depois começam roubando em casa, depois partem para roubar e assaltar a comunidade. (Entrevista com diretor, escola pública, Maceió)

Para alguns professores, a droga é sinônimo de autodestruição e de destruição da família, em função do drama vivido por ambos: *A droga destrói tudo, destrói a família, destrói o ser humano, destrói tudo e quem estiver dentro.*

Na análise quantitativa, um elenco de comportamentos, comumente considerados como "transgressões", foi apresentado aos alunos¹⁰. A seguir, considerando as Tabelas 4.29 e 4.30, discute-se possíveis associações entre uso de drogas e tais comportamentos. Os dados da Tabela 4.29 apontam que a grande maioria (cerca de 92%) dos jovens expostos às drogas (usam todos os dias/finais de semana e experimentou, já usou e não usa mais) já cometeu pelo menos algum tipo das transgressões pesquisadas, o que supõe um contingente de cerca de 337 mil alunos.

Mas a proporção dos que cometeram algumas das transgressões pesquisadas e que nunca experimentaram drogas, ainda que inferior ao caso dos jovens que já usaram ou usam drogas, é também

¹⁰ Transgressões perguntadas (ver Tabela 4.30): roubar; não pagar passagem de ônibus; riscar pintura de carros; pegar dinheiro escondido; falsificar; dirigir sem carteira com consentimento; dirigir sem carteira sem consentimento; mentir com prejuízo e mentir sem prejuízo

alta (75%). Tais dados sugerem que ainda que haja associação entre exposição às drogas e cometer algum tipo de transgressão, como as aqui consideradas, não necessariamente as drogas seriam um fator determinante e único, explicando comportamentos de transgressão.

Tabela 4.29

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por envolvimento em ocorrência de transgressões (1), segundo frequência de uso de drogas ilícitas, para o conjunto de capitais das Unidades da Federação (2), 2000 (%)

Uso de drogas ilícitas	Ocorrência de transgressões		
	Sim	Não	Total
Usam com frequência	90,5	9,5	100,0
Já experimentaram	94,7	8,3	100,0
Nunca experimentaram	75,0	25,0	100,0
Usam com frequência	1.27.403	13.400	140.803
Já experimentaram	209.760	18.871	228.631
Nunca experimentaram	3.198.354	1.065.513	4.263.867
Total	3.535.517	1.097.784	4.633.301

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa drogas (todo o dia/quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou)? Cruzado com Existem coisas que a gente faz porque na hora não pensou direito, não conseguiu resistir à pressão dos amigos, faz para se divertir ou para se livrar de situações difíceis. (marque todas as que você já fez)*

(1) Inclui: falsificar assinatura em documento da escola (prova, boletim, carteirinha, advertência, etc), pegar o carro escondido e dirigir sem carteira; dirigir sem carteira um carro que pegou com o consentimento do dono; inventar uma mentira para prejudicar uma pessoa de quem não gosta; mentir para se safar de uma situação difícil, sem prejudicar ninguém; roubar uma coisa de uma pessoa, de uma casa ou de uma loja; deprestar ou pichear um lugar público; enganar a roleta num ônibus e deixar de pagar a passagem; riscar a pintura ou baixar os pneus do carro de alguém; pegar dinheiro escondido de uma pessoa da família.

(2) Ver capitais selecionadas para o estudo na Tabela 4.28.

Os depoimentos colhidos junto aos diferentes atores indicam que é comum se considerar o uso de drogas como causa de comportamentos de transgressões como o roubo.

Criar a necessidade, uma vez criada, ele vai usar esses meios que eu falei antes. Vai receber de graça, depois ele vai comprar e depois ele até vai furtar para poder comprar. (Entrevista com diretor, escola privada, Salvador)

Na Tabela 4.30, a seguir, relaciona-se uso de drogas com diferentes tipos de transgressões. A maioria dos jovens, independentemente do tipo de relação ou não com drogas, tende a declarar que não cometeu nenhum tipo de transgressão – a exceção é para mentir sem prejuízo, já que neste caso, os que declaram ter cometido tal tipo de transgressão, superam os que indicam que não a cometeram.

Observa-se, por tipo de transgressão, o mesmo padrão antes assinalado, qual seja o de que com maior probabilidade os jovens que usam droga com frequência cometem mais transgressões que os jovens que já experimentaram ou que nunca experimentaram. Estes têm índices bem mais baixos que os demais jovens quanto a comportamento de transgressão.

Se tal tendência entre exposição a drogas e probabilidade de comportamento de transgressão se mantém independentemente do tipo de transgressão, alguns tipos de transgressões são mais comuns entre os que usam droga com frequência, como mentir sem prejuízo - cerca de 63% dos que usam droga com frequência declaram que cometem ou cometeram tal transgressão. Cerca de 73% dos que já experimentaram drogas indicam também ter cometido tal tipo de transgressão. Tais proporções são superiores ao encontrado entre os que nunca experimentaram drogas, ainda que também entre estes se identifique uma alta proporção (59%).

Além de mentir sem prejuízo (cerca de 63%), as transgressões mais comuns entre os jovens que indicam que usam droga com frequência, são pegar dinheiro escondido (cerca de 33%) e falsificar assinatura em documentos da escola (prova, boletim, carteirinha, advertência etc.) – cerca de 40% (ver Tabela 4.30).

Tabela 4.30

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por uso de drogas ilícitas (% e frequência), segundo o tipo e ocorrência de transgressões, para o conjunto das capitais das Unidades da Federação (1), 2000 (%)

Tipo de Transgressão	Ocorrência de Transgressões	Uso de Drogas Ilícitas (%)			Uso de Drogas Ilícitas (N°)		
		Usam com frequência	Já experimentaram	Nunca experimentaram	Usam com frequência	Já experimentaram	Nunca experimentaram
Roubar	Sim	23,6	18,0	4,9	33.161	41.143	210.643
	Não	76,4	82,0	95,1	107.642	187.488	4.053.224
Total	-	100,0	100,0	100,0	140.803	228.631	4.263.867
Depredar	Sim	25,7	20,8	5,7	36.247	47.462	244.974
	Não	74,3	79,2	94,3	104.555	181.169	4.018.893
Total	-	100,0	100,0	100,0	140.802	228.631	4.263.867
Não pagar passagem de ônibus	Sim	27,6	22,4	10,5	38.816	51.266	447.609
	Não	72,4	77,6	89,5	101.987	177.364	3.816.258
Total	-	100,0	100,0	100,0	140.803	228.630	4.263.867
Riscar pintura de carros	Sim	15,5	12,1	4,9	21.890	27.588	207.846
	Não	84,5	87,9	95,1	118.912	201.043	4.056.021
Total	-	100,0	100,0	100,0	140.802	228.631	4.263.867
Pegar dinheiro escondido	Sim	32,8	27,1	14,0	46.211	61.890	596.027
	Não	67,2	72,9	86,0	94.592	166.740	3.667.840
Total	-	100,0	100,0	100,0	140.803	228.630	4.263.867

Tabela 4.30 (Cont.)

Tipo de Transgressão	Ocorrência de Transgressões	Uso de Drogas Ilícitas (%)			Uso de Drogas Ilícitas (N°)		
		Usam com frequência	Já experimentaram	Nunca experimentaram	Usam com frequência	Já experimentaram	Nunca experimentaram
Falsificar(2)	Sim	33,9	29,0	13,0	47.740	66.381	555.742
	Não	66,1	71,0	87,0	93.062	162.250	3.708.125
Total	-	100,0	100,0	100,0	140.802	228.631	4.263.867
Dirigir sem carteira e sem consentimento	Sim	19,2	13,9	5,3	27.069	31.801	228.070
	Não	80,8	86,1	94,7	113.734	196.830	4.035.797
Total	-	100,0	100,0	100,0	140.803	228.631	4.263.867
Dirigir sem carteira e com consentimento	Sim	16,7	17,0	6,8	23.559	38.821	291.990
	Não	83,3	83,0	93,2	117.244	189.810	3.971.877
Total	-	100,0	100,0	100,0	140.803	228.631	4.263.867
Mentir com prejuízo	Sim	21,9	19,2	11,9	30.811	43.786	509.420
	Não	78,1	80,8	88,1	109.991	184.845	3.754.447
Total	-	100,0	100,0	100,0	140.802	228.631	4.263.867
Mentir sem prejuízo	Sim	62,7	72,8	59,0	88.273	166.417	2.516.820
	Não	37,3	27,2	41,0	52.529	62.214	1.747.047
Total	-	100,0	100,0	100,0	140.802	228.631	4.263.867

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa drogas (todo o dia/quase todo dia; nos fins de semana; experimentou, já usou, não usa mais; nunca usou)? Cruzado com: Existem coisas que a gente faz porque na hora não pensou direito, não conseguiu resistir à pressão dos amigos, faz para se divertir ou para se livrar de situações difíceis. (marque todas as que você já fez)*

(1) Ver capitais selecionadas para o estudo na Tabela 4.28.

(2) Significa falsificar assinatura em documentos da escola (prova, boletim, carteirinha, advertência etc.)

Observa-se que as drogas ocupam lugar especial no conjunto de causas de comportamento de risco apontadas pelos jovens nos grupos focais, assim como de membros do corpo técnico-pedagógico e pais. Constatou-se um leque extenso de formas de como as drogas estão associadas às práticas de transgressões na percepção dos atores.

SUMÁRIO

- Sobre a *frequência de uso de drogas ilícitas*, entre os alunos pesquisados, temos que em média, 3,0% (141 mil jovens) declaram fazer uso diário/ou quase todos os dias/em todos os finais de semana; 4,9% (228 mil jovens), indicam que já experimentaram e não usam mais e, a grande maioria, 92% (4,3 milhões de alunos), em média, informa que nunca fez uso de drogas ilícitas.

- Sobre o *tipo de drogas mais utilizadas no passado (experimentaram e não usam mais)* pelos alunos dos ensinos fundamental e médio, os dados revelam que em média, 2,9% já fizeram uso de maconha o que equivale em números absolutos a 135.652; 1,0% utilizaram cocaína/pó, ou seja, 47.838 alunos; 1,1% cola/inalante ou 50.476 estudantes; 0,5% merla o que equivale a 23.921 jovens; 0,5% de crack o que corresponde a 24.359 alunos e 0,3% de drogas injetáveis perfazendo um universo de 11.829 jovens.

- Em relação aos *tipos de drogas mais utilizadas no presente (uso diário, quase todos os dias e todos finais de semana)* pelos alunos, os dados indicam que, em média, 2% (91,3 mil alunos) fazem uso de maconha; 0,6% (27,1 mil) usam cocaína/pó; 0,4% (19,7 mil) utilizam cola/inalantes; 0,3% (14,8 mil) e 0,4% (quase 18 mil), respectivamente, usam merla e crack e 0,3% (12,2 mil) drogas injetáveis.

- Há uma predominância do sexo masculino no consumo de drogas ilícitas, tais como maconha e cocaína. Assim, tem-se que os jovens do sexo masculino possuem uma exposição maior ao uso de drogas – *usam com freqüência ou já experimentaram* – sendo que 9,7% (cerca de 206 mil) entre os rapazes, e 6,6% (160 mil) entre as moças.

- Em relação ao uso de *maconha*, em média, temos que, a freqüência de uso atual e passado entre os sexos, é: para os alunos do sexo masculino, 2,8% declaram que usam, o que significa em números absolutos 59.519 alunos; 3,9% que já experimentaram, o que representa um total perto de 83.922 alunos; e tem-se que, 93,3%, ou seja, 1.983.337 declaram que nunca fizeram uso de maconha.

- Para as alunas, tem-se que: 1,3% indicam que usam maconha com freqüência, ou seja, 30.553; 2,0% que já experimentaram, o que significa em números absolutos 50.530 alunas e por fim, tem-se que 96,7% delas observam que nunca fizeram uso de maconha, o que representa um universo de 2.345.891 alunas.

- No caso da *cocaína em pó*, os números médios para a sua freqüência de uso são – para os jovens alunos do sexo masculino: 0,9% indicam que deles usam com freqüência, ou seja, 19.713 alunos do sexo masculino; 1,5% que já experimentaram significando um universo de 30.393 alunos e 97,6%, declaram que nunca fizeram uso deste tipo de droga.

- Para as jovens alunas, temos que: 0,3% indicam que usam com freqüência, ou seja, 6.268 alunas. São 16.873 as alunas que já experimentaram cocaína em pó, proporcionalmente 0,7% delas e 99,0% das alunas nunca fizeram uso deste tipo de droga, representando um universo de 2.403.833 alunas.

- Quanto maior a *idade*, maior a freqüência de uso de drogas. Chama a atenção que crianças entre 10 a 12 anos e jovens na faixa de 13 a 15 anos declarem que usam drogas com freqüência: 1,2% entre os de 10 a 12 anos, 9.698 crianças e 2,3% entre 13 a 15 anos, 37.745 jovens. A representação dos que indicam

que já experimentaram é inclusive um pouco superior: 1,5% entre 10 a 12 anos, 11.994 e 4,5% entre 13 a 15 anos, 74.979 jovens.

- Há um incremento de uso na passagem para o grupo de 16 a 18 anos. Neste caso, o índice médio de exposição é de 11,2%, 172,7 mil jovens, com um uso passado de 6,8% e um uso presente de 4,4%. É neste grupo etário que se encontra a maior proporção de exposição ao uso de drogas, quando comparada com as demais faixas etárias. É grande a prevalência no uso de drogas ilícitas entre os 19 a 24 anos, com 9,3% dos alunos expostos ao uso (quase 57 mil).

- Analisando os diferentes tipos de frequência de uso da *maconha por faixas etárias* verifica-se que ela é onipresente em todas as idades. Existe um incremento constante nas proporções médias de exposição de uso, à medida que aumentam as idades. Há um salto quantitativo nos índices médios de exposição à maconha do grupo etário de 13 a 15 para o de 16 a 18 anos de idade. Neste, a proporção é quase três vezes maior que no grupo anterior – de 8,4% (ou quase 125 mil alunos).

- Com referência ao *consumo de cocaína em pó entre os distintos segmentos etários*, nas demais drogas verifica-se que o consumo atual ou passado cresce com a idade. Entre os alunos de 10 a 12 anos este índice é de 0,3%, ascendendo a 1,1% entre os de 13 a 15 anos, 15 mil jovens, duplicando entre os 16 a 18 anos (2,2%), com 34,1 mil alunos e atingindo os 4% entre os de 19 a 24 anos, 21 mil. Destaca-se que, no caso de exposição às drogas, somando-se as categorias de uso freqüente com as de uso experimental (experimentou, já usou e não usa mais), são muito próximas às proporções por tipo de droga entre os de 10 a 12 anos (0,5% para o caso da maconha e 0,3% para a cocaína).

- No caso das faixas etárias mais velhas, o que se observa é uma exposição à maconha comumente o triplo da observada para a cocaína. Assim, enquanto 1% na faixa de 13 a 15 anos declara que já experimentou ou está usando cocaína, 3% dos jovens nesta

mesma faixa o fazem para a maconha. Entre os de 16 a 18 anos, a exposição atinge 8,4% para a maconha e é de apenas 2,2% para a cocaína. A proporção de exposição à cocaína, entre 19 e 24 anos, é menos da metade da constatada para a maconha – de 4 e 9,7%, respectivamente.

- O uso de drogas possui, de fato, uma *forte associação com a condição de trabalhar e estudar ou apenas estudar*. O índice de exposição ao uso é maior entre aqueles que combinam o trabalho com o estudo – 8,3% ou 82,4 mil jovens – do que entre aqueles que apenas estudam – 3,7% ou 128 mil alunos.

- Pelas informações levantadas, 85,8% dos estudantes considera, em primeiro lugar, *o uso de drogas como um problema, um perigo, uma ameaça*; em segundo lugar, como uma doença (11,3% ou 493,8 mil) e, por último, alguns as percebem como algo normal (2,9% ou 126,9 mil).

- Os alunos, independente do fato de serem ou não usuários, informam que o uso faz mal à saúde e condenam as drogas. Percebe-se, também, uma certa incoerência entre prática e percepção, uma vez que, apesar de muitos as considerarem *uma ameaça lum perigo*, mesmo assim as usam.

- Alguns reconhecem que entre esses e outros efeitos, como o de se viciar, se reflete um, com bastante poder de sedução, o prazer proporcionado pelas drogas. O que mais dificultaria que tenha algum efeito contra o consumo, apelar para posições e repressões. Mas note-se que em vários depoimentos, a ênfase dada pelos alunos é sobre a negatividade, inclusive, a violência como construto das drogas.

- Para cerca de 76% (3.517.187) dos alunos das capitais pesquisadas os jovens usuários de drogas são *peças com problemas e que necessitam de ajuda*, o que relativiza a idéia de que os jovens considerem como normal o uso ou quem usa drogas. Também pouco mais da metade dos alunos considera os usuários como otários, que vão se dar mal. Finalmente, um pouco menos de um

quarto dos estudantes (20,3% ou 938.728) opinam que *não são diferentes dos outros jovens*.

- Vários entrevistados consideram que *fatores* tais como a falta de espiritualidade, a falta de diálogo em casa e as brigas familiares não necessariamente levam os jovens a procurar as drogas mas podem colaborar para tal busca. Outros fatores como a influência e a pressão dos amigos, a curiosidade e os conflitos existenciais, podem, também, fazer com que aumente a possibilidade de os jovens virem a usar drogas.

- Um dado importante deste estudo diz respeito ao *uso de drogas injetáveis no presente*. Cerca de 0,3% dos alunos das capitais pesquisadas referem fazer uso da via endovenosa, sendo a cocaína a principal droga injetada. Cerca de 24 mil jovens fazem uso de drogas injetáveis. Destes, pouco menos da metade (42,5%) referem compartilhar seringas e/ou agulhas (pouco mais de 10 mil jovens).

- O consumo de drogas ilícitas é considerado por muitos como um mecanismo facilitador/deflagrador de *transgressões*. Ao se perguntar aos alunos sobre um elenco de comportamentos socialmente considerados como transgressões, identifica-se que a grande maioria (cerca de 92%) dos jovens expostos às drogas (usam todos os dias/finais de semana e experimentou, já usou e não usa mais) já cometeu pelo menos algum tipo das transgressões pesquisadas, o que supõe um contingente de cerca de 337 mil alunos. Mas a proporção dos que cometeram algumas das transgressões pesquisadas e que nunca experimentaram drogas, ainda que inferior ao caso dos jovens que já usaram ou usam drogas, é também alta (75%), o que compreende 3.198.354 jovens. Tais dados sugerem que ainda que haja associação entre exposição às drogas e cometer algum tipo de transgressão, como as aqui consideradas, não necessariamente as drogas seriam um fator determinante e único, explicando comportamentos de transgressão.

- Além de *mentir sem prejuízo* (cerca de 63% ou 88.273 dos alunos), as transgressões mais comuns entre os jovens, que indicam que usam droga com frequência, são *pegar dinheiro escondido* (cerca de 33% ou 46.211) e *falsificar assinatura em documentos da escola* (prova, boletim, carteirinha, advertência etc.) (cerca de 40% ou 47.740). Estes tipos de transgressões são mais comuns entre usuários de drogas que outras, como, por exemplo, roubar (24% ou 33.161). Tal proporção é bem superior à encontrada entre os que nunca experimentaram drogas – cerca de 5% destes declara que já roubou.

5. DROGAS E AMBIENTE ESCOLAR

As drogas estão presentes em todos os espaços da sociedade, inclusive no universo escolar. O objetivo desse capítulo é constatar como as drogas fazem parte do cotidiano da escola e quais são as implicações e interferências nesse cotidiano de acordo com a percepção dos atores.

O capítulo encontra-se dividido em duas seções. A primeira trata das percepções de alunos, membros do corpo técnico-pedagógico e pais acerca da presença, do consumo e do tráfico de drogas nas imediações da escola, ressaltando a existência de traficantes e possíveis mediadores/repassadores que atuam nesse espaço e a utilização, por parte deles, de estratégias e artifícios diversos com o objetivo de tornar as drogas mais acessíveis e atraentes, não somente aos jovens estudantes como também à população que está nos arredores da escola.

A segunda seção diz respeito às drogas no ambiente escolar. A partir das percepções dos três tipos de atores busca-se, também, detectar como as drogas interferem no cotidiano de alunos e membros do corpo técnico-pedagógico, trazendo à luz a dificuldade de lidar com a questão, considerando o medo, as ameaças, a cumplicidade e a apatia que conformam a "lei do silêncio". Finalmente, procura-se verificar a existência ou não de uma associação entre o consumo de drogas ilícitas e o rendimento escolar, considerando as variáveis reprovação e expulsão/transfêrencia escolar.

5.1. O IMAGINÁRIO SOBRE A ESCOLA

Como se destaca nesta seção, a escola é vista, pelos alunos, como um meio para a obtenção de um maior capital social e cultural. Entretanto, para que a escola continue exercendo sua função e seja capaz de propor ações concretas na resolução dos conflitos que se dão no seu ambiente – os quais refletem problemas internos e externos a ela, tais como a presença, a venda e o consumo de drogas, é necessário que ela seja capaz de lidar com novos valores e novas idéias que surgem com as constantes transformações sociais.

Para Abramovay e Rua (2002), a escola apresenta-se aos jovens como um instrumento para o exercício da cidadania, na medida em que funciona como um dos "passaportes de entrada e aceitação na sociedade" e como oportunidade de uma possível vida melhor. Entretanto, ressaltam, ainda, que a escola também é um dos mecanismos por meio do qual se operam a exclusão e a seleção social. Isso tem desdobramentos específicos na cultura, na educação, no trabalho, nas políticas sociais, nas relações étnicas e de gênero, na identidade e em outras esferas, atuando em cada uma delas de forma diferenciada.

Segundo Dubet (1991), a escola, mesmo diante das tensões existentes, e que, de forma direta ou indireta, interferem em sua rotina, ainda funciona como um espaço público no qual os alunos discutem e internalizam os conhecimentos escolares. Assim, ela é um local, por excelência, de formação de sujeitos, a partir das relações que se estabelecem entre alunos e professores. Essas transcendem à simples relação pedagógica, uma vez que a escola deve estar comprometida com os projetos de vida e as aspirações dos jovens nela inseridos.

Debarbieux (2001) resalta que a escola viveu durante muito tempo como um mundo fechado, um oásis de calma e de razão, protegida em si mesma. Porém, a expansão do ensino e o

ingresso de um novo tipo de contingente de personagens nos estabelecimentos escolares geraram, evidentemente, novas formas de interação e novas formas de "desordem". Esse processo de massificação fez com que as desigualdades sociais acolhidas na escola e reforçadas por ela entrassem na ordem do dia. O resultado é que a democratização do recrutamento escolar não se dá concomitantemente à democratização do acesso à escola.

Em um contexto no qual os discursos coletivos são marcados pela sua reduzida efetividade, a escola passa a ser questionada, na medida em que não fornece aos jovens as ferramentas necessárias à sua inserção no mercado de trabalho e ao ensino de qualidade.

Mesmo que a escola continue sendo uma esperança, um local privilegiado de socialização, de formação de atitudes e opiniões e de desenvolvimento pessoal, ela revela sua perplexidade diante das dificuldades cotidianas, as quais resultam das tensões internas existentes, de problemas relacionados à sua gestão e do próprio modelo de escola universal e gratuita.

Paralelamente à crise interna, a escola reflete a sociedade, os fenômenos exteriores a ela, mas que interferem diretamente em seu cotidiano, tais como a exclusão social, o desemprego, a violência, entre outros. Assim, a escola se torna objeto de críticas e acusações, passando a ser percebida como causa, consequência e espelho de problemas aos quais, muitas vezes, não consegue responder e nem está ao seu alcance solucionar. Portanto, é perceptível a complexidade do lugar da escola na sociedade atual e há que cuidar sobre como enfocar a questão das drogas nesta ambiência.

Deve-se ressaltar também que a constatação da existência de drogas no ambiente escolar não deve ser utilizada para estigmatizar um estabelecimento escolar ou os alunos. Esse tratamento implicaria pensar a eliminação do problema por meio de uma visão negativa da escola, o que significa utilizar a marginalização, a transferência e a expulsão de alunos como alternativas para solucioná-lo. É importante ter em mente que a questão das drogas é um problema

social e, por isso, não deve ser tratada de forma individualizada, particular. Ao contrário, requer uma visão ampla do contexto no qual se insere e dos elementos que o constituem.

Segundo Devine (2001), desenvolveu-se, durante os últimos anos, uma literatura importante sobre os fatores de risco, mostrando que alguns adolescentes se encontram em uma situação mais vulnerável que outros. Esses estudos foram importantes na medida em que puderam tratar de problemas de concentração, depressão e suicídio. No entanto, esse mesmo tipo de análise também pode chegar a isolar os alunos ao mostrar, por exemplo, que a droga pode ser uma "doença contagiosa", que se expande principalmente em bairros mais pobres, com indivíduos mais vulneráveis.

A crítica a essa visão se dá porque ela desconsidera a presença de fatores estruturais no tratamento da questão das drogas, tais como a pobreza, o racismo, o desemprego, a falta de cuidados médicos e a desigual distribuição da riqueza, que também atuam como fatores que alimentam a condição de vulnerabilidade dos jovens. Nesse quadro, deve-se considerar que para se lidar com a questão das drogas de maneira adequada, a exigência primordial é compreender a crise social, uma vez que há um conjunto de situações diversas, que envolvem problemas profundos, atuando, inclusive, como indutor do consumo dessas substâncias (Costa e Gonçalves, 1988).

Assim, é necessário atentar-se para "o intrincado e diversificado mecanismo de forças entre o indivíduo e a comunidade à qual ele pertence" (Lima, 1991: 05) para que se possa perceber que a compreensão do fenômeno das drogas e de seu uso/abuso ultrapassa o estabelecimento de relações unicasais que têm como vértices, por exemplo, a doença mental, o comportamento desviante, a marginalidade e a criminalidade, entre outros.

É um passo indispensável à contextualização da problemática discutida, dar ênfase aos processos socioculturais que

interferem tanto nas motivações que levam ao uso de drogas como no agravamento dos efeitos desse consumo (Hopenhayn, 1999), a fim de que se possa contribuir à discussão a partir de premissas destituídas de determinismos, rotulações e estigmas.

5.2. A PERCEPÇÃO DOS ATORES SOBRE DROGAS NAS ESCOLAS

5.2.1. A presença de drogas nas imediações da escola

As informações fornecidas por alunos, pais e integrantes do corpo técnico-pedagógico apontam, em uma maior escala, a presença das drogas nas imediações da escola – o que não significa que eles não identifiquem a existência dessas substâncias e o uso delas no interior da sala de aula.

De acordo com depoimentos de alunos, a entrada das drogas nas escolas é precedida pela presença das mesmas em seus arredores – fora rola. Alguns ressaltam ainda que o consumo, muitas vezes, ocorre próximo às escolas: na esquina tem bastante.

Considerando o universo amostrado de alunos, uma média de 33,5%, ou seja, um terço do total, afirma ter presenciado o consumo de drogas perto do ambiente escolar, o que corresponde a 1.551.609 estudantes, como pode ser visto na Tabela 5.1, que segue.

A elevada proporção de declarações sobre a existência de drogas nos arredores da escola ganha um sentido de consciência e de percepção do problema pelos alunos. Vale destacar que a capital que apresenta a maior proporção de alunos que afirmam haver drogas perto da escola é Porto Alegre (45,6%), seguida de Florianópolis (42,2%), São Paulo (41,1%) e Distrito Federal (39,1%). Contrastando com esses dados, está Belém, que registra a mais baixa proporção entre as capitais pesquisadas (18,6%).

Tabela 5.1

Alunos, membros do corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais, por ter presenciado uso de drogas perto da escola, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Atores que presenciaram o uso de drogas perto da escola		
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais
Manaus	25,7	27,1	28,1
Belém	18,6	27,8	22,6
Fortaleza	28,3	33,9	22,9
Recife	28,4	28,2	18,4
Maceió	31,8	18,4	19,8
Salvador	29,7	26,5	23,1
Vitória	30,6	23,3	18,9
Rio de Janeiro	25,8	18,9	19,2
São Paulo	41,1	43,6	33,7
Florianópolis	42,2	43,3	23,7
Porto Alegre	45,6	43,1	38,0
Cuiabá	32,8	27,1	21,0
Goiânia	31,4	33,3	26,9
Distrito Federal	39,1	35,8	34,4
Média	33,5	30,5	24,5

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Você já viu alguém usando drogas: dentro da escola; em festas, boates; perto da escola; em shows; perto de sua casa; em outro lugar? (marque todas que forem verdadeiras)*

Foi perguntado aos membros do corpo técnico-pedagógico: *Em que lugares você já viu alguém usando drogas: dentro da escola; em festas, boates; perto da escola; em shows; perto de sua casa; em outro lugar? (marque todas que forem verdadeiras)*

Foi perguntado aos pais: *Você já viu alguém usando drogas dentro da escola do seu filho, ou nas proximidades? Sim, dentro da escola; sim, perto da escola; não, nunca vi.*

Assim como entre os alunos, o discurso dos membros do corpo técnico-pedagógico, de escolas públicas e privadas, dá indícios de que o consumo de drogas por parte dos jovens ocorre com maior frequência fora das quatro paredes do prédio escolar. Com maior recorrência, eles citam a maconha: *Mas eu sei que eles usam é baseado mesmo. Perto da escola.*

Em conformidade com essas constatações, a tabela referenciada acima revela que, em média, 30,5% (944) dos membros do corpo técnico-pedagógico também presenciaram o consumo perto das escolas. Fazendo uma análise das proporções apresentadas para cada capital, estas variam de 43,6%, em São Paulo, a 18,4%, em Maceió. Note-se, ainda, que Porto Alegre (43,1%) e Florianópolis (43,3%) apresentam proporções superiores à média do conjunto das capitais.

Os depoentes ressaltam que o uso já se deu dentro do perímetro escolar, mas que, atualmente, isso não acontece mais, protegendo as suas escolas de forma contundente: *Fora da escola, lá rola. E tem menino que é aluno que lá fora ele pega o baseado dele.* Nos roteiros de observação, também, se anotou que em vários Estados, há pontos de venda de drogas perto das escolas.

Além dos diretores e professores, inspetores e seguranças confirmam a existência do uso de drogas: *fora da escola. Ou então, nas esquinas onde eles [os alunos] moram.* Um deles ressalta que adolescentes saem de bairros vizinhos para fazer uso de drogas perto da escola:

Eu sei que tem vizinho assim que vem de fora do bairro, aqui perto e aqui na frente mesmo. (...) Os meninos fumam muito aí na frente da escola. Lá embaixo das árvores, a gente vê. Eles usando droga durante o dia, fumando ali. (Entrevista com inspetor, escola pública, Cuiabá)

No que toca à percepção dos pais sobre o consumo de drogas, 72,1% deles, em média, afirmam nunca ter presenciado qualquer situação de uso (ver Tabela 3, no Anexo 2). No entanto, aproximadamente um quarto deles – uma média de 24,5% (3.276) – confirma a existência do consumo perto da escola, como pode ser visto na Tabela 5.1 acima. As proporções para este tipo de uso variam de 18,4%, em Recife a 38%, em Porto Alegre, com destaque para Distrito Federal (34,4%), São Paulo (33,7%) e Manaus (28,1%).

Comparando os dados apresentados para cada um dos atores envolvidos nesta pesquisa, percebe-se que as proporções de alunos e membros do corpo técnico-pedagógico que se referem à existência de drogas perto das escolas são bastante próximas – respectivamente, 33,5% e 30,5%. Menos significativa é a proporção de pais que constatam o mesmo (24,5%), embora 9.648 pais (72,1%) afirmem nunca ter presenciado esse tipo de situação, como já foi dito anteriormente.

Cabe enfatizar que os alunos são os que mais percebem a existência das drogas em todos os contextos, seja dentro da escola ou em outros locais, pois estão abertos para um mundo que não se restringe somente à escola e à família, e que envolve um emaranhado de relações sociais no qual compartilham idéias, sentimentos, experiências, emoções e valores, principalmente com seus pares.

O corpo técnico-pedagógico ocupa uma posição intermediária entre alunos e pais no que se refere aos índices de percepção das drogas nas imediações da escola, o que pode ser atribuído à necessidade que sentem de proteger o ambiente escolar, transferindo, assim, a constatação dessa realidade (o consumo de drogas), com maior freqüência, para o ambiente externo à escola. É uma forma de compartilhar com a sociedade a responsabilidade pela conscientização e prevenção em relação a este problema.

Portanto, assim como foi constatado por Abramovay e Rua (2002) no que toca à questão da violência, o tema das drogas é controvertido e delicado. Membros do corpo técnico-pedagógico assumem a tendência de amenizar a responsabilidade da instituição escolar, tanto diante do fenômeno das drogas em si quanto diante do seu enfrentamento.

5.2.2. O tráfico no entorno da escola

Considerando as interferências do meio social do qual faz parte, a escola aparece como um alvo potencial das ações dos traficantes, que podem ultrapassar os limites do muro escolar, tornando-as, segundo a expressão de Guimarães (1998), "escolas sitiadas". O tráfico tem, muitas vezes, influência no cotidiano escolar, não somente rondando a escola, como afirma um segurança: *Existem traficantes rondando a escola sim, mas também chegando a seu espaço interior.*

Nesse sentido, a localização das escolas é vista, por membros do corpo técnico-pedagógico, como um fator que pode facilitar o contato dos jovens com as drogas: *Estamos no Rio de Janeiro, numa comunidade que tem bocas de fumo. Estamos atrás do morro (...), que é sabidamente um lugar de distribuição. Então, é fácil.*

Para alguns inspetores, escolas muito próximas a áreas socialmente vulneráveis à difusão de drogas – como aquelas reconhecidas como pontos e bocas de fumo –, naturalmente estão mais suscetíveis à presença de drogas e à interferência delas em seu cotidiano escolar: *Olha, senhora, a maioria dos alunos aqui moram no morro, coisa mais fácil de eles conseguirem [drogas]. A nossa clientela aqui é basicamente do (...)*

Um coordenador de escola privada afirma que a localização pode atuar como facilitador à atuação dos traficantes. Entretanto, enfatiza que o uso não está diretamente relacionado à proximidade de jovens e escolas com áreas menos favorecidas social e eco-

nomicamente, na medida em que há escolas que são "mais protetoras" e outras que são mais "vulneráveis"¹:

Que há traficante eu não sei te informar. Agora, que existem pessoas que consomem drogas e que podem passar, há. Há porque eu acho que é (...) estamos em um bairro, como eu falei antes, com muita atratividade e também é um bairro cheio de contrastes. Somos uma escola que tem uma clientela de nível, é uma classe média. Mas nós estamos cercados por favelas. Eu não estou querendo dizer que quem consome drogas é somente quem mora em favelas. Não é isso. Pelo contrário. (Entrevista com coordenador, escola privada, Recife)

Entretanto, como bem ressaltam Cruz Neto et al. (2001), é importante considerar que os discursos que têm como objetivo a representação da droga como uma ameaça à ordem estabelecida – mostrando a favela como o lócus da droga e seus moradores como marginais responsáveis por sua disseminação na sociedade – acabam por reforçar uma série de arbitrariedades que têm como alvo a população de baixa renda. Esses discursos desconsideram que esta questão perpassa todos os espaços e classes sociais.

Paralelamente, a literatura aponta que algumas escolas são historicamente problemáticas e há outras que passam por dificuldades conjunturais que podem ser contornadas. Esse contexto de dificuldades é passível de mudanças por meio de ações, diálogo, proteção e prevenção, o que mostra que a escola também pode contribuir no combate às drogas.

Além da localização das escolas, os alunos afirmam que informações acerca dos locais de venda também funcionam como um dos fatores que facilitam o consumo por parte dos jovens, como pode ser visto no depoimento que segue:

¹ Algumas características das "escolas protetoras": o controle dos espaços internos; a preservação do ambiente escolar; regras claras e explícitas; diálogo entre alunos, professores e diretores; e ensino de qualidade.

Por exemplo, você vai numa esquina, (...) ele está com o cigarro na boca, com o braço cruzado altas horas. Chega pra pessoa, é só perguntar: "E aí, véio? Você tem?". Se ele tiver pra vender, ele vende. Se ele já está ligado, todo mundo já sabe onde se compra, onde se vende. Ele vai dizer onde é que vende. Ele vai e informa. (Grupo focal com alunos, escola pública, Salvador)

Os professores atribuem o fácil acesso às drogas pelos alunos não só à existência de vários pontos de venda espalhados pelas cidades, mas também à presença de traficantes nas imediações das escolas, o que possibilita ao jovem a compra a qualquer momento: *Eu acho que é porque não podem fazer [ponto de venda] aqui na escola, por isso é que não tem. Mas eu já observei ali na esquina. Pode ser um ponto também.*

Abramovay e Rua (2002) analisam a interferência dos bares na rotina escolar quanto à venda de bebidas alcoólicas. No que se refere aos locais de venda de drogas, os bares também aparecem como ponto de referência, o que torna preocupante a sua vizinhança com as escolas. Nos depoimentos levantados entre os diversos tipos de atores entrevistados, principalmente pelo corpo técnico-pedagógico, os bares são constantemente citados:

Aqui na escola, já tivemos suspeita de ter traficantes nas proximidades da escola. Inclusive, tem um bar aqui perto que falaram que é de traficantes e sempre está mudando de dono. Não temos certeza de nada. (Entrevista com inspetor, escola pública, Vitória)

Diante dessa constatação, um coordenador de Recife afirma que uma das medidas que poderia surtir efeito no tratamento da questão da droga nas escolas seria *afastar esses pequenos comércios da proximidade da escola*. Contudo, é importante esclarecer que esse comércio não está restrito apenas a esse tipo de estabelecimento, mas disperso no espaço urbano.

Nos discursos revela-se a posição de vulnerabilidade, e até mesmo de impotência das escolas, perante a presença do tráfico em suas redondezas:

Bem, pelo nosso conhecimento aqui nesse colégio, não [há traficantes]. Mas, com certeza, eles estão perto, aqui no perímetro escolar. Com certeza, dentro dessas quadras aqui. Com certeza, lá tem. Até porque a (...) é aqui atrás, e o consumo de maconha na (...) é impressionante. (Entrevista com policial, escola pública, Distrito Federal)

Seguranças destacam que uma possível ação por parte da escola pode ser dificultada, uma vez que, além dos mais diversos artifícios utilizados e de estratégias bem esquematizadas que dificultam a identificação da ação dos agentes do tráfico, a alteração dos pontos de drogas é constante, a fim de evitar a sua descoberta:

Ah, existem vários pontos de negociação, no próprio bairro mesmo. (...) não se pode dizer que são pontos, porque não é fixo. A partir do momento que é feita uma investigação, eles se mudam. E eles têm o passador, o avião, os meios, os laranjas, como a gente chama, para fazer o comércio. (Entrevista com segurança, escola pública, São Paulo)

A facilidade, por parte dos jovens, para adquirir drogas é citada, como será visto a seguir, por todos os informantes entrevistados. Constata-se, que entre eles, há um claro consenso, no que toca a essa questão, ou seja, acreditam que os jovens têm fácil acesso às drogas. A droga pode ser comparada à facilidade de comprar pão ou leite, podendo ser conseguida pelo telefone, e até por meio de um motoboy:

Quadro 5.1

Você pede até por telefone

Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá; Entrevista com diretores, escola pública, Rio de Janeiro; Entrevista com inspetor, escola pública, Goiânia

Droga, hoje em dia, está mais fácil que comprar leite pra uma criança. Porque para você comprar o leite, você tem que ir naquela mercearia fulana de tal. E, hoje em dia, se você quiser droga, você pede até por telefone. Pega o telefone e o cara vem trazer em casa.

Hoje, ir na padaria comprar pão e comprar a droga está quase igual.

Conseguir drogas acho que é a coisa mais fácil que tem. É só a pessoa querer, em qualquer lugar ela encontra. Todo mundo sabe onde tem. E todo mundo sempre conhece uma pessoa que vende. Então, quer dizer, droga você consegue em qualquer esquina. Você consegue até na porta da sua casa, por entrega a domicílio.

Esta facilidade de acesso às drogas por parte dos jovens é ressaltada por ALBehy André & Vicentin (1998: 74) como uma forma de suprir duas lacunas – uma que se coloca entre o jovem e o mundo adulto e outra, entre as aspirações do jovem e o que é oferecido a ele por parte da escola:

A droga vai até o adolescente, torna-se fácil de ser comprada, oferece a ele potência, tempera seus relacionamentos e cobre com cortinas de fumaça os vácuos entre a juventude e o mundo adulto. A escola, do ponto de vista da droga, parece ser o melhor ponto de distribuição. Não porque é incapaz de reprimi-la, mas porque não oferece concorrência do ponto de vista do cliente de ambas, o adolescente. Se a escola está distante dos sonhos do jovem, se produz fracassados, incapazes e impotentes, ela está se tornando o melhor ambiente de venda de drogas. Escola e as drogas têm trabalhado juntas, convergentemente.

Alguns diretores suspeitam que os alunos comprem drogas dos traficantes que ficam perto das escolas: *Eu acredito que sim. Que eles comprem destes traficantes. Já ouvi casos até, não sei se é verdade, de vendedores ambulantes na porta de escola serem traficantes extremamente espertos. Porque é ali que eles fazem o negócio.*

Diante do fácil acesso às drogas, Abramovay e Rua (2002) constataram que alguns diretores estão sempre alerta à presença de possíveis mediadores do tráfico nos arredores da escola, como donos, funcionários e freqüentadores de bares, bem como baleiros/ bombonzeiros que, segundo esses diretores, conseguem atrair a confiança dos alunos, em função da sua proximidade com eles:

Isso é coisa mais fácil. (...) Ela é dada por um bombonzeiro em porta de colégio. Eles [os traficantes] arrumam uma pessoa para passar dentro da escola, entrar dentro das salas de aula. (...) Eles vão pegar a confiança dos alunos. Então, isso é fácil. (Entrevista com coordenador, escola pública, Belém)

Em outros depoimentos, diretores afirmam que possuem informações sobre a atuação desses possíveis mediadores e que eles são procurados por alunos: *A gente sabe que aqui do lado tem um cara que, às vezes, está ali e vende do lado de uma carrocinha de churros. Eu já soube que lá na (...) tem uma loja que tem um rapaz que trabalha lá e os garotos procuram esse rapaz e compram.*

Constatou-se, a partir da percepção desses atores, que ambulantes são vistos como possíveis vetores do tráfico nas imediações das escolas. Sua presença é, para o corpo técnico-pedagógico das escolas, um sinal para que estejam alerta e desconfiados de qualquer atitude suspeita.

Em alguns casos, a presença desses vendedores chega a ser proibida pelas escolas por conta da dificuldade de controlar a atuação dos traficantes:

Já proibimos carrinhos de lanches, cachorro-quente, na frente da escola. Tem até uma lei municipal que proíbe isso. Já houve tentativa e proibimos para evitar essa conexão [com o tráfico]. Essa pessoa, às vezes, ali disfarçada de vendedor, está exercendo o tráfico. E isso tomou uma proporção incontrolável. (Entrevista com coordenador, escola pública, Cuiabá)

Na verdade, por isso que você vê, na nossa escola nós não admitimos nenhum carrinho de nada, aquelas banquinhas vendendo nada. Não admitimos. (Entrevista com inspetor, escola privada, Maceió)

Percebe-se também uma certa preocupação com indícios da atuação dos traficantes nas imediações da escola. Para alguns diretores, *um carro de som parado em frente à escola pode ser uma pista*, um indício dessa presença. Mostram-se alertas também quanto à presença de pessoas suspeitas, que podem ser as mais inusitadas, como idosos e gestantes, como demonstra o depoimento a seguir:

Um carro de som parado na escola pode ser uma pista muito grande. Temos que desconfiar de tudo. Pode estar havendo tráfico de drogas. Um carro de som parado, um aluno se aproxima, depois outro se aproxima. É uma grande pista. E está havendo tráfico de drogas. Tem que haver muito cuidado com velhos, pessoas idosas e gestantes. São grandes suspeitos de traficar nas portas das escolas. (Entrevista com supervisor, escola pública, Goiânia)

Em alguns casos, os diretores, por estarem preocupados com esta questão, acabam confirmando suas suspeitas. Buscam a intervenção das autoridades e conseguem, efetivamente, algum tipo de controle, como mostram os depoimentos a seguir:

Olhe, no começo do ano de 2000, nós tivemos um suspeito de tráfico de drogas, e nós procuramos checar essa suspeita. Foi confirmada. Ele chegava na esquina da escola, todas a manhãs de segunda-feira. A gente já sabia qual era o carro. Nós colocamos policiais para checar. Era verdade. Mas aí, essa pessoa notou e se afastou. Então, se existe alguém fazendo isso, é de uma outra forma. A gente não percebeu ainda. (Entrevista com diretor, escola pública, Maceió)

Há, sim, traficantes que transitam nas proximidades da escola. Nosso trabalho é proibir que eles se aproximem da escola e isso está sendo feito com bastante eficiência. (Entrevista com agente de segurança, Batalhão da Polícia Militar, Goiânia)

Considerando a possibilidade da presença desses mediadores nas proximidades da escola, alguns pais de alunos, tanto de escolas privadas quanto públicas, preocupam-se em alertar seus filhos quanto a uma possível abordagem de estranhos, de pessoas desconhecidas, uma vez que esses "estranhos" podem vir a ser *aviões* disfarçados:

Eu já comentei com meus filhos, principalmente no caso de chegar uma pessoa e dizer assim (...) Porque tem muito mau-caráter que, às vezes, quer pegar uma criança e oferece bombom. Naquele bombom tem uma drogazinha. (Grupo focal com pais, escola pública, Manaus)

Um outro dado pode ser percebido no depoimento que segue. Segundo o relato de uma diretora, os traficantes já não restringem a sua atuação a determinados períodos do dia ou a locais pouco freqüentados. Já não se preocupam mais com o fato de para quem irão oferecer droga:

É, outro dia eu entrei lá, lá no (...) e a pessoa me perguntou: "Quer de 5 ou quer de 10?". Ai, o outro disse assim: "Você não sabe que ela é diretora da escola?". A droga é oferecida livremente. É muito fácil ter acesso. (Entrevista com diretor, escola pública, Rio de Janeiro)

Como pode ser constatado a partir do apresentado até o momento e nos depoimentos que seguem, os discursos mostram a variedade de estratégias utilizadas por aqueles que pretendem vender drogas, envolvendo a escolha de locais de fácil acesso, ruas movimentadas que dificultam o trabalho de identificação dos agentes do tráfico, entre outros recursos para atrair o jovem.

A abordagem dos traficantes, ostensiva, apresenta-se como muito atraente, bastando lembrar que, segundo os entrevistados, a primeira oferta aos alunos, em geral, é gratuita. Os depoimentos de um aluno e de um diretor, que seguem, reforçam esta idéia:

Tem uma coisa, tem uma coisa interessante. É que quando você não é usuário da droga, não usa, não curte, aí vem várias pessoas oferecer pra você. Aparece maconha, cocaína, cigarro, álcool. Tudo. De qualquer lugar, de graça, pra você. Quando você está viciado, dependente, não tem aquela pessoa que lhe ofereça. (Grupo focal com alunos, escola pública, Salvador)

Eu ouvi falar assim que geralmente oferecem até a pessoa sentir necessidade de ter que comprar. Há [traficantes] em todos os espaços! Em todo espaço! (Entrevista com diretor, escola privada, Recife)

Além da oferta gratuita e constante de drogas, alguns diretores percebem também a utilização de outros recursos. Em um depoimento, ressalta-se a presença de meninhas bonitinhas na porta das escolas, funcionando como um dos elos na ligação dos jovens às drogas:

É o seguinte: toda frente de colégio tem uma galera, uma rapaziada de boné, com aquele kit de malandro. De boné, com aquela calça frouxa, e não sei o quê. E eles utilizam as menininhas bonitinhas, para passar para os outros, porque elas são o elo de ligação. A colega ali, você consegue adentrar. (Entrevista com diretor, escola pública, Distrito Federal)

Entretanto, é importante destacar que a proximidade de traficantes no ambiente escolar não é o único fator que influi para um maior uso de drogas nos arredores da escola. Conforme informado por alguns seguranças, muitos jovens vão aos morros comprar drogas – informação dada também por inspetores, orientadores e diretores. Ou seja, há uma multiplicidade de caminhos pelos quais os jovens chegam às drogas e as drogas chegam aos jovens:

Geralmente, eles vão ao morro (Entrevista com inspetor, escola pública, Rio de Janeiro)

Olha, aqui na nossa redondeza é muito fácil [conseguir drogas]. Aqui, a própria pracinha que tem no final da rua, aqui na frente do colégio, é um ponto de tráfico, onde os traficantes, os aviõezinhos do morro descem e fornecem a droga pro nosso aluno. Nós também temos alunos que vão ao morro buscar. (Entrevista com coordenador, escola privada, Florianópolis)

Diante do exposto, verifica-se a multiplicidade de formas de apresentação das drogas aos jovens, por meio de fatores facilitadores do acesso a essas substâncias e de estratégias desenvolvidas com esse objetivo, o que requer não somente da escola, mas da família e da sociedade em geral, um maior esforço no desenvolvimento de ações voltadas para minimizar a influência que a droga pode exercer sobre os jovens.

5.2.3. A presença de drogas dentro do ambiente escolar

Além da sua presença nas imediações da escola, as drogas também permeiam esse espaço, ainda que em menor proporção do que possivelmente ocorre em festas, shows e boates, como já foi tratado nos capítulos anteriores.

Considerando os dados da Tabela 5.2, que segue, uma média de 23% dos alunos (o equivalente a 1.070.393 deles) informa a existência de drogas dentro dos limites da escola. As proporções variam. A mais baixa foi encontrada em Belém (15,7%) e a mais alta em Florianópolis (35,1%). Não menos importantes são as proporções encontradas em Porto Alegre (29,1%), Distrito Federal (27,3%) e Cuiabá (27%), que se situam acima da média.

Tabela 5.2

Alunos, membros do corpo técnico pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais, por observação de uso de drogas dentro da escola, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Atores que presenciaram o uso de drogas dentro da escola		
	Alunos	Corpo técnico-pedagógico	Pais
Manaus	18,6	6,2	3,1
Belém	15,7	6,7	2,7
Fortaleza	21,0	9,7	3,0
Recife	22,1	13,4	5,5
Maceio	22,8	4,4	3,2
Salvador	25,5	14,3	3,0
Vitória	22,7	10,4	2,4
Rio de Janeiro	18,6	4,6	1,5
São Paulo	24,7	13,6	3,2
Florianópolis	35,1	17,6	4,4
Porto Alegre	29,1	14,8	5,0
Cuiaba	27,0	13,7	5,0
Goiânia	21,7	13,4	3,1
Distrito Federal	27,3	13,9	2,6
Média	23,1	10,8	3,4

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.

Foi perguntado aos alunos: *Você já viu alguém usando drogas: dentro da escola; em festas, boates; perto da escola; em shows; perto de sua casa; em outro lugar? (marque todas que forem verdadeiras)*

Foi perguntado aos membros do corpo técnico-pedagógico: *Em que lugares você já viu alguém usando drogas: dentro da escola; em festas, boates; perto da escola; em shows; perto de sua casa; em outro lugar? (marque todas que forem verdadeiras)*

Foi perguntado aos pais: *Você já viu alguém usando drogas dentro da escola do seu filho, ou nas proximidades? Sim, dentro da escola; sim, perto da escola; não, nunca vi.*

Os depoimentos de alguns alunos vão no sentido de confirmar estes achados: *Eu sei. Eu já vi os alunos aqui deste colégio usando, aqui dentro da escola.* Alguns foram enfáticos ao afirmar terem visto colegas fazendo uso dentro da escola. Admitem,

ainda, que alguns o fazem de maneira mais discreta: *Acho que discretamente há drogas na escola*, e outros, de maneira abusiva, chegando mesmo a serem levados para o hospital:

Há muitos que estudam aqui que cheiram, que usam, mas não falam. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)

Eu já vi gente passando mal aqui na secretaria por causa de usar droga. Até levaram ele para o hospital. Estava ruim mesmo. (Grupo focal com alunos, escola pública, Goiânia)

Poucos são os atores assertivos na negação da existência de drogas nas escolas. No entanto, existem alunos que dizem nunca ter presenciado o seu consumo: *A gente não tem conhecimento de drogas*, apesar de já terem ouvido falar: *aqui dentro não, que eu saiba disso. Se rola, ninguém sabe. É tudo escondido.*

Parte do corpo técnico-pedagógico garante que, em suas escolas, *com certeza, não existe drogas*, que nunca viu alunos com nenhum tipo de droga e que essas substâncias nunca interferiram no seu cotidiano escolar:

Nós não temos nenhum aluno que é viciado não. Nunca tivemos problema de pegar drogas na escola. Isso não existe aqui. (Entrevista com diretor, escola privada, Distrito Federal).

Outros professores e diretores admitem que o seu conhecimento sobre a existência de drogas é relativo:

Se tem, está muito bem escondida, por que não consegui ver ainda. A gente sabe, de ouvir eles falarem, que alguns usam, certo? E, no caso mais comum, é a maconha. Agora, aqui dentro, realmente, nunca teve um desse. (Entrevista com diretor, escola privada, Maceió)

Acredito que há drogas na escola. A gente tem procurado evitar o máximo. Procurado tomar conta. Mas eu não posso lhe dizer que não há, nem posso confirmar que há, por que nós nunca pegamos. Não posso nem lhe afirmar isso. A gente escuta, mas nunca houve caso flagrante. A gente imagina que haja, por que a gente vê que todo local que tem jovens, há algum tipo de droga. (Entrevista com diretor, escola pública, Rio de Janeiro)

Olha, se rola [drogas na escola] eu não sei. Eu nunca vi. Eu não posso te dizer uma coisa que eu não vi. Se rolar, pode ser maconha. Mas eu nunca senti cheiro. Eu nunca vi. Eu não sei dizer se tem. (Entrevista com coordenador, escola pública, Rio de Janeiro).

Apesar desses discursos, a presença de drogas nas escolas é uma realidade para os membros do corpo técnico-pedagógico e para os alunos. Como mostra a Tabela 5.2 acima, uma média de 10,8% afirma ter presenciado o uso destas substâncias em suas escolas, o que equivale a 336 membros do total entrevistado. As proporções variam de 17,6%, em Florianópolis, a 4,4%, em Maceió.

A presença de drogas também pode ser constatada nos depoimentos de alguns professores: *Eu já presenciei dentro da escola. Bem escondido, mas eu já presenciei.* Diretores e inspetores também viram drogas serem usadas dentro das escolas. Algumas vezes, de forma mais visível, e outras, mais escondido:

Se eu falar que não existe drogas na escola, estarei mentindo. (Entrevista com diretor, escola pública, Goiânia)

Há drogas na escola. Na escola há drogados. Damos todas as buscas, as tentativas para que realmente a droga não entre na escola. Mas sabemos que existem drogados na escola. (Entrevista com diretor, escola privada, Porto Alegre)

Olha, existir deve existir. Já aconteceu, inclusive, de nós virmos um grupo de alunos fazendo o uso de maconha. A diretora os chamou, conversou com eles. Eu acho que providenciou também a vinda de seus responsáveis. (Entrevista com inspetor, escola pública, Rio de Janeiro)

Alguns diretores, tanto de escolas públicas quanto privadas, informam que alguns alunos já chegam drogados nas escolas e um dos indícios seria seu comportamento passivo que apresentam – *isolando-se, permanecendo quietos e dormindo na sala de aula: Acredito que existe, pela postura de alguns alunos. Às vezes, o aluno está na aula todo dormindo. Ele está com comportamento muito estranho.*

Apesar de os integrantes do corpo técnico-pedagógico terem sido enfáticos em afirmar, em seus depoimentos, a existência de drogas na escola, percebe-se pela análise da tabela passada (Tabela 5.2), que sua percepção é mais baixa em relação aos dados encontrados para os alunos.

Comparando os dados referentes aos alunos e ao corpo técnico-pedagógico, percebe-se que o número de jovens que afirmam ter presenciado o uso de drogas é duas vezes superior (23,1%) ao número de membros do corpo técnico-pedagógico (10,8%) que dizem o mesmo, o que pode estar refletindo uma certa dificuldade dessas pessoas em aceitar uma realidade que fragiliza a imagem da escola como um lugar seguro, afastado dos perigos das drogas.

No que toca a percepção dos pais de alunos, uma média de 3,4% (454) deles diz ter presenciado o uso nesse local. Considerando as proporções para cada capital, Recife (5,5%), Cuiabá (5,0%), Porto Alegre (5,0%) e Florianópolis (4,4%) apresentam as proporções mais elevadas. Cabe lembrar que esses índices, quando comparados com os encontrados para alunos e educadores, são mais baixos.

O fato de serem os pais os que, em menor proporção, percebem o problema das drogas nas escolas pode ser explicado pelo fato de não estarem inseridos no contexto e de não acompanharem o cotidiano da escola.

Mesmo assim, em alguns casos, as informações de que existem drogas no ambiente escolar chegam aos pais por meio de seus filhos, que comentam situações como o uso de drogas por colegas do colégio, como mostra o depoimento abaixo:

Há uns dias atrás a T. presenciou [o uso de drogas na escola]. Daí ela falou. Alguém comendo "brownie" [bolo de maconha] aqui no pátio. Ela também me contou. Agora a pouco, no jantar, eu provoquei a conversa. [Ela] disse: "Olha, mãe, eu fiquei chocada porque eu vi a (...) fumar". E disse que foram parar quatro ou cinco da classe. [Ficaram] depois completamente drogados porque tinham comido o biscoito prensado. (Grupo focal com pais, escola privada, São Paulo)

Ainda sobre a presença de drogas dentro do estabelecimento escolar, evidencia-se que o uso das drogas é, geralmente, camuflado, escondido e acontece nos locais de menor circulação ou de maior privacidade dentro das escolas:

Há poucos dias aconteceu até um caso engraçado aqui. Os alunos ali no telhado da escola estavam usando maconha. O cheiro chegou até aqui na sala dos professores. O negócio estava tão próximo!?! (Grupo focal com professores, escola pública, Goiânia)

São os banheiros os locais mais utilizados pelos alunos para fazerem uso de drogas:

Eu já tive presente. O colega usando aqui no vestiário. Maconha. (...) Entra no banheiro masculino, lá dentro, na hora do recreio. Acho que muitos alunos pulam o muro e vêm para dentro do colégio. Fingem que vêm assistir aula e ficam no banheiro usando. (Grupo focal com alunos, escola privada, Goiânia)

Para os pais, os banheiros são também um dos locais preferenciais para o uso dessas substâncias: *Droga mesmo, maconha, eles fumavam dentro do banheiro*; assim como para os professores: *Eles vão ao banheiro. É pertinho. Aquele monte de gente em volta. Nós nunca pegamos.*

Os seguranças das escolas confirmam testemunhar o uso de drogas nos banheiros: *Eu mesmo já entrei no banheiro duas vezes e já peguei o pessoal fumando lá dentro.* Declaram ser impotentes para coibir e punir os alunos encontrados nessa situação, uma vez que, em sua grande maioria, os seguranças não pertencem ao quadro administrativo das escolas, mas são funcionários de empresas terceirizadas.

De acordo com seguranças, os diretores recomendam o não-envolvimento com os alunos, mesmo quando identificam o uso de drogas. Assim, destacam que as medidas cabíveis, neste caso, devem ser tomadas pelos coordenadores de ensino:

A gente também não pode se envolver com aluno. Porque para lidar com os alunos, somente os coordenadores. Inclusive, quando a gente entra aqui na escola, já é passado pra gente que não podemos nos envolver com aluno. Esse tipo de coisa. (Entrevista com segurança, escola pública, Vitória)

No que toca à questão dos banheiros, uma informação interessante pode ser constatada no depoimento de um diretor. Ele afirma que um aluno chegou a procurá-lo para denunciar o uso indiscriminado no banheiro e para pedir que tomasse as devidas

providências: *Às vezes, a gente sente um cheiro estranho no banheiro. Estão fumando maconha. Já veio aluno me chamar porque tinha alguém fumando droga dentro do banheiro.*

Ainda que o banheiro seja o local mais citado como espaço de uso de drogas, as salas de aula – de maior exposição pública – também são mencionadas: *Em relação à droga, já aconteceu de nós pegarmos. (...) Já conseguimos pegar dentro de sala de aula.* No roteiro de observação feito por um pesquisador, um professor mostra-se perplexo e sem saber o que fazer diante dessa situação: *interessante, a gente não pode fumar aqui dentro, mas o que fazer com aluno está na sala de aula ‘chapado’?* (Roteiro de observação, escola pública, Florianópolis)

Considerando que inspetores e seguranças são os que mais se referem às drogas na escola – já que cuidam da disciplina e são responsáveis pela preservação de seu ambiente –, seus relatos mencionam que o forte odor é um indicador de uso e que os estudantes geralmente preferem locais mais escondidos. Ressaltam que, diante do possível flagrante e da possibilidade de sua identificação, os alunos tendem a fugir: *(...) quando a gente sente [o cheiro], eles já correm. E eles sabem disso também. Então, não é muito comum, mas nós sabemos que tem gente aqui que faz isso. Nós sabemos disso.*

Entretanto, alguns membros do corpo técnico-pedagógico informam que, para alguns alunos, a possibilidade de serem ou não flagrados não constitui em si um empecilho ao uso de drogas, pois *muitos fumam tranquilo*, não estão nem aí, enfrentando regras básicas existentes na escola. Alguns nem mesmo se sentem intimidados em pedir dinheiro ao professor para adquirir droga:

Quadro 5.2

Que cigarro da moléstia de caro é esse?

Grupo focal com professores, escola pública, Recife

Tem também alunos que já vieram me pedir R\$10,00 para comprar fininho. "Aí, professora, a senhora não tem R\$10,00 não? Para eu comprar um cigarro". Eu digo: "que cigarro da moléstia de caro é esse?". E ele começou a rir. Mas ele estava com álcool, porque ele estava fedendo a cerveja.

Em relação ao tipo de droga consumida na escola, alunos e corpo técnico-pedagógico de escolas públicas e privadas destacam a maconha como a droga mais utilizada:

Olha, o que eles mais usam é o baseado mesmo. (Entrevista com coordenador, escola privada, Porto Alegre)

Droga. Existe sim. O pessoal fuma maconha aí o tempo inteiro. Isso é dito por todo mundo. Eu nunca vi, mas a gente sente o cheiro. É só circular um pouco pela escola, ir às áreas mais escuras, a gente sente o cheiro. Eu sei de maconha. Agora deve ter outras drogas mais pesadas do que maconha. (Entrevista com inspetor, escola pública, Salvador)

Uma outra coisa, tiraram os inspetores daqui e já percebemos que a maioria fuma maconha, daquele lado ali tem muito mato, por causa do cerrado não tem iluminação, então tudo ajuda o tráfico, o cara entrar aqui. (Grupo focal com professores, escola pública, Belém)

Além disso, apontam o uso de outras drogas, principalmente a cola: *Já tivemos casos de alunos fazendo uso de drogas. É muito raro, mas há casos, principalmente de cola. Eu, inclusive, flagrei*

diversos alunos, e não somente uma vez, cheirando cola escondido. Referem-se também ao loló, ao esmalte e ao lança-perfume: Eles falam assim que fazem de esmalte, de cheiro de cola, um cheirinho bom, loló, que parece que é uma mistura de éter.

Alguns alunos presenciaram uma menina com um lenço embebido de benzina: *Tem dia que eu vejo essa menina. Ela ficou com um lenço com benzina. Ficava colocando na boca e chupando. Tava todo babado o lenço, entendeu? Ela tava chupando benzina. Benzina é uma droga.*

Finalmente, cabe aqui fazer uma última comparação, entre o consumo de drogas perto da escola e dentro delas. Existe uma unanimidade, entre os atores, de que o uso é visto, mais freqüentemente, nas imediações da escola.

Tomando como ponto de partida os dados de alunos para o conjunto das capitais pesquisadas, a comparação das proporções apresentadas para estas duas categorias de uso – perto e dentro das escolas – percebe-se diferenças bastante significativas em algumas delas.

Considerando o caso de Porto Alegre como um exemplo, a proporção de alunos que afirma ter presenciado o uso de drogas perto das escolas é de 45,6%, como pode ser visto na Tabela 5.1, enquanto que o índice daqueles que afirmam ter presenciado dentro das mesmas é de 29,1% (ver Tabela 5.2), indicando uma diferença significativa – 16,5 pontos percentuais em favor do uso fora do ambiente escolar.

A capital gaúcha é acompanhada de perto por São Paulo, cuja diferença percentual é de 16,4 pontos percentuais. No Distrito Federal, em Goiânia e Maceió, as diferenças são, respectivamente, de 11,8, 9,7 e 9 pontos percentuais. As capitais com as menores diferenças no uso de drogas dentro e perto da escola são, de acordo com estes atores, Belém (3 pontos) e Salvador (4 pontos).

No caso do corpo técnico-pedagógico, a proporção dos que afirmam que existem drogas perto da escola é três vezes maior que

a daqueles que percebem o consumo em seu interior, considerando as médias da Tabela 5.1 e da Tabela 5.2.

Em São Paulo, a proporção de membros do corpo técnico-pedagógico que afirma ter visto o consumo dentro do ambiente escolar é de 13,6% (ver Tabela 5.2), enquanto que a proporção dos que afirmam ter visto o uso nas suas imediações é de 43,6%, traduzindo uma diferença significativa de 30 pontos percentuais.

Isto indica, mais uma vez, uma maior presença de drogas nos arredores das escolas em termos de pontos percentuais entre as médias constatadas para dentro e fora da escola. Porto Alegre (28,3), Florianópolis (25,7) e Fortaleza (24,2) também apresentam diferenças relevantes. Salvador (12,2) e Vitória (12,9) são as capitais com as menores diferenças.

Assim como para alunos e corpo técnico-pedagógico, foram comparados os dados obtidos junto aos pais sobre a presença de drogas dentro e fora do ambiente escolar. No caso destes atores, a diferença entre ambas as proporções constatadas é surpreendente, uma vez que a proporção de pais que constatam o uso perto do ambiente escolar (Tabela 5.1) é sete vezes maior que a daqueles que afirmam sobre o consumo dentro das escolas (Tabela 5.2).

No caso do Distrito Federal, as proporções de pais que dizem ter presenciado o uso de drogas perto e dentro das escolas são, respectivamente, de 34,4% e 2,6%. A diferença é de 31,8 pontos percentuais, o que, mais uma vez, mostra uma maior constatação do uso fora das quatro paredes da escola. Porto Alegre é capital com a maior diferença (33 pontos percentuais), enquanto Recife acusou a menor discrepância (12,9 pontos percentuais).

A complexidade que envolve a presença de drogas (de alguma forma) é maior do que a mera constatação de que um ato ilícito ocorre dentro das escolas, ferindo os princípios da educação e da escola como local seguro e de formação para a cidadania. Como a escola é um lugar de sociabilidade, destaca-se o risco de difusão e propagação do uso de drogas entre os estudantes, já que

os que são consumidores podem vir a influenciar aqueles que não o são: *Têm as pessoas que passam a ser consumidoras e tem aquelas que já entram na escola que já são consumidores.*

5.2.4. Tráfico dentro da escola

O tráfico surge para os jovens como um caminho para sair da pobreza e da falta de possibilidades de desfrutar dos bens de consumo que a sociedade apresenta a eles. Em um contexto de crise de representatividade e legitimidade das estruturas políticas e sociais, os modelos de gratificação imediata – como o oferecido pelo tráfico – são atrativos aos jovens. Principalmente entre aqueles de segmentos menos favorecidos, que conseguem resistir somente com muito esforço (Castells, 1998).

Nesta pesquisa, constata-se que a inserção dos jovens no mundo do tráfico é uma estratégia utilizada para satisfazer necessidades de consumo socialmente construídas, tendo como valores fundamentais o dinheiro, o poder e, muitas vezes, a violência.

Segundo Zaluar (1994: 97), "o tráfico de drogas é um dos meios atuais mais rápidos e eficazes para se chegar ao enriquecimento. O que se ganha nele, não se compara com nenhum ganho salarial (...) seja do operário da construção civil, do professor, do empregado estatal ou do gerente de multinacional".

Schiray et al. (2001) afirmam que as transformações sociais que se dão a partir do desenvolvimento da economia da droga atestam a expansão de setores de atividades ilegais, que penetram nos setores formais do mercado, colocando em questão a lei, os padrões e as regras elementares da organização social.

Cruz Neto et al. (2001), ao estudar o caso do Rio de Janeiro, constatam que a participação de jovens no esquema do tráfico mostra-se como uma alternativa à dificuldade de inserção no mercado de trabalho. O tráfico se torna um segmento paralelo no qual há grande movimentação de dinheiro e um espaço no qual esses jovens encontram os meios necessários à sua ascensão

social, à satisfação de suas necessidades de consumo e, conseqüentemente, à melhoria de suas condições de existência. Em contrapartida, esses jovens acabam por não medir esforços na defesa dos interesses do tráfico, estando, para isto, dispostos a arriscar suas vidas.

Velho (2002) ressalta a existência de uma crise de valores na qual, para os jovens, vale muito mais uma vida instável e marcada por situações perigosas, mas que lhes garanta a aquisição e o usufruto de bens materiais e simbólicos. Afirma ainda que esses jovens estão conscientes de que podem morrer prematuramente ao ingressar no mundo das drogas e da violência, mas preferem se expor aos malefícios dessa inserção a ficar com as "sobras dos ricos".

O depoimento abaixo vai no sentido de mostrar que de fato, muitos jovens, diante da necessidade de obter bens inacessíveis a eles, acabam se inserindo no mundo do tráfico e ficando suscetíveis a um ambiente no qual a violência é um elemento presente. Isso faz com que as drogas ocupem um lugar especial no conjunto de causas da violência apontadas pelos jovens nos grupos focais, como constatado por Abramovay e Rua (2002). No que toca à inserção dos jovens na economia do tráfico, em muitos casos, ela é definitiva:

*Entrou para o tráfico, não sai mais. Se sair você é morto (...)
Você tem que ter muito conhecimento para você sair sem sofrer nada. Você tem que conversar muito, você tem que ter muito contexto para você sair ileso. (Grupo focal com alunos, escola pública, Rio de Janeiro)*

Vale destacar que essa inserção pode ter como conseqüência a entrada do jovem no *mundo da criminalidade*. Muitos jovens entram na "vida de bandido" para manter um padrão de vida em que o consumo é um bem primordial. Nessa medida, o depoimento abaixo mostra que os jovens querem fugir de uma identificação de "pobre":

Começa a gerar a violência através dos jovens. Os jovens, eles pensam assim (...) Na idade de 15 e 14 anos, ele vê uma pessoa assim, com mais poder aquisitivo que ele. (...) Ele fica imaginando aquilo ali assim: "Pô, eu podia ter aquilo ali". Aí, é onde ele procura arrumar dinheiro fácil, sendo que a família dele não acha. Ele vem aqui através das drogas. Ele não entra de uma vez, mas ele conversa com uma pessoa sobre aquele assunto. Quando vai ver, já está todo mundo viciado na droga. Já está todo mundo perdido no mundo da criminalidade. "Vou roubar pra sustentar meu vício. Pra mim ter meu dinheiro, ter roupa boa. Mulheres ao meu redor". Muita coisa, entendeu? Ele pensa muita coisa em volta disso tudo. (Grupo focal com alunos, escola pública, Vitória)

Castro et al. (2001: 84) constatam que, para alguns jovens, "o tráfico representa a possibilidade de atingir um status social e obter o respeito da sociedade. O traficante é visto como um indivíduo respeitado, que possui poder e dinheiro, algo quase inatingível em uma comunidade de baixa renda".

Na percepção de professores e pais, outra razão para a entrada dos jovens na criminalidade é a necessidade de comprar drogas, levando-os a cometer pequenos delitos: *(...) para conseguirem comprar drogas, fazem pequenos furtos. Primeiro, eles usam tudo que eles podem da família, já que, geralmente, eles não trabalham. Outros roubam dentro da escola.*

No que toca à constatação da participação de jovens na estrutura do tráfico, alguns depoimentos mostram que a presença do tráfico nas escolas se dá por meio de "aviões" que se passam por alunos, os chamados "alunos eternos", como, por exemplo, um rapaz que repetia o ano a fim de traficar na escola. Durante anos, ele conseguiu conduzir o tráfico no interior do colégio sem ser percebido:

Essa escola é muito famosa também por causa disso aí. Tinha um rapaz aqui nessa escola aqui há muito tempo atrás. Aí, ele ficou cinco anos estudando. Ele sempre, todo ano, ele reprovava. Só teve dois anos que ele passou. Ele passou do primeiro para o segundo, reprovou, e aí depois ele passou para o segundo. Depois passou pro terceiro, porque estava ficando muito na pinta. (...) ele vendia droga aqui dentro da escola, até que descobriram. (Grupo focal com alunos, escola pública, Vitória)

Alguns seguranças e inspetores também apontam que existem alunos que *preferem reprovar* e que o intuito deles não é estudar, mas ser um ponto focal no repasse da droga:

Quadro 5.3

Pessoas que se infiltram na da escola

Entrevista com segurança, escola pública, Distrito Federal; Entrevista com inspetor, escola pública, Salvador

Praticamente, 85% das escolas têm o tráfico de drogas. Não assim que seja visto. Porque é muito difícil você ver. Tem caso de escola que o aluno prefere reprovar para continuar o tráfico naquela escola. Ele é usado pelo traficante para fazer o tráfico dentro da escola.

Através dos traficantes. De tantos lugares que surgem esses traficantes. A gente sabe que existem pessoas infiltradas em todos os lugares só pra isso. A gente sabe que aqui na escola existem pessoas que se infiltram só pra isso, no intuito de passar. De vez em quando, a gente descobre que tem um que está aqui dentro. Mas que o intuito dele não é de estudar, mas de passar droga.

Ainda sobre a existência de alunos traficando dentro das escolas, existe o relato de um professor de escola pública que

afirma que um aluno tentou passar drogas, mas acabou sendo pego e advertido: *No noturno, teve um rapaz que entrou com droga e tentou passar aqui no banheiro. Esse menino foi chamado, conversado.*

A circulação de drogas nas escolas, em muitos casos, se dá por meio dos próprios estudantes, que passam uns para os outros, o que é confirmado nos depoimento de um professor que afirma que: *A droga aqui ela é distribuída pelos próprios alunos. Eu conheço aqui um grupo de 1.º ano. Tem gente do grupo que traz a droga e distribui.*

Outros professores e diretores se referem à existência de alunos intermediários, apesar de, muitas vezes, nunca terem constatado a presença da passagem de drogas dentro da escola: *Eu nunca identifiquei, mas já soube de coisas na escola. Assim, dos alunos participarem, de serem, de ter um traficante lá fora e eles serem intermediários mesmo, de trazer drogas para dentro da escola, para vender.*

Quando se discute a existência de drogas nas escolas, é comum que se ressalte o caso de alunos que atuam como intermediários no repasse dessas substâncias. Entretanto, pode-se perceber também na narrativa de um policial do batalhão escolar a indicação da participação de professores: *É porque existem casos em que o próprio professor leva droga pra escola. Trabalhando aqui com entorpecentes, nós já lidamos com vários casos assim.* Tal acusação é também feita por alguns alunos: *Eu conheço bastante cara, até professor, que também estava ligado a esse negócio.*

Alguns depoimentos mostram que esse repasse de drogas dentro da escola é considerado como um fato corriqueiro e comum: *Deve ser igual a todas as outras escolas. Tem uma pessoa que traz aqui pra dentro e tem um outro lá fora que passa. Tudo do mesmo jeito. E aqui circula dessa forma.*

Cabe ainda considerar o lugar dos amigos na iniciação às drogas, tema discutido também nos capítulos anteriores e que recebe um lugar de destaque na literatura. Lima (1991), por exemplo, observa que, geralmente, a primeira experiência com

drogas entre os jovens se dá em um ambiente conhecido e com pessoas de confiança, como confirma o depoimento de um diretor: *Já é um vício a droga. Então, eles compram, eles passam. São os próprios amigos que trazem. Há quem passe no próprio bairro. Eles passam um para o outro. Vendem por dois, três reais.*

Como bem observa um diretor entrevistado, em alguns casos, quando não vendem drogas, os amigos indicam as bocas de fumo ou, ainda, o traficante com quem pode ser adquirida a droga:

O grupinho deles já sabe os lugares onde se consegue a droga. Ele sabe quem é o traficante amigo que fornece. Qual é a barraquinha que fornece. Qual é o sinal para dizer que, naquele lugar ali, hoje, tem droga, no assóvio. Eles sabem onde obter a droga. No grupo que botou ele naquilo, ele sabe. Ele sempre procura aquele grupo que botou ele naquilo. Onde é que consegue mais. (Entrevista com diretor, escola pública, Salvador)

Evidencia-se, assim, que o fornecimento de drogas ao jovem não se dá somente por profissionais especializados, ou seja, por traficantes. Depoimentos de distintos atores sugerem que o negócio e a circulação das drogas se dá também, pela intermediação de alunos, como foi dito anteriormente, de amigos e de conhecidos, indicando que essa atividade encontra-se cada vez mais disseminada, o que possivelmente dificulta o controle e a repressão ao tráfico.

Tais achados contradizem a versão de que o jovem é uma presa fácil nas mãos dos traficantes, minimizando, assim, o papel da sociabilidade como fator estimulador do uso de drogas. Há algum arbítrio no consumo inicial, não se pode afirmar que o jovem tenha sido forçado ou coagido a fazer uso.

5.2.5. As drogas e sua interferência no ambiente escolar

A escola se situa em um espaço social e territorial cujas características afetam a sua rotina, suas relações internas e as

interações dos membros da comunidade escolar com o ambiente externo. É de se esperar que o tráfico dentro da escola e em suas redondezas interfira na rotina escolar.

Considerando as formas de manifestação dessa interferência, Guimarães (1998) afirma que os traficantes fortalecem seu domínio instituindo nas comunidades – em particular nas pobres e, por extensão, nas escolas que aí se situam – sistemas de poder próprios, apoiados em armas e na intervenção, em diversos níveis, na vida dos moradores.

Em alguns casos, diretores apelam para a negociação, a fim de garantir a sobrevivência da vida escolar. É ilustrativo o caso de uma diretora que se refere à necessidade de estabelecer uma "política da boa vizinhança" com os traficantes, visando a criação de um ambiente pacífico. Segundo ela, é preciso *não bater de frente* com os integrantes do narcotráfico, a fim de garantir a continuidade e a normalidade das atividades escolares, de forma que os alunos não saiam prejudicados em seu processo de aprendizagem.

A possibilidade de disputas violentas por causa da ação do tráfico ronda a escola, principalmente quando algum membro da comunidade escolar está diretamente envolvido no tráfico, seja como integrante ou como usuário. Contudo, como sugere o depoimento a seguir, a preocupação com a vulnerabilidade da escola vai além do fato de ter alunos relacionados com o tráfico:

Numa rua onde passa gente de tudo quanto é tipo, para um lado e para o outro, nós ficamos muito expostos. Aqui, você vê que se houver algum problema de algum aluno nosso envolvido com tráfico, que porventura faça alguma coisa que desagrade o grupo de traficantes, lá de fora da rua ele vê o aluno aqui dentro com a maior facilidade, sem problema nenhum. E o que nos separa da rua é apenas uma gradinha, quando deveria ser um muro. E um muro alto. (Entrevista com inspetor, escola pública, Rio de Janeiro)

Entretanto, cabe ressaltar que um muro alto, por si só, não é capaz de fazer com que a escola sofra uma menor interferência por parte do tráfico, uma vez que um diretor afirma que, em sua escola, os traficantes abriram um buraco no muro que foi feito especialmente para isso. Os alunos, em seus depoimentos, também dão indicações de que um muro não faz com que a escola esteja mais protegida da presença das drogas dentro do seu ambiente, uma vez que: *Às vezes, [usuários de drogas] pulavam o muro e aplicavam. No outro dia, a gente chegava e tinha um monte de seringa cheia de sangue dentro da escola.*

Algumas escolas buscaram soluções tecnológicas, como a instalação de câmeras com o objetivo de possibilitar um maior controle não só do uso, como do tráfico de drogas dentro e fora das escolas: *O (...) chegou a instalar câmeras fora do colégio, no muro, porque tinha gente fumando maconha.*

Porém, é importante considerar que a utilização desse recurso, por si só, não se mostra como uma alternativa eficaz para lidar com a magnitude do problema do consumo e do tráfico de drogas.

Nos Estados Unidos, como mostra Devine (2001), a instalação de raios-x, *walkie-talkies* e câmeras como uma forma de viabilizar a segurança dentro da escola, não conseguiu resolver os conflitos e prevenir o consumo de drogas e a violência. O programa Safe and Drug Free Schools, do Ministério de Educação norte-americano, colocou à disposição US\$566 milhões para programas de segurança escolar somente no ano de 1999. Esse montante não foi suficiente, porém, para fazer avanços eficazes na prevenção do uso de drogas.

Além da instalação de equipamentos tecnológicos, outras medidas de segurança podem ser identificadas nos depoimentos que seguem. Algumas escolas afirmam que a exigência do uso do uniforme e o controle da entrada e saída dos alunos deveriam ser algumas das estratégias utilizadas para garantir que regras básicas sejam respeitadas nas escolas, protegendo-as: *O controle do*

aluno, a disciplina da escola, o uniforme, o controle da entrada, do horário, da saída, carteira estudantil, seria por aí. O controle escolar tem que funcionar.

Considerando as estratégias listadas acima, pode-se constatar que é na escola particular que o controle é maior e as regras são mais efetivas. Nela, a vigilância constante por agentes de segurança e porteiros transcende os muros da escola. Eles controlam até mesmo, em alguns casos, os grupinhos que ficam na rua, perto da escola:

(...) solicita-se ao porteiro que observe. E o rapaz que cuida da segurança aqui da frente, quando percebe uma pessoa ou um grupinho diferente do outro lado da rua, todos os dias no mesmo horário, ele vai lá e pergunta o que está fazendo, por que está ali. Ou vem e nos avisa. Se a gente puder identificar, "olha, é primo do fulano", aí tudo bem. Se não, se ninguém for conhecido, a gente solicita para que o segurança peça para não vir mais. (Entrevista com diretor, escola privada, São Paulo)

Existe [presença de traficantes nas proximidades da escola]. Por isso que no nosso colégio, se você percebeu, tem duas entradas só para alunos. Nessa entrada, o aluno só entra com carteirinha ou uniformizado. E se for visitante, ele tem que deixar uma identidade. No portão da escola, na entrada dos alunos, alguém sempre acompanha. Fica monitorando: "Olha, está subindo alguém para falar contigo". Eles sempre comunicam à coordenação, aquele setor para o qual esse alguém vai. (Entrevista com coordenador, escola privada, Florianópolis)

No que toca ao tema da segurança nas escolas, alguns professores, diretores, e mesmo pais informam, em seus depoimentos, que o policiamento dentro da escola e o *cumprimento de penas severas por parte dos traficantes* são as únicas medidas que impõem segurança e respeito: *É o problema da segurança dentro da escola.*

Policciamento. Quando o pessoal vê o policiamento, respeita mais. Deveria ficar, por exemplo, dois policiais dentro do colégio.

Entretanto, o policiamento dentro da escola nem sempre é bem visto pelos alunos, uma vez que alguns fazem menção à presença da polícia nas escolas, acompanhada de cães farejadores de drogas, estabelecendo um clima de pânico e terror entre os alunos suspeitos de estarem envolvidos em brigas e na comercialização de drogas dentro do estabelecimento escolar:

QUADRO 5.4

Cachorro na sala para ver se há drogas

Grupo focal com alunos, escola pública, Vitória

Houve, no começo do ano, um boato de que alguns alunos estavam vendo muitos policiais. Estava havendo reuniões de policiais, professores e coordenação. E saiu um boato, na sala da diretoria, de que havia uma turma dentro do colégio agindo, trazendo drogas para dentro do colégio, para distribuir para os alunos. Por isso, os policiais estavam aqui dentro, para tentar descobrir quem era, mas acho que não descobriram nada e deixaram para lá. Ficou por isso mesmo. (...) A escola toma providências. Assim, por exemplo, a briga foi hoje, aí amanhã eles mandam policiais. Eles ficam olhando. Tem os cachorros que ficam procurando drogas. Ficam assim observando se a gente briga. (...) Cachorro na sala para ver se tem drogas.

Alguns alunos ressaltam que a presença da polícia dentro dos estabelecimentos escolares a fim de coibir o uso e o repasse de drogas não significa que as escolas estejam realmente protegidas, uma vez que eles afirmam conhecer casos de policiais *que são corruptos e que recebem propina de traficantes*. Informam, ainda, que alguns policiais sabem da existência e da localização de "bocas de fumo" e que só buscam intervir nos momentos em que o papel da polícia passa a ser questionado: *Falam mal, rapaz, tem que*

mostrar serviço. Ai, acham uma boca de fumo. É sempre assim. Eles sabem onde está tudo. Vê-se, então, que a credibilidade da polícia junto a estes jovens é muito baixa.

Além das alternativas tecnológicas e repressivas, outras medidas, como a expulsão de alunos, também não se mostram eficazes. Em uma escola da rede privada, professores declaram que três alunos foram expulsos da escola por portar drogas: *Pegaram no banheiro; só um garoto do ano passado, que ficava fumando aqui dentro da escola. Estudava aqui e ficava fumando. Só que foi expulso da escola.*

Por fim, convém enfatizar que outras escolas assumem uma postura diferenciada no tratamento da questão da droga. Alguns diretores afirmam que apostam no diálogo com os envolvidos com drogas, pois acreditam que medidas repressivas e que estigmatizam alunos não são a solução mais acertada: *Nós não eliminamos da escola ninguém por esse motivo. A não ser que seja um caso patológico. Se não, procuramos ajudá-los. Às vezes, mandar o aluno embora não adianta nada. Fica pior.*

Conforme informado por alguns inspetores, as escolas onde trabalham não só atentam para o consumo de drogas entre seus alunos, como também procuram ajudar aqueles que se revelam dependentes químicos. Uma escola particular, inclusive, vem acompanhando o tratamento de dois alunos:

Eles foram orientados quando nós descobrimos. Eles já chegaram na escola viciados. Nós percebemos a diferença no comportamento deles. Então, o vice-diretor chamou os pais, conversaram, orientaram. Eles estão em tratamento médico. Nós os acompanhamos para saber como está o tratamento. Eles estão se cuidando, mas não deixa de ser um risco para a escola ter viciados conosco (Entrevista com inspetor, escola privada, Distrito Federal)

Agentes de segurança ressaltam que disponibilizar informações sobre as drogas e suas implicações na vida individual e coletiva já seria um grande passo no tratamento do problema das drogas nas escolas. Além disso, afirmam que as ações devem ser resultado de uma aliança entre *pais, professores e diretores*. *Tem que ser em conjunto para poder dar certo. Um só não faz nada.*

Diante do até agora exposto, percebe-se claramente a necessidade de a escola estar preparada e munida dos meios mais adequados para que possa fazer frente ao poder das drogas e suas conseqüências no cotidiano escolar, tornando-se cada vez menos vulnerável às suas interferências.

Quando se trata das disputas entre traficantes, a vulnerabilidade da escola é ainda mais perceptível. De acordo com o depoimento de um segurança, as brigas entre traficantes acontecem com freqüência no entorno da escola, porque este é um ponto de tráfico. Os membros da escola ficam expostos a um quadro de extrema violência, acontecendo, em alguns casos, até tiroteios: *Dentro da escola não temos confrontos entre grupos. Mas ao redor tem, de vez em quando, tiroteio. Porque aqui tem muito ponto de tráfico. Por isso, tem muitas brigas e tiroteio.*

Guimarães (1998) constata que a atuação de pessoas vinculadas ao narcotráfico ultrapassa os atos de vandalismo, as pequenas transgressões e ações violentas, já registradas em outras pesquisas. Afirma ainda que esta atuação "diferencia-se também, em sua natureza e amplitude, das situações no espaço escolar representadas por balas perdidas atingindo alunos e por estudantes acidentalmente feridos por colegas armados, embora essas não sejam menos graves" (Guimarães, 1998: 14).

No depoimento a seguir, um agente de segurança destaca a participação de gangues altamente organizadas no comércio de drogas e armamentos no interior dos bairros onde se localizam as escolas pesquisadas. Diante de tamanha organização, a escola mostra-se impotente para intervir e propor soluções:

Não, bem ao redor da escola não tem traficantes. Mas no bairro todinho tem pontos. São quatro gangues organizadíssimas. Porque, normalmente, é uma gangue por bairro. Aqui nós temos quatro. Essas quatro têm seus pontos, com arma, com droga. A escola é impotente para resolver esse problema. (Entrevista com agente de segurança, escola pública, Ceará)

De acordo com alguns informantes do corpo técnico-pedagógico, a disputa pelo controle dos pontos de tráfico da região acaba por resultar em mortes, envolvendo até mesmo alunos, como atestam os depoimentos a seguir:

Um fato recente que teve foi um assassinato, o ano passado, na porta da escola. Tem um ponto de drogas aqui do lado. É um matagal. (Grupo focal com professores, escola pública, Vitória)

Olha, vou te falar a verdade. Um que eu conhecia, que era traficante mesmo, que não saía aqui da escola. Ele não era aluno, mas ele ficava nas redondezas. Mataram ele. Deram tiro na barriga dele. (Entrevista com segurança, escola pública, São Paulo)

Um fator que inibe a investida contra os traficantes é o medo generalizado de denunciá-los. As ameaças – não raras vezes, de morte – feitas a seus delatores potenciais constituem um obstáculo à denúncia da ocorrência do tráfico nas escolas:

Sim [há traficantes transitando dentro da escola]. E eu te repito: a sensação é que diminuiu um pouquinho. Mas a gente já viu alguma coisa ali na porta. Ou [tem] professor que inclusive disse que já viu e na hora teve até medo de ver. Quem passou não era de dentro, né? [Era] alguém de fora da escola. Mas não quis é perceber quem recebeu [a droga]. (Entrevista com diretor, escola pública, Rio de Janeiro)

A cultura do medo se alimenta de estratégias que dificultam a denúncia e, conseqüentemente, o enquadramento legal do tráfico de drogas. Por exemplo, um diretor entrevistado, embora admita a possibilidade da presença de traficantes nas imediações de sua escola, baseando-se em algumas evidências, declara que uma intervenção na economia do tráfico e uma ação de combate só podem ser acionadas mediante provas de que este tipo de atividade ocorre no entorno escolar:

Olha, a gente até imagina que há [traficantes nas redondezas], mas é a mesma coisa que eu dizia anteriormente pra você: se a gente, um dia, realmente, houver uma denúncia, uma coisa que a gente possa desconfiar, nós vamos tomar as providências. No caso de se chamar a polícia, no caso de acionar autoridades competentes. Por enquanto, não temos nada de evidente que a gente pudesse provar. Que pudesse chamar alguém pra tomar alguma providência. (Entrevista com diretor, escola pública, Rio de Janeiro).

Diante do exposto, fica clara a vulnerabilidade das escolas frente ao tráfico e à violência, expressa, sobretudo pela ação de grupos organizados, marcados por condutas delinqüentes, cujas ações, muitas vezes, acabam por se concretizar em atos violentos, protagonizados por "jovens sob uma dupla representação: vítimas e partícipes da violência" (Debarbieux, 1998:39). Esta situação se agrava quando as escolas e seus membros se sentem impotentes, principalmente por não terem o respaldo das autoridades para o enfrentamento dos problemas de segurança experimentados no ambiente escolar.

5.2.6. A "Lei do Silêncio"

São vários os fatores que fazem com que a "lei do silêncio" se estabeleça, não só em relação ao tráfico de drogas, mas também ao seu consumo. O parentesco com integrantes do tráfico, a

convivência e a solidariedade entre os alunos, acompanhados do medo e da ameaça que demonstram as tênues fronteiras entre a droga e a violência, são alguns desses fatores.

Assim como nos casos de violência na escola, documentados em Abramovay e Rua (2002), o ocultamento ou não-menção à extensão da presença das drogas nas escolas, em grande medida obedece a essa lei, pela qual não se comenta o visto ou o sabido, por temor à represália ou ao estigma contra o informante, fortalecendo a cultura do medo. Debarbieux (1998) afirma existir uma tensão social que desencadeia um sentimento de insegurança nas pessoas, fazendo com que, mesmo que elas não sejam diretamente afetadas pela violência que o tráfico traz inerente em si, são tomadas por uma angustiante sensação de vulnerabilidade.

Alunos, tanto de escolas públicas como privadas, confessam que sentem *medo de falar* e não denunciam os atos ilícitos que presenciam porque temem represálias, uma vez que os envolvidos ameaçam. Preferem esperar que a pessoa se entregue a ter de falar alguma coisa. O ideal é fingir que não viu, sendo que o medo pode silenciar não só em relação às drogas, mas também em relação a outros fatos que envolvam pessoas do mundo das drogas (traficantes e consumidores) e da violência:

É o seguinte: a gente tem medo de falar. Às vezes presencia, mas tem medo de falar. Eu já presenciei alguma coisa aqui também de aluno. Mas eu não falei porque se a pessoa viu que eu vi, entendeu? Se eu falasse, com certeza, ficaria na minha mira. Aí, eu fingi que não vi. (Grupo focal com alunos, escola pública, Salvador)

Nos roteiros de observação dos pesquisadores foram registrados o consumo e o tráfico de drogas dentro da escola, acompanhados de atos violentos e ameaças a alunos, professores e funcionários, estabelecendo o medo entre eles (Roteiro de observação, escola pública, Goiânia).

Os professores também reconhecem que entre os alunos há cumplicidade e impera a "lei do silêncio". Na escola privada, se fala na lei do silêncio: (...) *Em relação às drogas lícitas e ilícitas, existe essa lei. O outro sabe que ele está bebendo, mas se cala.*

A postura de negação e, ao mesmo tempo, de ambigüidade em relação à afirmação da existência de drogas no ambiente escolar por parte do corpo técnico-pedagógico reflete o temor, o medo, o não-saber o que fazer diante desta realidade. Alguns professores são explícitos em declarar que *a gente não pode se comprometer*, assim como outros admitem que há uma recusa em expor o problema.

Quadro 5.5

Por baixo dos panos

Grupo focal com professores, escola pública, Distrito Federal

É um problema de todas as escolas que rola por baixo dos panos. Muitos professores sabem da existência de drogas, mas não falam abertamente. (...) Existem diretores que têm muito medo de lidar com gangues. Mas, a gente sabe que as coisas acontecem, mesmo que a gente não queira. E às escondidas.

Também os pais preferem não se pronunciar, por medo de que algo possa acontecer a suas famílias. Um pai enfatiza que sabe da existência do tráfico na comunidade, que tem conhecimento do envolvimento de policiais, mas não diz os nomes das pessoas porque *ninguém vai se meter com traficante*, uma vez que *tem família para proteger*. Refere-se diretamente à "lei do silêncio":

Com certeza, várias bocas de fumo tem por aqui. Tem ruas aqui que têm três, quatro. A gente não vai dizer qual é porque é a lei do silêncio. (...) Mas aqui a droga rola solta. Conta, inclusive,

com a presença de alguns policiais. Isso é o mais sério. Dizer quem é, ninguém sabe. Ninguém é bobo. (Grupo focal com pais, escola pública, Manaus)

Esta lei é mencionada por diversos atores e para alguns seria, inclusive, uma espécie de convivência. De acordo com os inspetores, *existe essa coisa do silêncio, da convivência. Sempre tem alguém. Talvez pela sua formação, talvez pelas orientações que recebem na escola, pela orientação que recebem em casa.* Os seguranças sabem de ameaças que alunos, professores e diretores sofrem, mas não se sentem responsáveis em coibir este tipo de agressão.

Alguns diretores, principalmente de escolas públicas, lembram que, muitas vezes, ou os próprios alunos são traficantes, como pode ser percebido em seção anterior, ou, então, guardam com estes alguma relação de parentesco ou afinidade – *filhos, cônjuges* – o que inibe, de certa forma, a iniciativa da escola em abordar, em sala de aula, a temática das drogas. Esta atitude também contribui, de certa forma, para que a "lei do silêncio" não seja rompida: *Muitas vezes um traficante é da família de um aluno. Então, eles não falam nada.*

O corpo técnico-pedagógico reconhece que os alunos dificilmente denunciam atos ilícitos cometidos por colegas ou estranhos. Entretanto, observa-se que, à medida que a confiança do aluno é conquistada, ele se sente mais à vontade para, sigilosamente, procurar a direção da escola e contar o que sabe. Assim, obter a confiança do informante é a solução mais acertada para, pelo menos, minimizar o poder da referida lei:

Não, eles não querem [delatar os colegas]. Nesse ponto, eles não querem fazer isso. Muito sigilosamente eles chegam pra direção. Quando a gente chama pra conversar, eles citam alguns nomes. Mas eles não querem. Eles sempre encobrem. Mas é mais pelo medo. Eles sabem que se for entregar alguém,

poderá ficar marcado. Então quando eles fazem isso, é muito sigilosamente, com muita confiança na gente, pra que a gente não fale nada. (Entrevista com diretor, escola pública, Fortaleza)

Mas, por outro lado, há também um movimento de contestação. Seguranças mencionam que instruem os alunos a não acatarem tal lei, mas reconhecem que a maioria prefere se calar, enfatizando que a própria polícia não oferece segurança àqueles que resolvem denunciar.

No que toca à "lei do silêncio" não foi possível observar diferenças marcantes entre os discursos dos atores de escolas pública e privada – a preocupação de todos é a mesma, ou seja, o medo das ameaças.

5.3. CONSUMO DE DROGAS ILÍCITAS E RENDIMENTO ESCOLAR

Analisa-se, a seguir, a relação entre drogas e rendimento escolar. Esta relação envolve uma multiplicidade de fatores internos e externos ao indivíduo e ao meio social no qual ele se insere, fazendo com que a linha que separa as causas e as conseqüências do desencantamento com a escola – que podem repercutir no uso de drogas – sejam muito tênues.

Bucher (1992) chama a atenção para a necessidade de compreender as dificuldades pelas quais o indivíduo passa, para entender as conseqüências em seu convívio social e, conseqüentemente, em seu rendimento escolar. Refere ainda que uma dessas dificuldades é o sofrimento social e afetivo que, em algum momento, este indivíduo chega a apresentar, podendo resultar em delinqüência, fracasso escolar e marginalização, bem como em uso e abuso de drogas por parte dos jovens.

Bearman et. al. (2001) constataram a existência de uma correlação inversa entre desempenho escolar e uso de drogas. Uma das conclusões é a de que, quanto mais altas as notas do aluno, menor é o risco de experimentar e usar drogas.

As associações entre uso de drogas por jovens e sua interferência no processo de aprendizagem de estudantes norte-americanos também aparecem em vários estudos realizados no Brasil, apesar de serem realidades diferentes.

Exemplo disto são os levantamentos nacionais sobre o uso de drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio, realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, cujos resultados têm evidenciado uma associação positiva entre defasagem escolar (incompatibilidade entre faixa etária e série) e experimentação de drogas. Os dados relativos a 1997 indicam que cerca de 66,5% dos estudantes pesquisados apresentavam defasagem escolar, em sua maioria estudantes faltosos e usuários de drogas. Entretanto, os pesquisadores ressaltam a existência de um quadro geral de ensino deteriorado, condições que repercutem igualmente na vida de estudantes usuários e não-usuários.

Tavares *et al.* (2001), em pesquisa realizada em Pelotas, Rio Grande do Sul, com 2.410 estudantes de 1.º e 2.º grau de escolas públicas e particulares, com o objetivo de avaliar a prevalência do uso de drogas por estes estudantes, constataram que alunos faltosos (nove ou mais dias/mês) e repetentes (três ou mais repetências) eram duas vezes mais suscetíveis a se tornar usuários. Porém, cabe ressaltar que, por se tratar de um estudo transversal, não foi possível estabelecer uma relação de causalidade entre uso e rendimento escolar, já que o uso de drogas pode ser tanto causa como efeito de um desempenho escolar deficitário.

Os dados desta pesquisa contribuem para o enriquecimento da discussão a respeito da relação entre rendimento escolar e

consumo de drogas, a partir da análise das categorias de reprovação e expulsão.

A Tabela 5.3 mostra a existência de associação entre o uso de drogas ilícitas e a frequência de reprovações. Considerando as médias para o conjunto das capitais, percebe-se que a proporção de alunos que já experimentaram drogas e/ou usam com frequência e que já reprovaram são relativamente maiores do que a proporção daqueles que já reprovaram, mas que não fizeram uso de drogas.

Considerando o universo de alunos que já reprovaram mais de uma vez, constata-se que uma média de 16,2% deles afirma nunca ter feito uso de drogas, enquanto que a média daqueles que as utiliza frequentemente é duas vezes maior (31,3%). Reforçando a associação entre consumo de drogas e reprovação escolar, tem-se que uma média de 21,7% dos alunos que já reprovaram experimentaram drogas pelo menos uma vez na vida.

Considerando o caso de uma única reprovação, esta mesma associação pode ser percebida, mesmo que em uma menor proporção. Cabe, ainda, ressaltar que esta associação não se invalida diante da pequena diferença entre a média de alunos que já experimentaram drogas e daqueles que nunca o fizeram.

Na tabela abaixo, percebe-se que a média de alunos que usam drogas com frequência e que já reprovaram uma vez e a média daqueles que nunca fizeram uso delas, nesta mesma situação, são, respectivamente 27,5% e 23,5%.

Tabela 5.3

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência de reprovações, segundo frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Alunos segundo frequência de uso de drogas ilícitas e frequência de reprovações				
	Frequência de uso de drogas ilícitas	Frequência de reprovações			
		Uma vez	Mais de uma vez	Nunca	Total
Manaus	Usam com frequência	32,3	26,5	41,1	100,0
	Já experimentaram	29,7	25,3	45,0	100,0
	Nunca usaram	27,9	15,4	56,8	100,0
Belém	Usam com frequência	18,4	54,9	26,7	100,0
	Já experimentaram	23,8	50,8	25,4	100,0
	Nunca usaram	31,7	26,1	42,2	100,0
Fortaleza	Usam com frequência	28,7	36,7	34,5	100,0
	Já experimentaram	23,9	29,0	47,1	100,0
	Nunca usaram	28,0	19,0	53,0	100,0
Recife	Usam com frequência	23,6	32,1	44,3	100,0
	Já experimentaram	27,4	36,2	36,4	100,0
	Nunca usaram	25,3	22,1	52,5	100,0
Maceió	Usam com frequência	28,6	35,7	35,7	100,0
	Já experimentaram	28,1	23,0	48,9	100,0
	Nunca usaram	28,9	19,6	51,5	100,0
Salvador	Usam com frequência	26,9	33,6	39,5	100,0
	Já experimentaram	34,7	23,6	41,7	100,0
	Nunca usaram	30,2	24,1	45,7	100,0
Vitória	Usam com frequência	19,3	28,9	51,8	100,0
	Já experimentaram	25,6	12,6	61,9	100,0
	Nunca usaram	17,8	10,6	71,6	100,0
Rio de Janeiro	Usam com frequência	33,4	38,1	28,6	100,0
	Já experimentaram	22,6	24,2	53,2	100,0
	Nunca usaram	22,9	13,2	63,9	100,0
São Paulo	Usam com frequência	24,8	23,6	51,6	100,0
	Já experimentaram	20,4	11,5	68,1	100,0
	Nunca usaram	17,7	10,0	72,3	100,0
Florianópolis	Usam com frequência	25,5	28,2	46,3	100,0
	Já experimentaram	27,0	17,4	55,6	100,0
	Nunca usaram	22,5	17,8	59,7	100,0
Porto Alegre	Usam com frequência	31,6	36,9	31,5	100,0
	Já experimentaram	20,3	38,3	41,4	100,0
	Nunca usaram	20,8	19,3	59,9	100,0
Cuiabá	Usam com frequência	30,7	24,2	45,1	100,0
	Já experimentaram	23,9	22,2	53,8	100,0
	Nunca usaram	22,8	16,6	60,6	100,0

Tabela 5.3 (Cont.)

Capitais	Alunos segundo frequência de uso de drogas ilícitas e frequência de reprovações				
	Frequência de uso de drogas ilícitas	Frequência de reprovações			
		Uma vez	Mais de uma vez	Nunca	Total
Goiânia	Usam com frequência	22,1	41,3	36,6	100,0
	Já experimentaram	22,2	20,6	57,2	100,0
	Nunca usaram	25,4	22,2	52,4	100,0
Distrito Federal	Usam com frequência	29,9	32,5	37,6	100,0
	Já experimentaram	27,4	29,3	43,3	100,0
	Nunca usaram	26,9	20,9	52,7	100,0
Média	Usam com frequência	27,5	31,3	41,1	100,0
	Já experimentaram	24,0	21,7	54,2	100,0
	Nunca usaram	23,5	16,2	60,3	100,0
N.º Absoluto	Usam com frequência	36.901	42.017	55.173	134.091
	Já experimentaram	53.171	48.010	119.968	221.149
	Nunca usaram	934.026	645.404	2.394.339	3.973.769

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
 Perguntou-se ao informante: *Você alguma vez ficou reprovado? (uma vez, mais de uma vez, nunca)* e cruzou-se o resultado com a frequência do consumo de drogas ilícitas. Não foram observadas diferenças significativas entre os índices apresentados pelas seguintes capitais: Fortaleza, Maceió e Salvador.

As capitais que apresentam as maiores proporções de alunos já reprovados mais de uma vez e usuários frequentes de drogas são Belém (54,9%), Goiânia (41,3%), Rio de Janeiro (38,1%) e Porto Alegre (36,9%). Além disso, ao considerar o conjunto de alunos que já reprovaram mais de uma vez, tem-se que estas capitais são as que apresentam as maiores diferenças entre a proporção de alunos usuários de drogas e a proporção daqueles que nunca tiveram contato com elas. No outro extremo, temos São Paulo (23,6%) e Cuiabá (24,2%).

Considerando apenas os alunos que reprovaram uma única vez, as proporções de alunos que fazem uso frequente de drogas variam de 33,4% no Rio de Janeiro a 18,4% em Belém, com destaques para Manaus (32,3%), Porto Alegre (31,6%) e Cuiabá (30,7%).

Por outro lado, vê-se que em Belém, especialmente, a proporção de alunos que já reprovaram uma vez e que fazem uso frequente de drogas (18,4%) é menor que a proporção daqueles

nesta mesma condição e que nunca usaram drogas (31,7%). A mesma constatação pode ser percebida em Recife e Goiânia.

Finalmente, cabe ressaltar a existência de associação, mas não de uma relação direta entre a reprovação e o uso de drogas, o que é perceptível quando se consideram as médias para o conjunto das capitais. Assim, tem-se que 41,1% dos alunos que nunca passaram pela experiência da reprovação, usam drogas com frequência, enquanto que outros 60,3%, nesta mesma condição, nunca fizeram uso delas.

Vale aqui destacar os casos do Rio de Janeiro – em que 63,9% dos alunos não-reprovados nunca fizeram uso de drogas contra 28,6% que são usuários frequentes – e de Porto Alegre, em que 59,9% dos alunos não-reprovados nunca fizeram uso de drogas ante a 31,5% que são usuários frequentes (estas se destacam pela diferença entre as proporções apresentadas para os dois tipos de alunos).

Além destas capitais, é importante mencionar aquelas que apresentam as maiores proporções de alunos não-reprovados que não se envolveram com drogas. São elas: São Paulo (72,3%), Cuiabá (60,6%) e Florianópolis (59,7%).

Assim sendo, é necessário cautela no tratamento do tema. Apesar de haver associação entre as categorias número de reprovações e uso de drogas, não se pode assumir uma postura determinista, associando o aluno que reprova à imagem do usuário, uma vez que os índices de reprovação, no Brasil, são bastantes altos, independentemente de qualquer tipo de associação com uso de drogas.

Além disso, os índices de reprovação para o conjunto dos alunos podem estar refletindo uma baixa qualidade do ensino e uma certa ineficiência da instituição escolar em se adequar à realidade dos alunos, levando-os a achar o ensino equivocado e sem atrativos e, conseqüentemente, desmotivando-os.

Nessa perspectiva, Cruz Neto et al. (2001) chamam a atenção para a necessidade de considerar os vários fatores que contribuem para o desencantamento dos alunos com o ensino. Ressalta que, para compreender as razões que levam os alunos a apresentar um desempenho escolar insatisfatório, deve-se transcender a postura culpabilizante, segundo a qual o aluno é percebido com irresponsável e desinteressado.

Estes fatores, segundo o autor, vão desde aspectos materiais, como uma infra-estrutura escolar deficitária, até questões como falta de estímulos ao corpo docente, o que por sua vez se associaria ao baixo investimento público na área da educação.

Entretanto, mesmo que não exista uma relação direta entre uso de drogas e reprovação, o depoimento de um diretor sugere que algumas drogas podem deixar os jovens desmotivados, desinteressados, o que pode interferir em seu desempenho escolar:

(...) ele começa a se desestruturar, se desorientar. Então, claro que não é uma coisa positiva. E depois vem toda aquele desinteresse em geral, sem objetivo na vida, desinteresse pelos estudos. Eu conheço alguns casos. Fica uma vida sem objetivo, sem gosto. O gosto está só nessa fuga. Numa coisa que lhe dá prazer, mas que não vai dar em nada. (Entrevista com diretor, escola privada, Salvador)

Assim, o desencanto com a escola, com a educação, o desinteresse pelos estudos podem ser estímulos para a busca do envolvimento com as drogas, o que pede mais atenção às ambiências e relações sociais vividas pelos jovens como possíveis estruturas de vulnerabilidades, que potencializam a recorrência às drogas.

Para melhor avaliar a relação entre consumo de drogas e rendimento escolar, recorre-se, a seguir, às análises referentes à expulção/transfêrencia escolar.

Considerando somente o número de alunos que afirmam ter sido expulsos da escola ou transferidos para outra, a Tabela 5.4 mostra que 15,2% deles são usuários freqüentes de drogas, enquanto que outros 2,7% nunca tiveram qualquer experiência com estas substâncias, indicando uma associação entre consumo de drogas e expulsão/transferência escolar.

Tabela 5.4

Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por situação de expulsão, segundo freqüência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Capitais	Alunos segundo a freqüência de uso de drogas ilícitas e situação de expulsão			
	Freqüência de uso de drogas ilícitas	Situação de expulsão		
		Sim	Não	Total
Manaus	Usam com freqüência	4,9	95,1	100,0
	Já experimentaram	12,6	87,4	100,0
	Nunca usaram	3,0	97,0	100,0
Belém	Usam com freqüência	13,0	87,0	100,0
	Já experimentaram	6,6	93,4	100,0
	Nunca usaram	2,8	97,2	100,0
Fortaleza	Usam com freqüência	12,5	87,5	100,0
	Já experimentaram	11,9	88,1	100,0
	Nunca usaram	3,3	96,7	100,0
Recife	Usam com freqüência	11,2	88,8	100,0
	Já experimentaram	8,4	91,6	100,0
	Nunca usaram	3,1	96,9	100,0
Maceió	Usam com freqüência	18,7	81,3	100,0
	Já experimentaram	6,9	93,1	100,0
	Nunca usaram	2,5	97,5	100,0
Salvador	Usam com freqüência	13,4	86,6	100,0
	Já experimentaram	4,8	95,2	100,0
	Nunca usaram	2,9	97,1	100,0
Vitória	Usam com freqüência	20,6	79,4	100,0
	Já experimentaram	6,5	93,5	100,0
	Nunca usaram	2,8	97,2	100,0
Rio de Janeiro	Usam com freqüência	17,3	82,7	100,0
	Já experimentaram	8,2	91,8	100,0
	Nunca usaram	2,3	97,7	100,0
São Paulo	Usam com freqüência	15,9	84,1	100,0
	Já experimentaram	6,2	93,8	100,0
	Nunca usaram	2,1	97,9	100,0

Tabela 5.4

Capitais	Alunos segundo a frequência de uso de drogas ilícitas e situação de expulsão			
	Frequência de uso de drogas ilícitas	Situação de expulsão		
		Sim	Não	Total
Florianópolis	Usam com frequência	11,4	88,6	100,0
	Já experimentaram	4,5	95,5	100,0
	Nunca usaram	3,1	96,9	100,0
Porto Alegre	Usam com frequência	16,1	83,9	100,0
	Já experimentaram	5,0	95,0	100,0
	Nunca usaram	2,6	97,4	100,0
Cuiabá	Usam com frequência	20,8	79,2	100,0
	Já experimentaram	6,4	93,6	100,0
	Nunca usaram	2,8	97,2	100,0
Goiânia	Usam com frequência	19,1	80,9	100,0
	Já experimentaram	12,5	87,5	100,0
	Nunca usaram	4,7	95,3	100,0
Distrito Federal	Usam com frequência	14,0	86,0	100,0
	Já experimentaram	7,5	92,5	100,0
	Nunca usaram	3,3	96,7	100,0
Média	Usam com frequência	15,2	84,8	100,0
	Já experimentaram	7,6	92,4	100,0
	Nunca usaram	2,7	97,3	100,0
N.º Absoluto	Usam com frequência	19.663	109.846	129.509
	Já experimentaram	16.498	200.730	217.228
	Nunca usaram	103.340	3.762.362	3.865.702

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001. Foi perguntado aos alunos: *Você alguma vez já foi expulso da escola onde estudava?* e cruzou-se o resultado com a frequência do consumo de drogas ilícitas. Não foi observada diferença significativa entre os índices apresentados por Recife.

Em Cuiabá, Vitória e Maceió, esta associação pode ser mais facilmente percebida. No caso da primeira capital citada, 20,8% dos alunos que foram expulsos usam drogas freqüentemente, enquanto 2,8% deles nunca usaram qualquer tipo de droga ilícita. Em Vitória, estas proporções são, respectivamente, 20,6% e 2,8%. E no caso de Maceió, 18,7% e 2,5%.

Além destas capitais, outras devem ser destacadas por apresentarem maiores proporções de alunos que já passaram pela experiência da expulsão ou da transferência escolar e que afirmam

usar drogas com frequência. São elas: Goiânia (19,1%), Rio de Janeiro (17,3%), Porto Alegre (16,1%) e São Paulo (15,9%).

Por último, assim como no caso da reprovação, pode-se estabelecer uma associação entre expulsão e consumo de drogas, mas não uma relação direta. Considerando o conjunto de alunos que nunca foram expulsos, tem-se que grande parte deles nunca fez uso de drogas, o que se expressa por uma média de 97,3%. No caso daqueles que fazem uso freqüente de drogas, mas que não foram expulsos, esta média é de 84,8%.

Mais uma vez, as capitais onde isto pode ser percebido são Cuiabá, Vitória e Maceió. No caso da primeira capital citada, 79,2% dos alunos que não foram expulsos usam drogas freqüentemente, enquanto que 97,2% deles nunca usaram qualquer tipo de droga ilícita. Em Vitória, estas proporções são, respectivamente, 79,4% e 97,2%. E no caso de Maceió, 81,3% e 97,5%.

Portanto, assim como na questão da reprovação, quando se analisa a expulsão e sua associação com o consumo de drogas, não se pode chegar a conclusões deterministas a respeito do efeito das drogas sobre o rendimento escolar.

Além disso, é importante considerar que a condição de expulsão pode ser tanto um estímulo ao uso de drogas quanto um resultado da mudança de comportamento do jovem em função do uso dessas substâncias.

Ainda sobre este tema, é importante ressaltar que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, a expulsão deve ser o último recurso utilizado pelas escolas. Como pode ser constatado na pesquisa "Violências nas escolas", da UNESCO, de acordo com membros do corpo técnico-pedagógico, a transferência do aluno ou a sua expulsão se dão somente nas "ocorrências tidas como de máxima gravidade pela direção da escola, como, por exemplo, ameaças ao corpo docente" (Abramovay e Rua, 2002: 151). Nestes casos, o recurso é utilizado de forma não-arbitrária, com o consentimento dos pais dos alunos.

SUMÁRIO

- Comparando os dados apresentados para cada tipo de ator envolvido nesta pesquisa, percebe-se que as proporções de alunos e membros do corpo técnico-pedagógico que se referem à *existência de drogas perto das escolas* são bastante próximas – respectivamente, 33,5% (1.551.609) e 30,5% (944). Menos significativa é a proporção de pais que constata o mesmo (24,5%), embora 9.648 pais (72,1%) afirmem nunca ter presenciado este tipo de situação, como já dito anteriormente.

- No entorno das escolas, mais do que dentro delas, constata-se a presença do tráfico e do consumo de drogas. Apontam-se os *bares ou botequins* como os lugares que, com maior probabilidade, comercializa-se drogas.

- Representantes do corpo técnico-pedagógico demonstram preocupação com pessoas que podem estar *atuando em prol do tráfico nas imediações da escola*. Ressaltam que baleiros e bombonzeiros são vistos como potenciais mediadores da economia das drogas nos "portões das escolas". Enfatiza-se que o tráfico pode ser exercido de forma camuflada, recorrendo aos mais diversos tipos de pessoas, como gestantes, idosos e vendedores ambulantes em geral. A identificação dos elementos componentes do tráfico nas escolas e em suas imediações é, portanto, dificultada.

- No que toca à presença de drogas dentro da escola, ao fazer a comparação dos dados referentes aos alunos e ao corpo técnico-pedagógico, percebe-se que *o número de alunos que afirmam ter presenciado o uso de drogas na escola é duas vezes superior que o de membros do corpo técnico-pedagógico*, pois, enquanto 23,1% (1.070.393) dos alunos dizem existir drogas nas escolas, 10,8% (338) dos professores constata o mesmo. No que toca aos pais, uma média de 3,4% (454) fez tal afirmação.

- Alunos, membros do corpo técnico-pedagógico e pais que afirmam ter presenciado o uso de drogas dentro da escola, indicam que os locais privilegiados para este uso são os *banheiros*.

- Entre os *tipos de drogas* consumidas pelos estudantes, membros do corpo técnico-pedagógico destacam a prevalência do uso de maconha. Entretanto, ressaltam também o consumo de inalantes como cola, loló, benzina, esmalte e lança-perfume.

- Os alunos, de um modo geral, lembram que a presença de traficantes nos arredores das escolas – e às vezes até mesmo dentro delas – e a própria abordagem dos traficantes, facilitam e ampliam o acesso dos jovens às drogas e, por conseguinte, aumentam a probabilidade de uso. A gravidade da situação decorre do fato de esta presença ser bem disfarçada – já que *muitos dos traficantes ou dos "aviões" se passam por alunos* –, o que dificulta a sua descoberta.

- *Muitos alunos acabam se inserindo na economia das drogas* e praticando pequenos roubos e furtos para sustentar o vício. Além disso, o dinheiro proveniente do tráfico possibilita-lhes o consumo socialmente construído de bens materiais.

- Ressaltam ainda que a abordagem dos traficantes é ostensiva e que esta busca seduzir os jovens por meio de diversos estratagemas, bastando lembrar que *a primeira oferta de drogas é feita gratuitamente*. Um aluno ainda frisa que alguns traficantes dão a droga não só na primeira vez, mas até perceber que o aluno se encontra dependente.

- Diante da *variedade de artifícios e estratégias utilizadas* pelos traficantes e seus mediadores com o objetivo de atrair os jovens, a experiência destes com as drogas não tem a coerção como fator determinante, uma vez que os depoimentos demonstram o livre-arbítrio por parte destes jovens na decisão por esta experiência, indo contra a idéia de que os jovens são presas fáceis nas mãos dos traficantes.

- Além disso, *é importante destacar o lugar dos amigos na iniciação das drogas*, uma vez que, geralmente, a primeira experiência

com drogas entre os jovens se dá em um ambiente conhecido e com pessoas de confiança.

- Além da presença de potenciais repassadores de drogas, alguns diretores ressaltam que a *localização das escolas* pode ser um fator que pode levar, indiretamente, a um maior uso pelos alunos. Para eles, escolas próximas a morros, favelas e a "bocas de fumo" são mais suscetíveis, porém o consumo não ocorre necessariamente em escolas com esta característica.

- De acordo com alunos e corpo técnico-pedagógico, o *clima de insegurança e medo*, em função da presença das drogas na escola e da violência dela advinda, acaba por interferir no cotidiano escolar, estabelecendo uma "lei do silêncio", que faz com que alunos, pais e membros do corpo técnico-pedagógico se sintam impotentes diante de tal realidade.

- Embora alguns membros de corpo técnico-pedagógico não se refiram categoricamente à *existência de drogas no ambiente escolar*, também não descartam a possibilidade de as escolas terem alunos que fazem uso delas. Muitas vezes, esta incerteza que transparece em relatos do corpo técnico deve-se à lei acima referida, já que o medo por represália, entre outros, faz com que não se pronunciem em relação a este tema. Alunos e pais de alunos também assumem esta posição.

- Os discursos dos atores demonstram uma *preocupação, por parte da escola, em utilizar estratégias que visam a deixar a escola mais protegida*, como a instalação de câmeras dentro da escola, a identificação de alunos e funcionários, a presença constante e atenta de vigilantes e agentes de segurança e a presença ostensiva da polícia nas imediações da escola e, em alguns casos, no seu interior.

- Entretanto, alunos, professores e diretores, em especial, afirmam que medidas repressivas geralmente não surtem o efeito desejado e admitem que o *diálogo e a disponibilização de informações* aos alunos e à comunidade escolar são pontos de partida

para uma ação mais eficaz no que toca ao tratamento da questão das drogas e de suas interferências no cotidiano escolar.

- No que toca a relação entre uso de drogas e reprovação escolar, ao considerar o universo de alunos que já reprovaram mais de uma vez, *constata-se que uma média de 16,2% deles afirma nunca ter feito uso de drogas, enquanto que a média daqueles que as utiliza freqüentemente é duas vezes maior (31,3%)*. Reforçando a associação entre consumo de drogas e reprovação escolar, uma média de 21,7% dos alunos que já reprovaram experimentaram drogas pelo menos uma vez na vida.

- Dentro do total de alunos que afirmam ter passado pela experiência da *expulsão/transfêrência escolar*, *15,2% deles são usuários freqüentes de drogas, enquanto que outros 2,7% nunca tiveram qualquer contato com estas substâncias*, indicando uma associação entre consumo de drogas e expulsão/transfêrência escolar.

- Como pode ser visto, constata-se nesse trabalho a existência de uma *associação entre o consumo e os indicadores aqui utilizados para analisar o rendimento escolar: reprovação e expulsão*. Contudo, é importante deixar claro que não existe uma relação direta e unívoca entre tais indicadores e o uso de drogas, uma vez que não se pode determinar, a partir dos dados apresentados, a relação de causa e conseqüência entre eles.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

6.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade da circulação das drogas na sociedade e dos fatores condicionantes do envolvimento dos jovens no seu consumo foi documentada em diversas partes deste trabalho, assim como a presença do tráfico no entorno da escola, sua infiltração no espaço escolar. Também foi mostrado que existem diversas estratégias de sedução dos jovens, acionadas por diferentes protagonistas, inclusive o próprio consumidor. Foi discutido também o papel de várias instâncias de sociabilidade que facilitam ou não o acesso às drogas.

Tanto os atores ouvidos, como a literatura de referência do trabalho, sugerem que cenários macrossocioculturais propiciam a expansão do consumo. Fatores como a exclusão social, o desencanto político-cultural-ético, a perda de referências coletivas e a ausência de projetos de vida dão lugar a situações propensas ao consumo de drogas. Tais situações podem ser pensadas tanto em nível de suas particularidades locais como por meio das grandes redes no nível global.

Documenta-se a diversidade de percepções, sugerindo, como ressalta Velho (1999: 24), que "não há como pressupor comportamentos e atitudes homogêneos dentro do que se

costuma chamar 'mundo das drogas'¹. Insiste-se, na pesquisa, em registrar várias tendências discursivas.

Uma das tendências, verificada entre os diversos atores entrevistados, é associar drogas à violência. O consumo de drogas ilícitas, assim como de bebidas, pode ser visto como um coadjuvante deflagrador de diversas formas de violência.

Contudo, muitos desses discursos não se apóiam, necessariamente, em fatos presenciados de agressões por usuários. Também são ambíguas as referências que estabelecem nexos entre violência contra terceiros e uso de drogas. Nota-se certa transferência de medos e inseguranças generalizados nesses tempos, quando o não-controlado, "o estranho" – como as drogas (no caso do uso) – seria considerada a principal causa da insegurança e da violência.

Outra forma de associar drogas à violência ocorre quando se remete às relações que os jovens estabelecem com o tráfico – muitas vezes para garantir o consumo –, um ambiente extremamente violento, no qual a inserção tenderia a ser definitiva. Uma terceira forma é a referência ao comércio de drogas como forma de os jovens pobres obterem recursos e bens inacessíveis a eles, o que pode levá-los, também, à prática de roubos e assaltos.

A tese que associa droga à violência encontra respaldo em alguns estudos, principalmente do tipo experimental, nos Estados Unidos, relacionados com a compreensão da natureza e gênese da violência entre os jovens. Considera-se tais fenômenos como as causas de todos os males sociais, omitindo sua relação com outras categorias de vulnerabilidades e alimentando um imaginário de inseguranças.

Hopenhayn (2001), refletindo sobre estes tempos e focalizando a América Latina, se refere a "vulnerabilidades cruzadas": quando se conjugam exclusões relacionadas à

¹ "A existência de um 'mundo das drogas' vincular-se-ia à observação de redes sociais que organizam sua produção, distribuição e consumo, bem como a conjuntos de crenças, valores, estilos de vida e visões de mundo que expressariam modos particulares de construção social da realidade" (Velho, 1999: 23).

cidadania, ao emprego e ao acesso a serviços sociais de qualidade em um movimento que, paradoxalmente, traz o aumento do reconhecimento de direitos de identidades específicas, como a dos negros, das mulheres e dos jovens. Hopenhayn (*op. cit.*) também se refere a assimetrias, que se manifestam em um imaginário em que convivem, contraditoriamente, o apelo ao consumo, de orientação hedonista, e a falta de bases materiais para satisfazer o sugerido e estimulado por uma cultura de eterno presente. Fantasmas, medos e frustrações se realimentariam, estimulando, inclusive, a eleição de alguns temas como prioridade tanto para as políticas sociais como para as notícias.

No entrelace de vulnerabilidades reais e imaginadas, fantasmas são produzidos por um imaginário coletivo sobre as realidades. Por exemplo, drogas e violência são, concomitantemente, realidades e fantasmas eleitos como prioridades de notícia e de políticas em tempos de incertezas, segundo Hopenhayn (2002).

As vulnerabilidades sociais, as inseguranças e os processos macros-sociais, podem levar à inferência de que a escola seria impotente para lidar com a questão das drogas, já que ela apenas refletiria um problema que lhe sobre passa, que se ancora em complexos processos e em um poder criminoso, que vem ganhando expressões, que alarma a sociedade – o tráfico de armas e de drogas. Ou seja, a questão das drogas não se restringe somente aos jovens, nem à escola.

Assim, sobre a repercussão desta questão na escola, ou seja, o consumo pelos alunos e mesmo o tráfico nas suas dependências, restaria à escola – quando se admite uma postura fatalista diante do quadro traçado –, tão-somente acionar medidas de repressão ou de eliminação dos envolvidos com o uso e o tráfico de drogas. A estratégia, nesse caso, seria apelar para as expulsões e transferências, bem como a ações localizadas de cunho protetor e de tendência policial (como murar e isolar a escola das comunidades adjacentes).

Contudo, a pesquisa remete a uma leitura positiva – mesmo quando se considera o número de alunos das escolas de ensino fundamental e médio no Brasil envolvidos com drogas preocupante. Observa-se que a maioria nunca esteve envolvida com drogas ou, se já as experimentou, não o faz mais. E, mais importante, a pesquisa aponta que muitos têm uma postura crítica sobre drogas e que não necessariamente estigmatizam os consumidores. Ao contrário, consideram que eles precisam de colaboração, ajuda.

Por outro lado, como também se afirma nesta pesquisa e em outros trabalhos da UNESCO (ver, entre outros, Abramovay e Rua, 2002), em que pese as críticas à escola, vários atores consideram sua potencialidade para acionar uma formação por uma cultura de paz e contribuir para o desenvolvimento de crítica social e de escolhas por meio de uma razão ética em favor do eu e do nós.

A escola pode acionar a auto-estima e o comprometimento social e incentivar formas de sociabilidade pautadas no respeito e na solidariedade. Em muitos casos, predomina no imaginário social, como vontade, uma valoração positiva da escola. Ainda que esta seja criticada, insiste-se, a escola goza de legitimidade na comunidade de relações sociais primárias na família, e, em particular, entre os jovens.

A escola é um lugar onde os jovens se socializam, fazem amizades e onde podem ter uma interação com adultos significativos (como os professores). É também um lugar que possui como massa/objeto, conhecimentos, valores e afetos. Vários vetores sociais contam a favor da escola como um lugar privilegiado para se acionar programas preventivos e de atenção. No caso dos consumidores, faz-se necessário o apoio de serviços e profissionais especializados.

Contudo, alguns depoimentos registrados nesta pesquisa alertam que, entre membros do corpo técnico-pedagógico e pais, há percepções pautadas por preconceitos e estereótipos em relação

à juventude e aos consumidores de drogas. Para alguns professores e, inclusive, para alguns jovens, os usuários de drogas são pessoas "doentes" ou de "personalidade fraca". Alguns chegam a qualificar o consumo de drogas como um "desvio".

Muitos não consideram, por exemplo, que são construtos da droga, entre outros: a compulsão socialmente alimentada pelo prazer (ver, entre outros autores sobre droga e prazer, Sissa, 1999)² e a curiosidade em relação ao novo, e em relação àquilo que é muito falado e condenado. Vários entrevistados refletem sobre a associação entre drogas, frustrações e buscas, mas poucos ressaltam o estatuto dado às drogas de caminho para o prazer e a diversão, em si, e como um rito de sociabilidade e a sua sedução.

A tendência predominante é enfatizar o mal das drogas, ignorando os múltiplos sentidos dados às drogas pelos jovens e as relações com suas biografias diversas.

Não se reflete que os códigos de consumo e modismo que envolvem as drogas fazem parte de uma forma de estímulo que se dá por várias fontes. Esta postura predomina entre membros do corpo técnico-pedagógico das escolas – uma população da qual se espera que exercite a reflexão e a construção de saberes. No entanto, o que aparece em seus discursos, muitas vezes, são estereótipos e posições em nível de senso comum sobre drogas e, em muitos casos, recomendações que advogam o controle policial e a medicalização, o que também ressaltam vários autores (e.g., Acselrad, 2000).

Mas há de se advertir que também foram encontrados vários depoimentos em outra linha, inclusive sobre experiências que estimulam os jovens a participar de projetos preventivos e de atenção a consumidores, o que sugere que os educadores têm

² "A plenitude que o produto causa - quietude, ataraxia ou euforia - elimina o mal-estar de se ver obrigado a fazer-se responsável porque sua vida seja conduzida por uma coisa que estabilize. Agarra-se, fixa-se, transforma-se. Isso enche a existência, mas fura o corpo. Transforma a pessoa em um buraco. Eis a necessidade de mais e pela sua versão mais dura" (Sissa, 1999: 17).

condições e vontade para atuar na prevenção e no acompanhamento de situações que envolvem o consumo de drogas.

Comprova-se, em vários aspectos e itens pesquisados, a distância entre as percepções de alunos e membros do corpo técnico-pedagógico e pais sobre questões até factuais, como o nível de consumo de drogas nas escolas – o que sugere que faltam vivências e informações compartilhadas, diálogo e conhecimento reflexivo, o que pode prejudicar a construção de escola cidadã, onde exista a possibilidade de diálogo e sentimento de pertencimento.

Reconhece-se que não se faz suficiente acionar programas específicos de caráter preventivo somente no âmbito da escola. Mas defende-se a propriedade de apresentar recomendações para programas e ações, a maioria de caráter preventivo, que tenham a escola como agente propulsor, não somente visando à proteção do seu público, mas, também, pelo seu efeito de multiplicação em distintos espaços sociais.

A perspectiva da UNESCO é combinar programas de prevenção na escola com a construção de uma "escola protetora/escola protegida", ou seja, escolas voltadas à proteção integral, o que passa por lidar com o tema de drogas não somente por meio de programas específicos, mas por uma outra concepção de escolas que estimulem outras buscas, novos conhecimentos e a ênfase no lúdico em outros sentidos do prazer (que não as drogas), na solidariedade, no conhecimento de qualidade, na idéia de pertencer e de ser sujeito de projetos individuais e sociais.

Têm-se dois eixos de preocupação que se entrelaçam quando se desenvolvem as recomendações seguintes:

Primeiro, no plano de ter o jovem como foco, investir para que este desenvolva sua criatividade crítica e que venha a construir seus próprios mecanismos alternativos às drogas e uma postura reflexiva sobre significados subjetivos e sociais das drogas, em particular, via atividades associativas. Isso visa a diminuir os

riscos associados ao consumo de drogas. Enfatiza-se, portanto, a construção do conhecimento crítico, a modelagem ética e a escolha informada e reflexiva. É comum nas escolas não se ressaltar a importância do trabalho no plano afetivo e crítico, dando prioridade ao cognitivo, às informações, sem o necessário envolvimento subjetivo dos alunos.

O segundo eixo das recomendações é enfatizar a escola como ponto de referência, sua excelência e o seu clima, ou seja, que as políticas sobre drogas nas escolas se pautem pelo resgate da sua qualidade e por uma maior democracia, sem tutela e pretensão de controle sobre os jovens.

Enfim, a escola é o local propício para ajudar na prevenção das drogas, no sentido de que reúne várias qualificações que colaboram para a difusão de tal perspectiva na comunidade e na sociedade. Como bem mostram as características que a escola abrange, citadas em *Violências nas escolas* (Abramovay e Rua, 2002: 325):

- por ser um lugar de encontro da diversidade cultural, o que aumenta sua capacidade de amalgamar conflitos que vêm de fora e, também, a habilidade para formas criativas de solidariedade;
- por seu potencial estratégico para tecer relações com a comunidade e, especialmente, com a família, já que diversas avaliações de programas de prevenção nas escolas vêem os pais como importantes parceiros para tal fim;
- pela possibilidade de experimentar medidas de prevenção e acompanhar tanto a população-alvo como as experiências implantadas de políticas públicas;
- pela sua importância junto aos alunos quanto à formação de valores e transmissão de conhecimento, o que tem prosseguimento nos processos de interação não somente entre professores e alunos, mas entre os próprios estudantes.

6.2. RECOMENDAÇÕES

A seguir, lista-se recomendações gerais e específicas que devem ser acionadas nas escolas e por elas. Algumas foram resgatadas nos relatos dos atores entrevistados – alunos, seus pais e membros do corpo técnico-pedagógico das escolas –, outras foram extraídas de diversas fontes.

Ressalta-se que lidar com drogas significa também lidar com processos sociais amplos. Varia, portanto, o nível de intervenção e sua especificidade.

Mais importante do que programas pontuais – ainda que estes também sejam válidos – são as posturas pedagógicas, a vontade de mudança da cultura escolar (Debarbieux, 2001), tornar mais simétrico o diálogo entre professores e alunos, explorando a comunicação, e aumentar o investimento feito pelo Estado na melhoria das condições de vida dos professores e sua capacitação (tanto substantiva, em nível da qualidade de ensino, quanto em termos de posturas ético-valorativas).

6.2.1. Linhas de recomendações

6.2.1.1. Gerais

- A atração das drogas para os jovens pode ser indiretamente desconstruída se outras referências se firmarem na vida deles e se for estimulada uma perspectiva crítico-reflexiva sobre os sentidos do vivido. As escolas podem vir a suprir tais necessidades existenciais e sociais, tornando-se *lugares protegidos*, o que, de acordo com teses desenvolvidas por Debarbieux (2001) e colaboradores, implica estar alerta contra "fatores de risco" e desenvolver "fatores de proteção". Implica investir em ambientes de prevenção, o que se desdobra em vontade e em ações para que as escolas sejam, de fato, fontes de conhecimento de boa qualidade, lugares agradáveis de se estar, de estímulo à criativi-

dade, de convivência solidária, participante, de maior relação entre professores e alunos e de exercício democrático do diálogo. As escolas também devem transmitir um "sentimento de segurança" e contribuir para o desenvolvimento da auto-estima (Blaya, 2001)³. Nessa linha, enfatiza-se a auto-estima dos alunos como um fator de proteção e a competência da escola como um fator que colabora para que ela seja uma referência positiva para os jovens. Haveria, segundo esses autores, escolas mais vulneráveis a riscos, como o do envolvimento com drogas e outras que funcionam como referências de proteção. Em tal perspectiva, por *repensar culturas pedagógicas*, o foco das políticas públicas e sociais de prevenção ao consumo de drogas se desloca do indivíduo para a instituição, a escola. Por outro lado, amplia-se o conceito de prevenção para, ademais de ações diretamente endereçadas para evitar o consumo de drogas – "prevenção ativa" –, de forma mais contínua que, se remodele o ambiente escolar integralmente – "prevenção passiva" (Debarbieux, 2001).

- A construção da escola como lugar protegido requer vontade de intervenção em um processo no qual a escola desenvolva *mecanismos de mediação*, trabalhando com o corpo técnico-pedagógico, alunos e demais membros da escola, para reconhecer os sinais de risco (como, por exemplo, de iniciação às drogas) e atuando prontamente, preventivamente, inclusive por meio de negociações e de uma atenção especial aos casos detectados. Essa atenção deve ser individualizada, considerando a variedade de trajetórias e de condicionamentos ao envolvimento

³ Note-se que, segundo Blaya, escolas em que os professores permanecem mais tempo, em que os professores conhecem melhor os alunos e que desenvolvem mais atividades extracurriculares, apresentam um menor índice de violência, além de um melhor nível de aprendizagem. A autora enfatiza a importância de uma relação mais humana e próxima dos professores para com os alunos, a fim de que estes desenvolvam um sentimento de segurança e proteção e que, na escola, se desenvolva uma "cultura de códigos compartilhados" e que se possa "influenciar positivamente" (Blaya, 2001: 170).

com drogas (ver Royer, 2001, autor que elabora tal argumento sobre violência nas escolas).

- Investimento continuado na adoção de posturas em favor de uma *cultura de paz*, com ênfase no respeito ao outro, no reconhecimento da diversidade, no trabalho em conjunto, na cooperação, na solidariedade, em princípios compartilhados, pela vida e pelo sentimento de pertencimento a um projeto civilizatório ético de defasa da justiça social. Dessa forma, se combate, implicitamente, atitudes individualistas, autodestrutivas, bem como o desencanto e descomprometimento nas relações sociais.

- A cultura de paz além de ser amparada por princípios a serem adotados em distintas disciplinas, como vetor curricular, deveria tomar a forma de atividades de sociabilidade e pertencimento, como os programas de *abertura de espaços*, quando se promove nas escolas, principalmente nos finais de semana, atividades culturais e de educação para a cidadania – entre as quais, o debate sobre drogas – não só para alunos, mas para membros da comunidade em geral (ver sobre o programa Abrindo Espaços, UNESCO, 2000).

- Para que a escola possa melhor desenvolver um trabalho de envolvimento integral do jovem, recomenda-se que a escola organize atividades de extensão, extracurriculares, atrativas e sem o sentido de obrigatoriedade. Mas que estimulem os jovens à participação nelas, recorrendo a linguagens atrativas, atividades esportivas, cultura e lazer, considerando a potencialidade preventiva e substitutiva em relação às drogas, do envolvimento em atividades com tal teor (ver Castro *et al.*, 2001).

- As escolas devem ter programas de âmbito social que comportem atividades lúdicas, medicina preventiva, acompanhamento psicológico e devem desenvolver atividades culturais e de cunho profissionalizante, providenciando sentidos de pertença e de sociabilidade positiva, além de incentivar o desenvolvimento da criatividade e estímulo à auto-estima.

- Estabelecer *nexos entre escola e família*, envolvendo pais, mães e responsáveis no debate sobre programas de prevenção. Estes nexos envolvem a montagem de ações de acompanhamento de alunos; o desenvolvimento de formas de identificação do envolvimento dos alunos com drogas; o estímulo à reflexão contra posturas repressivas e a potencialidade de posturas compreensivas e de diálogo com os jovens consumidores, considerando seus distintos estágios de envolvimento. Tais nexos serão tão mais efetivos quanto mais se questionar orientação, comum entre professores e diretores, de culpabilizar as famílias. Estas, de sua parte, não devem transferir para as escolas suas responsabilidades em relação aos jovens. Este jogo de mútuas transferências culmina em um sentido de orfandade ampliada pelos jovens.

- Promover um maior contato com a família, o que requer criatividade e recursos que não as tradicionais reuniões com os pais na escola. Cabe à escola *estimular o diálogo entre os pais e os jovens*, inclusive sobre drogas, passar informações e questionar estereótipos e estigmas.

- Assumir que, quer nas relações na escola quer nas relações na família, as interações sociais se baseiam na compreensão, mas também em responsabilidades mútuas e *limites*. Há que explicitar tais limites, o permitido e o que não é tolerado, à medida que a vida em comunidade se pauta por recíprocas observações sobre o esperado socialmente de cada um. Os limites devem ser acertados pelas vias da comunicação/compreensão. Contudo, atitudes permissivas, no tocante às drogas, longe de ajudar, colaboram para um individualismo autodestrutivo, o qual repercute negativamente também em outros membros, tanto da escola como da família. Há que colaborar para que o jovem consumidor assuma um pacto de querer abandonar o uso.

- Desenvolver, nas escolas, atividades de debates com especialistas e com a participação de ex-usuários. Mas cuidar para

não se limitar a atividades esporádicas e por didática impositiva, considerando os limites de comunicações puramente informativas que não envolvam a participação dos jovens nos debates.

- Desenvolver *parcerias entre a escola e outras instituições, em particular no nível da comunidade*, que podem colaborar tanto para a conformação de lugares seguros no entorno da escola como para lidar com a questão das drogas no interior delas. Assim, é importante que as associações de moradores, clubes de mães, pastorais, autoridades policiais no bairro, agências do Estado e da sociedade civil que atuam em nível da comunidade onde se localiza a escola, sejam acionadas para que, juntamente com a escola, tracem programas de prevenção e de fiscalização, não-repressivos voltados para os usuários. E, nos termos da lei, *juntem-se esforços no combate ao tráfico*. Em tal parceria, deve-se considerar tanto programas específicos, afins com a realidade das drogas na comunidade e nas escolas – como aqueles voltados para desenvolvimento comunitário – que enfoquem ações mais estruturais como a criação de alternativas de trabalho para os jovens da comunidade e de ampliação dos espaços de lazer e de cultura.

- Estabelecer *redes entre escolas* para debates sobre os problemas comuns e promover "discussão pública sobre a questão da droga e do tráfico" (Zaluar, 1994), assim como, participar de fóruns ampliados sobre tais temas. Há que contribuir para que vários setores sociais assumam problemas vividos pela escola como problemas de todos.

- O alcance da escola para lidar com as drogas é limitado, se o governo e a sociedade civil não atacam a questão do tráfico de drogas e do uso de armas em vários níveis e se não se assume a responsabilidade pela melhoria das condições de vida dos jovens em bairros onde se concentram os pobres.

- Importa incentivar a discussão pública sobre drogas, em particular sobre drogas no ambiente escolar, e envolvendo o público jovem, mas *evitando o "pânico moral"* entre as famílias

(Body-Gendrot, 2001), a demanda por medidas repressivas e a redução da questão do consumo ao apelo por segurança pública policial.

- A questão das drogas nas escolas se relaciona com a questão do uso indevido de drogas pelos jovens, independentemente do lugar de consumo e tráfico. Portanto, tem propriedade a tese de que a escola deve-se preocupar pelos hábitos dos jovens, suas percepções quanto às drogas e suas referências quanto a valores, estimulando posturas preventivas e assumindo uma "*postura de proteção*" dos jovens (Debarbieux e Blaya, 2001).

- A maioria das ações recomendadas para serem acionadas pela escola requer vontade política e delimitação de políticas públicas específicas, ou seja, *envolvimento direto dos governos federal, estadual e municipal*, assim como a delimitação clara de recursos para capacitação de professores, de pessoal no campo da segurança, para a realização de eventos culturais e esportivos, o suprimento de material didático e a montagem de pesquisas de avaliação sobre a presença de drogas na escola e a eficácia dos programas em curso.

- Políticas sobre uso indevido de drogas de nível nacional devem ser operacionalizadas por *programas mínimos*, ou com metas definidas e atividades claramente desenhadas, que tenham a escola como lugar privilegiado. Cabem, nessa linha de ação, *parcerias* e o envolvimento de diversas entidades, tanto em nível ministerial como Secretarias de Educação, de Saúde, Ação Social, Segurança e Universidades, entre outras. Importa, também, garantir o envolvimento de entidades em nível municipal, como os conselhos, para somar esforços.

- As políticas e programas que contemplem a questão das drogas nas escolas devem ser amparados por *avaliações*. Importa acompanhar de forma quantitativa e qualitativa – inclusive por observação de situações em sala de aula e em outros ambientes da escola – tanto o caso de escolas bem-sucedidas como as que

apresentam maior exposição ao risco de serem lugares inseguros, propícios à disseminação do uso indevido de drogas e atuação do tráfico.

- Nas pesquisas e avaliações sobre drogas nas escolas, deve-se garantir que se conheça a *percepção dos diversos atores*, como os alunos, seus pais e os membros do corpo técnico-pedagógico das escolas.

6.2.1.2. Específicas

- O *Programa Brasileiro de DST e Aids* que engloba ações de prevenção ao uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio. É um programa do Ministério da Saúde internacionalmente considerado referência e que deve ser disseminado de forma participativa, ou seja, por meio de debates com membros do corpo técnico-pedagógico, alunos e pais e ser objeto de periódicas avaliações, em processo e de resultados (ver, neste sentido, avaliação realizada pela UNESCO, in: Abramovay e Rua, 2001).

- Há que fazer valer como lei a proibição de bares e de lugares de *venda de bebidas nas proximidades das escolas* (Artigo 243 do Estatuto da Criança e do Adolescente).

- *As atividades que focalizem diretamente as drogas na escola* devem evitar abordar o tema por uma orientação puramente informativo-científica; de amedrontamento¹ ou de demonização das drogas, *sem assumir seus atrativos*, como: prazer aos sentidos, ser símbolo de estar na moda, ser imaginada como transgressora e de mediação de sociabilidade. Há que desconstruir os diversos sentidos das drogas, evitando autoritarismos didáticos e adotar, como postura, alinhamentos, tais como:

¹ Segundo Carlini-Cotrim (1992: 104) "(...) Ignora-se, assim, uma das raras unanimidades entre as publicações especializadas no assunto: a de que o medo é pouquíssimo eficaz no sentido de afastar adolescentes dos psicotrópicos".

- debater sobre as diferentes formas de drogas, a ambigüidade da separação dessas em *lícitas e ilícitas*, fazendo com que os jovens, por si sós, elaborem críticas sobre os riscos e as conseqüências do uso de diferentes tipos de drogas e *assumam uma perspectiva preventiva*;

- discutir estigmas sociais sobre usuário e o curso da *trajetória do envolvimento* com as drogas, ou seja, como em muitos casos, se no início a droga é vivenciada somente pelos efeitos de prazer, a dependência vai aos poucos sendo desenvolvida, afetando a auto-estima, a segurança e as relações sociais.

- nas abordagens diretas sobre drogas, há que se evitar retórica por ajuizamentos e generalizações, selecionando-se análises de casos próximos à *realidade conhecida e vivida* pelos jovens, para que, de forma coletiva, se façam oficinas de exercício de resolução de problemas e animem "grupos de reflexão" sobre "conhecimento" e com o "sentido de ação", abordagem que Debarbieux *et al.* (2001: 163)⁵ enfatizam como "mediação sociológica".

- O destacado lugar dos amigos e dos grupos na socialização dos jovens deve ser vetor acionado para as estratégias programáticas de multiplicação de posturas de prevenção. Devem ser incentivados e apoiados institucionalmente, inclusive com recursos para suas atividades lúdicas e de debate, grupos de *jovens organizados* que em sua agenda incluam debates e programas com tal teor⁶.

⁵ Por "intervenção sociológica" compreende-se trabalho com grupos que se orientam para pesquisa sobre um tema e que, além de focalizar conhecimentos, analisa formas de intervenção, e cujas atividades são, por sua vez, acompanhadas por outros que as analisam. Tal metodologia seria tão mais efetiva quanto se possa fazer participar jovens relacionados ao objeto - no caso, o consumo de drogas - e atores com posturas diferenciadas para que se possa cumprir o requisito sociológico de trabalhar a diversidade de sentidos, as contradições e as relações sociais (Debarbieux *et al.*, 2001: 165).

⁶ "O desafio da escola 'é justamente trabalhar para inverter esse discurso, de modo a que nos apropriemos da curiosidade juvenil, da necessidade de pertencer a grupos e a transformemos em algo que não se canalize para o uso de drogas, o que realmente pode complicar" (Carlini-Cotrim, 2000: 78).

- Mais que disciplinas específicas sobre o tema drogas, importa que *professores e diretores*, assim como outros membros do corpo técnico-pedagógico das escolas, participem de atividades de *capacitação contínua*, o que requer a recorrência a especialistas e debates diversos. Drogas não são um tema que possa ser delegado a uma disciplina específica ou propriedade curricular de uma matéria, já que sua abordagem requer também sensibilidade e confiança, o que nas relações entre professores e alunos pode ser desenvolvido por todos. A capacitação dos professores deve ser contínua, *evitando-se ficar em cursos-pacotes*.

- Também as atividades específicas sobre drogas na escola devem ser *bem distribuídas durante o ano letivo*, evitando que, por um lado, seja tema apenas de eventos pontuais e que, por outro, se banalize de tal forma que drogas seja o tema, a referência mais privilegiada nas escolas, contudo sem atenção reflexiva.

- O *material didático* sobre drogas, a ser usado quer na capacitação de professores quer entre jovens alunos, que for elaborado por secretarias de governo e ministérios deve-se pautar pela participação democrática da possível clientela desse material, evitando-se, assim, a formulação de material distante da realidade, dos interesses e das linguagens de tal clientela.

- Deve-se incentivar a preparação de *material pelos próprios alunos*, baseando-se em pesquisas, entrevistas com especialistas diversos, e elaboração de cartazes por debates em equipes.

- Estimular os *alunos a organizar atividades* em que participem pessoas de outros meios que vivenciam problemas de dependência às drogas, aqueles que saíram dessas situações, bem como com organizações governamentais e da sociedade civil com projetos de prevenção e de reabilitação.

- Cabe, inclusive, à escola difundir *informações sobre os serviços disponíveis* de aconselhamento e terapia sobre o uso indevido de drogas.

- *Atividades artísticas, culturais e desportivas*, entre outras, têm, como já foi comentado, lugar privilegiado na competição com a sedução exercida pelas drogas. Contudo, aquelas que são usadas em si como linguagens para veicular o tema devem ser desenhadas de forma tal que se evite tons didáticos, reducionistas e panfletários, o que pode comprometer sua potencialidade como veículo para a reflexão e construção de postura crítica ao uso indevido de drogas.

- Tanto o material didático como as atividades desenhadas para serem realizadas com os alunos devem considerar a *diversidade de juventudes* e a singular vulnerabilidade e realidade de cada uma delas, desenhando-se, portanto, atividades e material específico para o caso, por exemplo, *de jovens do ensino médio do turno noturno e que trabalham e estudam*; como as *diferenças por gênero*, como a mais alta tendência das jovens para o consumo de certas drogas (e.g. o uso de medicamentos) e os jovens, para o uso da cocaína e da maconha.

- Considerar, nos programas de prevenção, as variações de consumo por *idade* entre jovens, como a mais baixa proporção entre os de 10 a 12 anos e 13 a 15 anos, sendo, portanto, tais ciclos estratégicos para investimentos na prevenção orientada nas condições de ensino e na conscientização crítica ou na informação e formação do arbítrio pela diminuição de riscos de uso indevido de drogas.

- Investigar mais profundamente o sentido da *associação entre reprovação e baixo desempenho escolar e o consumo de drogas*, considerando, inclusive, a possibilidade de que um ensino desinteressante, que adota padrões autoritários e pouco sensíveis aos interesses dos alunos, possa estimular o sentido de estranhamento em relação à escola, à baixa auto-estima e ao consumo de drogas.

- A escola deveria contar com *serviço especializado de orientação* sobre drogas, com o apoio de especialistas, que aten-

dam a alunos, professores, pais, mas que não tenha o estatuto de lugar para o qual se encaminham consumidores ou os considerados fora da "normalidade desejada". Tal serviço de orientação deveria ter o caráter de opção, ou seja, ser procurado pelos que assim o quiserem.

- Se no plano do usuário, as propostas são no sentido de atenção integral, inclusive médica e psicossocial, e pautada na compreensão, já no *caso do tráfico*, recomenda-se a capacitação profissional dos agentes de segurança para o controle e fiscalização do tráfico, assim como rápida intervenção, de acordo com a lei, no sentido de punição e afastamento dos indivíduos relacionados ao tráfico do ambiente escolar, quando for o caso.

- Os casos de jovens *alunos no tráfico* devem ser analisados, considerando a diversidade de situações que podem ocorrer, devendo a escola estar atenta às possibilidades de recuperação, inclusive pelo diálogo e compreensão dos condicionantes de tal participação. Contudo, há de se ter claros limites sobre o possível, nesses casos, evitando conivência e permissividade, em particular nos casos de reincidência, e os prejuízos para a vida coletiva.

- A escola deve promover atividades de conscientização para setores relacionados à *segurança pública* que atuam na escola e na comunidade, a fim que de bem se demarque as *fronteiras entre consumidor e traficante*, evitando estigmas e tratamento repressivo contra aqueles.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 – Medidas estatísticas do número de turmas das escolas de ensino fundamental e médio, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000

Tabela 1.2 – Número de escolas na população e número de escolas, turmas e alunos na amostra, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000

Tabela 1.3 – Questionários respondidos por professores e pais nas capitais das Unidades da Federação, 2000 (números absolutos)

Tabela 2.1 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 2.2 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por grupos etários, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 2.3 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a e 8.^a série) e médio, por condição de migração, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 2.4 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por tipo de composição familiar, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 2.5 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por condição de trabalho e estudo, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 2.6 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, que estudam e trabalham, por contribuição para o sustento da família, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 2.7 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por nível de escolaridade paterna, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 2.8 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por nível de escolaridade materna, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 2.9 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixa etária, segundo atividades de diversão, 2000 (%)

Tabela 2.10 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo atividades de diversão, 2000 (%)

Tabela 2.11 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo possuir ou não religião, 2000 (%)

Tabela 2.12 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por freqüências, segundo tipo de religião referida, 2000

Tabela 2.13 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo opinião sobre religião, 2000 (%)

Tabela 2.14 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, segundo opinião sobre relacionamento com os pais, 2000 (%)

Tabela 2.15 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, segundo opinião sobre relacionamento com os pais em situações de desentendimento, 2000 (%)

Tabela 2.16 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por freqüência, segundo tipo de amizade, 2000 (%)

Tabela 3.1 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por freqüência de uso de bebidas alcoólicas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.2 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por freqüência de uso de bebidas alcoólicas, segundo sexo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.3 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixa etária, segundo frequência de uso de bebidas alcoólicas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.4 – Alunos e corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais de alunos, por percepção sobre álcool como droga, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.5 – Pais de alunos, por frequência de uso de bebidas alcoólicas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.6 – Pais de alunos, por frequência de uso de bebidas alcoólicas, segundo sexo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.7 – Pais de alunos, por possuir ou não religião, segundo frequência de consumo de bebidas alcoólicas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.8 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio por possuir ou não religião, segundo frequência de consumo de bebidas alcoólicas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.9 – Alunos, corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais de alunos, por opinião sobre atitudes permissivas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.10 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência de uso de cigarro, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.11 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixa etária, segundo frequência de uso de cigarro e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.12 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência de uso de cigarro, segundo sexo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.13 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo uso de cigarro (por experiência ou brincadeira) e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.14 – Alunos e corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais, por percepção sobre o tabaco como droga, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.15 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixas etárias, segundo uso de cigarro (por brincadeira ou experiência) e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.16 – Pais de alunos, por frequência de uso de cigarro, segundo sexo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.17 – Alunos, corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais de alunos, por percepção sobre produtos considerados drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.18 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência de uso de cola/inalantes, segundo sexo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 3.19 – Alunos e corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por tipos de drogas que viram ser consumidas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.1 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência do uso de drogas ilícitas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.2 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por tipos de drogas ilícitas usadas no passado, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.3 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por tipos de drogas ilícitas usadas regularmente no presente, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.4 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.5 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por sexo, segundo frequência de uso de maconha e cocaína em pó e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.6 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixas etárias, segundo frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.7 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por situação de trabalho e estudo, segundo frequência do uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.8 – Alunos e corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por locais onde presenciaram o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.9 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por drogas que alunos já viram ser usadas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.10 – Corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por drogas que já viram ser usadas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.11 – Pais de alunos que suspeitam ou sabem que os filhos usam drogas, por tipo de drogas que já viram ser usadas pelos filhos, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.12 – Pais de alunos, que referem sobre uso de drogas pelos filhos, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.13 – Alunos, corpo técnico-pedagógico e pais, por *ajuda a esquecer problemas* como motivo para o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.14 – Alunos, corpo técnico-pedagógico e pais, por *modismo* como motivo para o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.15 – Alunos, corpo técnico-pedagógico e pais, por *auto-afirmação* como motivo para o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.16 – Alunos, corpo técnico-pedagógico e pais, por *diversão* como motivo para o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.17 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por produtos que consideram drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.18 – Corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por produtos que consideram drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.19 – Pais de alunos, por produtos que consideram drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.20 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por opinião sobre uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.21 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por opinião sobre uso de drogas ilícitas, segundo frequência de consumo e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.22 – Corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por opinião sobre uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.23 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por opinião sobre jovens que usam drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.24 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio em situações de desentendimento com os pais, por ocorrência de diálogo ou violência por parte dos pais, segundo a frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.25 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência à igreja, segundo frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.26 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência a bares e boates, segundo frequência do uso de drogas ilícitas capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.27 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio que usam drogas injetáveis, por formas de utilização da seringa e/ou agulhas no uso de drogas injetáveis, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.28 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio que usam drogas injetáveis, por motivos de compartilhamento de seringas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 4.29 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por envolvimento em ocorrência de transgressões, segundo frequência de uso de drogas ilícitas, para o conjunto das capitais das Unidades da Federação (1), 2000 (%)

Tabela 4.30 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por tipos de transgressões praticadas, segundo frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 5.1 – Alunos, membros do corpo técnico-pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais, por ter presenciado uso de drogas perto da escola, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 5.2 – Alunos, membros do corpo técnico pedagógico dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio e pais, por observação de uso de drogas dentro da escola, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 5.3 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por frequência de reprovações, segundo frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

Tabela 5.4 – Alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por situação de expulsão, segundo frequência de uso de drogas ilícitas e capitais das Unidades da Federação, 2000 (%)

LISTA DE QUADROS

- Quadro 3.1** – É propaganda enganosa
- Quadro 3.2** – Beber não é coisa de outro mundo
- Quadro 3.3** – Ah, pega bem fumar
- Quadro 3.4** – Comparações entre uso de bebidas alcoólicas e do tabaco entre alunos
- Quadro 4.1** – Experimentei tudo que inventaram
- Quadro 4.2** – Está cada vez mais difícil arrumar amigos
- Quadro 4.3** – Para sustentar o vício
- Quadro 4.4** – Meu tio, o meu também, meu irmão...
- Quadro 5.1** – Você pede até por telefone
- Quadro 5.2** – Que cigarro da moléstia de caro é esse?
- Quadro 5.3** – Pessoas que se infiltram na escola
- Quadro 5.4** – Cachorro na sala para ver se há drogas
- Quadro 5.5** – Por baixo dos panos

ANEXO 01

METAS E COMPROMISSOS DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O PROBLEMA MUNDIAL DAS DROGAS

Em âmbito internacional, a 20.^a Assembléia Geral das Nações Unidas Sobre o Problema Mundial das Drogas, realizada em 1988, estabeleceu 17 metas e compromissos que os países-membros deveriam atingir em relação ao combate às drogas:

Metas	Compromissos
Meta 1	Desenvolver estratégias nacionais e internacionais de redução da oferta e demanda ilícitas de drogas
Meta 2	Promulgar e fazer cumprir legislação e estratégias nacionais amplas para colocar em vigor as disposições de tais instrumentos, assegurando-se de que as estratégias sejam eficazes
Meta 3	Velar para que mulheres e homens se beneficiem igualmente, e sem nenhum tipo de discriminação, das estratégias na luta contra o problema das drogas, mediante sua participação em todas as etapas dos programas e da formulação de políticas
Meta 4	Prestar atenção especial à redução da demanda, apoiando a juventude e colaborando com a mesma por meio do ensino nas escolas e fora delas, das atividades de informação e demais medidas de prevenção
Meta 5	Proporcionar os recursos necessários para o tratamento e a reabilitação e para facilitar a reinserção social, a fim de devolver a dignidade e a esperança a crianças, jovens, mulheres e homens toxicômanos
Meta 6	Exortar o Sistema das Nações Unidas e convidar instituições financeiras internacionais, tais como o Banco Mundial e os bancos regionais de desenvolvimento, a incluir em seus programas medidas contra o problema mundial das drogas, considerando as especificidades de cada país
Meta 7	Estabelecer/consolidar mecanismos regionais para compartilhar experiências e conclusões derivadas da aplicação de estratégias nacionais
Meta 8	Fortalecer os mecanismos de cooperação para responder às ameaças da produção e o tráfico ilícito de drogas e a participação de grupos terroristas, delinquentes e a delinquência transnacional organizada
Meta 9	Aumentar a cooperação internacional para frear o tráfico ilícito de armas mediante a aplicação de medidas pertinentes

Metas	Compromissos
Meta 10	Exortar as comunidades locais, especialmente famílias e seus dirigentes políticos, religiosos, educacionais, culturais, esportivos, empresariais e sindicais, as organizações não-governamentais e os meios de comunicação a fomentar ativamente por uma sociedade livre do uso indevido de drogas, destacando e facilitando opções saudáveis, produtivas e gratificantes
Meta 11	Promulgar, antes do ano 2003, legislação contra o tráfico e o consumo ilícito de drogas sintéticas, além de estabelecer ou reforçar programas para colocar em vigor o Plano de Ação para combater a fabricação ilícita, o tráfico e o uso indevido de estimulantes de tipo anfetamínico e seus precursores
Meta 12	Eliminar ou reduzir consideravelmente, até 2008, a fabricação, a comercialização e o tráfico ilícito de substâncias psicotrópicas, compreendidas as drogas sintéticas e o desvio de precursores
Meta 13	Realizar esforços para combater a lavagem de dinheiro vinculado ao tráfico de drogas, fortalecendo a cooperação internacional, regional e sub-regional, além de promulgar, até o ano de 2003, legislação e estabelecer programas nacionais contra a lavagem de dinheiro
Meta 14	Fomentar a cooperação multilateral, regional, sub-regional e bilateral entre as autoridades judiciais e as encarregadas de fazer cumprir a lei para fazer frente à delinquência organizada fruto das drogas; animar os países a que, até 2003, examinem a aplicação de medidas e fazê-las mais restritas
Meta 15	Estabelecer, até o ano 2003, novos ou melhores programas e estratégias de redução da demanda por drogas, formuladas em estreita colaboração com as autoridades sanitárias, de bem-estar social e as encarregadas do cumprimento da lei
Meta 16	Adotar um enfoque global em relação à eliminação de cultivos ilícitos para a produção de drogas - de acordo com o Plano de Ação sobre cooperação internacional para a erradicação dos cultivos ilícitos para a produção de drogas; destacar a especial importância que possui a cooperação no desenvolvimento alternativo, compreendida uma maior integração dos setores mais vulneráveis que participam do mercado de drogas ilícitas em atividades econômicas legais e viáveis; necessidade de programas de erradicação e de medidas de repressão para combater o cultivo, a produção, a fabricação e o tráfico ilícitos, prestando especial atenção à proteção do meio ambiente
Meta 17	Colaborar na formulação de estratégias visando a eliminar ou reduzir consideravelmente o cultivo ilícito da planta da coca, da cannabis e da dormideira (papaveráceas) até o ano 2008, mobilizando apoio internacional para atingir tais objetivos

ANEXO 02

TABELAS ESTATÍSTICAS

Tabela 01

Frequência de uso de maconha por alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixas etárias, segundo capitais da Unidades da Federação, 2000

Capitais	Frequência de uso de maconha por faixas etárias (1)				
	Frequência de uso	Faixas etárias			
		de 10 a 12 anos	de 13 a 15 anos	de 16 a 18 anos	de 19 a 24 anos
Manaus	Usam com frequência	0,5	0,7	2,2	2,5
	Já experimentaram	0,3	1,5	2,3	6,1
	Nunca usaram	99,3	97,8	95,5	91,4
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Belém	Usam com frequência	0,0	0,2	0,7	1,0
	Já experimentaram	0,1	0,5	1,3	3,2
	Nunca usaram	99,9	99,3	97,9	95,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Fortaleza (2)	Usam com frequência	0,4	1,4	2,0	2,7
	Já experimentaram	0,0	0,9	2,5	6,6
	Nunca usaram	99,6	97,7	95,6	90,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Recife	Usam com frequência	0,1	0,3	1,7	2,9
	Já experimentaram	0,6	0,4	3,4	7,1
	Nunca usaram	99,3	99,3	94,9	90,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Maceió (2)	Usam com frequência	0,4	1,5	2,2	1,3
	Já experimentaram	0,0	1,1	2,9	1,8
	Nunca usaram	99,6	97,3	94,9	96,9
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Salvador	Usam com frequência	0,1	0,5	2,1	2,1
	Já experimentaram	0,0	0,7	2,2	2,9
	Nunca usaram	99,9	98,8	95,7	95,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Vitória	Usam com frequência	0,5	1,9	4,0	4,6
	Já experimentaram	0,0	2,5	7,7	6,9
	Nunca usaram	99,5	95,6	88,3	88,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 01 (Cont.)

Cidade	Frequência de uso	Faixas etárias			
		de 10 a 12 anos	de 13 a 15 anos	de 16 a 18 anos	de 19 a 24 anos
Rio de Janeiro	Usam com frequência	0,0	0,8	3,8	2,2
	Já experimentaram	0,1	2,1	4,5	7,0
	Nunca usaram	99,9	97,1	91,7	90,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
São Paulo	Usam com frequência	0,2	1,5	4,2	5,3
	Já experimentaram	0,2	2,2	5,8	6,1
	Nunca usaram	99,6	96,3	90,0	88,6
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Florianópolis	Usam com frequência	0,0	1,1	5,2	7,1
	Já experimentaram	0,0	2,2	9,5	10,4
	Nunca usaram	100,0	96,7	85,3	82,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Porto Alegre	Usam com frequência	0,7	2,9	7,8	7,3
	Já experimentaram	1,2	3,9	10,5	16,5
	Nunca usaram	98,0	93,2	81,8	76,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Cuiabá	Usam com frequência	0,1	0,9	3,2	3,2
	Já experimentaram	0,3	1,5	7,4	4,7
	Nunca usaram	99,6	97,6	89,5	92,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Goiânia	Usam com frequência	0,2	1,3	3,9	2,7
	Já experimentaram	0,8	1,7	4,5	3,8
	Nunca usaram	98,9	97,0	91,6	93,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Distrito Federal	Usam com frequência	0,8	0,8	3,0	2,7
	Já experimentaram	0,1	2,5	6,1	6,9
	Nunca usaram	99,1	96,7	91,0	90,4
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Média	Usam com frequência	0,3	1,2	3,4	2,9
	Já experimentaram	0,2	1,8	4,7	5,7
	Nunca usaram	99,5	97,1	91,9	91,4
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N.º Absolutos	Usam com frequência	2.089	19.569	52.041	15.235
	Já experimentaram	1.652	30.081	72.655	29.804
	Nunca usaram	776.796	1.644.923	1.415.900	480.666
	Total	780.537	1.694.573	1.540.596	525.705

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001.
Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa: maconha?* cruzado pela idade.

(1) Por ser questão de múltipla escolha, o aluno pode ter respondido fazer uso de mais de um tipo de droga.

(2) Não foi possível comprovar a existência de associação estatística significativa entre as variáveis nas respectivas capitais, ou seja, que a diferença encontrada não é relevante.

Tabela 02

Frequência de uso de cocaína em pó por alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio, por faixas etárias, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000

Capitais	Frequência de uso de cocaína em pó por faixas etárias (1)				
	Frequência de uso	Faixas etárias			
		de 10 a 12 anos	de 13 a 15 anos	de 16 a 18 anos	de 19 a 24 anos
Manaus (2)	Usam com frequência	0,2	0,2	0,7	1,0
	Já experimentaram	0,7	1,3	1,1	4,5
	Nunca usaram	99,1	98,5	98,2	94,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Belém	Usam com frequência	0,0	0,2	0,3	0,1
	Já experimentaram	0,0	0,1	0,5	1,0
	Nunca usaram	100,0	99,7	99,2	98,9
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Fortaleza (2)	Usam com frequência	0,4	0,3	0,3	1,4
	Já experimentaram	0,0	0,3	1,7	2,3
	Nunca usaram	99,6	99,4	98,0	96,3
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Recife (2)	Usam com frequência	0,1	0,4	0,2	0,3
	Já experimentaram	0,0	0,0	0,9	1,6
	Nunca usaram	99,9	99,5	98,9	98,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Maceió (2)	Usam com frequência	0,0	0,5	0,7	0,0
	Já experimentaram	0,5	0,2	0,2	0,9
	Nunca usaram	99,5	99,3	99,1	99,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Salvador (2)	Usam com frequência	0,1	0,3	0,6	1,4
	Já experimentaram	0,0	0,2	0,7	1,4
	Nunca usaram	99,9	99,5	98,7	97,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Vitória	Usam com frequência	0,4	0,3	1,7	1,5
	Já experimentaram	0,0	0,6	3,1	4,6
	Nunca usaram	99,6	99,1	95,2	93,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Rio de Janeiro	Usam com frequência	0,0	0,1	0,5	1,4
	Já experimentaram	0,1	0,4	1,1	3,9
	Nunca usaram	99,9	99,6	98,4	94,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
São Paulo	Usam com frequência	0,3	0,5	1,0	1,4
	Já experimentaram	0,1	0,4	1,3	3,9
	Nunca usaram	99,6	99,1	97,7	94,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 02 (Cont.)

Capitais	Frequência de uso de maconha por faixas etárias (1)				
	Frequência de uso	Faixas etárias			
		de 10 a 12 anos	de 13 a 15 anos	de 16 a 18 anos	de 19 a 24 anos
Florianópolis (2)	Usam com frequência	0,0	0,3	0,4	2,0
	Já experimentaram	0,0	0,3	1,8	6,3
	Nunca usaram	100,0	99,5	97,8	91,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Porto Alegre	Usam com frequência	0,1	0,7	2,4	1,4
	Já experimentaram	0,8	2,1	5,4	9,9
	Nunca usaram	99,1	97,2	92,1	88,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Cuiabá (2)	Usam com frequência	0,1	0,2	0,4	2,1
	Já experimentaram	0,3	0,6	1,8	2,1
	Nunca usaram	99,6	99,2	97,8	95,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Goiânia	Usam com frequência	0,3	0,3	1,4	0,9
	Já experimentaram	0,0	0,8	1,6	1,5
	Nunca usaram	99,7	99,0	97,0	97,6
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Distrito Federal	Usam com frequência	0,5	0,4	1,1	1,4
	Já experimentaram	0,4	0,9	2,7	3,9
	Nunca usaram	99,1	98,7	96,2	94,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Média	Usam com frequência	0,2	0,4	0,8	1,1
	Já experimentaram	0,1	0,5	1,4	2,9
	Nunca usaram	99,6	99,1	97,8	96,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
N.º Absolutos	Usam com frequência	1.796	6.074	12.380	5.950
	Já experimentaram	1.149	9.099	21.814	15.052
	Nunca usaram	777.593	1.679.399	1.506.402	504.703
	Total	780.538	1.694.572	1.540.596	525.705

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas – 2000. Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usou ou usa: cocaína em pó?* cruzado por idade.

(1) Por ser questão de múltipla escolha, o aluno pode ter respondido fazer uso de mais de um tipo de droga.

(2) Não foi possível comprovar a existência de associação estatística significativa entre as variáveis nas respectivas capitais, ou seja, que neste caso o consumo de cocaína varie de forma significativa por idade.

Tabela 03

Pais de alunos dos ensinos fundamental (5.^a a 8.^a série) e médio que nunca presenciaram o uso de drogas, segundo capitais das Unidades da Federação, 2000

Capitais	Proporção de pais de alunos que nunca presenciaram o uso de drogas
Manaus	68,8
Belém	74,6
Fortaleza	74,1
Recife	76,1
Maceió	77,1
Salvador	73,8
Vitória	78,7
Rio de Janeiro	79,3
São Paulo	63,1
Florianópolis	71,9
Porto Alegre	57,0
Cuiabá	74,0
Goiânia	70,0
Distrito Federal	63,0
Média	72,1

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, 2001
Foi perguntado aos pais: *Você já viu alguém usando drogas dentro da escola do seu filho, ou nas proximidades? Sim, dentro da escola; sim, perto da escola; não, nunca vi.*

ANEXO 03

GLOSSÁRIO¹

Abstinência: deixar de fazer uso de algum produto ou substância de que se fazia uso com frequência.

Abuso de drogas²: distingue-se do simples uso, na medida em que o abuso é uma modalidade de uso que ocasiona problemas. Esta expressão engloba o conjunto das conseqüências negativas do consumo de drogas, tanto no nível social (mediante a destruição do tecido social) como individual. Uso anormal, exagerado de drogas.

Alcoolistas: são pessoas com uma desordem que pode ser definida em termos clínicos e que requer um regime apropriado de tratamento. Possuem enormes dificuldades para deixar de beber de forma espontânea e, ainda que estejam sem beber por um período mais ou menos longo, é muito provável que recaiam no hábito. A sintomatologia característica do alcoolismo aparecerá após vários anos de auto-engano ou situações de indulgência ante si mesmo para explicar o consumo abusivo do álcool e virá acompanhado por estados depressivos e sentimento de ciúmes sem causa justificada, bem como por transtornos metabólicos no nível celular que ocasionará amnésias e uma evolução de prognóstico grave.

¹ O Glossário foi construído a partir da terminologia utilizada nos trabalhos da: Organização Mundial de Saúde – OMS (terminologia oficial das Nações Unidas); Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, com base no Projeto PEDDDRO. Além dessas Organizações, pesquisou-se termos usados por Cruz Neto et al. (2001) e Alencar (1988).

² Terminologia oficial das Nações Unidas.

Alucinógenos: substâncias psicoativas cujo uso se justifica pela capacidade que têm em produzir alucinações visuais ou auditivas. A maioria dos alucinógenos utilizados são vegetais ou alcalóides extraídos dos mesmos, como por exemplo, o LSD.

Anticolinérgicos: são substâncias classificadas como perturbadoras do Sistema Nervoso Central – SNC, e que, se consumidas em doses elevadas, provocam delírios e alucinações. Embora os maiores representantes deste grupo de substâncias sejam os medicamentos, o predomínio de uso se dá entre estudantes do sexo masculino, ao contrário do que acontece com os ansiolíticos e os anfetamínicos, mais consumidos por mulheres. Exemplos de medicamentos anticolinérgicos são: Bentlyl, Artane e Akineton. Outra substância com propriedade anticolinérgica e utilizada com fins não médicos, é o chá de lírio ou trombeta ou zabumba.

Anfetaminas: estimulantes sintéticos que se inala, se fuma ou se injeta. Acarretam dependência psicológica e, em caso de abuso, geram problemas cardíacos, agressividade, paranóia e ansiedade. Se utilizadas em fortes doses, produzem alucinações e psicoses em pessoas pré-dispostas.

Aranha: igual a loló, que também é igual a mistura de clorofórmio ou éter com aromatizantes.

Avião ou laranja: repassador de drogas.

Bagulho: cigarro de maconha.

Boca de fumo: ponto de venda da droga.

Barbitúricos: são classificados como depressores do SNC, e atualmente, o seu uso terapêutico é restrito a alguns casos de crises convulsivas, sendo que a dose terapêutica é relativamente próxima à letal, portanto, seu potencial de provocar morte é grande. São exemplos de barbitúricos: Gardenal, Pentotal, etc.

Bebedores excessivos: consomem álcool de forma excessiva. É característico, em muitos casos, o não reconhecimento de seu hábito. Seus excessos se manifestam pela frequência com que se intoxicam e pelas conseqüências sociais, econômicas e médicas de sua ingestão continuada. Muitos bebedores excessivos que possuem crescentes dificuldades originadas no álcool podem necessitar atenção terapêutica e responder a um tratamento adequado. No entanto, não todos os bebedores excessivos são alcoolistas, ainda que muitos possam chegar a sê-lo.

Bebedores sociais: é a maioria das pessoas de nossa sociedade. Bebem de forma moderada, em determinados acontecimentos sociais. Podem embebedar-se ocasionalmente, mas não criam para si, nem para os demais, problemas sociais ou de saúde pública.

Branco: cocaína.

Chapado: sob efeito de drogas.

Cocaína: alcalóide extraído da coca. Existe em forma de molécula natural ou sintética. Pode ser fumada, inalada ou injetada. Sua dependência física é pouca ao contrário de sua forte dependência psíquica.

Consumo: é a utilização feita de uma substância em um determinado momento e, em conseqüência do qual, são experimentados determinados efeitos. É possível que algumas pessoas possam consumir ou utilizar algumas substâncias em determinadas circunstâncias e não passem a uma utilização massiva ou a um abuso das mesmas. Ou seja, pode-se tomar qualquer droga, sem que necessariamente o sujeito que a consumiu se converta em dependente da mesma.

Consumo abusivo: ou indevido é aquele que implica maiores danos potenciais para a saúde do consumidor, sua capacidade de inserção produtiva, sua auto-estima, a estabilidade de sua família e a defesa da comunidade. O consumo indevido de drogas cria

obstáculos ao desenvolvimento psicossocial e de habilidades que favorecem a participação e a aceitação social do indivíduo.

Consumo endêmico: surto de consumo em determinada população.

Crack: base de cocaína, em forma de cristais, destinada a ser fumada. O efeito da utilização do crack é diferente do da cocaína. Como a droga é fumada, atua em alguns segundos. A dependência é muito rápida e a toxicidade muito forte.

Dependência³: é uma patologia com sua própria psicopatologia e caracterizada por compulsão, perda de controle e manutenção do uso apesar da existência de conseqüências adversas, relativas a este uso. Trata-se de uma patologia crônica, progressiva, incurável e potencialmente fatal, se não tratada. Quanto mais tardia for a intervenção terapêutica, mais difícil o tratamento e menor a chance de sucesso. Existe uma dependência de tipo físico, presente em algumas drogas, dentre as quais o álcool, e uma dependência psicológica, presente em maior ou menor grau em todas as drogas. Ainda, quando a pessoa não consegue largar a droga, porque o organismo acostumou-se com a substância e sua ausência provoca sintomas físicos (quadro conhecido como síndrome da abstinência), e/ou porque a pessoa acostumou-se a viver sob os efeitos da droga, sentindo um grande impulso de usá-la com freqüência ("fissura").

³Segundo o Cebrid (1997), "os termos adição, vício e hábito já foram abandonados pela OMS por serem imprecisos e levarem a falsas interpretações. Mesmo os termos dependência física e dependência psicológica também foram abandonados, usando-se agora apenas a palavra dependência. Isto porque, no passado, julgou-se erradamente que as drogas que induziam a dependência física – e a conseqüente síndrome de abstinência – seriam aquelas perigosas (foram por isso chamadas de drogas pesadas – *hard* do inglês), ao contrário das que induziam apenas à dependência psicológica que seriam as drogas leves (*soft* do inglês). Nada mais errado, pois sabe-se que a cocaína não induz síndrome de abstinência (quando um dependente deixa de tomá-la) e nem por isto podemos considerá-la droga leve. Desta maneira, a OMS não classifica o usuário dependente como "adicto", muito menos como "viciado". De fato, considera-se que o abuso de drogas não pode ser definido apenas em função da quantidade e freqüência de uso.

Depressor: o que deprime o organismo, diminuindo as suas funções.

Droga: substância ou produto que altera funções do organismo. Sob o ponto de vista popular, usa-se a palavra como sinônimo de tóxico. Também é um nome genérico de substâncias químicas, naturais ou sintéticas que provocam alterações psíquicas e podem causar danos físicos e psicológicos a seu consumidor. A conceituação do termo está mais influenciada por circunstâncias socio-culturais de um determinado momento histórico do que pelas qualidades e efeitos de um determinado produto no organismo. Droga é considerada toda substância que cumpre os seguintes requisitos: (a) é administrada de forma voluntária pela pessoa; (b) pretende, por meio de seu consumo, obter uma série de mudanças físicas e/ou psíquicas; (c) pode provocar no consumidor, como consequência do contínuo efeito de reforçar as mudanças psíquicas derivadas, uma situação de necessidade psicológica de continuar consumindo-a; (d) o próprio consumidor e a sociedade na qual se encontram percebem o produto como capaz de provocar os efeitos anteriormente citados.

Droga ilícita: droga cujo uso não é permitido por lei.

Droga lícita: droga cujo uso é permitido por lei.

Drogas de abuso: definidas em livros de Farmacologia como sendo "qualquer substância (tomada por qualquer forma de administração) que altera o humor, o nível de percepção ou funcionamento do sistema nervoso central (desde medicamentos até álcool e solventes)".

Drogas psicoativas: segundo a Organização Mundial da Saúde (1981), são aquelas que "alteram comportamento, humor e cognição". Isto significa, portanto, que estas drogas agem preferencialmente nos neurônios, afetando o sistema nervoso central (mente).

Drogas psicotrópicas: segundo a OMS (1981), são aquelas que "agem no sistema nervoso central produzindo alterações de comportamento, humor e cognição, ora excitando-o, ora deprimindo-o, possuindo grande propriedade reforçadora, sendo, portanto, passíveis de auto-administração" (uso não sancionado pela medicina). Em outras palavras, estas drogas levam à dependência.

Droga sintética: são produtos fabricados clandestinamente a partir de precursores químicos. Seu efeito é mais potente que o da substância natural.

Entorpecentes: toda droga capaz de provocar entorpecimento ou torpor (diminuição das atividades gerais do organismo).

Escalada: é quando a pessoa passa do uso de drogas consideradas "leves" para as mais "pesadas" ou quando, com uma mesma droga, passa do consumo ocasional para o consumo intenso.

Estimulante: aquilo que estimula ou incita um comportamento diferente; diz-se de uma substância ou produto que estimula o exercício de uma determinada função no organismo.

Exposição às drogas: é o somatório dos que consomem drogas todos os dias, quase todos os dias, todos os finais de semana e os que já experimentaram e não usam mais.

Ecstasy ou MDMA: o êxtase designa a princípio uma molécula química, a MDMA, sintetizada, em 1912, com o objetivo militar. A composição de um comprimido de ecstasy e é muito incerta, o MDMA não está sempre presente e pode ser mesclada com outras substâncias com o LSD, o que aumenta os riscos para os consumidores.

Ex-fumante: é aquele que abandonou o hábito há, pelo menos, seis meses.

Fármaco: é toda substância natural ou sintética, capaz de dar origem a medicamentos.

Fármaco-dependência: Estado psíquico e, às vezes, físico produzido pela interação entre um organismo vivo e uma substância (fármaco).

Fissura: é a necessidade extrema e urgente em usar drogas, sendo que aponta para uma real dependência orgânica à droga.

Fumante: segundo a OMS, é aquele que consome, no mínimo, um cigarro por dia, por um período não inferior a seis meses.

Incidência: afetar ou ter efeitos sobre, ocorrer em determinado lugar, acontecer, tornar-se realidade.

Medicamento: substância ou produto que se utiliza como remédio.

Metadona: opiáceo sintético de ação farmacológica, próxima da morfina, prescrita no tratamento de pessoas dependentes de heroína. De ação inibidora sobre o desejo de heroína, este produto tem uma ação antipsicótica e antidepressiva.

Narcótico e entorpecente: atualmente, os termos são utilizados como sinônimos. Em realidade, narcótico é a substância que provoca narcose, que faz dormir, conduz à perda da consciência e entorpecente é a substância que causa torpor, tira a energia, causa depressão. Ambas as substâncias levam à diminuição das atividades gerais do organismo e induzem a uma alteração do estado de consciência.

Não-usuário: é a pessoa que nunca utilizou drogas.

Orexígenos: substâncias estimuladoras do apetite.

Overdose: dose excessiva de uma droga, com graves implicações físicas e psíquicas, podendo levar à morte por parada respiratória e/ou cardíaca.

Prevenção: conjunto de medidas que tem como objetivo evitar que um fenômeno ocorra. Dirigida a um público que se presume não ter sido afetado (prevenção primária), pretende reduzir as

consequências deste fenômeno por meio de assistência, ou seja, tratar e educar os usuários comprovados, para reduzir ou suprimir sua dependência de drogas (prevenção secundária) e tratar os efeitos depois que este tenha ocorrido, aplicando estratégias para prevenir as recaídas (prevenção terciária).

Prevenção, segundo a OMS: a prevenção primária tem como objetivo limitar os casos de doenças, geralmente impedindo a exposição aos fatores de risco conhecidos. A prevenção secundária consiste em executar ações cujo objetivo é de limitar as consequências nefastas de uma doença, graças a uma intervenção antes ou logo depois de aparecerem os sintomas. A prevenção secundária engloba a detecção precoce da doença e as medidas curativas. Finalmente, a prevenção terciária tem como objetivo limitar a propagação de uma doença já instalada e melhorar, no possível, a qualidade de vida das pessoas afetadas.

Prevalência: indicador (cifra) que corresponde ao número de casos de uma doença em um dado momento da epidemia; superioridade, supremacia.

Preto: maconha.

Psicotrópico: substância cujo efeito principal é o de modificar o psiquismo, sem, necessariamente, gerar fenômeno de dependência ou de hábito.

Rohypnol: hipnótico da família das benzodiazepinas.

Uso na vida: significa que o estudante já usou, pelo menos uma vez na vida, uma ou mais drogas pesquisadas.

Uso experimental: pessoa que experimenta a droga, levada, geralmente, por curiosidade. Aquele que prova a droga uma ou algumas vezes e, em seguida, perde o interesse em repetir a experiência.

Uso frequente: é o uso de uma droga seis ou mais vezes nos últimos 30 dias que antecedem a pesquisa, o que já implica um uso engajado.

Uso ocasional: utiliza uma ou várias drogas quando disponíveis ou em ambiente favorável, sem rupturas (distúrbios) afetiva, social ou profissional.

Uso de risco: padrão de uso ocasional, repetido ou persistente, que implica alto risco de dano futuro à saúde física ou mental do usuário, mas que ainda não resultou em significantes feitos morbidos orgânicos ou psicológicos.

Uso prejudicial: padrão de uso que já causa dano à saúde, física e/ou mental.

Usuário leve: é aquela pessoa que utilizou drogas, mas, no último mês, o consumo não foi diário ou semanal.

Usuário moderado: é a pessoa que utilizou drogas semanalmente, mas não diariamente, no último mês.

Usuário pesado: é a pessoa que utilizou drogas diariamente no último mês.

Usuário dependente: usa a droga de forma frequente e exagerada, com rupturas dos vínculos afetivos e sociais. Não consegue parar.

Tolerância: quando o organismo se acostuma com a droga e passa a exigir doses maiores para conseguir os mesmos efeitos.

Tóxico: toda e qualquer substância natural (animal, vegetal ou mineral) ou sintética que, após ser absorvida em quantidade suficiente por um organismo, provoca malefícios (intoxicação), impedindo o funcionamento normal do metabolismo e podendo culminar, em casos extremos, na sua morte.

Toxicomania: estado de intoxicação periódica ou crônica, prejudicial ao indivíduo e à sociedade, determinado pelo consumo repetido de uma droga, em que há um invencível desejo ou necessidade de consumi-la, uma tendência de ordem psíquica e, às vezes, física aos seus efeitos.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia de; SPÓSITO, Marília Pontes (Orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

ABRAMOVAY, Miriam (et al). *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Avaliação das ações de prevenção de DST/Aids e o uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio em capitais brasileiras*. Brasília: UNESCO, Ministério da Saúde, Grupo Temático UNAIDS, UNDCP, 2001.

_____. *Violências nas escolas*. Brasil: UNESCO, Instituto Airton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ACSELRAD, Gilberta (et al). *A questão das drogas nas escolas: um projeto de atenção primária*. Rio de Janeiro, 1986.

ACSELRAD, Gilberta. "A educação para a autonomia: a construção de um discurso democrático sobre o uso de drogas". In: ACSELRAD, Gilberta (Org.). *Avessos do prazer: drogas, aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. p. 161-188.

ALBEHY ANDRE, Simone; VINCENTINI, Maria Cristina Gonçalves. "A droga, o adolescente e a escola: Concorrentes ou convergentes?". In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus Editorial, 1998. p. 67-81.

ALENCAR, Regina Lúcia Brandão. "Formação de educadores em valores e cultura de prevenção". In: *Educação e prevenção do abuso de drogas*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1992. p. 67-78. Monografias do CEDUSU. Série Prevenção 01.

_____. *Tóxicos e a escola de 1º grau: percepção e ação dos educadores*. 1988a. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação / Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ALMEIDA FILHO, Naomar (Coord.). *Consumo de drogas entre escolares de Salvador*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Departamento de Medicina Preventiva/Programa de Estudos Epidemiológicos e Sociais, 1988.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

ASSUNÇÃO JÚNIOR, Francisco B. *Alcoolismo e adolescência*. São Paulo: Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda., 1991.

AZEVEDO E SOUZA, Valdemarina B. "Educar para prevenir o uso indevido de drogas por adolescentes". In: *Caderno EDIPUCRS*, Série Toxicologia 1. Porto Alegre, 1993.

AZEVEDO E SOUZA, Valdemarina B; RAHDE, Maria Beatriz F. "Prevenção ao uso abusivo de drogas como processo educacional de desenvolvimento humano". In: *Cadernos EDIPUCRS*, Série Toxicologia 4. Porto Alegre, 1994.

BACHMAN, Jerald G. "Premature affluence: do high schools students earn too much?" In: *Economic Outlook USA*, vol. 10, nº. 3, Summer 1983.

BARBOSA, Maria Tereza Serrano (*et al.*). "O uso de tabaco por estudantes de primeiro e segundo graus em dez capitais brasileiras: possíveis contribuições da estatística multivariada para

a compreensão do fenômeno". In: *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, 23(5): 401-9, 1989.

BARROS, Raquel da Silva (*et al.*). "Avaliação dos efeitos da maconha por usuários da população estudantil". In: *Ciência e Cultura (Revista da SBPC)*, São Paulo, 41(7): 652-667, julho/1989.

BAYCE, Rafael. "El estigma de la droga: particularidades y rasgos comunes en el caso uruguayo". In: HOPENHAYN, Martín (Org.). *La grieta de las drogas: desintegración social y políticas públicas en América Latina*. Santiago de Chile: Naciones Unidas / Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 1997.

BEARMAN, Peter (*et al.*). *National survey of american attitudes on substance abuse VI: Teens*. Columbia University: The National Center on Addiction and Substance Abuse – CASA, 2001.

BELLINGHINI, Ruth Helena. "Pesquisa com jovem realça risco de drogas legais". *O estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 de maio de 2002, seção Cidades. Disponível em: www.estadao.com.br/editoriais/2002cid027.html. Acesso em: 19/06/2002.

BLAYA, Catherine. "Climat scolaire et violence dans l'enseignement secondaire en France et en Angleterre". In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. *Violence à l'école et politiques publiques*. Paris: ESF Editeur, 2001. p. 154-177.

BODY-GENDROT, Sophie. "Les violences à l'école: regard comparative sur les politiques publiques de gouvernance". In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. *Violence à l'école et politiques publiques*. Paris: ESF Editeur, 2001. p. 117-131.

BOLOGNA, José Ernesto. "Referenciais e drogas". In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia; SPOSITO, Marília Pontes (Orgs). *Juventude em debate*. São Paulo: Editora Cortez, 2000. p. 79-95.

BORDIN, Ronaldo (*et al*). "Prevalência do tabagismo entre escolares em municípios da área metropolitana da Região Sul, Brasil, 1991". In: *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 9(2): 185-189, abril/junho 1993.

BRAGA, Dorvalino F; ROCHA, Maria do Socorro R. "Aspectos psicopatológicos da adolescência". In: *Revista de Saúde Mental*, São Paulo, 1: 14-17, 1978.

BRASIL. *Política Nacional Antidrogas*. Brasília: Presidência da República, Gabinete de Segurança Institucional, Secretaria Nacional Antidrogas, 2001. p. 14-17

BUCHER, Richard. "A ética da prevenção". In: *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, UnB, vol. 8, nº. 3, setembro/dezembro 1992.

_____. "O jovem e a transgressão". In: *Revista Humanidades*. Brasília: UnB, nº 14, p.16-21, 1987.

_____. "A abordagem preventiva". In: BUCHER, Richard (Org.). *As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial*. São Paulo: EPU, 1988.

BUCHER, Richard (*et al*). "Drogas utilizadas por jovens de Brasília". In: *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, UnB, vol. 6, nº. 1, p.75-85, 1986.

BUCHER, Richard; TOTUGUI, Márcia L. "Conhecimento e uso de drogas entre alunos de Brasília". In: *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília: UnB, vol. 3, nº. 2, p. 178-194, 1985.

CAMARGO, Oswaldo. "Juventude e problema das drogas". In: *Revista de Psiquiatria*, vol. 19, p. 53-70, dezembro/1975.

CARDOSO, Ruth; SAMPAIO, Helena. *Bibliografia sobre juventude*. São Paulo: EDUSP, 1995.

CARLINI, E.A. "Uso ilícito de drogas lícitas pela nossa juventude. É um problema solúvel?" In: CARLINI, E.A.

Medicamentos, drogas e saúde. São Paulo: HUCITEC, 1995. p. 130-141.

CARLINI, E. A.; CARLINI-COTRIM, Beatriz; SILVA-FILHO, Armando Ramos; BARBOSA, Maria Tereza Serrano. *II Levantamento nacional sobre o uso de psicotr3picos entre estudantes de 1º e 2º graus*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informaç3o sobre Drogas Psicotr3picas – CEBRID, 1989.

CARLINI, E.A; CARLINI-COTRIM, B.; SILVA FILHO, A.R. *Sugest3es para programas de prevenç3o ao abuso de drogas no Brasil*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informaç3es sobre Drogas Psicoltr3picas – CEBRID, 1990.

CARLINI, E. A.; D'ALMEIDA, V4nia; CARVALHO, Vera; GALDUR3Z, Jos3 Carlos F. *III Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informaç3o sobre Drogas Psicotr3picas – CEBRID, 1993.

CARLINI, E.A.; NAPPO, S.A.; GALDUR3Z, J.C. "A coca3na no brasil ao longo dos 3ltimos anos". *In: CARLINI, E.A. Medicamentos, drogas e sa3de*. São Paulo: HUCITEC, 1995.

CARLINI, E. A.; NOTO, Ana Regina; GALDUR3Z, Jos3 Carlos F. *IV Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informaç3o sobre Drogas Psicotr3picas – CEBRID, 1997.

CARLINI, E. A.; GALDUR3Z, Jos3 Carlos F; NOTO, Ana Regina; NAPPO, Solange A. *I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotr3picas no Brasil*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informaç3o sobre Drogas Psicotr3picas – CEBRID : Universidade Federal de S3o Paulo, 2002.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. "Dados sobre o consumo de

drogas por adolescentes no Brasil". *In: Revista ABP-APAL*, São Paulo, vol. 9, nº 3, pp. 99-102, 1987.

_____. "Drogas: prevenção no cotidiano escolar". *In: Cadernos de Pesquisas*, São Paulo, (74), agosto/1990.

_____. "O consumo de substâncias psicotrópicas por estudantes secundários: o Brasil frente à situação internacional". *In: Revista ABP-APAL*, São Paulo, 13 (3), 1991.

_____. *A escola e as drogas*. 1992. Volume I: Realidade brasileira e contexto internacional. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

_____. "As drogas, a escola e a grande imprensa: um estudo nos arquivos de O Estado de São Paulo". *In: CARLINI-COTRIM, Beatriz. A escola e as drogas*. 1992. Volume II: Pesquisas de apoio. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

_____. "Drogas: estranhando o óbvio". *In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia de; SPÓSITO, Marília Pontes (Orgs.). Juventude em debate*. São Paulo: Cortez Editora, 2000. p. 71-79.

CARLINI-COTRIM, Beatriz; ROSEMBERG, Fúlvia. "Os livros didáticos e o ensino para a saúde: o caso das drogas psicotrópicas". *In: Revista Saúde Pública*, São Paulo, 25 (4): 299-305, 1991.

CARLINI-COTRIM, Beatriz; PINSKY, Ilana. "Prevenção ao abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente". *In: Cadernos de Pesquisas*, São Paulo, vol. 69, maio/1989.

CARLINI-COTRIM, Beatriz; CARLINI, E.A. "O consumo de solventes e outras drogas em crianças e adolescentes de baixa renda na cidade de São Paulo. Parte I: Estudantes de primeiro e

segundo grau da rede estadual". In: *Revista ABP-APAL*, São Paulo, vol. 9, nº. 2, p.49-58, 1987.

CARVALHO, Vera; CARLINI-COTRIM, Beatriz. "Atividades extra-curriculares e prevenção ao abuso de drogas: uma questão polêmica". In: *Revista Saúde Pública*, São Paulo, 26 (3): 145-9, 1992.

CASA. *Substance abuse and the american adolescents*. Columbia University: The National Center on Addiction and Substance Abuse – CASA, 1997.

CASA. *So help me God: substance abuse, religion and spirituality*. Columbia University: The National Center on Addiction and Substance Abuse – CASA, 2001.

CASTELLS, Manuel. *La era de la información: economía, sociedad y cultura. Volume III: Fin de milenio*. Barcelona: Alianza Editorial, 1998.

CASTRO, Mary (et al). *Cultivando vida, desarmando violências: experiência em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Brasília: UNESCO, Brasil Telecon, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. "Cultura, Identidades e Cidadania: Experiências com adolescentes em situação de risco". In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Vol. 2. Brasília, 1998.

CEBRID. "Drogas:uma visão interdisciplinar". Disponível em: <http://intranet.epm.br/cebrid/index.php3>. Acesso em: 22/03/2002.

CEPAL. "Agenda Social: As drogas na América Latina". In: *Panorama Social de América Latina: 1999-2000*.

CHOMBART DE LAWUE, Marie-José. *Un monde autre: L'enfance*. Paris: Payot, 1979.

CONEN/RS. *Plano estadual de prevenção contra o uso do álcool, tabaco e outras drogas*. Rio Grande do Sul, 1996.

CONGER, Rand D. "The social context of substance abuse: a developmental perspective". Disponível em: <http://www.nida.nih.gov/PDF/Monographs>. Acesso em 26/06/2002.

COSTA, Ana Carolina L. L.; GONÇALVES, Elizabeth Costa. "A sociedade, a escola e a família diante das drogas". In: BUCHER, Richard (Org.) *As drogas e a vida: uma abordagem psicossocial*. São Paulo: EPU, 1988. p. 49-54.

CRUZ, Amadeu Roselli. "Prevenção ao abuso de drogas pela educação formal". In: *Educação e prevenção ao abuso de drogas*. Rio de Janeiro: Editora Santa Úrsula, 1992. p. 29-44. Monografias do CEDUSU. Série Prevenção 01.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. *Nem soldados, nem inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

DEBARBIEUX, Éric (Coord.). "La violence à l'école: approches européennes". In: *Revue Française de Pédagogie*, Institute National de Recherche Pédagogic, n° 123, mai-juin, 1998.

_____. *L'oppression quotidienne – Recherches sur une délinquance des mineurs*. Rapport à: Institut des Hautes Etudes de la Sécurité Intérieure – IHESI; Conseil Regional Aquitaine; DSU Nor Littoral – Marseille; DSU 15ème Sud – Marseille, 2001.

DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. *Violence à l'école et politiques publiques*. Paris: ESF Editeur, 2001.

DEBARBIEUX, Eric; GARNIER, Alix; MONTOYA, Yves; TICHIT, Laurence. *La Violence en milieu scolaire. 2-De desordre dès choses*. Paris: ESF Editeur, 2001.

DEVINE, John. "Lê marche de la violence scolaire". In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. *Violence à l'école et politiques publiques*. Paris: ESF Editeur, 2001. p. 147-157.

DONATO, Ausônia F. *Alguns aspectos educacionais do problema da toxicomania*. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1970.

DUBET, François. *Les lycéens*. Paris: Éditions dul Seuil, 1991.

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1972.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESTATUTO. *Direitos da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº 8069 13/07/1990 (DOU Seção 1 – 16/07/90 – ret. 27/09/90). Art. 243, p. 73. Prefeitura de Palmas. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, 2000.

GALDURÓZ, José Carlos F. *O uso de inalantes (solventes) entre estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras – 1993*. 1996. 185f. Tese (Doutorado em Ciências). Escola Paulista de Medicina / Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

GALDURÓZ, José Carlos F.; NOTO, Ana Regina; CARLINI, E.A. "A adolescência, o ensino e o abuso de drogas: reflexões". In: *Revista TEMAS*, São Paulo, vol. 25, nº 49: 48-57, 1995.

GALDURÓZ, José Carlos F.; NOTO, Ana Regina; CARLINI,

E.A; NAPPO, Solange A. *I Levantamento domiciliar nacional sobre o uso de drogas psicotrópicas. Parte A: Estudo envolvendo as 24 maiores cidades do estado de São Paulo – 1999*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID : Universidade Federal de São Paulo, 2000.

GODOI, Alcinda M. M.; MUZA, G.M.; COSTA, M.P; GAMA, M.L.T. "Consumo de substâncias psicoativas entre estudantes da rede privada do Distrito Federal". *In: Revista de Saúde Pública*, São Paulo, 25 (2):150-6, 1991.

GREa – Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas. Disponível em: <http://www.usp.br/medicinal/grea/drogasmain.htm>. Acesso em: 24/05/2002.

GUIMARÃES, Eloisa. *Escola, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 1997.

HOPENHAYN, Martín. "Nuclearse, resistirse, abrirse: las tantas señales em la identidad juvenil". *In: Revista Chilena de Temas Sociológicos*, Santiago del Chile, nº 03, dezembro/1997.

_____. *Perfil finisecular: juventud globalizada, juventud desintegrada*. São Paulo: reunião sobre a Juventude / Kellogs Institute, 1997.

_____. *El estigma de las drogas ilícitas: una lectura desde la cultura*. Montevideo: Universidad de la República – Fundación Rockefeller, 1999.

_____. *La vulnerabilidad reinterpretada: asimetrías, cruces y fantasmas*. CELADE, 2001a. Reunión sobre Vulnerabilidad.

_____. *Ciudadanía descentralizada em tiempos de globalización*. México: Colégio de Michoacán, 2001b.

_____. *Droga y violència: fantasmas de la nueva metrópoli latinoamericana*. Universidad de Pittsburg, 2002. No prelo.

INBC – International Narcotics Control Board. Disponível em: <http://www.inbc.org>. Acesso em: 13/08/2002.

INCA – Instituto Nacional do Câncer. Disponível em: <http://inca.com.br>. Acesso em: 27/09/2002.

INEM, Clara Lúcia. "A adolescência e o uso de substâncias psicoativas: um problema social". In: BASTOS, Francisco Inácio; GONÇALVES, Odair (Orgs.). *Só socialmente...* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

INEM, Clara Lúcia; ACSELRAD, Gilberta (Orgs.). *Drogas: uma visão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1993. Série Diversos.

JOHNSTON, Lloyd D. *Reasons for use, abstention and quitting illicit drug use by american adolescents*. A report commissioned by the Drugs-Violence Task Force of the National Sentencing Commission. Ann Arbor, MI: Institute for Social Research, 1998. Paper 44.

KARAM, Maria Lúcia. "Legislação brasileira sobre drogas: história recente. A criminalização da diferença". In: ACSELRAD, Gilberta (Org). *Avessos do prazer: drogas, aids e direito humanos*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000. p. 151-160.

KNOBEL, Maurício. *Aspectos psicológicos e psiquiátricos ligados ao uso de drogas pelos adolescentes*. São Paulo, Secretaria de Estado da Educação, 1981.

LARANJEIRA, Ronaldo. *A identificação do uso de drogas nas escolas*. São Paulo, 2000.

LIMA, Élson da Silva. *Drogas na escola: quem consome o quê?* 1991. 132f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva).

Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro.

LIMA, Rita C. C.; BISCAIA, M. *Projeto de prevenção à dependência química*. Boletim da Unidade Certa, ano 1, nº 1, setembro de 1996.

Malignant neglect: substance abuse and america's schools. The National Center on Addiction and Substance Abuse – CASA. Columbia University, September 2001.

MC BRIDE, P.; BUSUTTIL, A. "A new trend in solvent abuse deaths?". *In: Medicine, Science and the Law*, 30 (3): 207-13, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (*et al*). *Fala galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE / MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1987*. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1989. Série Estudos e Projetos.

_____. *O uso de drogas psicotrópicas por estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual, em dez capitais brasileiras – 1987*. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1989. Série Estudos e Projetos.

MIZIARA, Ivan. "Alcoolismo já é problema na adolescência". *Documenta CRP-08*. Ano I, nº 1 – set/dez., 1991. Conselho Regional de Psicologia do Paraná, 1:62-67, 1991.

MONTEIRO, Simone; REBELLO, Sandra; SCHALL, Virgínia. "Jogando e aprendendo a viver: uma abordagem da AIDS e das drogas através de recursos educativos". *In: MESQUITA, Fábio; BASTOS, Francisco Inácio. Drogas e aids: estratégias de redução de danos*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

MORAES, Talvane Marins. "Os tóxicos e a juventude: aspectos atuais do problema das fármaco-dependências". *In: Revista de Psiquiatria*, São Paulo, vol. 12: 23-30, dezembro/1971.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MURAD, José Elias. "Educação e prevenção do abuso de drogas". *In: Boletim Especial sobre Farmacodependencia*, nº 223. Instituto Interamericano Del Niño/OEA. 1985.

_____. "Educação e prevenção do abuso de drogas". *In: Boletim Del Instituto Interamericano Del Niño*, nº 223. jan/jun, 1985.

_____. *Como manter sua escola longe das drogas*. Abraço/Pré-Vida. Belo Horizonte/Brasília, 1989.

_____. *Como enfrentar o abuso de drogas*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1992.

MUZA, Gilson Maestrini; COSTA, Marisa Pacini. "Aspectos sócio-familiares do consumo de tabaco por adolescentes escolares da rede privada do Distrito Federal". *In: Revista ABP-APAL*, Brasília, 15 (1) 31-36, 1993.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch (*et al*). *Abrindo espaços: educação e cultura para a paz*. Brasília: UNESCO, 2001.

NOTO, Ana Regina; FORMIGONI, Maria Lúcia O. S. *Drogas psicotrópicas e a política de saúde pública no Brasil*. Trabalho não publicado.

NOWLIS, H. *La verdad sobre la droga. La droga y la educación*. Paris: Unesco, 1982.

OLIVEIRA, Edylla M.L.P. "Drogas e seus efeitos". *In: BUCHER, Richard (Org.). As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial*. São Paulo: EPU, 1988. 75-85.

OLIVEIRA, Jozenir Alves. "A adolescência e o uso de drogas". In: BUCHER, Richard (Org.) *As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial*. São Paulo: EPU, 1988a. p.25-31.

OSAVA, Mario. "Tudo vira droga". In: *Jornal da Cidadania*, nº 112, julho/agosto 2002. Disponível em: http://www.ibase.br/pagina/jc_osava.html. Acesso em 12/09/2002.

PAHO, 1987. Organização Pan-Americana de Saúde.

PAIVA, Cláudio Côrtes. "Motivações para uso de droga". In: BUCHER, Richard (Org.). *As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial*. São Paulo: EPU, 1988.

PASSERON, Jean-Claude. "Le sens de la domination". In: CHEVALDONNE, F. *La communication inégale*. Préface. Paris: CNRS, 1981. p.07.

PECHANSKY, Flávio. *O uso de bebidas alcoólicas em adolescentes residentes na cidade de Porto Alegre: características de consumo e problemas associados*. 1993. 76f. Dissertação (Mestrado em Clínica Médica). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. "Padrões de consumo de bebidas alcoólicas em adolescentes residentes na cidade de Porto Alegre". In: *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Porto Alegre, volume 44, nº 05, maio/1995.

PECHANSKY, Flavio; SOIBELMAN, Mauro. "O uso de substâncias psicoativas por alunos de uma escola privada de Porto Alegre". In: *Revista AMRIGS*, Porto Alegre, 36 (2): 114-119, abr/maio/jun, 1992.

PEDDRO – Prevención, Educación, Drogas. *Sida y abuso de las drogas: bloquear la epidemia*. Paris: UNESCO / Comisión Europea / ONUSIDA, diciembre 2001.

PINSKY, I. *Análise da propaganda de bebidas alcoólicas na televisão brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1994.

PONS DIEZ, Javier; BERJANO PEIRATS, Enrique. *El consumo abusivo de alcohol en la adolescencia: un modelo explicativo desde la psicología social*. Espanha: Ministerio del Interior, 1999. Plan Nacional sobre Drogas.

PROAD – Programa de Orientação e Assistência a Dependentes. Dependência – Compreensão e assistência às toxicomanias. "Prevenção ao uso indevido de drogas: o adolescente, a família e a escola". *In: Encontro sobre prevenção do uso indevido de drogas*. São Paulo, 1-10, 1993.

RAHDE, Alberto Furtado (Org.). "Prevenção ao uso abusivo de drogas como processo educacional de desenvolvimento humano". *In: Cadernos EDIPURS 8, Multifaces da Toxicologia I. Série Toxicologia 4*. Porto Alegre, 1994.

RAMOS, Sérgio de Paula (Coord.). *Proposta para uma política nacional de prevenção do consumo do álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas*. Ministério da Saúde / Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, Ministério da Educação / Fundação Nacional do Desenvolvimento da Educação e Associação Brasileira de Estudos do Álcool e Outras Drogas – ABEAD, 1991.

Revista SuperInteressante. São Paulo: Editora Abril, nº 06, setembro/1998. Edição Especial "As substâncias do vício".

ROYER, Égide. "Violence à l'école et politiques de formation des enseignants". *In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. Violence à l'école et politiques publiques*. Paris: ESF Editeur, 2001. p. 179-191.

SALLES, Leila Maria Ferreira. "As drogas e o aluno adolescente". *In: AQUINO, Julio Groppa (Org.) Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998. p.123-142.

SANCHES, Amauri M. Tonucci; SANCHES, Vilma Fagundes. "O consumo da maconha no curso de segundo grau: um estudo

exploratório". In: SANCHEZ, Amauri M. Tonucci (*et al*). *Drogas e drogados: o indivíduo, a família, a sociedade*. São Paulo: EPU, 1982. p.143-202.

SCHIO, Celso (*et al*). "O tabagismo entre estudantes secundaristas da zona urbana de Porto Alegre". In: *Revista Hospital de Clínicas de Porto Alegre-HCPA*, Porto Alegre, vol. 12, n°. 2, p.117-120, dezembro/1992.

SCHIRAY, Michel; GEFFRAY, Cristian; FABRE, Guilherm. "Drug trafficking: economic and social dimensions". In: *International Social Science Journal*. England, Blackwell Publishers / Unesco, n° 169, September/2001.

SCIVOLETTO, S.; ANDRADE, E. "A cocaína e o adolescente". In: LEITE, Marcos Costa; GUERRA, Arthur (Orgs.). *Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento*. Porto Alegre: Editora ARTMED, 1999. p. 137-151.

SCIVOLETTO, Sandra; GIUSTI, J. S. "Particularidades do uso de drogas entre adolescentes do sexo masculino e feminino". In: *XVIII Congresso Brasileiro de Psiquiatria e Regional, 2000, Rio de Janeiro*. Trabalho apresentado na Sessão Pôster do Meeting World Psychiatric Association.

SCIVOLETTO, Sandra; SHIGUEO MORIHISA, Rogério. "Conceitos básicos em dependência de álcool e outras drogas na adolescência". In: *Jornada Brasileira de Dependência Química 2001*; 2 (Supl. 1): 30-33. 2001.

SIQUEIRA, Maria José. "A prevenção e a escola: discurso e prática. Contradições e caminhos". In: INEM, Clara Lúcia; ACSERALD, Gilberta. (Orgs.). *Drogas: uma visão contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 25-30.

SISSA, Giulia. *O prazer e o mal: filosofia da droga*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

STEWIEN, Glacilda; MARCONDES, Ruth. "Uso de cigarros entre adolescentes de uma escola de 1º grau da cidade de São Paulo". *In: Revista de Saúde Pública*, São Paulo, 13: 235-243, 1979.

TAVARES, Beatriz F, BÉRIA, Jorge U.; LIMA, Maurício S. "Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes". *In: Revista de Saúde Pública*, Pelotas, 35 (2): 150-158, 2001.

UCHÔA, Roberta Salazar. *Vidas viradas ao avesso: uma análise sobre a dependência do álcool em adultos jovens*. 1995. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco / Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Recife.

UERJ/PRODEMAN – Coordenadoria de Pesquisas Sociais. "Envolvimento de adolescentes com o uso e o tráfico de drogas no Rio de Janeiro". *In: Cadernos Prodemman de Pesquisas*, Rio de Janeiro, nº 1, junho/2000.

UNDCP – Escritório das Nações Unidas para o Controle de Drogas e Prevenção ao Crime. *Brasil: 10 anos de compromisso*. Brasil: ONU/UNDCP, 1999.

_____. *Qualidade de vida e produtividade: os resultados de uma iniciativa vitoriosa*. Brasil: Projeto de Prevenção ao uso de drogas no trabalho e na família, 2001.

UNESCO. "O quebra-cabeça das drogas". *In: Revista O Correio da Unesco*, 1973, 7 (1), 1-33.

_____. "O mosaico das drogas". *In: Revista O Correio da Unesco*, 1982, 10 (3), 1-34

_____. "Educação contra a droga". *In: Revista O Correio da Unesco*, 1987, 15 (9), 4-13.

UNOCCP – United Nations Office for Drug Control and Crime Prevention. *Global Illicit Drug Trends, Statistics, 2002*.

VELHO, Gilberto. "A dimensão cultural e política dos mundos das drogas". In: ZALUAR, Alba (Org.). *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VELHO, Gilberto. O banquete da violência. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2002. Prosa & Verso. p. 01.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. Brasília: Cortez Editora, 1998.

WORLD BANK, *World Bank annual report, 1993*. Washington, DC: World Bank, 1993.

ZALUAR, Alba. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan, Editora UFRJ, 1994.

ZALUAR, Alba (Org.). *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. "Violência, dinheiro fácil e justiça no Brasil: 1980-1995". In: ACSELRAD, Gilberta (Org.). *Avessos do prazer: drogas, aids e direito humanos*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000. p.51-74.

_____. "À guisa de conclusão: Cidadãos não vão ao paraíso". In: ZALUAR, Alba. *Cidadãos não vão ao paraíso*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

_____. "A criminalização de drogas e o reencantamento do mal". In: ZALUAR, Alba. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

_____. "A autoridade, o chefe e o bandido: dilemas e saídas educacionais". In: ZALUAR, Alba. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

Raça e gênero no sistema de ensino:
os limites das políticas universalistas
na educação.

Ricardo Henriques

Brasília: UNESCO, 2002.

Estratégias educativas para a
prevenção da violência.

Rosario Ortega-Ruiz e Rosario del Rey

Brasília: UNESCO, 2002.

Violência nas escolas:

dez abordagens européias.

Eric Debarbieux e Catherine Blaya (orgs.)

Brasília: UNESCO, 2002.

Violência nas escolas e
políticas públicas.

Eric Debarbieux e Catherine Blaya (orgs.)

Brasília: UNESCO, 2002.

Violences à l'école.

Miriam Abramovay et Maria das Graças Rua

Brasília: UNESCO, Inst. Ayrton Senna,

UNAIDS, Banque Mondiale, USAID,

Fundation Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

Escola e violência.

Miriam Abramovay (Org.)

Brasília: UNESCO, 2002.

“A segurança humana é um conceito global e inclusivo.

Alguns dos seus aspectos - a pobreza extrema, o terrorismo, o tráfico de drogas, a degradação ambiental, a imigração ilegal e a AIDS - ultrapassam as fronteiras dos países.

Por isto, a cooperação internacional é essencial para chegarmos a resultados tangíveis.

Precisamos, portanto, agir em conjunto, sem mais tardar.”

Koichiro Matsuura

Diretor-Geral da UNESCO



ISBN 858785370-8



9 788587 853707